

O HOMEM E A RESTINGA

DO MESMO AUTOR

na série A da

BIBLIOTECA GEOGRÁFICA BRASILEIRA

- I *O Homem e o Brejo*
- II *O Homem e a Restinga*
- III *O Homem e a Guanabara* (Mo prelo)
- IV *O Homem e a Serra* (Em preparo)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

Setores da Evolução Fluminense

II

O HOMEM E A RESTINGA

"A ben manifestar le cose nove,
Dico che arrivamino ad una landa .

.....
Lo spazzo era una rena arida e spessa ..."

DANTE: "Inferno" — XIV, 7, 13

POR

ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

(LAMEGO FILHO)

Prêmio "José Boiteux" — medalha de ouro — concedido pelo X Congresso Brasileiro de Geografia
realizado no niu de Jaiieiru. d 7 a 16 de setembro de 1944

1946

Serviço Gráfico do I B G. E.
Rio de Janeiro

Ao embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES,

Ao engenheiro CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO

e a seus auxiliares do

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

que, com esclarecida e modelar abnegação

já tanto ampliaram o conhecimento do Brasil.

PRÊMIO “JOSÉ BOITEUX”

MEDALHA DE OURO

A Sociedade Brasileira de Geografia, promotora dos Congressos Brasileiros de Geografia, em sua sessão de 19 de setembro de 1944, realizada para solenizar o seu sexagésimo primeiro aniversário de instalação e tomar conhecimento dos resultados do X Congresso Brasileiro de Geografia que se encerrou a 16 daquele mesmo mês, consagrou, através da comissão de teses, a contribuição de autoria do engenheiro ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, intitulada “O Homem e a Restinga”, como o melhor trabalho científico apresentado àquele certame. Por esse motivo foi-lhe conferido o prêmio “José Boiteux”, constante de medalha de ouro, que constitui o mais honroso galardão que aquela entidade reserva às contribuições de vulto no domínio da geografia. Semelhante distinção, a par do notório mérito da obra, ainda! mais lhe realça a inclusão na Biblioteca Geográfica Brasileira, organizada pelo C. N. C. Desnecessário dizer que a obra faz jus de todo em todo, ao título recebido, quer por representar contribuição inteiramente original na matéria que versa, quer por ter sido elaborada de acordo com criterioso método científico. Os especialistas que a examinaram, juntamente com outras teses, muitas das quais também expressivas, foram unânimes em classificá-la em primeiro lugar, dando assim um testemunho inequívoco do relevante valor científico da publicação ora lançada sob os auspícios do Conselho Nacional de Geografia.

PREFÁCIO

A semelhança de um estudo anterior com que inaugurou a Biblioteca Geográfica Brasileira — O Homem e o Brejo — o Eng.º ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, dá, agora, em prosseguimento a coletânea de investigações que se propôs sôbre os “Setores da Evolução Fluminense”, mais êste trabalho em que expõe o resultado das observações a que procedeu in-loco, visando a precisar os pressupostos condicionadores da vida do homem na orla das restingas fluminenses. Aqui também procurou êle demonstrar a tenacidade do homem na sua luta incessante contra os imperativos da natureza, esforçando-se por transformar o que antes era obstáculo em esteios seguros da sua crescente libertação das contingências ambientais. E para não escapar pormenor do imponente drama, desenrola ante a nossa vista o majestoso quadro em que êle ressurte. As restingas dão à cosia brasileira uma fisionomia característica. Contrastando com as campinas verdejantes e planuras férteis do interior, o aspecto monótono das areias rasgadas de tremedais e, de onde em onde, riscadas de manchas de vegetação compacta, fere logo a atenção. Mostra a função do mar na formação das restingas e descreve a superposição dos fenômenos de que resultaram os efeitos aparentes na configuração do alongado trecho litorâneo. Esfuma-se nas brumas dos tempos o perfil dos primitivos habitantes das restingas, que os estudos antropológicos mal deixam advinhar. Será portanto impossível traçar a evolução do elemento humano comparativamente às fases antecedentes da gênese dos acidentes naturais. Na época do descobrimento o tamoi e o goitacá eram os senhores da região, a despeito de não se darem muito bem. Estuda-lhes a distribuição e o grau de cultura em função dos fatores geográficos.

A *introdução* do branco, a fundação de *colônias*, a luta desigual *pela* posse da terra, a perseguição ao aborígene indomável, constituem *capítulos* verdadeiramente épicos da nossa história. As conseqüências étnicas e sociológicas são importantíssimas. *Esses* núcleos se desenvolveram e ganharam certo prestígio e, *premidos pela* necessidade, os novos filhos da terra rasgaram as florestas e impeliram ao mar as suas embarcações, abrindo *novos* horizontes de conquistas.

O autor descreve com minuciosidade o estado em que ora se *encontram* os principais agrupamentos humanos da região e salienta sobretudo a estrutura *econômica* dos mesmos e os meios de *fomentar* o desenvolvimento dos recursos naturais existentes,

Preenchendo os *modernos* requisitos de monografia regional, o presente trabalho, constitui uma parcela a mais no conhecimento efetivo da gente e da terra fluminense.

Rw de Janeiro, outubro, 1946.

HEITOR BRACET

Presidente, em exercício, do I.B.G.E.

**PARECER DO RELATOR DA 5.ª COMISSÃO TÉCNICA
DO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA**

Prosseguindo o estudo geográfico do torrão brasileiro e m que nasceu, o Eng.º ALBERTO LAMEGO apresentou ao X Congresso Brasileiro de Geografia um trabalho notável, tanto pela riqueza de documentação, como pela precisão de método, pelo brilho da exposição e pela elegância da ilustração.

Parece-me que seria uma falta e uma injustiça reunir aqui uma obra tal como a que a Comissão se dignou entregar-me.

Se seu valor salta aos olhos, não é do tipo de trabalho que se possa honestamente ler e criticar no curto espaço de tempo de que dispus. Por outro lado, trata-se dum estudo regional, tanto como de uma pesquisa de geografia humana. Tomo a liberdade de sugerir que a tese do Eng.º LAMEGO seja remetida a Comissão de Geografia Regional.

A publicação de O Homem e a Restinga será mais do que um prêmio ao autor; constituirá para os estudiosos da geografia, um elemento precioso e servirá aos estudantes de nossas faculdades como um modêlo de trabalho exemplar.

Sou de parecer que a Comissão recomende a publicação integral dēste trabalho nos Anais do Congresso e que se lhe confira um voto de louvor.

PIERRE MONBEIG

13 de setembro de 1944.

•

PARECER DA SUB-COMISSÃO ENCARGADA DE REEXAMINAR O TRABALHO, TENDO EM VISTA A PROPOSTA DO RELATOR PARA QUE SE LHE CONFIRA UM VOTO DE LOUVOR

A Sub-Comissão estabeleceu as seguintes preliminares para que se considere um trabalho como digno de receber um voto de louvor:

- a) que tenha cunho rigorosamente geográfico;*

b) *que apresente, ao menos em parte, uma contribuição original;*

c) *que se recomende pela obediência à moderna metodologia geográfica.*

A monografia do Sr. ALBERTO RIBEIRO LAMEGO enquadra-se justamente nos requisitos acima indicados.

Em primeiro lugar, apresenta indiscutivelmente acentuado cunho geográfico. Trata-se de um estudo duma região fluminense, no qual são encaradas as relações entre a terra e o homem, após laboriosas pesquisas in-loco. As afirmações do autor são baseadas numa rica documentação, quer fotográfica, quer bibliográfica. Notáveis são ainda as ilustrações, constantes de 5 mapas, organizados pelo próprio autor.

E' extensa a contribuição original, resultado de pesquisas pessoais, salientando-se a parte referente a vegetação das restingas.

Excelente é ainda a metodologia empregada, de acôrdo com as modernas prescrições da ciência geográfica. Ressaltamos, em especial, a técnica do estudo dos gêneros de vida e da evolução das cidades

O trabalho representa ainda um esforço digno do mais franco louvor, sendo também escrito com redação bastante agradável e clara.

A Sub-Comissão subscreve inteiramente o parecer do relator, inclusive quanto à sugestão de que a monografia seja também examinada pela 10ª Comissão Técnica (Monografias Regionais), por não tratar apenas de geografia humana.

O trabalho consta de 286 páginas de texto (incluindo 7 de bibliografia e 8 de índices) 156 fotografias e 5 mapas, ultrapassando, assim, o limite de 100 páginas determinado pelo art 41 do Regulamento para a Comissão Organizadora Central do X Congresso. Apesar disso, a Sub-Comissão sugere que a 5ª Comissão submeta ao plenário uma proposta para que, a título excepcional, seja o presente trabalho incluído integralmente nos Anais do Congresso, visto que tal inclusão contribuirá sobremaneira para o maior brilho do certame, enriquecendo a geografia pátria com um trabalho de excepcional valor

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1944

FÁBIO DE MACEDO SOARES GUILMARÃES (Relator)

PIERRE MONBEIG

OSCAR DE SOUSA CARRASCOZA

PARECER DA 5.^a COMISSÃO TÉCNICA

A 5.^a Comissão Técnica recomenda a publicação integral dêste trabalho nos Anais do X Congresso e que lhe confira um voto de louvor.

Solicita ainda ao plenário que, apesar de exceder o limite de 100 páginas determinado pelo artigo 41 do Regimento para a Comissão Organizadora Central do Congresso, seja êste trabalho publicado integralmente, a titulo excepcional, visto constituir uma contribuição que enriquecerá sobremaneira os Anais do Congresso.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1944.

ORLANDO LEITE RIBEIRO.

*

PARECER DA 10.^a COMISSÃO TÉCNICA

A Comissão abaixo assinada subscreve os pareceres da 5.^a Comissão Técnica no sentido de ser concedido ao brilhante estudo do Eng.^o ALBERTO LAMEGO — O Homem e a Restinga, um voto de louvor. E o faz com muita satisfação, uma vez que o seu ilustre autor conseguiu elaborar um trabalho que realmente dignifica a geografia brasileira, colocando o nosso país no nível daqueles em que a ciência geográfica alcançou suas mais expressivas manifestações.

Sala das sessões, 15 de setembro de 1944.

AROLD DE AZEVEDO
JOSÉ N. BORN
VÍTOR PELUSO JÚNIOR.

A 10.^a Comissão Técnica recomenda a publicação integral dêste trabalho nos Anais do Congresso e que se lhe confira um voto de louvor. Sala das sessões, 15 de setembro de 1944.

BRÁS DIAS DE AGUIAR
Presidente

Aprovado em 15-9-44.

NOTÍCIA SOBRE O AUTOR

ALBERTO RIBEIRO LAMEGO nasceu na cidade fluminense de Campos, a 9 de abril de 1896. Concluiu, em 1910, seu curso primário no Colégio Campolide, dos jesuítas, em Lisboa, começando ali o curso secundário, mais tarde concluído no Colégio de Saint Michel, de Bruxelas, também dos jesuítas. Em 1913 matriculou-se no curso de engenharia de artes, manufaturas e minas da Universidade de Louvain. Transferindo-se, em 1914, para Londres, cursou a Royal School of Mines do Imperial College of Science and Technology frequentando, ao mesmo tempo o curso de licenciado em engenharia de minas da Universidade de Londres, concluindo êsses dois cursos em 1918.

Em 1920, regressando ao Brasil, ingressou no Serviço Geológico e Mineralógico do Ministério da Agricultura empreendendo vários trabalhos de campo em diversas regiões do Brasil. Entre os anos de 1924 a 1932 deliberou afastar-se do Serviço Geológico para onde retornou em 1932.

Pertence a grande número de instituições científicas do Brasil e do exterior

Publicou até o presente momento, os seguintes trabalhos:

I LIVROS, BOLETINS E AVULSOS

- 1923 — 1 — *Contribuição à Geologia do Vale do Rio Grande*
1936 — 2 — *Geologia do Maciço do Itatiaia e suas Vertentes Inclusive a Bacia Terciária de Resende (E do Rio)*
3 — *A Planície do Solar e da Senzala*
4 — *O Maciço do Itatiaia e Regiões Circundantes*
1937 — 5 — *Teoria do Protognaisse*
6 — *A Gipsita da Boa Vista*
1938 — 7 — *Escarpas do Rio de Janeiro*
8 — *Sobre uma Crítica à Teoria do Protognaisse*
1940 — 9 — *Mámores do Muriaé*
10 — *Restingas na Costa do Brasil*
11 — *A Geologia na Civilização Campista.*
12 — *A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo*
13 — *A Geologia de Niterói na Tectônica da Guanabara*
14 — *Ciclo Evolutivo das Lagunas Fluminenses*

II TRAEALHOS CARTOGRAFICOS

- 1923 — 1 — *Contribuição à Geologia do Estado de Minas Gerais*
1936 — 2 — *Geologia do Maciço do Itatiaia e suas Vertentes, Inclusive a Bacia Terciária de Resende (E do Rio).*
3 — *Esboço Geológico da Região do Morro Redondo*
1937 — 4 — *Áreas Arqueanas do Brasil*
5 — *Localização de Tipos de Gnaisse no Distrito Federal e Niterói*
1938 — 6 — *Geologia do Maciço Urca-Pão de Açúcar*
7 — *Carta Geológica da Cidade do Rio de Janeiro*
1939 — 8 — *Geologia do Rio Muriaé e das Redondezas de Campos*
9 — *Calcáreo de São Joaquim, em Paraiso*

- 1940 — 10 — *Mapa Geológico da Foz do Rio Paraíba do Sul*
 11 — *Mapa Geológico da Zona de Canapêbus, no Estado do Rio de Janeiro*
 12 — *Geologia da Cidade de Macab*
 13 — *Esboço Geológico do Estado do Rio de Janeiro*
 14 — *Geognose da Terra Goitacá*
 1941 — 15 — *Mapa da Faixa de Restingas no Estado do Rio de Janeiro*

III SECÇÕES E RECONHECIMENTOS GEOLÓGICOS

- 1923 — 1 — *Secção Geológica Patos-Araxá-Franca*
 2 — *Idem Araxá-Uberaba*
 3 — *Secção Conquista-Sacramento-Gipó*
 4 — *Idem Jaguará-Desemboque*
 5 — *Secção Geológica Serra da Canastra e Vale do Rio Grande*
 6 — *Idem Desemboque-Serra da Saudade*
 7 — *Idem Delfinópolis-Cássia*
 8 — *Secção Serra da Babilônia-Passos*
 1936 — 9 — *Secção Geológica Através do Maciço do Itatiaia, de Aturuoca ao Rio Paraíba*
 10 — *Idem de São Lourenço a Mangaratiba, Através das Serras da Mantiqueira e do Mar*
 11 — *Idem Angai-Aturuoca-Serra do Papagaio.*
 12 — *Secção Serra da Cuba — Minas de Niquel de Livramento*
 13 — *Idem Andrelândia-Pedreira*
 14 — *Secção Através das Serras da Mantiqueira e do Mar, entre Andrelândia e Mangaratiba*
 1937 — 15 — *Secção Através do Rio Farias, no Distrito Federal*
 16 — *Corte Geológico no Engenho Pequeno (São Gonçalo)*
 17 — *Secção Geológica Através da Serra do Mar, do Rio de Janeiro ao Vale do Paraíba*
 18 — *Secção ao Longo da Serra da Carioca*
 1938 — 19 — *Origem das Escarpas e Vales do Rio de Janeiro*
 20 — *Estrutura Geológica do Pão de Açúcar*
 21 — *Formação Tectônica da Entrada da Baba de Guanabara.*
 22 — *Perfil N-S do Pão de Açúcar, Mostrando a Esfoliação pela Clivagem Tectônica.*
 23 — *Bloco-Diagrama, Ilustrando a Estratigrafia e a Tectônica, do Bordo Ocidental da Entrada da Guanabara*
 24 — *Secção Geológica Através dos Morros do Leme, Babilônia e São João*
 25 — *Estratigrafia e tectônica do grupo Urca-Pão de Açúcar.*
 26 — *Secção da Entrada da Baía de Guanabara.*
 27 — *Secção Através do Grupo do Corcovado*
 28, 29 e 30 — *Secções Geológicas Através dos Dois Irmãos*
 31 — *Secção Através da Gdvea*
 32 — *Idem Através do Pico da Tijuca*
 33 — *Idem Através do Morro da Providência*
 34 a 41 — *Secções Através da Cidade do Rio de Janeiro*
 42 — *Origem da Escarpa da Nova Cintra*
 43 — *Bloco-Diagrama Expondo o Embugamento Primitivo da Serra da Carioca e de seus Contrafortes*
 1939 — 44 a 46 — *Secções Através dos Calcários de São Joaquim, em Campos*
 47 — *A Foz e Barra do Rio Paraíba do Sul*

IV TRABALHOS INÉDITOS E EM PREPARO

- 1 — *A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo*
 2 — *Açea de Fundação de Macab*
 3 — *Ciclo Evolutivo das Lagunas Fluminenses*
 4 — *Grafita em Conceição de Macabu*
 6 — *O Homem e a Guanabara*

- 6 — *O Homem e a Serra.*
 - 7 — *Carta Topográfica e Geológica do Norte Fluminense.*
 - 8 — *Carta Geológica da Região ao Norte de Campos.*
 - 9 — *A Plataforma Continental ao Largo do Litoral de Leste.*
 - 10 — *Geologia Regional de Macaé.*
 - 11 — *Origem da Restinga da Marambaia.*
 - 12 — *Geologia da Laguna de Maricá.*
 - 13 — *Geologia da Laguna de Saquarema.*
 - 14 — *Origem da Laguna de Araruama.*
 - 15 — *Geologia da Laguna de Araruama.*
 - 16 — *Reconhecimento Geológico nas Fazendas de Itaitindiba e São João.*
 - 17 — *Esboço Geológico dos Vales dos Rios Guandu e Itaguaí.*
 - 18 — *Carta Geológica do Distrito Federal.*
 - 19 — *Carta Geológica da Baía de Guanabara.*
 - 20 — *Mapa Geológico do Estado do Espírito Santo.*
 - 21 — *Levantamento Expedito do Rio Paraná, da Foz do Paranapanema à Cachoeira das 7 Quedas.*
 - 22 — *Reconhecimento Geológico no Estado de Goiás.*
 - 23 — *Reconhecimento do Rio Dois Irmãos, no Estado de Mato Grosso.*
 - 24 — *Reconhecimento de Aquidauana à Serra da Cascavel, Mato Grosso.*
 - 25 — *Idem, de Aquidauana ao Rio Taboão, em Mato Grosso.*
 - 26 — *Idem, de Miranda à Serra da Bodoquena, Mato Grosso.*
 - 27 — *Secção Geológica da Gragoatá à Ilha da Boa Viagem.*
 - 28 — *Pedreira de Leptinito no Morro do Cavalão.*
 - 29 — *Secção Geológica do Morro da Armação.*
 - 30 — *Estrutura Geológica do Morro da Boa Vista.*
 - 31 — *Afloramento de Grafita em Macabu.*
 - 32 — *Secções Geológicas Através da Serra de Itaitindiba.*
 - 33 — *Esboços Tectônicos Através da Baixada Fluminense.*
- 1946 — *Teses apresentadas ao Congresso Pan-Americano de Engenharia de Minas e Geologia e aprovadas (Rio 1946).*
- 1 — *Análise Tectônica e Morfológica do Sistema da Mantiqueira (aprovado com louvor).*
 - 2 — *Uma Chamimé Vulcânica no Distrito Federal.*
 - 3 — *O Estudo Petrogenético Sistemático do Azóico Brasileiro.*

PREFÁCIO DO AUTOR

“ — VI depois um deserto, um mar de areias ” — FAGUNDES VARELA: “Anchieta ou o Evangelho das Selvas”; V, 2

Em O Homem e o Brejo andamos sôbre a terra fértil. Sôbre as aluviões fecundas que emergiram de um dilúvio. Ali vimos enraixar-se tenazmente o homem, imantado pela opulência do solo e elevando por trezentos anos, com seus braços, uma crescente e soberba frutificação.

O cenário agora é bem diverso. Pulamos da fartura máxíma da gleba a uma penúria extrema. Das argilas ricamente produtivas e abandonadas por um rio, a extensísimos areais estéreis depositados pelo mar. Duas planícies, dois ambientes, duas civilizações singularmente contrastantes, sobretudo quando os vemos lado a lado.

Os fatores que originaram a costa fluminense aplainando quase todo o seu bordo marítimo, deram-lhe um fácies de aparente monotonia geográfica mas de variadísimas resultantes antropossociais. É que a similitude topográfica se desdobra em meios físicos distintos, a uma análise da geologia regional.

A grande planura dos campistas forma um dêles, já descrito. Mas a própria faixa de areias que a ela se ajusta pelas margens do Paraíba, e dali segue para o sul ultrapassando a Guanabara, subdivide-se em zonas de ambientes telúricos diversos, cujas repercussões na evolução histórico-social e na economia dos povoadores dessa orla marítima, desde os primórdios até hoje, dissociaram as suas atividades.

Resulta disto mais uma vez que, sem o preliminar conhecimento da Terra não se pode compreender o Homem.

Quase tôda a história colonial dos agrupamentos costeiros que presentemente estudamos partiu da mesma etnia de imigrantes portugueses que, deixando o Rio de Janeiro rumaram para Cabo Frio e dali seguiram sôbre as restingas para o norte. Raros vieram do Espírito Santo, e êstes ainda, sempre da mesma fonte européia onde a limitada superfície territorial mesclara forçosamente um dos mais homogêneos povos da raça branca. A terra brasileira, porém, reunindo-os em núcleos vizinhos mas de nuances ambientais sensíveis, determinou pela sua atuação esgalhos característicos peculiares a cada evolução cultural.

É que o Homem só vive através da exploração do Meio. E, cada um destes, embora atuando em grupos que se ligam desde as origens pelos mesmos laços raciais e pela mesma afinidade de interesses conjugados, sedimenta psicologias coletivas regionais divergentes.

Poderá o homem, dentro de um relativismo de começo assaz restrito e progressivamente dilatado, ir aos poucos dominando o Meio Físico. Mas a contínua pressão deste sera sempre percebida. A índole do povo, os seus caracteres físicos, intelectuais e até morais, a casa e o alimento, o trabalho e as diversões, as atividades comerciais e os meios de transporte, as relações entre o cidadão e o camponês e as de ambos com o exterior pelo intercâmbio, tudo vem da conexão entre o indivíduo e a ambiência, dos vínculos que se estreitam entre as possibilidades telúricas e a inteligência que as utiliza.

Reflexos incontáveis surgem a cada passo na história de cada grupo, da luta adaptativa que se trava entre o Homem e a Terra. Se esta é boa e fácil de enriquecê-lo, firma-se ele nela e rapidamente a vai domando. Modifica-lhe a paisagem pelo trabalho. Mas também logo de início começa a perder alguma coisa de sua alma primitiva de imigrante. E, a medida que os anos passam e as gerações se sucedem, toda aquela alma vai aos poucos transmudando-se, ao contacto do ambiente novo.

Se a gleba é porém estéril, inutilizando esforçadas tentativas para a modificação proveitosa da paisagem, então, após haver-lhe dado o colonizador um povoamento as permissíveis possibilidades demográficas naturais, trata de buscar maneiras outras de viver que as da direta exploração da terra. É o caso da gente dos desertos que de pastores facilmente passam a mercadores, desviando a primitiva inclinação a estabilidade para as longas caminhadas a serviço do comércio. Quando possível, agrupam-se pelos oásis e ficam estacionários a custa de uma vida frugal. No Saara, uma colheita providencial, a da tâmara, ali os fixa. Muitos emigram novamente atrás de uma existência mais inquieta. Outros, porém, em luta perene e renhida contra o meio, robustecem através do tempo as suas qualidades físicas, continuando a centralizar em torno de tais núcleos a sua vida errante e aventureira de vian-dantes da solidão.

À semelhança do ambiente dos desertos, a região fluminense das restingas não ofereceu ao homem oportunidades de atirar-se à gleba com uma retribuição compensadora de energias gastas. Também de certo modo era ele o habitante de um deserto. A paredes meias, todavia, abriam-se regiões passíveis de cultura mas de portas fechadas para o mar pelas condições geográficas regionais. E então, quando possível, o habitante dos areais litorâneos aproveitou-se da riqueza alheia para mobilizá-la como intermediário.

Foi o que se deu em todos êsses pequenos portos surtos nas restingas, à beira dos caminhos líquidos para o interior.

Entre todos sobressai São-João-da-Barra. Em face da produção açucareira campista, bloqueada pelas restingas, o lavrador da Beira ou do Minho Lorna-se marinheiro e construtor de navios. A sua alma também se transfigura sob o império irreprimível da ambiência telúrica, impulsionadora de iniciativas pela seleção de atividades.

Com os próprios recursos da terra, com as suas madeiras de lei, ajusta as carcaças e o revestimento de seus barcos. Tripula-os de comêço com seus índios. Vara a barra perigosa do Paraíba com os porões abarrotados da produção dos engenhos e das lavouras de Campos. Volta com as utilidades necessárias ao constante crescimento da civilização campista. Aumenta gradativamente o calado dos navios. Torna-se um reputado mestre em seus estaleiros. Cria enfim a navegação. O meio compelia o homem a um rumo novo de tendências para as quais não tivera aprendido ao emigrar.

Espacejadamente a pontuarem o friso litorâneo, outros núcleos germinaram de imperativos bélicos ou econômicos. Macaé, Barra de São João e Cabo Frio testemunharam dêsse modo a longínqua chegada dos iniciadores que vinham em busca de caminhos abertos para o interior pelas vias fluviais, ou de arcabuz em punho espiar os mares infestados de piratas avidamente atraídos pela exuberância de pau-brasil na terra fluminense.

Mas com os destinos da Colônia centralizados nos grandes portos acolhedores das primícias das florestas, dos engenhos e das roças, ou aventureiramente focalizados nas surpresas das Bandeiras, as pobres vilas das areias vivem apenas na contemplação de suas gerações carregadoras de produtos alheios para o bôjo dos navios. Quando possuem tesouros, como Cabo Frio com seu sal, não lhes permitem que se abaixem para arrecadá-los.

Com a mesma indigência ergue-se Araruama. Suas raízes étnicas e sociais perdem-se no tempo, fincadas a margem da laguna com as cabanas anônimas de primitivos e humildes pescadores. Os mesmos que, fundando Saquarema e Maricá, deixaram-se ir vagarosamente deslizando sôbre as águas ou arrastando-se para leste sôbre os areais.

E assim, a passo tardo, anda pela História essa população dos descampados litorâneos. A uma visão etnográfica superficial, dir-se-ia que, por tôda essa faixa costeira fluminense há uma raça desfalecida como as suas cidades modorrentas. Um povo hereditariamente exausto de marchar sôbre as areias. Mas a um exame mais profundo, nêle se revela intacto o arcabouço primevo dos iniciadores, pronto a sacudir inércias seculares desde que, tonificantes e novas práticas os afastem de rotinas torpecentes.

Há casos de uma aparente irremissível desfiguração dos atributos raciais, bastardeados no contacto perene do homem com a natureza infecunda. Mas vigorosos quadros étnicos regionais em que a vida incessantemente se regula e metodiza por tarefas rudes, acusam a inextirpável erradicação de rígidos caracteres étnicos imortais. O dos pescadores, por exemplo.

Basta vê-los balanceantes e lerdos sob a herança racial de sucessões de caminantes das restingas, meterem-se nos barcos de pesca e arrojarem-se as proezas do mar. Naquelas pernas elásticas e equilibrantes ao boléu das ondas, naqueles braços empolados de puxadores de rêdes, naqueles dedos que recurvam crispações de lutas tremendas contra os temporais, debatem-se agitações de seculares tragédias inconscientes, impedidas de naufragarem amortalhadas no passado pelo contínuo alvoroçamento de uma vida perigosa.

A constante inquietação do mar supera o esmorecimento da terra. As balançosas solidões das águas sacodem essa alma fatigada num perpétuo palmitar de desfrequentadas solidões terrestres. Em transfigurações intermitentes sôbre as vagas, a natureza equilibra o vigor físico, em vias de afundar-se na passividade de uma ambiência exânime. E nos contínuos sobressaltos da existência na dinâmica superfície do oceano, repontam os atributos raciais empalidecidos na acabrunhadora insipidez das simetrixantes restingas inertes.

Mas o homem não mora no mar. A terra é o seu elemento essencial. O lar, a convivência, os interêsses materiais e as suas débeis preocupações espirituais só se encontram na terra, no meio arenoso e de enralecidas oportunidades. E aí, começa a dispersão.

Sôbre a secura do solo improdutivo, entre os intérrimos e silenciosos cerradões ou à margem dos brejais longuissimos, em suas choupanas de lama e tabua o homem é quase um cenobita. Sobre-tudo, no interior das grandes planícies onde amiúdam as nuanças desérticas. Das grades dos troncos dos cerrados, seus olhares quando muito se distendem pelo vácuo de infindáveis empantanamentos lineares ou libertam-se nas praias sôbre os mares solitários e através de espaços vazios que descaem, cintando os horizontes.

É êste o verdadeiro muxungo. O pioneiro da charneca e que ainda ama a terra quase inútil. Ante a inxequibilidade da lavoura, amarra um anzol na ponta de uma linha ou mercadeja pelos centros urbanos os magros feixes de lenha que arqueiam o lombo das "pulitanas" esquálidas. O habitante do deserto amplia o deserto.

Nos senfins em que se retrai, essa degradação atômica da humanidade por sua vez expande o seu anulamento sôbre o circulo vital, devastando a flora precisa. É o homem-solidão. A sociedade

não o alcança em seu descobido isolamento. Implacável derrubador de cerrados, o muxungô destrói-se a si mesmo num suicídio coletivo inconsciente, aniquilando as possibilidades já raras do meio que escolheu.

Além dêste há o habitante das cidades. O eterno contemplador de embarcações. O pequeno comerciante de balcão. O funcionário desterrado e paciente, à espera da transferência. O médico burguês das casinhas modestas. O homem-corpúsculo dos inexpressivos agrupamentos moleculares que encorporanz em adensamentos vitais a pulverizada humanidade das restingas.

Por sua ação centralizadora, de todos é o mais importante. Criou povoados. Resistiu a necrose dos séculos, fatal as vilas raquíticas. Com seu fatalismo renitente conseguiu a permanência de núcleos fixadores num litoral inóspito.

E afinal, o homem das salinas que, de pés e mãos dilacerados nos cristais, arrasta com seus rodos, com seus cêstos e seus carros uma vida tão amarga quanto o sal. O atribulado mourejador das margens da Araruama que cria e leva sôbre os robustos ombros uma nova acumulação de riquezas que surgem, vivificando iniciativas inéditas na história econômico-social dos bordos da laguna.

A todos, quando em vez, teremos de fitar, ao passarmos por suas canoas, por suas cabanas, por suas cidades, por seus cristalizadores. De cada um teremos que falar. Do seu passado em perene e árdua esquivança ao negativismo ambiental, do seu presente renovador de atividades que despontam, promissoras de um renascimento racial, letárgico no meio desvitalizante das restingas.

Todos são brasileiros. Existem na terra brasileira que, farta de promessas ou pobre de esperanças, a ela devemos esmeradamente consagra?. numa crescente e carinhosa iniciativa as nossas energias intelectuais, como nos exorta ROQUETE PINTO em seus Seixos Rolados: “É preciso estudar o Brasil, com os seus encantos e as suas tristexas, para amá-lo conscientemente: estudar a terra, as plantas, os animais, a gente do Brasil”.

ÍNDICE GERAL

<i>PREFACIO</i>	VII
<i>PARECERES DO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA</i> ..	IX
<i>NOTÍCIA SOBRE O AUTOR</i>	XII
<i>PREFACIO DO AUTOR</i>	XV
<i>APRESENTAÇÃO</i>	XXIII

A TERRA

FISIBGRAFIA E GEOLOGIA

I — A ENSEADA	4
II — A LAGUNA	10
1 — A Araruama	10
2 — Petrologia da Araruama	17
3 — A Saquarema	22
4 — A Maricá	25
5 — Os "Esporões"	27
III — O PANTANAL	32
N — A PLANÍCIE	39
1 — Geologia	39
2 — Hidrografia	50
3 — Cartografia	52
V — RECURSOS MINERAIS	55
VI — A FLORA	56

O HOMEM

I — PRÉ-HISTÓRIA	69
II — O INDÍGENA	72
III — FUNDAÇÃO HISTÓRICA	75
1 — Cabo-Frio	75
2 — São-Pedro-d'Aldeia	88
3 — Araruama	96
4 — Saquarema	98
5 — Maricá	99
6 — Barra-de-São-João	102
7 — Macaé	104
8 — São-João-da-Barra	108

A CULTURA

I — O HOMEM E O MEIO	143
II — A CIDADE	151
III — A PESCA	157
IV — O SAL	164
V — TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES	184
VI — CONCLUSÕES ECONÔMICO-SOCIAIS	198
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	211
<i>ÍNDICE ANALÍTICO</i>	215
<i>RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES</i>	225

APRESENTAÇÃO

A presente obra faz parte de uma coletânea autônoma da Biblioteca Geográfica Brasileira, intitulada "Setores da Evolução Fluminense", de que já foi lançado o volume O Homem e o Brejo e a qual se juntarão em breve O Homem e a Serra e O Homem e a Guanabara, todos de autoria do Eng.º ALBERTO RIBEIRO LAMEGO.

Outra circunstância que importa acentuar, em abono do presente trabalho, é a de que, tendo sido apresentado como tese ao X Congresso Brasileiro de Geografia, a Comissão que o julgou, conferiu-lhe a distinção excepcional de destacá-lo dos Anais para entrega-10 à publicação pela "Biblioteca Geográfica Brasileira".

Seguindo o plano adotado no seu estudo anterior sôbre O Homem e o Brejo, o autor orienta as suas investigações de acôrdo com a divisão básica: a Terra, o Homem e a Cultura. Fixando em primeiro lugar o quadro físico, procura mostrar, acentuando-lhe o contraste com o panorama que se depara na vizinha zona da baixada campista, cujas características tão bem delineou na citada obra, que, as suas peculiaridades naturais, muito devem as manifestações culturais e econômicas ali desenvolvidas em conveniente adaptação do homem ao meio.

No estudo dos aspectos fisiográficos e geológicos, o autor distingue na faixa de restingas do Rio de Janeiro as seguintes formações: a Enseada, a Laguna, o Pantanal e a Planície. Sublinha o papel dos fatores marítimos e da base geológica, que concorreram para dar-lhes origem e indica a tendência da sua evolução atual. Assim, põe em relêvo os processos que tendem a fazer desaparecer as lagunas. Por último, encara os recursos minerais e expõe a composição e distribuição florística das restingas.

Estudado o cenário natural, o autor examina o terceiro elemento — o Homem —, retratando os aspectos de que se revestiu, através dos tempos, o esforço das populações que vieram ter às restingas fluminenses e nelas procuraram criar condições permanentes de vida. O autor analisa as diversas fases de povoamento, com base nas conclusões que o estado atual dos conhecimentos antro-

pológicos permite estabelecer. Trata, de relance, das tribos indígenas encontradas pelos descobridores nas terras fluminenses e caracteriza os principais traços de índole e costumes das mesmas.

Com maior desenvolvimento e originalidade, porém, ocupa-se da evolução das cidades a começar pelos escassos núcleos de colonização, fundações, arraiais, feitorias, etc., acompanhando-lhes o desenvolvimento paralelo da vida econômica e dos fatores sociais e políticos que intervieram nos principais eventos históricos.

As relações do homem com o meio fazem o objeto da última parte do livro. Aqui o autor mostra as condições do ecúmeno, influndo direta ou indiretamente nas manifestações culturais e, através da ação seletiva, nos caracteres étnicos das gentes que ocupam as restingas. Ainda sob este prisma, analisa os principais recursos econômicos que constituem a riqueza da região.

Finalizando o autor, no capítulo intitulado "Conclusões econômico-sociais", indica as possibilidades econômicas e de desenvolvimento da região.

Variada e rica documentação, quer fotográfica, quer bibliográfica, atesta as afirmações expendidas no texto.

O sentido regional, a moderna técnica de pesquisa empregada e a originalidade das informações contidas neste livro, o tornam, sem dúvida alguma, recomendável aos estudiosos da nossa geografia regional, como justificam cabalmente a sua inclusão na Biblioteca Geográfica Brasileira.

CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO
Diretor da Biblioteca Geográfica Brasileira

A TERRA

"O Homem não pode ser separado da Natureza"

CONFÚCIO

FISIOGRAFIA E GEOLOGIA

"Entra-se de surpresa, no deserto". EUCLIDES DA CUNHA: "Os Sertões", 9ª ed pág 72.

"O oceano se afasta, e deixa as praias, e vai rugir além!) — FAGUNDES VARELA: "Anchieta ou o Evangelho das Selvas", X, G

Ao que através das planícies de Campos se encaminhe para o mar, choca-o, a um dado momento, a brusca mudança de cenário. Sobretudo ao que, de improviso e pelo ar transpondo a zona das lavouras, velozmente se veja a sobrevoar as divisas com as restingas, a surpresa do contraste o empolga.

Repentinamente se passa da planura argilosa à rasa imensidão de areias, da lavoura ao campo e ao cerrado, da colmeia açucareira, fervilhante, a espaçosas solidões desérticas. Simples linha demarcante e nítida súbito limita uma das áreas mais populosas do Brasil com uma faixa marítima de fatores geológicos anti-ecumênicos.

Para trás, retângulos de canaviais, chaminés alvi-rubras com a nitidez de balizas, caminhos e ferrovias que se entrecruzam por tôda parte, baixadas lacustres disseminadamente irregulares, complexidades seculares de trabalho. Para a frente, a terra quase virgem.

Ondulantes de altibaixos paralelos à linha costeira, imensos plainos de restingas monotonamente se desdobram. Simulam o próprio mar que terra a dentro continua. O oceano a vir em sucessivas linhas de vagas solidificadas em areias.

O Atlântico, porém é que fugiu, moldando na fisionomia terrestre a sua ondulante superfície. O perfil transversal da planície de restingas copia sinuosamente o perfil do mar. Longas tiras arborizadas e em baixo relêvo se intercalam a depressões estreitas, brejosas, alagadiças ou nuamente secas que espicham perspectivas ou se encurvam suavemente, bem riscadas como avenidas emparelhadas de vegetação.

Em caso algum esmerou-se tanto a natureza em imitar uma obra humana. Planícies, cordilheiras, desertos, litorais, quaisquer elementos da fisiografia terrestre, atestam sempre a indisciplina criadora das idades. A mão tósca dos fatores gliptogenéticos comprazendo-se a esculpir numa infinita dispersividade de motivos paisagens rudemente inacabadas.

Um cabo, uma ilha, uma enseada, um pico solitário e majestoso, podem ilusòriamente dar-nos a sensação artística de um trabalho consumado. Mas só a restinga atinge a perfeição do acabamento. Só nelas, compondo planuras que regularmente sulcam de extremo a extremo, é que se nota a geometria dos Espaços transportada para a Terra. A Natureza a trabalhar com tira-linhas. A matemática das órbitas celestes, repetindo-se em caminhos terrestres numa engenharia descomunal.

E ainda, à primeira surprêsa de um contraste fisiográfico inesperado, sucede-se outra para o naturalista: a da **intermitência** florística diferenciada espetacularmente em longas faixas paralelas. A cada nova depressão vazia ou apenas atapetada de plantas lacustres rasteiras, um **cômore** justapõe-se, coberto de vegetação xerófila.

Tal a fisionomia geral dessas planícies arenosas que, nas proximidades do mar, porém, começam a despir-se, pondo-se inteiramente nuas nas poucas dezenas de metros a caminho das ondas.

Em zonas, penetradas de vias terrestres ou lacustres, grandes áreas limpas de cerrados, — savanas e campinas artificiais —, exibem a devastação dos lenhadores. Quando em vez alargam-se as depressões, testemunhando períodos em que a contínua regressão do mar acelerou-se em saltos que atingem mais de quilômetro, intercalando na segura dos **areaís**, lagoas imensas e alongadas. Finalmente, em partes mais umedecidas, adensamentos florísticos incorporam-se em matas fechadas.

A topografia da planície, entretanto, é sempre a mesma, alastrando-se nívelada para o interior do Guaxindiba ao Una por quatro municípios fluminenses e com as mesmas características denunciadoras de **fatôres geogenéticos** idênticos.

De Macaé aos Búzios, porém, a fisiografia litorânea modifica-se. A largura da planície é reduzida a poucos quilômetros, e, por trás dela esparramam-se imensos tremedais marginalmente aos cursos d'água. Grandes áreas do leito maior dêsses rios ocupam antigos braços de mar que embora aterrados por sedimentos fluviais ainda não enxugaram completamente. É o que se nota nas bacias do Macaé, do rio das Ostras, do São-João e do Una.

De Cabo-Frio para oeste embora os mesmos processos de **mação** de restingas sempre revelam o poder construtivo do mar, modalidades outras se apresentam, na morfologia regional. Com raras exceções então, a importância da planície como base física desaparece, suplantada pela das longas barragens ou **pontais** que isolam braços de mar das águas oceânicas.

Processou-se **dêste** modo uma singular **retificação** do litoral entre aquêlo cabo e o pico da Marambaia, embelezando a costa fluminense de uma série de lagunas estupendas, finalizadas pela baía de **Sepetiba**, a qual solitariamente exemplifica uma inconclusa formação lacustre.

Quatro variedades geomórficas temos pois, na costa fluminense resultantes do recuo do mar pelo mecanismo das restingas: a *Enseada*, a *Laguna*, o *Pantanal* e a *Planície*.

Indo-se de sul a norte, a partir do pico da Marambaia, vemos não somente sucessivas, mas também a exporem na citada ordem um gradual e crescente enxugamento dessa faixa litorânea ocupada outrora pelo mar. Em primeiro lugar a Sepetiba, ainda amplamente aberta para o Atlântico. A seguir, além da Guanabara, toda a série de grandes lagunas também originadas de restingas mas já isoladas do oceano de tal modo que, em sua maioria são de águas doces ou salobras. Depois, na costa entre o Una e o Macaé acentua-se o dessecamento. As grandes toalhas líquidas desaparecem dando lugar a vastos pantanais e alagadiços barrados do mar por largas faixas arenosas. Surgem finalmente as grandes planícies de restingas justapostas aos tabuleiros e aos depósitos aluviônicos do Paraíba, já consolidados, onde apenas um grande hiato se intercala com a depressão lacustre da lagoa Feia.

Essa partilha natural e paisagística na geografia costeira das restingas iluminenses diferença estágios diversos na evolução histórico-social e econômica do setor que apresentamos. Daí, o submetermos a ela a esquematização deste trabalho.

Passemos pois a figurar cada qual dessas seções, partindo da mais simples que nos mostra isoladamente o mecanismo construtor de uma restinga. Analisaremos a seguir as outras, que, para leste e para o norte, crescentemente exibem complexidades geomórficas e estruturais.

I. A ENSEADA

"A restinga que vai da ponta de Guaratiba ao pico da Marambaia, formando a enseada de Sepetiba, retrata o litoral em seu primeiro estágio evolutivo". — HILDEBRANDO DE ARAÚJO GÓIS: "O Saneamento da Baixada Fluminense". Pio, 1939, pág. 11

Para bem compreender o dinamismo do mar na formação das restingas, é necessário analisá-lo em seus efeitos mais singelos. Começar pelo cômodo de areia individual. É o caso do *pontal*, por sua vez classificado em duas variedades morfológicas.

Na primeira, a restinga enfia a ponta arenosa pelas águas sem um alvo aparente, embora sempre dirigida por correntes costeiras. É o *spit* dos autores ianques e ingleses, para o qual, em falta de um termo conciso em português, sugerimos *esporão*.¹

¹ O motivo dessa designação é adiante exposto ao descrevermos a lagoa de Araruama, onde o fenômeno dos esporões revela-se importantíssimo no fracionamento da laguna.

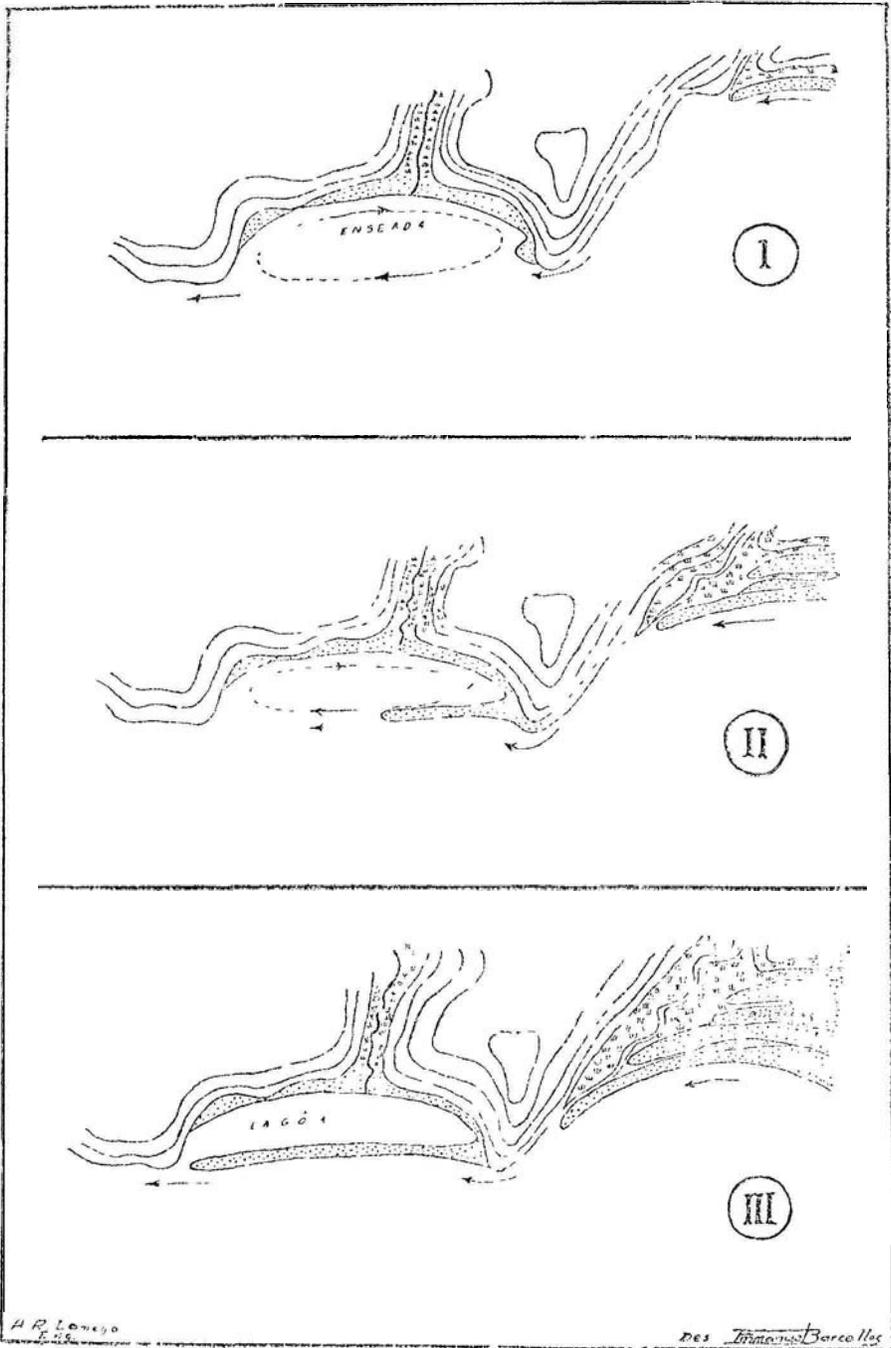


Fig 2

Na segunda, a palavra *tômbolo*, procedente da terminologia italiana, designa restingas projetadas da terra firme para alguma ilha, ou ligando ilhas entre si. O *tômbolo* em geral, começa pelo esporão, podendo inversamente partir êste de uma ilha rumo ao litoral.

Exemplo dos mais notáveis de *tômbolos* em tôda a Geografia Física Universal, é o da grande restinga da Marambaia. Basta notar que o seu comprimento excede a quarenta quilômetros e a sua máxima distância à margem interna da baía de Sepetiba atinge a dezoito.

Por sua magnitude, o *tômbolo* da Marambaia, é um dos mais consideráveis da morfologia terrestre. Da foz do rio Guandu, na referida baía, a não ser em dias muito claros, é êle praticamente invisível. Bastam, porém, os poucos metros de altitude dessa baragem de areias para dar a Sepetiba a *quietação* de um lago, enquanto no outro lado as ondas batem furiosamente o dique *fôfo* em *esfôrço* inútil para demolirem a indestrutível obra do mar.

A formação de um pontal exige, como para tôdas as restingas, três fatores fundamentais: mares rasos, uma corrente litorânea que esflora o bordo continental e abundância de areias *sôltas* *moviinentáveis* pela água que circula. Um cabo protetor de uma enseada onde um rio descarrega detritos volumosos, muita vez apresenta assim condições ideais para a origem de um pontal.

Em fig. 2 esquematizarnos o processo dessa formação. A corrente ao costear as águas da enseada, promove a movimentação das mesmas em circulação fechada. E êste circuito secundário remexe e arrasta consigo as areias depositadas na enseada pelo rio.

Junto ao cabo, onde os efeitos da segunda corrente são menos sensíveis, essas areias começam logo a depositar-se *tangencialmente* ao feixe circulante em contacto ali com uma zona de águas quase paradas. É o comêço do pontal.

A seguir, a restinga iniciada se prolonga, pela *interação* das duas correntes. A massa de areias arrastadas tende por *centrifugismo* a tangenciar a corrente interna mas é repelida pela externa, a qual age como um pincel. Evidencia-se logo uma acumulação do material suspenso, que, comprimido entre as duas correntes, tende a se agregar, precipitando-se numa língua fina que marcha para o outro extremo da enseada onde o acréscimo de águas despejadas pelo rio deixa em geral uma abertura permanente ou provisória.

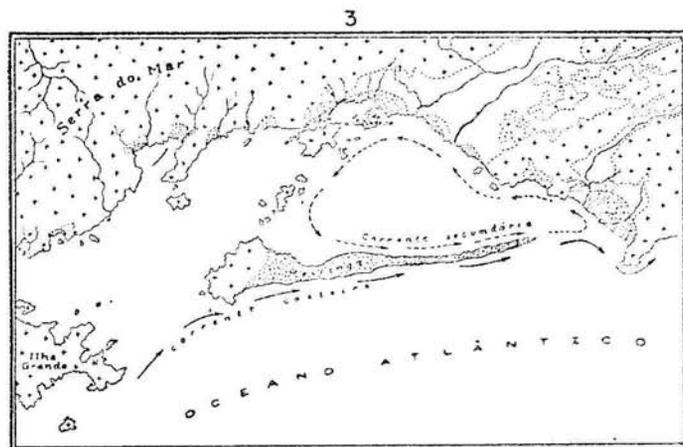
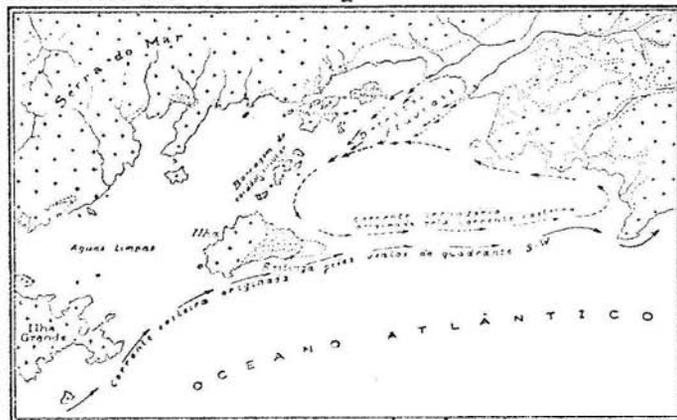
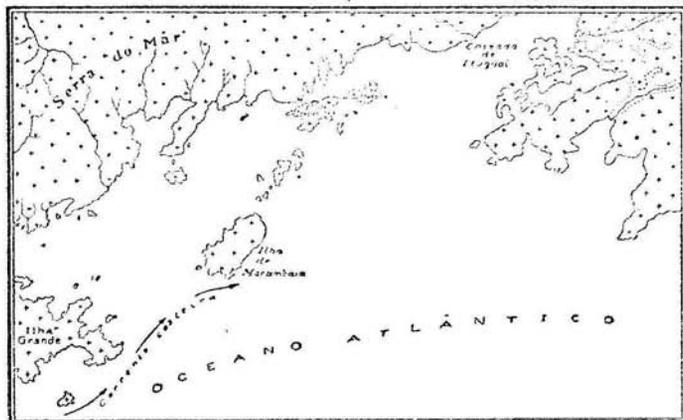
Vêzes há em que essa abertura é definitivamente selada, sendo outra aberta na restinga em qualquer ponto onde a estreiteza ou menor altitude permita à maré transpô-la.

A paralisação do processo poderá dar-se pelo desvio da corrente costeira para o largo, por causas imprevistas, — talvez oriundas do próprio crescimento da restinga cujas bordas entulham

ORIGEM DA RESTINGA DA MARAMBAIA

P O R
ALBERTO RIBEIRO LAMEGO
Escala Gráfica 1:50000

Granitos e Granitoides	Aluviões	Restingos
AZOICO	QUATERNARIO	



fossas ou ligam escolhos submersos --, ou, mais comumente porque a ponta da língua de areia atinge uma zona de águas pro-fundas. Neste caso, a enseada pode ainda permanecer aberta.

Embora originada pelos mesmos fatores comuns a sedimentação das restingas, o caso da Marambaia apresenta singularidades que convém citar, por seu alcance na compreensão de formas similares. Um olhar de geólogo a esta formação e à sua estrutura topográfica revela que a corrente costeira que deu origem à língua de areia, veio de oeste para leste. A mesma evidência é comprovada pelo estudo da restinga vizinha de Marapendi, que limita a planície arenosa de Jacarepaguá com o Atlântico.

Notamos entretanto que as correntes secundárias costeiras não acusam em geral uma direção permanente, podendo ser temporariamente formadas pelos ventos periódicos. Só a orientação dominante, porém, é que dá causa às línguas de areia.

No caso em demonstração o resuma dessa corrente é claro, bastando ver que, tanto as águas da Sepetiba como as da lagoa de Camorim, são respectivamente impelidas contra a ponta de Guaratiba e o cabo da Gávea. A Marambaia e a série de restingas de Jacarepaguá formaram-se pois de oeste para leste, onde as extremidades dos pontais não conseguiram atingir as pontas rochosas devido à potência das águas pluviais que por ali rompem. Veremos oportunamente que, rio caso similar do rio Macaé, cuja foz um pontal idêntico estrangula, a corrente costeira dominante é inversamente dirigida de teste para oeste.

Em fig. 3 traçamos a evolução morfológica da Marambaia. Uma enseada muito rasa pela sedimentação dos detritos trazidos através do delta dos rios Guandu e Itaguaí, --- de intensa erosão na serra do Mar ---, possibilitou a formação da grande restinga. Observe-se que êsses detritos eram impedidos de se espalharem para oeste, em seguimento aos próprios braços do delta, pelo cordão insular da, Madeira, Itacuruçá, Furtada, Jaguarão e Marambaia, flanqueado pelas ilhotas do Gato, das Cobras, do Martins, de Maria-Miz, Bonita, da Vigia e do Bernardo. O conjunto dêsses fragmentos de muralha azóica agindo como barragem, orientou a massa de detritos para os contornos orientais do grande morro da Marambaia, então isoladamente em pleno mar, acumulando-os ali em possante volume.

Foi quando entrou em cena a corrente litorânea, iniciando a elevação sôbre o nível das marés, das areias vindas da cordilheira. E a longa marcha dos quarenta quilômetros da restinga iniciou-se normalmente em direção à ponta de Guaratiba, onde, em parte, os sedimentos posteriores despejados pelos rios levantaram uma série de ilhotas envolvidas por canais que impediram a soldagem do pontal ao continente.

A convexidade externa da restinga em seu têrço anexo àquela ponta, indica o efeito de pincel da corrente externa premindo a



Fig. 4 — *Aspecto geral das restingas no sul do Paraíba, vistas de avião*
(Aerofoto KAFURI)

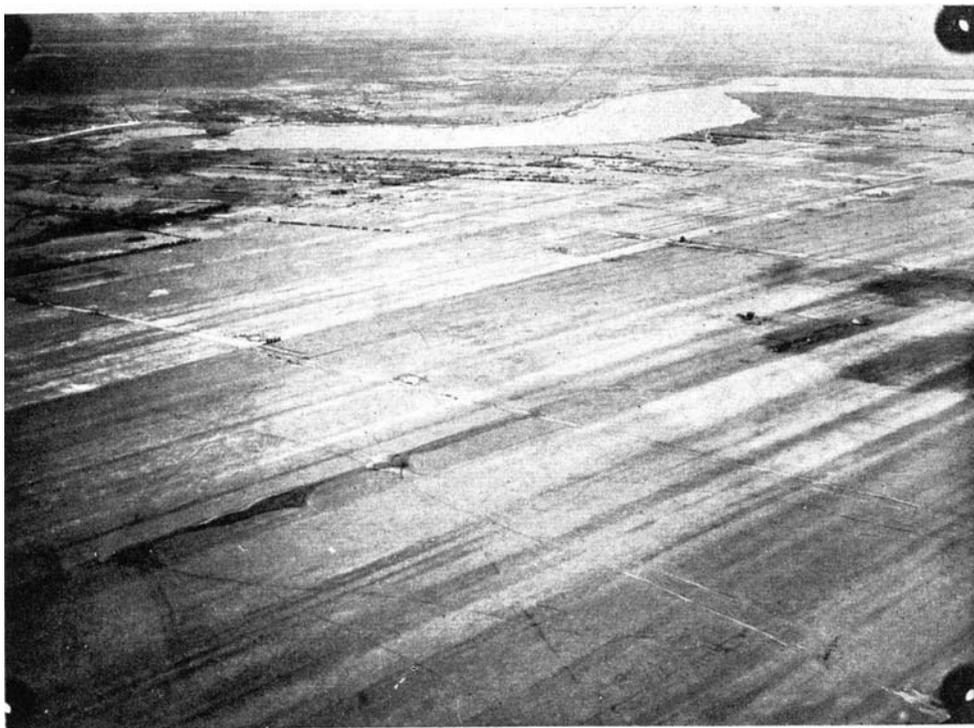


Fig. 5 — *A natureza trabalhar com tira-linhas*
(Aerofoto KAFURI)

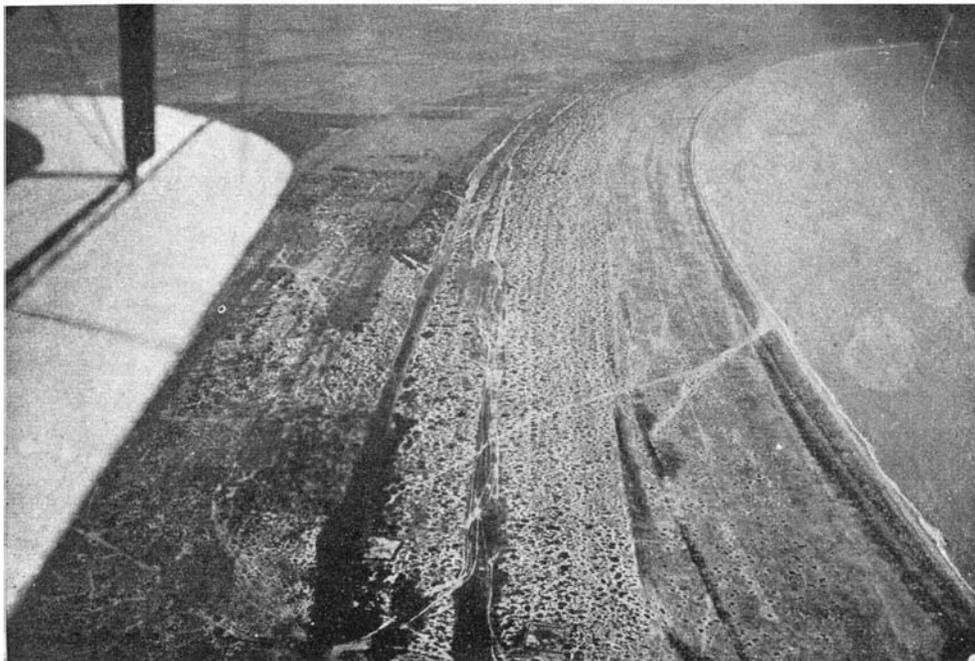


Fig. 6 — A planície 'p restingas ao norte do Paraíba na enseada de Gargaú
(Aerofoto KAFURI)



Fig. 7 — A mesma planície em sua extremidade setentrional, nas proximidades da foz do Guaxindiba, já muito estreita pela vizinhança do mar dos tabuleiros que se vêem ao alto.
(Aerofoto KAFURI)

língua de areia para o norte, por ter ai essa corrente maior velocidade com a aproximação do cabo que contorna, o qual reduz a secção do feixe circulante.

Fechada dêste modo a Sepetiba, a a ç ãdos ventos periódicos em suas águas tranquilíssimas ocasionou o desdobramento da corrente interna em circuitos fechados secundários, formando-se por meio dêstes o esporão da Pombeba e a pequena baía da Marambaia. Guardamos a explicação de tais circuitos internos motivados pelos ventos para quando estudarmos a Araruama onde o fenómeno assume aspectos impressionantes no seccionamento da grande laguna.

Perguntar-se-á porque restingas idênticas não fecharam as duas portas de acesso a costa fluminense bem mais estreitas, entre o morro da Marambaia e a ilha Grande, e, entre esta e a ponta da Joatinga, igualmente isolando as enseadas de Maiigaratiba e de Angra-dos-Reis. É que a barragem do cordão insular não permitiu, como vimos, a passagem dos sedimentos fluviais dos rios Guandu e Itaguaí, e que em todo o seguimento dessa costa para oeste, nenhum rio descarrega detritos que bastem para alimentar o processo. Sòmente a oeste de Santos é que os sedimentos do Hguape e de seus afluentes que roem os quartzitos da Paranapiacaba fornecem novamente abundância de material arenoso para a formação das restingas que se alongam para Cananéia.

No litoral fluminense, porém, de Mangaratiba a Parati, sòmente pequenos cursos que pulam de salto em salto, despenham-se da cordilheira rente ao mar, aterrando os vales submersos dessa costa esfrangalhada, — tôda rôta de recôncavos, marginada de ilhas inúmeras e selvagem de promontórios agrestes —, com as descargas intermitentes de seus pesados detritos que a violência das enxurradas arrancou aos vales altos e bravios encharcados intermitentemente sob a máxima pluviosidade.

Por isso é que vemos em nossas cartas batimétricas as curvas de nível de 20 metros penetrarem nessas duas enseadas. --- cuja vida é ainda muito longa —, contornando-as.

Em seus planos insondáveis a natureza não tocou nesse recanto, que é o mais belo do nosso litoral, conservando-lhe os contornos primitivos. O próprio mar com sua formidável ação construtiva não o isolou. Com seu indefensável poder destrutivo não o despedaça. Porque é numa incomparável tranquilidade lacunar que se espelha um velhíssimo cenário de montanhas, cujas fraldas descem escabrosas e pousam n'água como garras que encastoram relíquias coloniais, onde o espanto do desbravador paralisado ante a selvajaría da cordilheira enflorestada só agora começa a desfazer-se com as modernas vias de comunicação que a vão transpondo.

II. A LAGUNA

"A água fez-se mar, o mar tornou-se lago".
— GUERRA JUNQUEIRO: "A Morte de D. João",
11.^a ed., pág. 23.

"É mister que a Poesia se alie à Ciência, e
que esta se eleve até a Poesia". — HUMBOLDT.

Por mais que se adestrem estilos em claras ressonâncias de vocábulos, ou por melhor que se os esmerem de requintes preciosos, a descrição das grandes lagunas fluminenses que se alongam de Cabo-Frio à Guanabara desalenta o prosador.

Similarmente, a impotência do pincel é antevista, a não ser em pequenos motivos localizados. Pinturas que em conjunto reproduzam êsses vastos lençóis d'água onde os planos gradativamente se diluem e os frisos remotos e abatidos se dissipam em perspectivas aéreas reticentes, são de todo impraticáveis. O próprio marinheiro ali não tem um jôgo de volumes pela ausência de ondas nas lagunas inertes.

De tôdas a mais impressionante é a Araruama. Predomina ali a imensidão. Descortinos de horizontes amplos e esbatidos. Confins indiscerníveis sob as prodigiosas fulgurâncias de ampliações verdiluzentes. Coruscantes joalharias de lamínulas de espuma escamadas às miríades de uma água azul ferrêze quando a raspa o sudoeste. Deliquescências metálicas irreproduzíveis. Mistérios de neblinas esfumantes. Tonalidades imprecisas de manhãs anacardas sob estrias de ouro pálido. Fogueiras de poentes que esbraseiam ouro fulvo. Planícies líquidas sacudindo chispas ao toque fantasmagórico de luares refulgentes. Plúmbeas monotonias prenunciadoras de tormentas. . . Tudo é grande! Em escala enorme. As minúcias disseminam-se, insignificantes para a cenografia.

Sòmente o cinemacolor em amplo circular de objetivas e em rebuscões pelas enseadas maravilhosas poderá nos dar alguma idéia da realidade. Fora disto, só inexprimíveis sublimações poéticas. . .

1. A ARARUAMA

"Me Cabo Frio huma muy notavel, ou hu
muyto prodigioso sitio em toa aquecosta do Sul".
— "Santuário Mariano".

Quem vai a Cabo-Frio pela vez primeira a conselho de amigos deslumbrados com suas belezas naturais, tende a ir de mente prevenida. Tão grandes elogios de lá fazem, tamanho entusiasmo de lá trazem, que se é levado de antemão a precaver-se, freinando arroubos que em lugares outros menos belos momentâneamente nos enlevam em velozes excursões turísticas.

O turismo em grupos antecipadamente alegres dispõe-nos a ampliar as impressões de choque, recebidas com mudanças imprevisíveis de paisagens. Cria muita vez sugestões artísticas ilusórias, prontamente evanescidas por contactos repetidos com o cenário.

A praia de Cabo-Frio, porém, ultrapassa as descrições por mais minuciosas e arrebatadoras. A sua formosura é indescritível. Nem pena nem pincel poderão contar o que é aquela curva imensa de areais alvíssimos, como se o mar também por ali atirasse uma refinada salina gigantesca. Na extremidade norte, um morro peninsular que entra pelas águas a erguer no cimo as históricas ruínas do forte de São Mateus com seus enormes canhões de ferro a ostentarem a coroa real portuguêsã. Ma outra, ao sul, adumbram pesadamente as maciças elevações do cabo.

Ao longe na enseada, um mar de anil, inimaginável, salpintado de marolas brancas, que vindo para terra passa ao verde-azul e a um verde claro a diluir-se até chegar à praia numa tarja larga e transparente. Agua de piscina. **Rasa**, pura, salgadissima. Quem nela se banhe, anda por centenas de metros sôbre um piso cimentado. E por seus dezoito quilômetros marginaes, na maré baixa, correm os automóveis até o cabo em pista firme e lisa.

Praia porém deserta. Incompreensivelmente abandonada. Apenas dois ou três casebres e uma residência moderna atestam a presença humana. É que embora ótima estrada de rodagem ligue a cidade a Niterói, Cabo-Frio não estimula o veraneio com sua água potável côr de chá. Agua que não afeta a saúde pois dela sempre se serviu a população, mas que repugna ao forasteiro.

Transportes do liquido são regularmente efetuados de Niterói ou do Rio-de-Janeiro em barcos ou por estrada de ferro, mas não bastam. A canalização de boa água potável para Cabo-Frio, embora custosa, é problema urgente visto ser ali um alvo de turismo inigualável na costa brasileira, só rivalizado pelo famoso trecho de Itacuruçá a Parati, onde no espelho azul das baías serenas refletem tufos vegetais e se miram esguios coqueiros que se inclinam de ilhotas esparsas.

Mas Cabo-Frio também tem a Araruama, um dos mais singulares cenários da nossa geografia litorânea. Emoldurada ao norte, de colinas, em tôda a faixa marítima e meridional limita-a exclusivamente a longa restinga que a formou, vinda do outeiro de Saquarema e que de oeste a leste corre a ligar-se às elevações do cabo. São quase cinquenta quilômetros de praia, dez a mais que a do pontal da Marambaia.

Por todos seus contornos recurvos de enseadas branquejam lindamente, ao longo, as mêdas de sal. Por tôda parte à beira da laguna espalham-se os caixilhos das salinas onde os tanques de cristalização semelham vidraças enormes ali deitadas por mãos ciclópicas.

Paisagem completamente original para o brasileiro do Sul. Cataventos girando. Perfeita geometria de retângulos marginais. Alvura ofuscante de pilhas de sal. . . Por trás disto, a maravilhosa Araruama com tonalidades que deslumbram. A laguna lisa e espe- lhante sob as calmarias ou encarneirada pelos vendavais que estên- dem sôbre o imenso manto azul uma toalha de rendas de espuma, miúdas, cerradas, num contraste impressionante. A Araruama dos pequenos veleiros abarrotados de sal. A Araruama cheia de estrêlas ou de luar, pontilhada de longínquos lumarêus dos pes- cadores de camarão. A Araruama das cidades velhíssimas que vi- ram o Brasil de gatinhas; das igrejas e capelas dos primitivos fun- dadores; dos conventos históricos que guardam e eternizam em muralhas maciças a inamolgável disciplina dos religiosos que as fundaram, para nelas abrigarem em adequadas fortalezas as almas rudes e singelas de seus índios. A Araruama de jesuítas e francis- canos, de soldados-colonos e de piratas franceses, de goitacás e de tamoios, tôda ela vive nesses toscos monumentos primitivos: nos conventos de São Pedro e de Cabo Frio, na capelinha da Gula e na matriz da Assunção, nas ruínas do forte de São Mateus e da praia do Forno.

Como a planície campista, filha direta do massapê sedimen- tado pelo Paraíba, com seu açúcar deu origem a uma das paisa- gens humanas mais industriosas do Brasil, a planície líquida da Araruama, filha direta da restinga pela ação construtiva do mar, igualmente com seu sal, focaliza um dos cenários mais caracterís- ticos da cultura fluminense, onde o homem figura agigantado na conquista dos meios de viver.

O açúcar e o sal, tão semelhantes na brancura cristalina e tão imprescindíveis no consumo alimentício, expressam na Baixada os dois mais notáveis panoramas econômicos regionais. Ambos demonstram, com nitidez indiscutível, a diretriz dos fatores geoló- gicos e geográficos tangendo as atividades humanas para fins que a natureza aponta, e, ao mesmo tempo advertem com a sua histó- ria de lutas, da inutilidade de uma fuga a imposição do Meio. Sem a cultura da cana imposta ao homem pelas aluviões campistas e sem a exploração do sal excepcionalmente indicada na Araruama, não é possível hoje conceber-se a economia da Baixada em seus dois aspectos mais tipicamente característicos.

Vejamos agora como originou-se a grande laguna pela ação dinâmica do mar.

Um atento exame orográfico à sua margem setentrional mos- tra-nos que os cordões de morros a leste de São-Pedro-d'Aldeia não se dirigem para leste, como de supor, em continuidade à linha de serrotes que vem de Maricá. O seu rumo é antes para nordeste, como é bem visível na orientação da ponta dos Búzios e na do arquipélago costeiro. Ilhas e litoral abandonando a direção de oeste a leste do referido serrote e da contínua linha de praias do

Itaipuaçu ao Cabo-Frio, já flexionam paralelamente à costa que de Barra-de-São-João passa por Macaé.

Destaquemos como acidente sumamente curioso nessa região da Araruama, a pequena península que de São-Pedro adianta-se para sudoeste, penetrando a laguna vários quilômetros num estreito cordão de colinas gnáissicas. Relacionando-a com a orientação do arquipélago e a dos afloramentos cristalinos do cabo e da ponta dos Búzios, vemos que, também êstes testemunham cordões idênticos mas submersos e paralelos entre si.

Essa direção geral indica a preexistência de pontas emersas ou de escolhos à flor d'água que deveriam outrora necessariamente influir na direção das restingas, quando estas barras de areia começaram a ser depositadas. E é o que em realidade se vê.

Na estreita faixa de areias que separa a laguna do mar distinguem-se duas direções de restingas confirmativas da influência de cristas orográficas submersas no fechamento oriental da Araruama. Uma sedimentação de leste a oeste e outra de sudoeste a nordeste, bem claras em fotografias aéreas, apontam um desvio das correntes marítimas costeiras vindas dos limites de São-Paulo, — que já vimos formando a Marambaia e as restingas de Jacarepaguá, e que chegando à zona de Cabo-Frio se desviaram para a esquerda em paralelismo ao velho arcabouço azóico. É o que se nota em fig. 9, onde as restingas com a primitiva orientação acham-se recobertas pelas da segunda que completaram o aterramento ao se soldarem às ilhas do grupo do cabo.

Essa ligação, forçando a corrente a de novo seguir o rumo de leste, originou a longa restinga da Massambaba, a qual ajustando-se às sedimentações anteriores retificou o litoral, deixando poréni no contacto com as restingas mais velhas tôda tinha série de pequenos lagos entre as pontas de areia que se dirigiam para sudoeste, além de lagunas menores, como a de Pernambuco, na zona mais ocidental da barra arenosa e marítima da Araruama onde apenas a primeira direção da corrente, a de oeste a leste, prevaleceu.

Entretanto, a união da tarja de restingas ao cabo atual trouxe localmente um pequeno desvio da corrente para sudeste a fim de o contornar e de novo poder seguir o rumo de nordeste. Com isto, deu-se naturalmente um estreitamento da secção do feixe circulante, — como no caso da ponta de Guaratiba —, com aumento de velocidade. Daí se explica a permanente abertura do canal profundo entre a ilha do farol e o cabo, denominada Boqueirão, que apesar de estreito não puderam as restingas entupir.

A segunda série de restingas orientadas de sudoeste a nordeste se deve a sedimentação da planície que fecha a laguna da cidade ao cabo, entre o qual e a ponta de São-Mateus uma nova pequena corrente originada pelo contacto da primeira com águas paradas, lindamente arredondou numa concavidade a famosa praia do Pontal.

Foi esta a origem da Araruama. O que porém a torna extraordinariamente singular entre as demais lagunas, e, ao mesmo tempo lhe dá essa importância incalculável na economia fluminense é a sua ligação perene ao Atlântico. E isto se deve a um fenômeno de tamanha invulgaridade na hidrografia litorânea e tão contrário aos processos da formação das restingas que bem o pode denominar: "o milagre geológico do Itajuru". Porque sob a análise de nossas investigações geológicas e ante o que sabemos da salinidade da Araruama a existência desse canal é inconcebível. "A planície de *restingas* onde assenta a cidade de *Cabo-Frio* deveria estar soldada ao continente.

Pelo que já vimos e ainda adiante veremos, no fenômeno geológico da gênese das *restingas* o poder construtivo do mar é tão forte que somente os rios de vulto podem a custo dominá-lo, manter o as suas fozes abertas por um constante volume d'água capaz de impedir as formações da barragem. Em cursos menores, embora de bacia grande como o Guaxindiba, o rasgão da embocadura é intermitentemente fechado pelo atêrro erguido pelo mar. Todo o pêso d'água da lagoa Feia que recebe rios da cordilheira é impotente para vencer o dique natural da barra do Furado.

Ora, entre as causas predominantes na grande salinidade da Araruama, — como esposemos ao estudar a sua indústria saliniera —, uma das maiores é o insignificante volume d'água dos pequenos cursos que nela desembocam. Outra, é a vaporização em sua enorme superfície varrida por ventos periódicos, a ponto de tornar a laguna bem amarga além de certo ponto em que as marés não chegam.

Daí o deduzir-se praticamente a estagnação da laguna, sem acréscimo de águas pluviais que requeiram um escoamento para o mar, única razão de ser de uma barra perene e sobretudo de um canal tão longo e permanentemente aberto. As marés seriam incapazes de por si manterem os 3 quilômetros desse caminho d'água até Cabo-Frio e que prolongado até a ponta dos Macacos perfazem dezesseis, visto que, em grande número de lagunas regionais notadamente na Maricá, na Jacaré e na Saquarema, em lugares onde apenas são separadas do mar por algumas dezenas de metros, a elevação do mar não consegue abrir-lhes um contínuo veredouro.

Observe-se ademais que, embora e contrariamente ao caso da Araruama, tôdas essas lagunas recebem águas de rios suficientes para com o seu volume abrirem fozes permanentes, necessitando desde recuados tempos históricos a mão do homem a fim de lhes dar periodicamente saídas artificiais.

Por isso é que a singular anomalia da Araruama não provém exclusivamente da explicável hipersalinidade das águas do mar nesse litoral, — águas cuja transparência em contacto com a terra,

só pode ter um símile nas ilhas coralinas que sobem das solidões oceânicas —, compreensível numa costa isenta de embocaduras de rios.

Para nós essa anormalidade, — com tôda a sua imensa repercussão econômica na indústria salineira, — liga-se ao problema genético do Itajuru, incognita hidrografica só explicável pela geologia dinâmica. A sua margem arenosa e sulina tortuosamente paralela ao lineamento oposto e continental, mantém-se apoiada em dois pegões de rocha, ambos antigas ilhotas separadas da terra firme por brechas estreitas. Dois talhos apenas no maciço gnáissico, pelos quais passava o mar que por êles continua a passar conquanto agora canalizado Um, na barra da Ganiboa onde um curte limpo entre penedos lhe abre diretamente a bôca para o Atlântico. Outro, entre o morro da Guia e um pontal fronteiro à cidade que é transposto atualmente pela ponte Feliciano Sodré.

Isto explica a origem do Itajuru. O canal já existia como lagoa de restinga antes da formação da planície que de sua margem direita se estende para o sul até a Massambaba. A êstes dois morros o da Guia e o de São-Mateus, ilhotas outrora isoladas do continente por canais profundos, se deve tôda a riqueza salina da Araruama. Dois insignificantes acidentes geográficos. Mas sem êles que firmaram as restingas paralelamente aos velhos recortes da terra firme o canal de Itajuru não existiria. A planície arenosa por sua mobilidade genética ter-se-ia ligado ao continente.

Êsse canal é pois uma verdadeira laguna de restingas permanente aberta para o mar. E essa laguna estabilizada pelas rochas dos dois morros é que afinal canaliza as marés para a Araruama, constantemente alimentando-a de novas águas carregadas de sal Sem o extraordinário Itajuru a localização singular da Araruama em frente a mares puros seria inútil do ponto de vista salineiro A laguna com o tempo tornar-se-ia salobra ou secaria por fatalidade natural.

Obra prima da engenharia natural! Em tôda a nossa experiência nada vimos tão elevadamente planejado pelo dinamismo dos fatores geológicos Êsse canal, essa laguna e êsse mar excepcionais, imprescindível qualquer um aos outros dois para a utilidade humana, de tal modo se engrenam e ajustam em prodigioso mecanismo hidráulico e num recanto exclusivo do Globo que, à mais rígida e fria análise científica somos levados a cogitações transcendentais. Dir-se-ia que a Natureza pensa!...

Porque a essa rara conjugação de elementos geográficos resultantes de fenômenos geológicos é que devemos todo o sal da Araruama.



Fig. 9 — *Cruzamento de restingas entre a laguna de Araruama e o mar, indicando uma dupla e intermitente direção das correntes que sedimentaram as línguas de areia (vide mapa geológico)*
(Por gentileza da Aviação Naval).



Fig. 10 — A barra da Gamboa que liga o canal de Itajuru ao mar. Em sua margem direita existiu a famosa "Casa de Pedra" edificada pelos corsários franceses, com cujos destroços o governador MENELAU entulhou a barra.

(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)

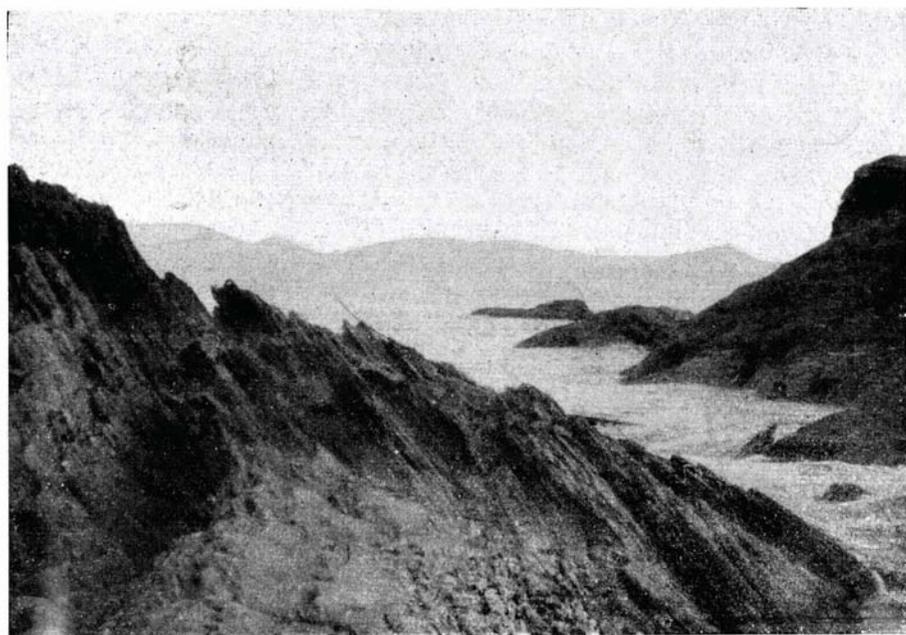


Fig. 11 — Camadas de anfibolito nas vicinhanças do forte de São-Mateus em Cabo-Frio. A orientação das camadas facilitou a penetração do mar.

(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)

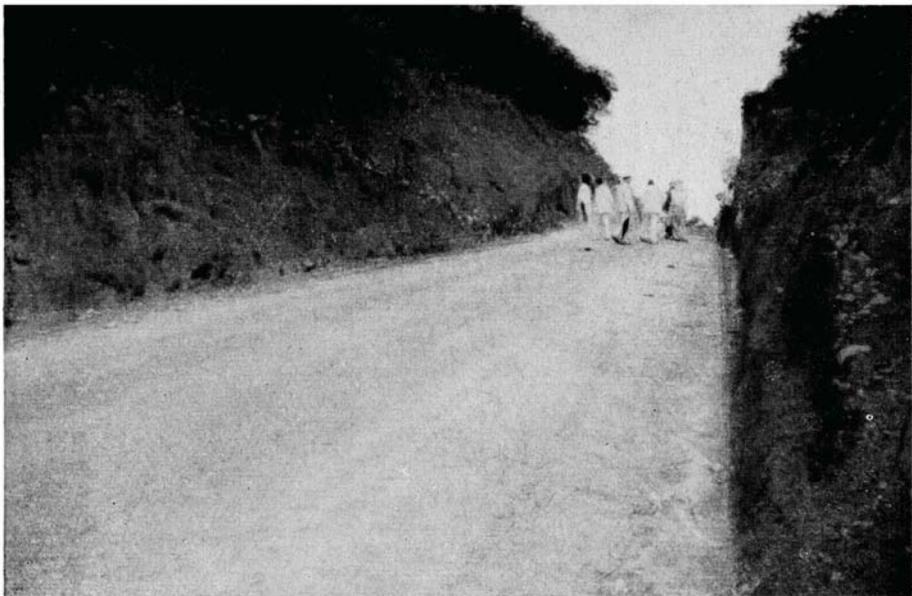


Fig. 12 — Camadas de seixos na estrada Niteroi-Campos nas vizinhanças de Araruama
(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)



Fig. 13 — Os mesmos seixos da figura anterior. apresentando por vèzes formas bastante irregulares.

(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)

2. PETROLOGIA DA ARARUAMA

"Até nas pedras se encontra o que admiramos" — ANCHIETA: "Cartas", Rio, 1033, pág 128

Acabamos de ver como as restingas edificaram a Araruama, encaixilhando um pedaço do lindo mar que ali batia livremente outrora a demolir um bordo continental dismantelado em ilhas, agressivo de promontórios e esburacado de enseadas. Completeemos agora a descrição com uma breve análise petrográfica das rochas cristalinas dêsse bordo, rigidamente ali firmadas em épocas geológicas anteriores e cujas pontas e fragmentos insulares ofereceram à ação construtiva do mar sólidos pegões fixativos dos sedimentos arenosos para a configuração atual do quadro da laguna.

As rochas primitivas regionais dessa velha costa anteriormente escalavrada pelas ondas, hoje invulnerável no interior da laguna porém vivamente ainda atacada pelo mar nas ilhas costeiras, no pontal do cabo e desde o São-Mateus aos Búzios, são gnaisses granitizados geralmente mesocráticos. No morro de São-Mateus no entanto, domina um anfíbolito muito negro e laminado, cujos constituintes são hornblenda, plagioclásio — andesina-labradorita —, quartzo, magnetita e titanita, e cujo mergulho e direção variáveis indicam fortes tectonismos que arrebetaram as camadas facilitando por diáclases a ruptura pela qual afundou-se a beira atualmente submersa dêsse trecho do antigo continente.

Êsse fraturamento na costa gnáissica deve ter igualmente corrido, pela formação de zonas quebradiças, para um mais ativo ataque das vagas. Daí essas numerosas pequenas angras brocadas no velho bordo e em sua maioria hoje encerradas nas lagunas.

As rochas gnáissicas dessa costa são em geral um tanto claras, de grã média e já bastante decompostas a não ser nos relevos montanhosos. Nas faixas de altitude baixa ou média raras são porém as boas exposições devido a espessa cobertura da camada do solo.

Ao ir de São-Pedro a Campos-Novos a rodovia corta uma dessas zonas de fraca altitude. Após uma larga planície de sedimentos recentes entre a serra Sapiatiba e o morro do Milagre, sobe-se um estreito divisor peninsular entre os pantanais do afluente do Una e os dêste rio. Dir-se-ia que estamos em plena região de tabuleiros, tal a pequena altitude e a superfície plana. O solo, muitas vêzes arenoso, lembra o de certos tabuleiros sanjuanenses ou os campistas das vizinhanças de Travessão.

Essa aparência todavia, se desfaz nos cortes da rodovia que ao galgar as suavíssimas elevações dá no tópo com um gnaisse granítico extremamente decomposto. A estrutura fisiográfica regional tem assim os característicos de um peneplano onde as típi-

cas ondulações azóicas da Baixada são deprimidas a cotas de poucos metros exibindo apenas longas bossas quase tabulares.

De São-Pedro a Araruama a rodovia também corta uma zona de topografia semelhante porém mais acidentada, projetando espigões que avançam laguna a dentro em pequenos cabos pitorescos, entre os quais se abrigam encantadoras enseadas.

Nesta faixa os cortes da estrada são mais profundos, em argila vermelha e em geral com grandes camadas de seixos intercalados e alinhados a vários metros abaixo da superfície. A primeira vista parecem seixos rolados e em verdade alguns apresentam aspecto arredondado que poderia indicar uma origem sedimentar. Um olhar de geólogo, porém, logo os distingue dos típicos seixos longamente trabalhados por águas correntes e tão característicos dos leitos de torrentes e rios de montanha.

O que aqui temos são antes pequenos boulders de quartzo, muitos dos quais bastante irregulares e nos levando a pensar no famoso drift de AGASSIZ e de HARTT que reconheceram tempos glaciais em Idade Moderna no Brasil.

As camadas de seixos da margem continental da Araruama poderiam aparentemente relacionar-se a semelhantes ocorrências que assinalamos em outros pontos do território fluminense e no próprio Distrito-Federal onde um violento período de erosão poderia explicar a sua origem em zonas mais acidentadas. É mais admissível, todavia, tê-las neste caso atual como resultantes de uma decomposição *in-situ*, dado o caráter do solo tipicamente residual que as envolve.

Não cremos totalmente inaceitável o admitir-se que fragmentos dos veios de quartzo possam arredondar-se, não perdendo os contornos poliédricos e descascando à maneira dos boulders graníticos cuja forma comumente reproduzem em reduzida escala. A decomposição do gnaisse sendo mais rápida que a destruição dos veios de quartzo por fratura e descascamento deixaria os seixos expostos na massa de argila vermelha.

Com tal hipótese não queremos entretanto ocultar a dificuldade que surge, ao tentarmos explicar o frequente horizontalismo das camadas de quartzo. Poder-se-ia sugerir o caso de veios intercalados em camadas de mergulho muito fraco, ou mesmo admitir-se o possível afundamento regular dos seixos por movimentos telúricos vibratórios através de longos espaços de tempo. Em verdade, porém, sobre este ponto ainda nada sabemos. Vários foram os autores que anotaram a disposição destas camadas de seixos em diversos pontos do escudo azóico brasileiro e até hoje nenhuma clara explicação de sua origem lhes foi dada.

Nas massas gnáissicas regionais são comuns os veios pegmáticos, ocorrência aliás geral no nosso Sistema Azóico. Assinalemos

também nessa região da Araruama, sobretudo no morro de Itati-quara, o fenômeno da esfoliação que já descrevemos na Guanabara.²

A ocorrência de rochas eruptivas básicas e filonares assume em Cabo Frio aspectos interessantíssimos, por sua indireta influência na fisiografia, fato não previsto por dois dos melhores observadores, aliás mais concentrados noutros problemas de interesse técnico. MÁRIO DA SILVA PINTO e RAIMUNDO RIBEIRO FILHO, em seu magnífico estudo *sobre* o sal da Araruama dizem o seguinte: "Os diques que vimos dessas rochas são de pequena espessura, — o maior encontrado tinha 4 metros, e só dobraram, o gnaïsse muito localmente; *a sua influência sobre a fisiografia foi também muito diminuta*, e só os morros da Guia e do Telégrafo podem ser atribuídos a êles: são oriundos da mesma intrusão de diabásio que levantou o gnaïsse e que lhes constituiu o espigão. Verificamos que êles se apresentam quase sempre no quadrante N-E, nas vizinhanças de 45°, parecendo que é *esta a direção da linha de menor resistência do gnaïsse*".³

A frase final dos abalizados pesquisadores confirma o que dissemos *sobre* a tectônica regional dos cordões orográficos. Há evidentemente uma linha de fraturas com essa direção, comprovada pelos diques paralelos. E, se tais diques por si exerceram diminuta influência fisiográfica, o mesmo não se aplica ao sistema de fraturas, responsáveis pela estrutura geológica regional que nos deu a configuração dos limites continentais, posteriormente retocados pelas restingas. De tal sistema resulta pois *tôda* a fisiografia atual. Foi êle que orientou o afundamento da aba continental, deixando na orla marítima pontos de apoio costeiros ou insulares, nos quais vieram as restingas ligar-se, como vimos, completando a delimitação terrestre planejada pelo tectonismo anterior.

As rochas intrusivas dêsses diques são anfíbolitos, diabasitos e basaltitos. Outras eruptivas petrográficamente mais interessantes, por mais raras, são os foiaítos. Foi DERBY quem primeiro as descreveu.

Em seu trabalho fundamental em que anuncia a então inadmissível intercorrência de texturas das mais diversas num mesmo magma consolidado, há uma curta exposição dos afloramentos foiaíticos desta zona.

"Em Cabo-Frio, uma ilha rochosa de cêrca de três milhas de extensão e de 400 metros de largura, é composta quase exclusivamente de foiaíto de dois tipos distintos, ao menos abundante dos quais refere-se o professor ROSENBUSH que bondosamente associou por estudos microscópicos estas rochas a um augita-sienito nefelínico. Um único ponto da ilha é ocupado por massa considerável de tufo feldspático. A costa do continente vizinho é composta de

² LAMEGO, Alberto Ribeiro — *Escarpas do Rio de Janeiro Rio*, 1938

³ SILVA PINTO, Mário da, e RIBEIRO FILHO, Raimundo: *A Indústria do Sal no Estado do Rio Bol* n.º 52 do Serv Geol e Min do Brasil. Rio, 1930; pág 22.

gnaisse, cortado por numerosos diques de fonolito, anfibolito, diabásio e outras rochas".⁴ Promete-nos o autor para esta zona mais minuciosa descrição, da qual infelizmente não temos notícia.

O eminente geólogo dá para essas rochas uma idade permiana, correlacionando-as aos centros eruptivos de Tinguá, Caldas e Fernando Noronha. Porém os autores de *A Indústria do Sal no Estado do Rio* discordam dessa opinião. "Não julgamos suficientemente firmes, as bases para uma asserção desta natureza; a ausência de terrenos sedimentares em tôrno de quase todos êsses pontos, a falta de derrames intermédios, a distância exagerada entre alguns dos centros e também a falta de estudos petrográfico e químico suficientemente detalhados, nos inspiram reservas para o estabelecimento de uma correlação segura".⁵

Mau grado a nossa admiração pelo mestre, concordamos com os dizeres dos autores, ao mesmo tempo que exporemos a nossa opinião sôbre a idade dos foiaítos brasileiros, parcialmente já impressa em trabalho anterior."

EUSÉBIO DE OLIVEIRA, estudando uma das numerosas variedades de rochas do magma foiaítico, -- o jacupiranguito --, "veículo das magnetitas titaníferas", atribuiu-a ao Permo-Carbonífero.⁷

MORAIS RÊGO também relega ao Permo-Carbonífero as eruptivas nefelínicas de São-Paulo.⁸ Quanto ao magma sódico de Santa-Catarina, o mesmo autor o dá como do Carbonífero.⁹ BETIM PAIS LEME considera o Itatiaia como Post-Permiano,¹⁰ com o que não concordamos. DJALMA GUIMARÃES por fim, conclui pela filiação das rochas nefelínicas ao magma basáltico do sul do Brasil. Em estudos sôbre uma brecha hidrotermal de cimento fonolítico com xenólitos de arenito do rio do Rasto, e, posteriormente afirmando a atuação do magma de Poços-de-Caldas sôbre o arenito de Botucatu, considera êle essa intrusão como eojurássica.¹¹

É do mesmo petrógrafo, a seguinte citação após estudos em amostras dos rochedos São-Pedro e São-Paulo, no Atlântico equatorial: "Fiz referência as idades prováveis admitidas para a atividade vulcânica de rochas alcalinas no Brasil e que correspondem ao intervalo Permo-Triássico. Entretanto, a observação de fragmentos an-

⁴ DERBY, Orville A. — *On Nepheline Rocks in Brazil with Special Reference to the Association of Phonolite and Foyaite* Quarterly Journal of the Geological Society, Aug 1887, pág 458

⁵ SILVA PINTO, Mário da. e RAIMUNDO RIBEIRO FILHO — *Obi cit.*, pág 23

⁶ LAMEGO, Alberto Ribeiro — *O Maciço do Itatiaia e Regiões Circundantes* Bol 88 do Serv Geol e Mineralógico, Rio, 1938

⁷ OLIVEIRA, Eusébio de — *Épocas metalogênicas do Brasil* Bol 13 do Serv Geol e Min., Rio, 1925, pág 124

⁸ MORAIS RÊGO, Luis Flores de. — *A Geologia do petróleo no Estado de São Paulo* Bol 46 do Serv Geol e Miner do Brasil, Rio, 1930

⁹ MORAIS RÊGO, Luis Flores de — *Jazida de magnetita de Anitápolis* Bol 21 do Serv Geol, pág 17

¹⁰ PAIS LEME, Alberto Betim — *Notas geológicas sôbre o maciço do Itatiaia* Bol n° 1 do Museu Nacional, Rio, 1923, pág 33

¹¹ BARBOSA, Otávio — *Resumo da geologia do Estado de Minas*. Serv Geol e Geogr de Minas Gerais, Bol 3, págs 23-24

gulares de rocha fosfática contendo amônea, em um tufo vulcânico, levou-me a admitir uma nova fase de atividade vulcânica explosiva que ficou explicitamente indicada pertencer a período muito mais moderno. Basta considerar que, tendo os desejos animais sofrido metamorfismo hidrotermal, êste fenômeno já teria que ser considerado de idade mais moderna que o Triássico. Assim seria possível que a formação de depósito fosfático e a posterior deposição de cinzas vulcânicas, se tivessem passado do Terciário para cá".¹²

LUCIANO DE MORAIS liga a formação dessas ilhotas a de outras ilhas atlânticas, tais com Açôres, Madeira, Cabo-Verde e Fernando-Noronha.¹³ Poderemos acrescentar a da Trindade.

De tôda esta exposição é forçoso admitir diversas épocas eruptivas para êsse magma no Brasil. "Desde os rocalitos e sienitos sódicos do Nordeste, colocados por LUCIANO DE MORAIS no período Câmbrio-Silúrico,¹⁴ até as rochas alcalinas cenozóicas das ilhas atlânticas, passamos por diversas fases eruptivas no Carbonífero Superior e no Eojurássico.

Não será pois por simples objeto de especulação científica, mas partindo de observações geomorfológicas, admitir para a erupção do magma foiaítico do Itatiaia, — aparentemente relacionado à formação das bacias terciárias —, uma época imediatamente anterior a deposição dêstes sedimentos, isto é, o Cretáceo Superior ou mesmo o Pliocênio".¹⁵

A presença dos diques básicos na região invoca a relação achada por DJALMA GUIMARÃES entre o magma foiaítico e as rochas basálticas do Sul. As rochas do clã alcalino seriam dêste modo contemporâneas das basálticas. E isto nos leva a uma hipótese mais admissível sôbre a idade dessas rochas no litoral presentemente em estudos.

O bordo continental e azóico que emerge na região entre o Cabo-Frio e os Búzios, embora corroído de enseadas entre espigões pontudos, resulta de um sistema de fraturas paralelas, algumas das quais enchidas de veios básicos efusivos, com dominância de rochas foiaíticas na ilha do Cabo que também se alonga na mesma direção sudoeste-nordeste, — a mesma dos diques e do litoral. A região oposta do velho continente submergiu, partida segunda a mesma orientação.

Ademais, a lógica induz-nos a aceitar um sincronismo para ambos os fenômenos. A beira continental rachada mergulhou ao mesmo tempo que a ascensão do magma se dava, entupindo as fraturas na massa gnáissica. Um mesmo tectonismo é portanto responsável

¹² GUIMARÃES, Djalma — *Rochas provenientes dos rochedos de São Pedro e São Paulo An da Ac Bias de Ciências*. tomo IV, n.º 2, Rio, 1923, pág 6

¹³ MORAIS, Luciano Jacques de — *Estudos geológicos no Estado de Pernambuco Bol 32 do Seiv. Geol e Miner*, Rio, 1938, págs 27-31

¹⁴ MORAIS, Luciano Jacques de — *Seitas e montanhas do Nordeste Insp Fed de Obras contra as Secas Rio, 1924, vol II, pág 48*

¹⁵ LAMEGO, Alberto Ribeiro — *O Maciço do Itatiaia e Regiões Circundantes* Pág 37

pelos diques e pelo afundamento. E nada incita-nos a admitir uma origem recuada para tal submersão.

Examinando-se os sedimentos terciários costeiros que são vistos desde o norte do Brasil até o sul de Macaé, somos naturalmente inclinados a tomar como limite sul de tais sedimentos a região de Cabo-Frio, pela sua **inexistência** a oeste desse canto. O **tectonismo** que causou aquelas fraturas deve portanto ser o mesmo que, mais ao norte recuando o litoral, permitiu a deposição das camadas de tabuleiros, tidas como do Terciário Superior. Conclui-se pois que, as rochas **foiaíticas** de Cabo-Frio não irromperam no Paleozóico como queria DERBY, mas **sim** em fins do Cretáceo ou mais provavelmente em princípios do Terciário.

A mesma conclusão, como expusemos, já havíamos independentemente chegado ao estudarmos o maciço do Itatiaia também por nós atribuído a essa Idade.

3. A SAQUAREMA

"Subimos a colina ao pôr-do-sol: que **cena** grandiosa e sublime contemplamos **então**! A nossa frente, o oceano imenso espumando nos sopés do monte em que estávamos; à direita, nos longes do horizonte, as montanhas do Rio; mais próximo, o longo litoral recortado, e, mais perto ainda a Ponta Negra; atrás, a serra coberta de matas que se estendem também até a Baixada, e, de permeio, a **vasta** superfície espelhante do lago. Aos **nostros** pés a "freguesia" de Saquarema, e à esquerda, a costa, aonde as vagas vinham rebentar num tremendo rugido". — **Príncipe** MAXIMILIANO DE WIED NEÜWIED — "Viagem ao Brasil". Trad. Rio, 1940, **pág** 58

Na Araruama, o que deslumbra é a imensidão. Os olhos prendem-se à beleza espetacular das águas desfraldadas, transparentes e ricas de galas policrômicas. Na Saquarema o que nos fascina é a suavidade de paisagens tranquilíssimas, a delicadeza de cenários amáveis, a fugacidade sedutora das nuances.

Há porém nela maiores contrastes **paisagísticos** ao destacar-se a laguna dos relevos serranos que, ao norte, maciços e elevados, saltam mais empinadamente da Baixada a ondular em morrotes vindos à beira d'água.

Cintam-na ao sul praias muito rasas e **rechãs** alagadiças, onde as perspectivas elásticas, retraem-se esbatidas em neblinas ou indefinidamente se alongam **sobre** as restingas, tremulando em reverberações longínquas.

Apenas com um **têrço** da Araruama em extensão costeira, a Saquarema é mais apreensível a uma visão sinteticamente panorâmica. Da estrada que a cidade vem de Bacaxá já bem se pode apreciá-la. Mas é sobretudo do cimo do outeiro de Nazaré, pedestal e

mirante ali **pôsto** pela natureza à disposição do turismo, que ante **nós** se desenrola um grande espetáculo arrebatador.

Ao longe, a noroeste, **sôbre** as águas polidas, surgem aglomerações tufosas verde-negro. Pontais arborizados entram na lagoa e salientam-se como ilhotas entre concavidades deprimidas. Há por ali **surprêsas** de ineditismos florísticos. Boscagens minúsculos que dir-se-iam plantados **n'água**. Fantasias decorativas de lochs escocesas em latitudes tropicais.

Conquanto bem menor que a grande laguna das salinas, a **Saquarema** é mais acolhedora. Mais acessível à sensibilidade artística. Ali não nos envolve e desespera o inatingível, por sentidos maravilhosos de hiperestésias sublimadoras. **O** infinito dos grandes **cenários** da **Araruama** transformista de belezas naturais e em **mutabilidade** permanente. A Saquarema é mais humana em suas limitações de graça pitoresca. E todo **êste** painel delicadamente suavizado é também obra exclusiva do poderoso dinamismo do mar.

Antes da retificação do litoral pelas restingas, três enseadas aprofundavam-se ali no bordo continental, entre o morro de **Nazaré** e a Ponta-Negra. Uma delas, a mais ocidental, isolou-se formando a lagoa de Jaconé. As duas outras encerram hoje as lagoas de Fora e do Uruçanga que, em conjunto, constituem a Saquarema. Entre ambas, — separadas outrora por um cabo entre os dois seios de mar —, apertam-se as lagoas do Boqueirão e do Jardim. **Tôdas elas** se intercomunicam por um sistema de canais.

Tôda a área que cinge as primitivas enseadas e que limita os contornos setentrionais da Saquarema é constituída de gnaisses **graníticos**, a não ser em vales **aluviônicos** de pequenos rios **embreados** e em trechos marginais **cintados** de rechãs. Em sua margem ocidental beirada pela estrada de automóvel, essas rochas envolvem

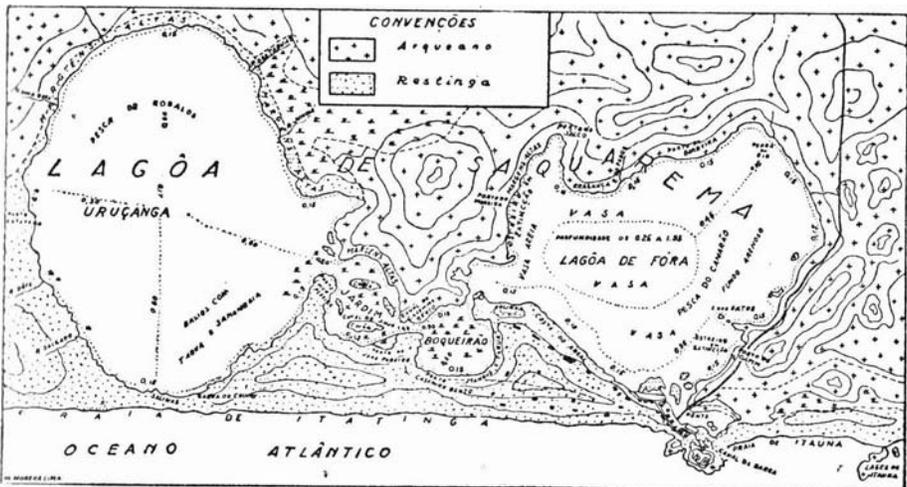


Fig. 14

a lagoa de Fora quase até o mar, chegando ao canal periódicamente aberto para o Atlântico.

Transpondo êsse canal entra-se logo na cidade, que marginalmente à laguna, estende as suas duas fileiras de casas baixas e antigas. Por trás dela, o singular outeiro de Nazaré, de mesmas rochas que a outra margem, ergue-se entre areais batidos pelas ondas. Para leste dêsse penedo a praia de Itaúna vai ligar-se à de Massambalsa que segue em rumo a Cabo-Frio. Para oeste, a de Itatinga indo à barra da Jaconé e prolongando-se daí até Ponta-Negra. Entre esta praia e a laguna estendem-se as restingas.

A gênese da Saquarema deve-se aos mesmos fenômenos que originaram a Araruama. Uma língua de areia vinda da Ponta-Negra progrediu até dar com o rochedo de Nazaré, fechando as enseadas e formando as lagoas de Jaconé, do Uruçanga e de Foi-a, ligadas primitivamente entre si numa só laguna. De maneira idêntica porém ao que se passa na Araruama com o seu atual fracionamento, a ação dos ventos intermitentes a soprarem do sudoeste e do nordeste produziu correntes internas formadoras de esporões que a dividiram.

A Jaconé, isolou-se completamente, restando apenas como indício da ligação inicial caminhos d'água, temporários entre baixadas de restingas. Entre o primitivo pontal da Itatinga e as enseadas de leste, porém, os esporões impelindo as areias para o norte não conseguiram ainda rematar a obra unindo a faixa de restingas ao cabo entre as lagoas de Fora e do Uruçanga, não obstante a presença de três daquelas pontas arenosas que ensacam entre si as lagoas do Jardim e do Boqueirão.

Contrariamente a Araruama que não recebe rios capazes de diminuir a sua salinidade, contrabalançando a concentração das águas pela vaporização, vários cursos que defluem na Saquarema e o menor tamanho desta a tornam doce ou quando muito salobra em épocas de estiagem pela, infiltração do mar.

Seu fundo é incrivelmente raso dado o atêrro que há milênios se processa pelas descargas dos rios que ali chegam e que, impossibilitados de atingirem o mar precipitam seus débitos nessas águas calmas. Em quase tôda a área da lagoa de Fora a profundidade é inferior a meio metro, e, só na zona central cotas de metro e meio foram alcançadas. O mesmo se dá com a Uruçanga, onde profundidades de sessenta centímetros são comuns, e, daí para baixo, raramente ultrapassando um metro.

Como tôdas as grandes lagunas a Saquarema é muito rica de pescado. Adiante veremos como às pescarias se deve a, rala comunidade das suas restingas, que há trezentos anos por ali entrou fixando-se nos areais e que ainda hoje permanece hereditariamente quase a mesma, em seus casebres e palhoças, fatalista quando as caiajas regressam vazias do mar porém satisfeita com a fatura da laguna que lhes enche os puçás do camarão e as canoas de robalos.

Os vinte quilômetros de restingas litorâneas não nos inteiram das riquezas paisagísticas da laguna fracionada. De seus recantos setentrionais somente são obtidas visões parceladas das várias lagoas. Para que se alcance pois, toda a beleza da Maricá é preciso percorrê-la por água desde a cidade a Ponta-Negra. Tortuosamente navegar por seus canais que flexionam para todos os rumos. Rogar-lhe as velhas falejas dos pontais, vermelhas e cortadas a pique:

Similarmente ao que se dá em Cabo-Frio, êsses pontais se esgalham do grande serrote divisor que de oeste a leste corre pelos limites setentrionais do município, projetando espigões para sudoeste e para o sul. E tais espigões é que entre si acolhem várias enseadas pitorescas na paleografia regional, hoje enclausuradas na laguna.

A primeira, murada a leste pelo espigão da Ponta-Negra forma a lagoa de Guarapina, alimentada pelos rios Doce e Bananal. Contra semelhantes projeções colinosas é que a restinga ensacou a lagoa do Padre, e, logo a seguir, numa profunda penetração, a da Barra da qual se passa à de São-José do Imbassá ou Maricá propriamente dita. Finalmente, a oeste dessa lagoa, a grande abertura que já assinalamos empantanada, ia limitar-se contra o paredão serrano que, do Falso Pão-de-Açúcar ruma para nordeste e forma o Alto-do-Moirão, o morro do Telégrafo e a serra da Tiririca.

Neste poderoso acidente é que afina! termina de súbito a depressão costeira das grandes lagunas que vêm de Cabo-Frio nuni bem definido quadro geográfico de características exclusivamente suas, e somente apartado da Guanabara por outro menor que do mar se vê encaixilhado entre o aludido paredão e outro similar já na divisa com Niterói, no qual entre relevos altaneiros se alastram quase ao nível do Atlântico as lagoas de Itaipu e de Pirapetinga.

Desde a Ponta-Negra até a grande baía nota-se pois que, todas essas angras endicadas pelas restingas e transformadas em lagunas nada mais são que fossas tectônicas entre espigões do maciço litorâneo, ramificados para o mar em pequenas cristas dirigidas para o sul e o sudoeste e que originam bacias de altos declives.

Por essas brechas descem rios que, embora secundários muito contribuíram por sua viva erosão para o aterramento dos vales de raízes submersas naquelas enseadas.

Vargedos amplos aterrados por tais cursos pejados de sedimentos surgiram assim para a agricultura e a criação. Os mais notáveis são os do rio Mumbuca e os de seus afluentes Ubatiba e Itapeteú.

A êstes fatores geológicos é que deve a Maricá suas mais apreciáveis lavouras de cana e seu maior número de engenhos de açúcar e de aguardente do que os dos outros municípios do mesmo quadro geográfico litorâneo, bem como as grandes pastagens nas extensas varjarias marginais a laguna. Entretanto, a êles também

se devem as periódicas inundações que devastam essas preciosas planícies, somente aliviadas pela intermitente abertura de um canal no cômodo da lagoa da Barra.

Canal precário e continuamente obstruído pelo mar que de novo o fecha, recompondo a restinga, o que levou o Departamento da Baixada a talhar na rocha da Ponta-Negra uma saída perene, judiciosamente aproveitando o exemplo da natureza que nesta tosta só permite embocaduras estabilizadas em pontos rochosos.

Mencionando a cultura da cana de açúcar, é necessário contudo esclarecer que, não foi devido as suas aluviões que a zona economicamente engrandeceu, ou pelo menos se tornou famosa. Não foi o rio e sim a restinga que notabilizou Maricá.

Embora sejam os 200 pescadores da sua colônia parcela mínima entre os 9 000 das 17 colônias de pesca do Estado-do-Rio, a tonelagem de peixe dali anualmente exportada para o entreposto do Rio-de-Janeiro iguala um têrço do total de tôdas as pescarias na costa fluminense. Quase dois mil contos rendeu a sua produção em 1940.

Foi a restinga que, aprisionando a laguna piscosa e criando um meio hostil e inadaptável a cultura, treinou êsses gigantes do mar nas praias da Maricá.

5. OS "ESPORÕES"

"As características topográficas de tôdas as paisagens são, portanto o resultado de uma luta incessante que se tem prolongado através dos tempos até a época presente" — ARTUR NOLMES: "A Idade da Terra" Trad port, pág. 15.

Nas linhas precedentes interpretamos a origem das lagunas e descrevemos a base petrográfica de rochas cristalinas que possibilitaram a sua formação. Apontaremos agora os processos que tendem a destruí-las, desta maneira completando o seu ciclo evolutivo.

Tôdas essas lagunas tendem a desaparecer, aterradas com as descargas dos rios que recebem. Aos poucos irão passando a pantanais, e, posteriormente a grandes campinas onde as águas reduzidas concentrar-se-ão em pequenas lagoas e charcos esparsos.

Há porém um fenômeno de mais rápida atuação que tende a fracioná-las transversalmente por barras de areia de origem semelhante a dos pontais, crescendo porém aqui não em águas do mar agitadas por ondas mas na imobilidade aparente das grandes toa-lhas lacustres.

A êsses pontais secundários no interior das lagunas demos o nome de "esporões" pela sua analogia com recurvos e pontudos esporões de galo.

Já os vimos na **Marambaia** formando a pequena península da Pombeba. Exemplos outros podem ser anotados no fracionamento da **Maricá** e da **Saquarema**. Não sabemos porém de casos mais notáveis que os da **Araruama**, onde essas línguas de areia magnificamente representadas mostram de maneira inequívoca a destruição da laguna por cissiparidade. A **Araruama** é um exemplo vivo para os compêndios, do retalhamento final das grandes lagunas costeiras por meio de pontais.

A formação dessas línguas de areia tem sido vagamente interpretada como resultante da intermitente atuação dos ventos dominantes, — o Nordeste e o Sudoeste —, que sopram as areias das restingas da **Massambaba**. Tal ponto de vista, porém, peca pela ambigüidade.

Basta um olhar a carta da laguna para se ver que tais direções de correntes aéreas incidem normalmente ao rumo seguido pelos esporões, isto é o de sueste para nordeste, exatamente oposto. A luz da Mecânica uma tal resultante é inadmissível.

Ademais, um estudo analítico e morfológico desses esporões revela em seus contornos alisados, sobretudo na extremidade em formação e em marcha laguna a dentro, uma evidente origem por correntes líquidas marginais reproduzindo em escala menor o mesmo processo que levanta as restingas. Objetar-se-á talvez que a movimentação das águas é por demais lenta para arrastar areias. Mas neste caso quem as deposita são as ondas. As correntes atuam como um pincel traçando as longas curvaturas.

Torna-se também visível que, essas correntes tendem cada vez mais a se isolarem em circuitos fechados a medida que os esporões progridem, determinando assim contornos circulares as futuras lagoas seccionadas quando a primitiva laguna é bastante larga. É o caso da **Araruama** cujo lado marítimo é todo êle de enseadas arenosas que de oeste a leste se sucedem.

Temos uma primeira entre a ponta do **Capim** e a das **Marrecas**. A seguir, a de **Praia-Sêca**, quase fechada por um curiosíssimo cruzamento de esporões que partem das pontas das **Marrecas** e das **Cobras**, as, quais vem juntar-se do norte o esporão da ponta do **Anzol**. Indo-se mais para leste, há que contornar quatro grandes enseadas consecutivas, — a da **Tiririca**, da **Figueira**, do **Fundinho** e do **Tucum** cujas longas praias curvilíneas unem-se nas pontas do **Ingá**, das **Coroinhas**, da **Acaíra**, da **Massambaba** e dos **Macacos**. Para além desta ponta, onde a lagoa é reduzida pela planície de **Cabo-Frio**, ainda as praias de **Perinas** de **Siqueira** e a enseada **Marta**, expoem a mesma procedência.

Exemplo também dos mais frisantes do seccionamento das lagunas é o de **Saquarema**, embora neste caso já fôsse a laguna primitivamente dividida por um cabo que, da margem setentrional se projeta de norte a sul entre as lagoas de **Fora** e do **Uruçanga**. Uma passagem ampla unia entretanto outrora os dois seios simétricos

da laguna. Porém dois esporões dirigidos para o norte reduziram a abertura a duas lagoinhas, — a do Boqueirão e a do Jardim —, ligadas entre si e às lagoas maiores por canais.

Um dos fatos observados mais interessantes na formação destas lagoas fracionadas é a tendência dos esporões a buscarem como peções extremidades opostas de cabos. A ligação parece preconcebidamente planejada, como se uma engenharia gigantesca de antemão a delineasse. Má como que uma atração visível de pontas que se procuram de margens opostas. O esporão caminha como a visar uma fronteira saliência de rocha firme igualmente penetrante na laguna. Nota-se dêste modo uma simetria de margem para margem nas enseadas e nos cabos que se defrontam, conquanto de uma banda se veja a costa, antiga e corroída de angras fósseis, e da outra, coracavidades geolôgicamente juvenis das praias que se arquejam entre os pontais em marcha. Qual a significação dessas coincidências?

A hipótese de formação eólica dos esporões jamais no-la poderia dar. Mas a das correntes internas tudo esclarece. É que tais correntes não se ajustam unicamente as concavidades da margem meridional e arenosa da laguna, mas também, por motivos originais idênticos aos das margens setentrionais e elevadas. O circuito tende a fechar-se. Há como que rastos rodamoínhos isolados na laguna, de limites ajustados as concavidades das margens opostas.

Dêste modo, os esporões formados por tais correntes tendem naturalmente a acompanhá-las, encurvando as suas extremidades em busca das pontas opostas de terra firme que dirigem os feixes líquidos circuiantes, obrigando-os a penetrarem nas enseadas roçando-lhes o friso das praias. Por isso é que êles andam à procura de cabos e não avançam a êsmo lagoa a dentro. Por isso é que as pontas das línguas arenosas que emergem lentamente a medida que crescem se dirigem para as saliências opostas.

Exemplos didáticos são os da Saquarema onde a ponta do Chico-Pereira foi ajustar-se exatamente onde termina a curva da margem setentrional da lagoa de Uruçanga, outrora uma angra cavada no litoral colinoso. Dir-se-ia que neste caso uma corrente a circular pelas margens da lagoa arredondou-a completamente. Mas foi somente a margem do sul que ajustou-se a do norte pré-existente.

O mesmo fenômeno vê-se repetido na lagoa de Fora, conquanto nesta o trecho de restingas de seu bordo se reduza a costa do esporão entre a cidade de Saquarema e o pôrto do Jirau.

É porém na Araruama que essa busca de pontas firmes e opostas é mais visível. Com o avanço do pontal, podem se dar entretanto mudanças no circuito das correntes, motivadas pelo próprio seccionamento da lagoa. Deve-se a isto o citado encontro de três esporões entre as pontas do Anzol, das Marrecas e das Cobras, devido ao isolamento de circuitos nos limites ocidentais da grande laguna.

Também o saco da cidade de Araruama tende a transformar-se em lagoa circular, pelo avanço do esporão da ponta do Matias. A ponta das Coroinhas busca a da Peça, e um futuro lago elíptico, é já prefigurado nesta zona.

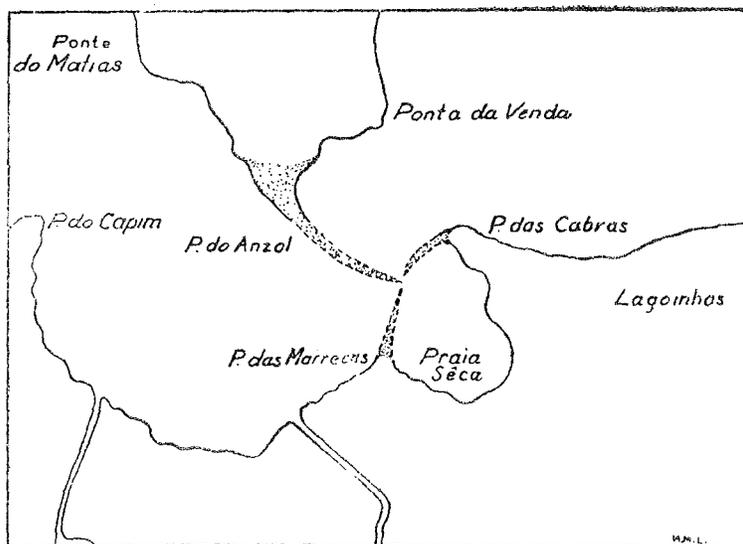


Fig 16

Com o esporão da Acaíra, parece de maneira idêntica ter-se dado um desvio no feixe circulante. Essa, longa ponta arenosa, a maior da Araruama, aparenta haver sido inicialmente projetada em direção a ponta das Andorinhas. Condições outras, porém, nascidas com o seu prolongamento, indicam a mudança do rumo do cordão ponteiro para a quina ocidental onde começa a enseada de Iguaba Pequena.

A circulação de correntes na enseada de São-Pedro-d'Aldeia, fechada pela Península azóica que corta a laguna até a ponta dos Cordeiros, motivaram a ligação por uma língua de areia da ilha do Chico-Marques ao continente.

Já na ponta da Massambaba, fotograficamente ilustrada em fig. 17, deu-se uma parada no esporão em marcha. Este pontal, ao nascer provavelmente em algum escolho à beira interna da restinga litorânea, rumou para noroeste como os outros. As correntes provocadas pelos ventos no vasto espaço lacustre que a seu norte se alarga, devem ter sido influenciadas pela península de São-Pedro-d'Aldeia. Não é improvável que, correntes marginais a essa península conjugadas as que sobem da Praia-de-Sudoeste tenham atuado por convergência sobre a ponta de Massambaba, paralisando a marcha do esporão. Condições desconhecidas no leito da laguna poderão também ter pôsto fim ao seu avanço. Profundidades maiores por exemplo.

De qualquer maneira, porém, essa ponta após haver andado até ali, estacionou relativamente à direção primitiva do movimento, mas prosseguiu desviada inesperadamente para o sul.

A ponta, ao contrário dos outros esporões que se apresentam cada vez mais afilados à medida que progridem, tem a forma de um gancho virado para o sul, e da extremidade desse gancho é que o novo esporão se vai agora estender fechando o saco do Fundinho.

O cabo ao alto e à esquerda da fotografia ainda apresenta um pequeno vestígio de prolongamento, parecendo porém atuado por correntes de norte a sul que impedem seu avanço. A direita da figura, todavia, o gancho continua a prolongar-se, e ali se pode apreciar com nitidez como se forma um esporão.

A partir de seu enraizamento nesse gancho a língua de areia começa a emergir aos pedaços, encurvada levemente para oeste. Esses fragmentos do novo esporão, destacados em traços grossos e brancos centralizam uma faixa esbranquiçada que a um tempo revela a largura do futuro cordão que surge e a sua já diminuta profundidade quase à flor das águas.

Os limites dessa faixa, à esquerda, são imprecisos. Mas à direita, uma linha contínua e branca denota um pequeno barranco sob as águas indicando a passagem de uma corrente que, depositando areias sobre o estreito e longo banco lhe afila e prepara a futura margem, alisando-a. As areias são trazidas do norte onde a corrente costeia e raspa o já formado litoral do esporão. Vemo-las ali sendo removidas no côncavo de uma enseada minúscula.

Os efeitos do Nordeste nas águas da laguna são visíveis nas estrias paralelas a esquerda da fotografia. Aparentemente, os efeitos contrários do Sudoeste ao encontrar a lombada convexa do pontal bifurca duas correntes. Uma que torce para o norte a ponta ocidental do velho esporão, vendo-se ao alto da fotografia o fundo raso das areias que se curvam numa faixa esbranquiçada. Outra é desviada para o sul, indo contribuir para sedimentar o novo cordão que aos poucos emerge.

A ação direta do vento não pode pois explicar o mecanismo da formação dos esporões, só bem compreendido pela ação indireta. São as águas movimentadas pelas correntes aéreas e não estas, as causadoras dos interessantes pontais de areia que seccionam as grandes lagunas. A maior extensão da Araruama e à sua menor proteção pela ausência de um contínuo serrote elevado em sua margem setentrional, — como na Maricá e na Saquarema —, devem-se os mais característicos efeitos desse dinamismo com mais acentuada projeção de longos esporões que não puderam ainda subdividir a laguna devido a sua largura, mas certamente acabarão por a retalhar, caso o homem no próprio interesse não intervenha com a sua engenharia, temporariamente dominando as forças naturais conjugadas num fatal dinamismo geológico para a constante mutação das formas geográficas.

III. O PANTANAL

"Em sua estagnação arde uma raça
Tragicamente, à espera de quem passa
Para abrir-lhe, às escâncaras a porta

E eu sinto a angústia dessa raça ardente
Condenada a esperar perpétuamente
No universo esmagado da água morta!"

AUGUSTO DOS ANJOS: "O Pântano". "Eu e outras poesias" 3ª ed. Rio, 1928, pág. 208

A função geográfica da restinga entre o Una e o Macaé produz efeitos paisagísticos diferentes das duas outras laterais: a das imensas planícies arenosas ao norte do último destes rios, e a das lagoas, da ponta dos Búzios para oeste. Destaca-se ali um estádio evolutivo intermediário com a presença de enormes pantanais.

Tudo indica ainda os mesmos processos observados entre Cabo-Frio e o pico da Marambaia, com isolamento de braços de mar. Esses lagos foram porém aterrados, e o que hoje vemos deles são as imensas planícies embrejadas do Una, do São-João, do rio das Ostras e do Macaé.

Na zona do Una esses grandes pântanos parcialmente saneados penetravam terra a dentro em grandes sacos abertos para oeste e sudoeste entre as colinas da Baixada com os nomes de Ramalho, Pai-Alexandre e Trimumum, indo a cerca de vinte quilômetros da linha litorânea. As restingas entre o Una e o São-João nada mais fizeram que isolar uma antiga depressão marinha conduzindo a seu dessecação.

Para o norte, esses tremedais ligam-se ao rio São-João pela vala da Foz da Pedra que corre no centro de uma grande e extinta lagoa de restingas limitada a oeste por terrenos altos.

Tôda esta zona de pântanos foi barrada do mar por uma tarja de planícies de restingas que começa a dois quilômetros ao sul da foz do Una.

A uns 1 500 metros ao norte desse rio em Campos-Novos, após a travessia da vala do Marimbondo, entra-se nessas planícies cuja largura atinge um pouco adiante a cerca de cinco quilômetros a contar da costa, indo para leste até os citados brejais da vala da Pedra.

A característica essencial destas planícies, às quais mais por-menorizadamente aludiremos ao tratar da flora, é serem elas singularmente enflorestadas. Corta-as pelo meio o rio Gargoá, evidentemente um caminho d'água a testemunhar uma antiga lagoa de restinga ligando os pantanais do Una ao rio São-João, no qual vai desaguar a cerca de um quilômetro da embocadura.

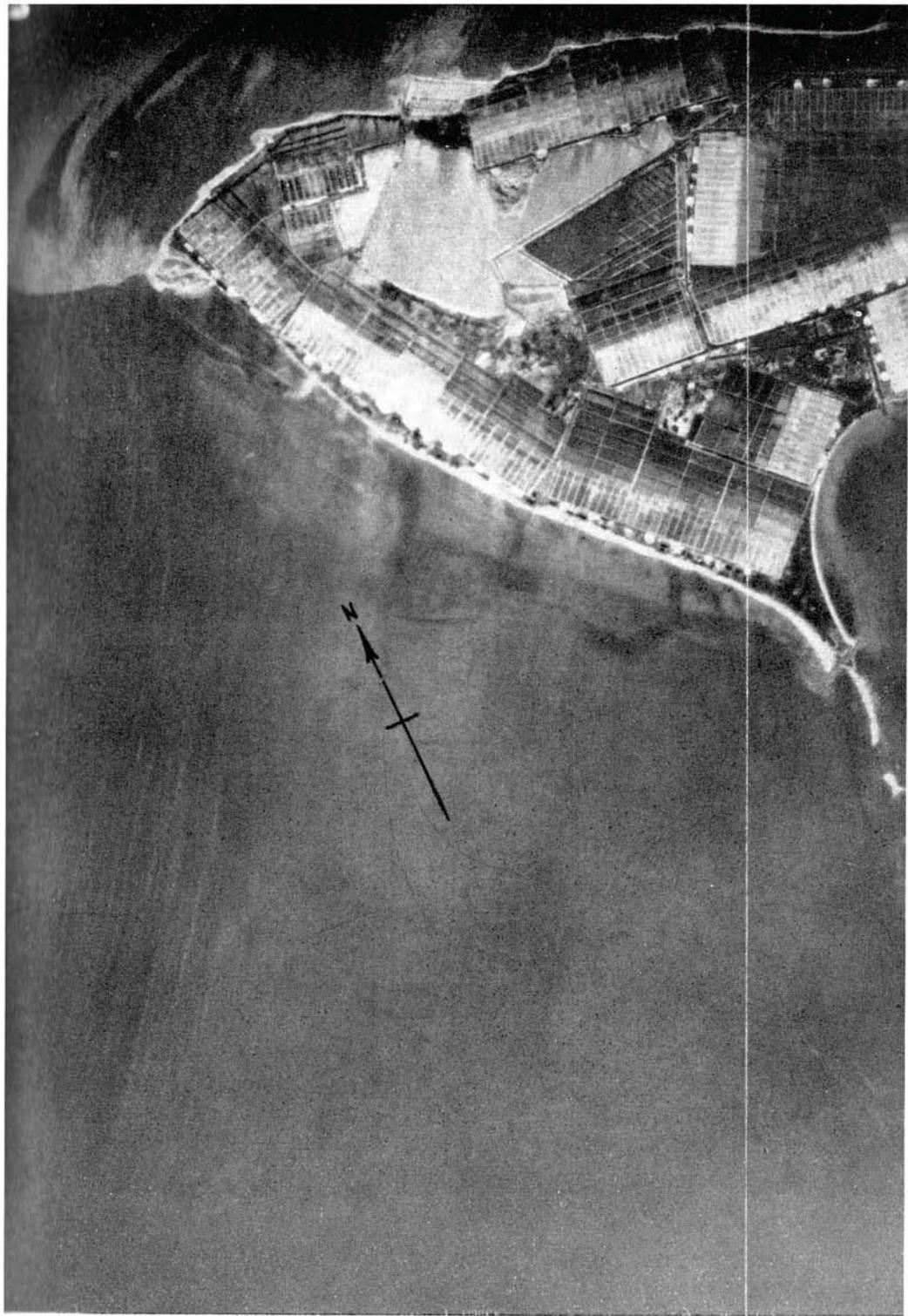


Fig. 17 — *Um esporão em formação ao sul da ponta de Massambaba, na Araruama. Note-se geometria das salinas.*

(Por gentileza do Instituto Nacional

Tôda esta zona cedo foi desbravada com a fundação da fazenda de Campos-Novos pelos jesuítas,¹⁶ apresenta urna singularidade geofísica responsável pela má qualidade de sua água potável. Trabalhos ali efetuados pelo Serviço Geológico e Mineralógico revelam que, se de um lado o mar penetra nos cursos d'água salobra elevando-lhes o nível, por outro, o perfil do embasamento gnáissico regional inatacado pelos agentes superficiais, paradoxalmente mergulha da costa para o interior. O lençol aquífero é dêste modo contaminado pelo mar que ali se infiltra subterrâneamente saturando em lugares de água salgada até as rochas sub-superficiais e tornando precárias as possibilidades de água doce mesmo em poços

Assinalaremos que, a nosso ver, êsse fenômeno não é apenas local e peculiar a bacia do Una, mas sim generalizado por extensas regiões da Baixada-Fluminense, notadamente pelos fundos da Guanabara onde os grandes pantanais que marginam a cordilheira parecem igualmente indicar um afundamento maior da crosta por falhas, do que nos bordos atlânticos. Dir-se-ia ter-se verificado a mesma ocorrência nas bacias do São-João, do rio das Ostras e do Macaé.

As restingas da foz do primeiro dêstes rios fixaram-se na margem esquerda de uma antiga ilha de granito porfiróide a base de ortósio, microelina e quartzo com muito pouco plagioclásio e tendo como constituintes acessórios magnetita e apatita. — Neste penedo assenta a pitoresca igreja e o velho cemitério onde jaz enterrado o maior filho das restingas: CASIMIRO DE ABREU.

Ainda há uma dezena de anos, outra pequena ilha, a do Telégrafo, adornava e dividia a embocadura do São-João. O mar, porém, com sua ação construtiva ligou-a por um tómbolo ao morro do cemitério neste curto espaço, fechando uma das bôcas do rio. E embora de aparência delicada e muito estreita, essa restinga basta para conter a pressão dupla das águas fluviais e das marés impedindo o São-João para uma saída única. (Figs. 93, 94 e 95).

As planícies de restingas marginais a êste rio pouco se alastram para o interior. Na margem direita afastam-se elas do litoral ainda cêrca de meia légua. Na esquerda, porém, não vão além de um quilômetro da praia, terminando em pântanos e alagadiços forrados de tabatinga e hoje drenados pela vala do Brejo-Grande.

Esta vala que contorna o morro de São-João unindo-se à da Sapucaia já na bacia do rio das Ostras, mais uma vez mostra o grande poder da restinga como barragem, alagando vários quilômetros de largura de rechãs até aquêle pequeno maciço isoladamente em relêvo na planície, com mais de 700 metros de altitude.

¹⁶ Campos Novos é hoje propriedade da família HONOLD

¹⁷ *Trabalhos geofísicos — Aplicações dos métodos elétricos*, por MARCK MALAMPHY, H. GAPPER A DE SOUSA, IRNACK DO AMARAL e DÉCIO ODDONE Bol. n.º 81 do Serv. Geol. e Mineralógico, págs. 38-49

Conquanto inapreciáveis à primeira vista os efeitos dessa baragem foram tremendos. Poucos rios da Baixada sofreram tão perniciosa influência do endicamento pelas restingas como o São-João. Por várias dezenas de quilômetros de seu curso, da foz para montante, é êle marginado de brejais imensuráveis. Morros como o São-João, o da Ipuca e o da Sobara, semelham de longe ilhas na paisagem deprimida. O grande pântano do Alvarenga com duas léguas de extensão e três de largo, forçou o traçado da Estrada de Ferro Leopoldina a um longo arco entre Casimiro-de-Abreu e Poço-d'Anta, e ainda por numerosos quilômetros prolonga-se êle rio acima pelo pântano da Pelonha marginalmente ao Maratuã e entre altas morrarias que se entroncam ao sul de Friburgo num galho da cordilheira.

Quem atravessa essa região tenebrosa por estrada de ferro, o que guarda apenas na memória são montanhas negras de florestas ou capoeiras e incomensuráveis tremedais. Cenários primitivos de rudeza indescritível. Raríssimas cabanas deploráveis, perdidas sobre encostas de sapêzais. Poço d'Anta, é uma insignificante serraria, três ou quatro casinholas e uma capelinha em ruínas. Juturnaíba um amontoado de casebres sórdidos quase a tremerem de maleitas conquanto à beira de um lago encantador.

Em tôda essa região abandonada em que o espírito se acabrunha com tamanha desolação, é essa a Única nota que nos maravilha pelo inesperado com que nos assalta: a lagoa de Juturnaíba. A lendária Nhetoronia-aba ou Nhetoranga-aíba do cronista, cuja etimologia é "lago medonho" ou "mal-assombrado", outrora tão temido por seus horrendos ururais,¹⁸ e que hoje nos enleva, fascinante e soberba com suas limpas águas entre margens colinosas, lembrando a lagoa de Cima, em Campcs, encaixada entre tabuleiros.

Formada como esta de dois rios, — o Bacaxá e o Capivari —, o lago originou-se da própria barragem de aluviões do rio São-João no qual despeja, no ponto onde êle ao vir da zona serrana inflete para nordeste aos meandros, em busca da foz longínqua a mais de cinquenta quilômetros ainda por entre pantanaís.

Da embocadura dêsse rio para nordeste a planície arenosa continua, porém agora mais desnuda. A floresta das restingas do Gar-goá sucede a vegetação típica dos cerrados. Até a foz do rio das Ostras nenhum curso vara êsse endicamento que aos poucos se alarga para dois quilômetros. Chega-se então ao pequeno arraial a um canto de outra belíssima enseada.

Em Rio-das-Ostras também, uma pequena e linda ilhota enfeitada de coqueiros foi ligada ao continente pelas restingas. Outras aguardam no mar o mesmo destino enquanto o rio com a embocadura firme naquele rochedo, — onde enormes ostras que lhe deram o nome são ainda abundantes —, é reduzido a poucos metros

¹⁸ LAMEGO, Alberto — *A Terra Goitacá*, vol 1, págs 20-21

de largura em sua entrada no mar pelas restingas que vindas da ponta dos Pecados Mortais ao sul de Macaé o estrangularam. E logo atrás dessa foz, denunciando a barragem, alarga-se um sacco a ser entupido por futuras aluviões trazidas da serra.

Em Pecados-Mortais o gnaisse entra no mar. Rochedos ásperos destacam-se da elevação na qual finda a planície arenosa, lambidos pelas ondas agitadas. E daí à foz da lagoa de Imboassica as restingas desaparecem. As rochas cristalinas profundamente decompostas afloram pela costa numa série de barreiras vermelhas mordidas pelas vagas que nelas cavam tôda uma sucessão de minúsculas reentrâncias tarjadas de areias.

É a primeira costa de falejas a partir dos Búzios.

A seguir, a lagoa de Imboassica nada mais é que o próprio rio dêste nome endicado por uma língua de areia transposta pelas altas marés. Tem ela uns três quilômetros de extensão por um de largura, e é rica de siris.

Da lagoa até a ponta de Imbetiba, em Macaé, a costa é uma restinga sob a qual, próximo à extremidade setentrional da Imboassica, em uma mina de areia da Leopoldina, notam-se camadas de arenito ferruginoso, bem estratificado e mergulhando suavemente para o mar, do qual teremos adiante que falar.

Essa restinga tem agora uma légua e forma sucessivamente as praias dos Cavaleiros e dos Campistas. É de largura limitada a poucas centenas de metros sendo muito bem definidas internamente em Cavaleiros contra uma série de falejas fósseis de lombadas típicas. Por êsse contacto correm justapostas a estrada de ferro e a rodovia até proximidades de Macaé onde a velha costa de falejas afasta-se do mar deixando entre si e o cômodo da praia, a planície de um antigo brejo dessecado.

Para os que a um lance de vistas queiram perceber o mecanismo das restingas na retificação do litoral, com todos os fenômenos de barragem dos cursos d'água, nenhum ponto a um tempo nos apresenta facilidades de acesso e tão compreensíveis exemplos da ação construtiva do mar que a cidade de Macaé. Ali temos o caso típico de um pontal que, sem a grandeza da Marambaia nos permite ver com clareza inexcusável o represamento de um rio. Além de um tómbolo clássico na praia de Imbetiba, duas ou três subidas aos morrotes da cidade imediatamente esclarecem a maneira como um arquipélago é soldado ao continente pelas restingas e como velhos pântanos por trás delas originados pelo endicamento pouco a pouco vão enxugando com os detritos argilosos precipitados de águas fluviais.

Como se dera em outras zonas da velha costa fluminense o mar ali penetrava outrora numa concavidade de uma légua de abertura entre os morros da cidade e as pequenas elevações do Barreto, afundando-se por uns quatro quilômetros para o interior. Os morros de Imbetiba, do Cajueiro, do Forte e os rochedos da foz do rio eram

ilhas próximas à costa, conquanto anteriormente envolvidas por camadas do arenito dos tabuleiros que forravam todo êsse fundo de mar.

Já assinalamos que a marcha das restingas nessa região processou-se em sentido inverso ao da formação da Marambaia e das lagunas. A planície de Carapebus originou-se de correntes vindas de nordeste para sudoeste, apoiadas na velha costa de falejas que desde a península de Quiçamã segue o mesmo rumo e gradativamente se aproxima do mar.

Dêste modo, no Barreto, onde as elevações da costa fóssil descem numa ponta para o sul, a planície de repente afunila e se reduz a uma estreita faixa arenosa que isola do mar imensos pantanais e alagadiços internos. Próximo à cidade, na praia dos Pescadores, o que dela resta é um simples cômodo afinando-se em pontal estreito e longo que se encurva para a foz do Macaé

As conseqüências da formação dêste pontal dão-nos exemplo notável, — que adiante explanaremos —, de como, insignificantes acidentes geográficos por vêzes moldam tôda a evolução histórico-social de um grupo humano.

Por enquanto vejamos apenas qual a sua atuação fisiográfica na paisagem macaeense, através de seus efeitos sôbre o rio.

Ao passarmos pela embocadura do rio das Ostras indicamos a presença de uma ponta rochosa que, à semelhança do que se vê em Barra de São-João firma sòlidamente essa foz, e prometemos mais completa explicação da influência de tais penedos em litorais retificados pelas restingas ao chegarmos a Macaé.

Aqui, de fato, a ocorrência é singularmente modelar num caso típico, exemplificando a importância das pequenas ilhas numa costa em recuo pela deposição de fitas arenosas e emersas. Tais ilhas, conjugadas a rios de curso médio e com descargas de areia regulares é que dão a todo êsse trecho da foz do Una a do Macaé cenários de uma retaguarda litorânea já diferente dos que vimos na região da Marambaia e das lagunas e do que veremos mais ao norte pelas margens da lagoa Feia e do baixo Paraíba.

Na costa sul, a presença de pequenos rios com escassez de sedimentos originaram a formação de longos pontais distanciados do litoral e formados por cargas de areia trazidas pelas correntes. Desta maneira nasceram a baía de Sepetiba e as grandes lagunas de Cabo-Frio à Guanabara.

Ao norte, as grandes massas arenosas roladas pelo Paraíba, fazem com que êste rio avance rapidamente mar a dentro, mas com uma foz oscilante.

No Macaé, entretanto, as coisas passam-se diferentemente. As correntes formadoras de restingas chegam de nordeste, paralelamente a uma costa onde todos os cursos d'água já têm as embocaduras fechadas, não havendo portanto grande volume de areias transportadas. O próprio Macaé, rio de grandes pantanais, chega

à foz muito filtrado, através de dezenas de quilômetros de meandros que retardam a sua velocidade. Resulta, pois, que, o processo da formação de restingas, se não está paralisado por falta de material, marcha com lentidão desprezível relativamente a tempos idos.

Há todavia, sempre, certa quantidade de material arenoso descarregado no mar pelo rio, sobretudo nas enchentes, e que, dada a disposição da embocadura torcida em arco fechado é logo depositado pelas ondas na própria praia do Pontal.

Dêste modo, o pontal, bem mais curto antigamente, — visto que pela direção do baixo curso, o rio deveria escoar-se nas proximidades do Barreto —, continuou a progredir, alimentado de areias novas, manejadas pela corrente costeira.

Assim foi o Macaé torcido pela barragem, costeando-a como ainda o faz em frente à cidade, até que a sua margem direita conseguisse firmemente apoiar-se no rochedo em sua extremidade. Sòmente então pôde o rio lutar contra o endicamento da restinga.

A corrente costeira, porém, sempre viva, tende a permanentemente varrer as areias dessa praia em direção à foz, a fim de obstruí-la. Não o consegue dado o volume d'águas de contínuo escoamento e firmemente orientado pela polidez da margem direita. Mas nessa contínua luta o rio é estrangulado. E, como isto aumentou a corrente, a embocadura permanece aberta, e embora muito estreita, sulca um profundo canal de acesso a pequenos cargueiros e embarcações de pesca.

A violência da luta, agitando o mar, dilacerou as rochas da foz, transpostas outrora pelas ondas na maré alta e que vinham perturbar o escoamento do rio em seu ponto crítico. O sábio corretivo de urna pequena muralha, bastou porém para canalizá-lo para o norte, jogando-o contra a parte externa da restinga, que dêste modo mais se afila ainda sem contudo enfraquecer a sua contínua pressão contra a embocadura.

Como resultante dêsse estrangulamento, o Macaé alastrou-se não sòmente sòbre a depressão da velha enseada parcialmente aterrando-a com seus detritos, mas ainda encharcou para montante as suas margens sob imensos pantanais até cêrca de 30 quilômetros da foz, ao mesmo tempo que, represando o seu principal afluente, o rio São-Pedro, o pôs a divagar por 10 quilômetros sòbre uma extensa zona de paludes.

Este alagamento foi facilitado pela própria natureza dêsses vales — notadamente o do Macaé, acima de Neves —, que conforme já notamos, para muitos rios da Baixada, são vales tectônicos, de recente afundamento, com perfil transversal em forma de um U de base larga, onde os morros laterais comumente apresentam escarpas de falhas.

No que foi a extinta enseada, marginalmente aos derradeiros quilômetros do Macaé, desdobram-se hoje vastos mangues, sòbre

uma argila negra ricamente conchilifera e habitada por milhões de minúsculos caranguejos.

A presença d'êste solo é comum, por trás das restingas do vale do Una ao Macaé, onde a própria cidade nêle assenta, sôbre um antigo manguezal enxuto.

Vê-se pois que, sem o mecanismo construtivo do mar, mui outras seriam as condições topográficas locais. Foram o pontal da praia, dos Pescadores e os tómbolos dos rochedos da foz ao morro do forte e o d'êste à ponta gnáissica onde assenta o grande balneário da Imbetiba, que, murando o rio Macaé e compelindo-o a se alastrar por uma lagoa que outrora ocupava tôda a área da cidade, ocasionou a deposição dos sedimentos argilosos nessas águas sossegadas. Mangues cresceram nesse fundo aos poucos levantado que acabou secando.

Uma saída possível para o rio abria-se ainda entre o morro do Cajueiro e as elevações ao fundo da cidade, por trás da estrada de ferro. Já assinalamos porém esta baixada, igualmente fechada pelo cômoro da praia dos Campistas e dos Cavaleiros.

As restingas, dêsse modo, criaram, entre ilhotas capturadas por línguas de areia um cenário admirável para a localização de uma cidade portuária. Uma nova composição geográfica surge assim dos mesmos fatores geológicos que, sob uma paleografia costeira diferente nos deram ao sul como resultante a enseada de Sepetiba e as grandes lagunas litorâneas.

Regressando um momento agora à foz do rio das Ostras e à do São-João, verificamos o mesmo fenômeno. No primeiro dêles, o processo de captura de ilhas, foi semelhante ao do Macaé, sendo o pequeno rio Fortemente estrangulado contra um penedo na margem direita, como noticiamos ao passar por êle a primeira vez. Em Barra de São-João porém, a ilha em que se apóia o rio fica na margem esquerda, protegendo a embocadura que se alarga com o importante volume d'águas fluviais, tangido bruscamente para o sul ao longo de uma costa rasa e desprovida de pegões rochosos. Um pequeno desvio dessa foz para oeste, foi também notado com a recente ligação por um tómbolo da ilha do Telégrafo ao promontório da Saudade.

Constata-se pois, que, numa costa em recuo pela ação construtiva do mar, com presença de rios médios e com frequentes exposições rochosas de cabos ou ilhas vizinhas que não ocasionem sérios desvios de correntes, — como no caso da ilha Grande com referência a Marambaia —, a tendência é para a formação de pequenas planícies represadoras d'êsses rios, cujos leitos se transformam em vastos pantanais. Ao mesmo tempo, verifica-se que, conquanto o volume d'água d'êsses cursos, consiga lhes dar permanente saída através de barras sempre abertas, não basta êle porém para lutar contra as línguas de areia que deslocam as embocaduras no sentido da corrente costeira, até a sua imobilização de encontro a

algum penedo, em geral capturado em pleno mar pelo avanço das areias. A estas ilhotas soldadas ao continente, é que devemos, com a definitiva fixação das fozes dêsses rios numa costa de condições palesográficas acima descritas, a importante ocorrência dos pequenos portos naturais inexistentes no restante do litoral fluminense de restingas, de embocaduras muradas ou oscilantes pela ausência de pontos de amarração que permitam aos pontais estrangulá-las, acelerando a corrente fluvial que as mantêni perenemente abertas.

IV. A PLANÍCIE

"Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se perde !

CASIMIRO DE ABREU: "Poesias Completas",
9ª ed. pág. 66

I. GEOLOGIA

Embora nas regiões de lagunas e pantanais acima descritos haja zonas em que os areais se estendem do mar para o interior expondo superfícies niveladas apreciáveis, as verdadeiras e grandes planícies de restingas só aparecem tarjando o continente ao norte de Maraé.

A seguir ao pontal da foz dêsse rio, — de tamanha importância histórica por ser o caminho único dos pioneiros para Campos —, logo após o Barreto começam as restingas a lateralmente justapor-se, alargando-se em planura imensa eujos limites internos tomam a direção geral de Quiçamã, em contacto com falejas fósseis de uma costa outrora quase retilínea.

O fenômeno geográfico mais importante e característico dessa planície é o endicamento de tôdas as fozes dos pequenos cursos que, transversalmente a cortam em tôda a largura mas são paralisados bruscamente a poucas dezenas de metros do mar. A barragem transforma-os em longas lagoas que cruzam inúmeras e finas baixadas entre restingas, alagando-as. Os mais conspícuos dêsses riachos dilatados pelo represamento são as lagoas de Bananeiras, de Jeribatiba, Comprida, de Carapebus e do Paulista. Mais a noroeste, na barra do Pires, as águas de tôda uma série de lagunas de restingas intercomunicantes que para ali se dirigem, estacionam represadas. Entre essas lagunas destacaremos o córrego Mestre, com 38 quilômetros de caminho d'água entre cômoros arenosos, ligando o rio Carrapato que forma a lagoa Paulista ao rio Velho, — um dos vertedouros da lagoa Feia — já próximo à barra do Furado.

A barra do Pires também afluem as águas da Feia nas enchentes, através da lagoa do Luciano, estreito do Magalde e lagoa da Ribeira, que em conjunto delineam uma larga depressão denunciadora de grande recuo do mar.

Da vila de Quiçamã a praia, já mede a planície 10 quilômetros em linha reta. Mas logo adiante expande-se de súbito e contorna entremeadas de pântanos a margem ocidental da lagoa Feia, onde através de um longo pontal atinge a foz do Macabu, — a 23 quilômetros do mar —, estrangulando-a contra parcéis de arenito dos tabuleiros. Além dêste rio, um cômodo de areia se eleva entre o canal Macaé-Campos e as margens da lagoa, e, por todo o contacto da planície com os tabuleiros do rio da Prata às cercanias de Uruaí, velhas praias de restingas testemunham a presença do mar nos fundos do extinto gôlfo da lagoa Feia que penetrava a cerca de 40 quilômetros da costa atual.

O primeiro recuo do Atlântico manifestou-se nesse gôlfo ao longo das falejas fósseis dos tabuleiros, por barras de areia sôbre as quais pousam os trilhos da Leopoldina. Mais ao sul, porém, restingas denunciam a penetração do mar a oeste da estrada de ferro, na pequena enseada do rio da Prata ao sul do Guriri.

Entre as áreas fragmentadas de restingas que ressaltam entre os imensos pantanais desta zona, salienta-se a ilha do Louro, de grande importância na fitogeografia regional por sua floresta em pleno areal.

O rápido fechamento do gôlfo pelas restingas da planície ao sul de Quiçamã, paralelas a costa atual, determinou a formação da extensa língua de areia que já indicamos limitando a oeste a lagoa Feia numa longa curvatura da foz do Macabu aos fundos do saco do Tatu.

Outras pequenas séries de restingas com a mesma orientação rapidamente surgiram nos fundos do gôlfo, elevando a península de Capivari e as ilhas do Pires, do Carvão e do Fernandes. Notável entre tôdas é a língua de areia que ajustada ao pequeno delta de Ponta Grossa dos Fidalgos tapou os caminhos d'água que por ali saíam.

Na margem oriental da lagoa Feia, na zona do Caboio, também uma planície de restingas se acamou pelos recôncavos do velho gôlfo, sendo mais tarde parcialmente recoberta por alúvios.

Fechado pois o velho braço de mar, a grande lagoa resultante, com seu enorme volume d'água trazido por vários rios entre os quais o próprio Paraíba nas grandes enchentes, abriu caminho para o Atlântico através de tortuosos vertedouros que, acompanhando o recuo do litoral sedimentaram por suas margens largas planícies argilosas onde os cômodos de areia de formação marinha se alongam transversalmente a costa, denunciando de um sincronismo geológico expressivo do embate entre o oceano que tenta barrar a Feia e esta forcejando por romper o dique.



Fig. 18 — Ilhota capturada pelas restingas na foz do rio das Ostras. O rio deságua por trás do marro.

(Foto A. R. LAMEGO)

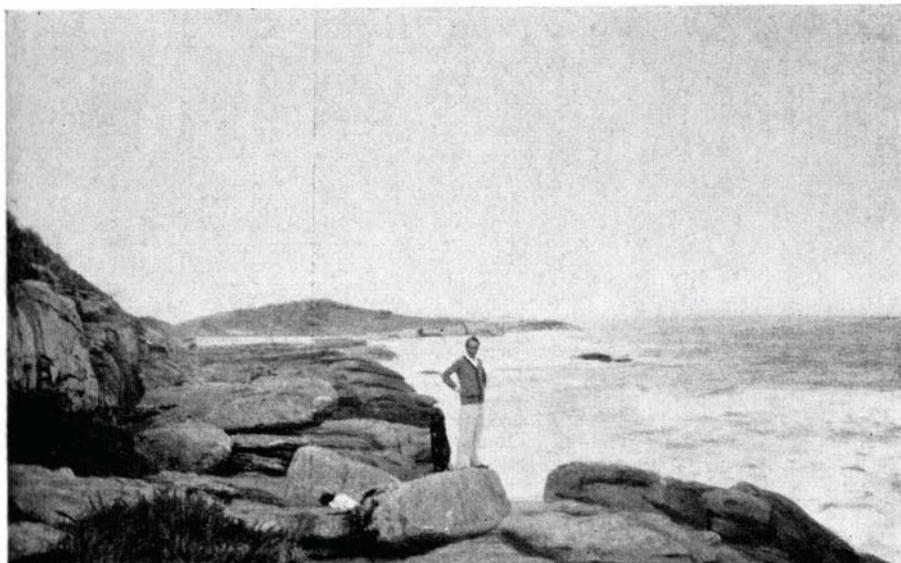


Fig. 19 — Na ponta dos Pecados-Mortais ou Itapebuçu, as rochas do Másculo Cristalino atingem o mar, seccionando a planície de restingas.

(Foto A. R. LAMEGO)

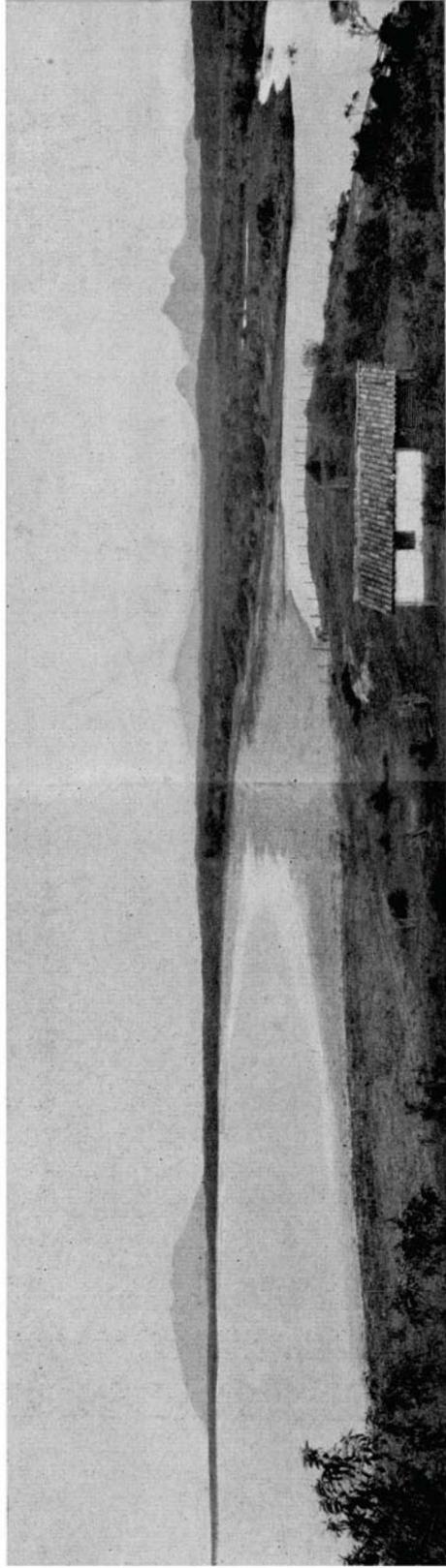


Fig. 20 — A costa fl. incense ao sul da ponta dos Pecados-Mortais, em Macaé. A praia é o
resíduo da platície de restingas que se dirige para o rio das Ostras barranto, os cursos d'água.
No E-se a lagoa formada pelo endicamento de um córrego impedido de chegar ao mar por
pucas dezenas de metros de areia. Ao alto, a esquerda, a serra de São-Jodo e à direita a do
Iri. (Nota: Exatamente do mesmo local e abrangendo a mesma paisagem, apresenta o Pri-
m. 1881. MAXIMILIANO E WIED-NEUWIED uma gravura, em sua Viagem ao Brasil, de 1821).

(Foto A. R. LAMEGO)

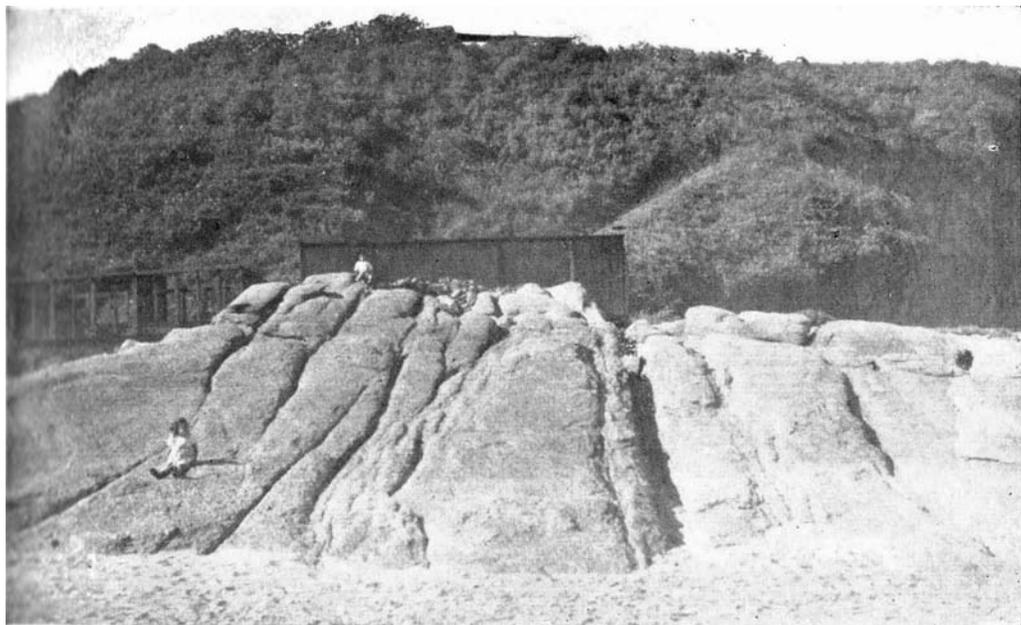


Fig. 21 — Juntas transversais à orientação do gnaisse, na praia dos Campistas, em Imbetiba.

(Foto A. R. LAMEGO)

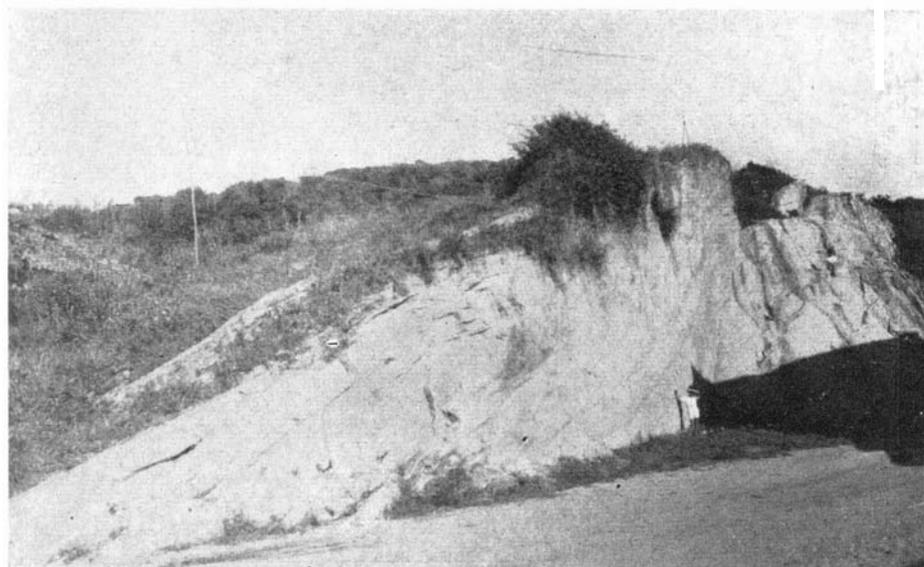


Fig. 22 — Perfeito plano de uma junta no gnaisse, descoberto numa antiga pedreira, ao lado do Hotel de Imbetiba, em Macaé.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 23 — A praia de Imbetiba é um típico tómbolo que capturou a ilha do Forte.

(Foto A. R. LAMEGO)

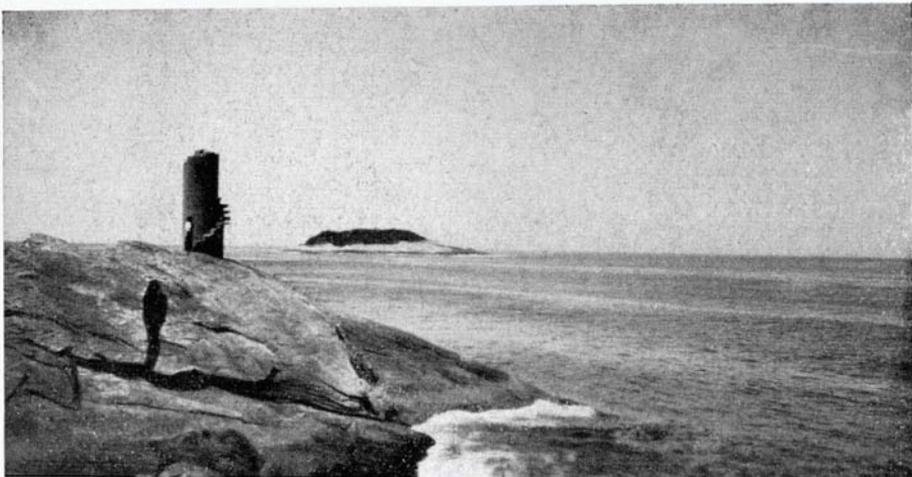


Fig. 24 — O valho farol de Imbetiba, numa das pontas de gnaïsse que penetram no mar, em Macaé, do funda a ilha dos Papagaios.

(Foto A. R. LAMEGO)

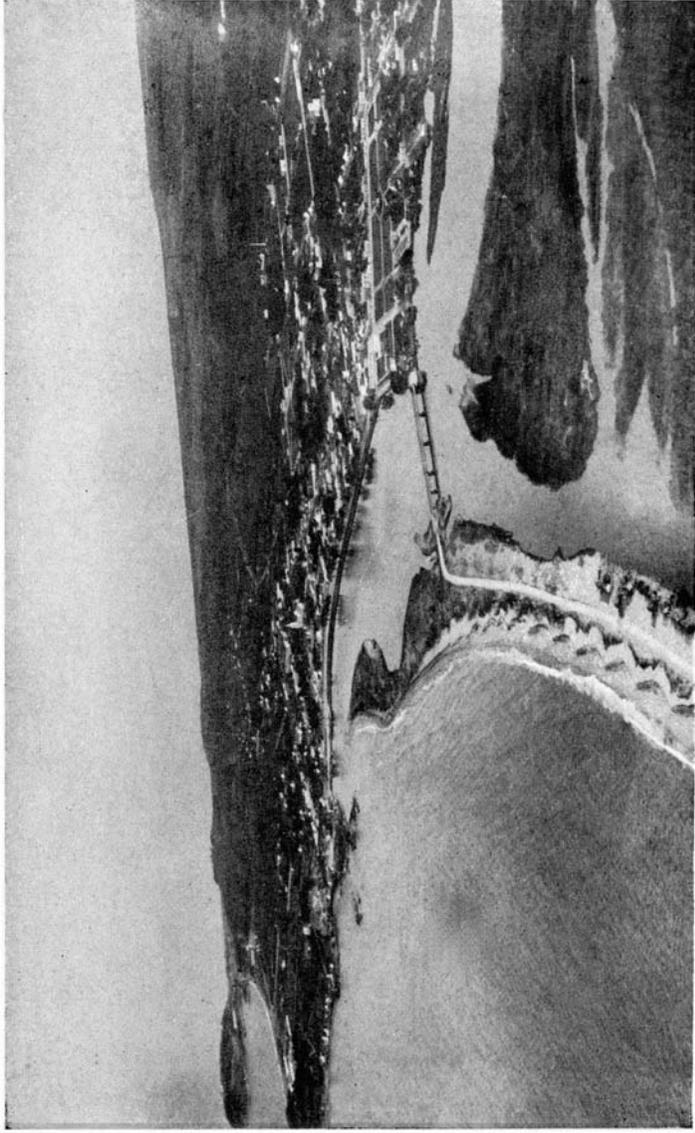


Fig. 25 — A cidade de Macaé, vista do alto, com o rio Paraíba do Sul e a ponte ferroviária. A cidade é construída numa faixa estreita de terra entre o mar e o rio. A ponte é a única passagem para a península. Note-se o 1.º balho que tentam inutilmente destruir a restiça.



Fig. 26 — O rio Macaé, próximo à cidade.

(Foto A. R. LAMEGO)

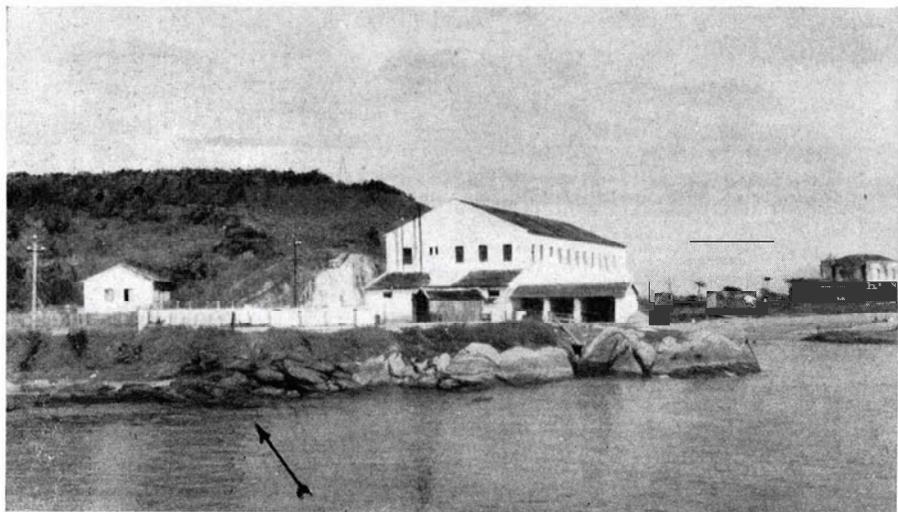


Fig. 27 — Testemunhos de arenito dos tabuleiros, aos fundos do Balneário de Imbetiba, em Macaé.

(Foto A. R. LAMEGO)

Desta luta é que resulta o predomínio das aluviões a oeste da barra do Furado e pelos campos da Boa-Vista, apenas isolados do mar por um cômodo de areia. Este friso muito estreito no Furado aos poucos se alarga em direção a São-Tomé. Por trás dêle é que foi outrora represada uma grande laguna cujo dessecação deu-nos valiosos depósitos de gipsita.

E agora entramos na maior área de planícies de restingas fluminenses que, por sua extensão excedem tôdas que até aqui vimos atravessando. Para sua melhor descrição, porém, julgamos útil sintetizar a geologia do quadro paleográfico pleistocênico ao qual vieram elas se ajustar.

O acréscimo de terra firme que vimos adicionado ao continente pelo recuo do mar, pode-se até o presente considerar limitado em confronto com o que iremos doravante expor. Mesmo as planícies de restingas da zona de Quiçamã, dilatadas por vários quilômetros da costa para o interior, pouco significam ao serem comparadas com as vastidões arenosas onde iremos agora penetrar. De Marambaia a Cabo-Frio e daí por tôda a costa até Macaé, vimos o quadro geológico em que se apóiam as restingas arcabouçado em rochas cristalinas, mormente gnaisses-graníticos com rasos granitos, exceção da ilha de Cabo-Frio constituída de eruptivas foiaíticas provavelmente contemporâneas do afundamento terciário determinado por grandes rupturas no bordo continental.

A cinco quilômetros ao sul de Macaé, entretanto, assinalamos nas proximidades da lagoa de Imboassica a aparição de um arenito ferruginoso cuja continuidade para o norte será repetidamente observada, havendo bons testemunhos por trás do Hotel Balneário na enseada de Imbetiba.

A caminho do Paraíba começa ademais a destacar-se tôda uma zona de tabuleiros intermediária entre o Cristalino e os sedimentos quaternários da costa e a qual parece ligar-se aquêles arenito conjuntamente a séries de argilas variegadas, o que denuncia uma anterior sedimentação tida como terciária em todo o norte fluminense.

Que esta sedimentação fôsse limitada para as bandas de sudoeste pelo arco de costa que de Barra-de-São-João vai ao cabo dos Búzios, é natural supor, dada a contemporaneidade lógica de tôda a tectônica da Baixada Fluminense com a bacia na qual tais sedimentos foram depositados. A falta de testemunhos petrográficos positivos confinamos porém a nossa exposição aos dados comprovados pelos tabuleiros que demarcam quase tôda a orla terrestre das restingas, quando estas não prolongam a planície aluviônica do velho delta pleistocênico do Paraíba.

Vimos a grande planície dilatar-se a nordeste de Macaé, mencionando a sua limitação a uma série de falejas fósseis por tôda a zona de Cabiúnas. Esta série de colinas baixas embora já com certa aparência de tabuleiros são constituídas de gnaisses graníti-

zados altamente decoinposlos. Freqüentemente observam-se nelas pequenos veios de quartzo e cristais de mica dilacerados.

É interessante frisar que, tôda esta linha do contactos segue uma direção quase retilínea por mais de 30 quilômetros até a vila de Quiçamã, o que parece definir uma costa de falhas.

Ao ser atingida a zona de Carapebus, mais deprimida, êsse contacto passa a fazer-se com formações de tabuleiros tendo as rochas cristalinas se afastado para o interior.

Êsses tabuleiros é que vão formar a zona de Quiçamã, a qual é uma verdadeira península de tais rochas entre o baixo Macabu e a planície arenosa litorânea.

Daí por diante continuam as restingas sempre em contacto com as mesmas rochas contornando a velha depressão da lagoa Feia até proximidades de Ururai onde encontram as aluviões do Paraíua, e daí seguindo pela margem da lagoa onde já foram assinaladas em Ponta-Grossa-dos-Fidalgos e no Caboio.

Nota-se pois que, desde Macaé o quadro paleográfico da velha borda continental continuando a princípio as formações cristalinas que vêm do sul e de oeste, é a seguir tarjado de urna faixa de tabulei-os. Em continuação as elevações de Cabiúnas, tôda a área cortada pela Estrada de Ferro Leopoldina em Carapebus, Itaquira e Conde-de-Araruama é constituída de rochas do Azóico que por êste caminho logo porém desaparecem, atravessado que seja o Macabu ria ponte dos Macacos, onde a via férrea a fim de fugir aos vastos tremedais dêste rio costeia uma série de promontórios que os tabuleiros projetam entre pântanos.

Desde essa ponte que as rochas cristalinas se afastam para o interior, onde a rodovia Amaral Peixoto sempre as atravessa em todo o percurso até Itaoca e, onde ao norte de Patos, na Serrinha, bons afloramentos do mesmo gnaisse que indicam a forte atuação do magma granítico se apresentam cortados de pegmatitos com grandes cristais de biotita e de numerosos veios aplíticos.

Transposta a Serrinha dirige-se a rodovia pelo divisor entre a lagoa Feia e o Imbê, tôda uma zona inexpressiva de relevos onde as calotas de terra sáfara se sucedem num mesmo nível aproximado. A fisionomia dêste solo parece indicar as mesmas características de uma crosta de gnaisse-granítico, havendo porém afloramentos de bossas de rochas básicas intrusivas.

Os verdadeiros granitos típicos só aparecem no morro do Itaoca quase exclusivamente constituído por duas variedades desta rocha, uma, fina, equigranular e cinza, dando excelentes paralelepípedos, e outra porfiróide e clara com grandes cristais feldspáticos

Êste morro é a ponta extrema do citado divisor entre a lagoa Feia e o Imbê, projeção peninsular em tôrno à qual depositou-se um patamar de tabuleiros cujos restos recortados de brejais sinuosamente irradiantes, o aureolam de franjas tabulares. Esta barra de tabuleiros a oeste do Itaoca vai até a lagoa de Cima, desapare-

cendo porém na margem esquerda do Ururaí onde apenas aparece no canal de Ilereré que em certo ponto corta um testemunho.

Nesta zona entre o Paraíba e o Ururaí a planície argilosa estaca subitamente em contacto com pequenas elevações onde predominam gnaisses granitizados. Mas ao ser atravessado o grande rio, já na mesopotâmia divisória com o Muriaé, entremeados com as mesmas rochas aparecem gnaisses gabróides intrusivos.

O mesmo embasamento gnáissico e primitivo eleva a serra da Onça e seus contrafortes da margem direita indo até a lagoa do mesmo nome. Já se começa entretanto a divisar afloramentos do verdadeiro protognaisse. Camadas desta rocha que atravessam o Muriaé na zona de Mau-Cabelo a Cardoso-Moreira dominam toda a faixa ferroviária entre esta localidade e Murundu onde restos de um galho da serra do Mar em pedaços, — já testemunhados ao norte do Paraíba pelas serras do Sapateiro, da Caconda e de São Benedito, e, transposto o Muriaé pela da Onça, — projeta-se a grande altura com o pequeno maciço da Pedra-Lisa e dos Baús.

A Pedra Lisa é um livro de camadas verticais com direção de neste a leste. O gnaisse que a constitui é de grã fina e leucocrático, e resulta de uma intensa granitização que o faz aproximar dos leptinitos. Mas pela zona a oeste deste notável penedo já o protognaisse começa a reaparecer repetidamente através da fazenda do Destino para Murundu onde há bons afloramentos em cortes da estrada de ferro.

O maciço da Pedra-Lisa é o derradeiro dos grandes marcos do referido galho em pedaços da serra do Mar, daí para leste submerso embora ainda perceptível nas pequenas elevações do divisor entre a Itabapoana e o Guaxindiba, entre as quais salienta-se o morro do Mico.

Em conjunto, porém, toda a região a leste do maciço é subitamente deprimida até o mar numa vasta área em que raros são os bons afloramentos de rochas em vista da limitação dos relevos.

Granitos legítimos e de ótima qualidade para qualquer serviço de pavimentação ocorrem no morro do Côco, em contrafortes do maciço da Pedra-Lisa. O rebaixamento porém de toda essa região da bacia da Guaxindiba e dos pequenos afluentes da margem direita do Itabapoana redundou em fenômenos de intensa laterização responsáveis por grandes espessuras de solo residual que oculta as rochas regionais.

Difícil e quase impossível se torna portanto, por simples processos de investigação superficial, conhecer-se a exata natureza dessas rochas. O exame do solo, entretanto, e observações casuais de afloramentos esparsos tendem para que admitamos serem elas de tipos semelhantes as da serra do Mar em seus últimos galhos ao norte do Paraíba, com predominância de protognaisse.

Esta rocha é ainda vista na, reprêsa de um pequeno arroio na fazenda Santo Antônio, a três quilômetros a nordeste de João

Pessoa e a umas duas léguas em linha reta de Barra do Tabapoana. Neste ponto a mesma direção das camadas que notamos na Pedra-Lisa parecem indicar para o galho submerso uma estratigrafia da pequena cadeia que outrora barrava, de oeste a leste, o norte fluminense na zona marítima ao sul do rio interestadual.

A brusca depressão a leste do referido maço de grandiosos relevos e formidáveis escarpas, denuncia que essa cadeia foi partida por violentos tectonismos afundando-se no Atlântico. Hoje em dia, dela apenas sobressai o espinhaço abatido, cujas fraldas medianamente acidentadas ressaltam entre amplos vales maduros, sobretudo ao sul no, bacia superior do Guaxindiba.

E aqui termina o bordo cristalino e azóico.

Dêste quadro exterior descendo-se um degrau pisa-se os tabuleiros cuja bacia tectônica foi nêle recortada. Já não temos agora as súbitas asperezas que mesmo nas zonas regularmente niveladas em formações azóicas da Baixada, salteadamente irrompem. Com uma altitude que não excede a 40 metros nos contactos com o Cristalino, e em geral muito menor, a superfície rasa dos tabuleiros imprime à paisagem urna nota de invulgar monotonia. Outrora eram cobertos de florestas cujos restos podeili-se ver na estrada de Campos a Outeiro e sobretudo à beira mar ao norte de Manguiinhos, entre os brejos do Amoniado e do Carrapato. Testemunhos da velha floresta são também cortados pela rodovia de São Francisco de Paula a Campos.

Derrubado que foi quase todo êsse matagal que vestia os tabuleiros, riem lavouras nem pastagens conseguem dar uma nota pinturesca a uma topografia que aborrece pela imutabilidade. A paisagem sempre velada de carrascais não permite grandes descortinos a não ser ao longo dos brejais sinuosos e tristonhos, córregos que foram mas de circulação hoje paralisada pelas restingas.

É êste o quadro interno da grande planície arenosa ao norte do Paraíba que a êle se ajusta num longo arco de 35 quilômetros das vizinhanças da cidade de Campos à ponta de Manguiinhos.

Ao longo dessa velha costa inúmeros riachos de leitos hoje submersos que outrora desenibocavain diretamente no mar foram todos barrados pelas restingas que expulsaram o Atlântico. Dão-lhes hoje o nome de lagoas, devido à largura do leito limitados por barrancos talhados nos tabuleiros. Em verdade porém, não passam de longos pântanos quase totalmente obstruídos de tabua.

Os mais importantes dêsses brejos são os do Macabu, da Sesmaria, do Imburi e as lagoas da Saudade e da Cauaia. Todos êles são, quando muito, ribeirões que descem de pequena altitude e cuja foz indicada pela planície de restingas quase anula o seu já lerto escoamento, transformando-os em típicos pantanaís sinuosos com várias centenas de metros de margem a margem, por muitos quilômetros da, embocadura, para montante.

O maior dêles é o da Saudade. Com suas nascentes no município de Campos, o da Saudade apenas toca o de São-João-da-Barra nas proximidades da foz, onde a linha mediana do leito empantanado com cêrca de um quilômetro de largura serve de limite entre sanjuanenses e campistas.

A três quilômetros da embocadura recebe esta lagoa a da Cauaia, outro embrejamento com quase o dôbro de extensão da Saudade, e cujo tortuoso leito tem mais de 30 quilômetros de extensão vindo da zona arqueana das vizinhanças de morro do Côco onde também nascem o Irnburi e o Guaxindiba.

Embora descendo de regiões mais altas, a Cauaia é embrejada até próximo às cabeceiras, como quase todos os córregos da Baixada que em geral só apresentam água limpa quando cascateiam pelas encostas de morros elevados.

Esta rápida síntese descritiva dos tabuleiros ao norte do Paraíba, basta-nos como representação do patamar do qual se descendo mais um degrau penetra-se na grande planície de restingas que com êle confina diretamente, não só nesta zona mas também por tôda a margem ocidental da bacia Feia e ao sul da península de Quiçamã. Um terraço retalhado de compridos pântanos retorcidos.

Em nosso julgamento a discussão sôbre a idade exata dessas formações de tabuleiros continua aberta. Quase todos os geólogos que palmilharam o litoral fluminense atribuíram essa soleira de arenitos ferruginosos e de argilas variegadas ao Terciário. Tal foi a opinião precursora de **HARTT**, tal continua a ser a idéia mais generalizada entre os geólogos atuais, levados mesmo a colocar essas rochas na última época daquele período, isto é, no Pliocênio.

Contra êsse modo de pensar levantou-se **DERBY**, objetando sôbre o empirismo do critério aceito para uma tal classificação, isto é, o seu horizontalismo. Referindo-se ao Cretáceo, o grande mestre indiscutivelmente acatado em nossos meios geológicos pela prudência e lógica de suas afirmações, adianta-se mesmo a enunciar, seja provável que "muito do chamado arenito terciário pertença casualmente àquela Idade".¹⁹

Não iremos aqui repetir as objeções de **ORVILLE DERBY** já discutidas em trabalhos nossos anteriores. Apenas mais uma vez frisaremos que o critério do horizontalismo é destituído de veracidade na bacia de Campos, como também os mergulhos do arenito que, embora geralmente de observação difícil nos raros afloramentos nem sempre são dirigidos para leste em busca de uma provável declividade geral da soleira continental, o que poderia indicar um epeirogenismo ascensional quaternário, afetando o bordo terrestre desta plataforma composta de formações que, em sua origem precederam imediatamente o Recente.

¹⁹ **DERBY**, Orville A — *The Sedimentary Belt of the Coast of Brazil* The Journal of Geology, vol XV, 1907, pág 232.

Ademais, o estudo da erosão dos tabuleiros nessa região, conjugado a sondagens executadas, mostram que a deposição de tais formações se deu em época anterior à sedimentação do delta pleistocênico do Paraíba no cabo de São Tomé.

A *transgressão pliocênica* admitida por **GLYCON DE PAIVA** para a série das Barreiras em seus estudos na Bahia não se aplica desta maneira às formações campistas.²⁰

Sem adotarmos integralmente e sem mais completa posse de elementos o recuo cronológico por **DERBY** sugerido, de modo algum poderemos aceitar o Pliocênio como Idade para os tabuleiros de Campos. As nossas já mencionadas considerações sobre a gliptogênese regional e o estágio de erosão provado pelas perfurações, levaram-nos a recuar a sua idade pelo menos ao Miocênio.

Essa hipótese é ainda fundamentada na observação dos seixos rolados que abundam em certas zonas dos tabuleiros, os quais comparados com idênticas ocorrências na Bacia Terciária de Resende e na de São José de Itaboraí, — fossiliferamente identificada esta por **CARLOTA MAURY** como miocênica —, e ainda em numerosos outros pontos da serra do Mar e da Baixada Fluminense, levaram-nos a admitir a mesma idade para tais depósitos de seixos, originados por um levantamento epeirogênico do bordo continental, com abundância de chuvas fortes, levantamento êsse que explicaria a erosão dos tabuleiros em certos pontos de Campos até o embasamento azóico. Quando teve lugar o afundamento costeiro e contemporâneo à formação do delta de São Tomé, já os tabuleiros haviam sido talhados em fossas hoje entupidas até a base por detritos deltaicos.

Sobre a existência de sedimentos cretáceos nada sabemos de positivo. É entretanto lógico admitir a sua existência sob os tabuleiros em zonas marítimas mais distanciadas dos atuais afloramentos de rochas cristalinas, visto que o estudo da plataforma continental da Bahia para o sul revela uma ampla soleira nerítica e contínua até vizinhanças da Guanabara, com possibilidades de existência, — fundadas nas rochas dos Abrolhos e em outros sedimentos cretáceos litorâneos, — da continuidade submarina do Cretáceo pelo menos até a latitude de Cabo-Frio.

Quanto à ocorrência de arenito nesses tabuleiros é ela bastante rara a não ser à beira mar, da ponta de Manguinhos para o norte onde há numerosas exposições.

Esta zona, é que, excetuados os insignificantes 'testemunhos de Macaé, pode ser considerada o limite meridional das exposições litorâneas do arenito das Barreiras, que afloram daí para o norte em quase tôda a costa.

²⁰ LAZAREGO, A. R. — A bacia de Campos na geologia do petróleo Col n.º 113 da Div de Geol e Mineralogia Rio, 1944.

Nas praias de Manguinhos, da Buena, de Atalhos e do Retiro, há exhibições da rocha em pequenos pontais, e, para além da praia sob as águas encarneiradas os tabuleiros mergulham no Atlântico.

Dão-lhe ali justamente o nome de *recife*, e parece-nos ser êste o motivo porque em tôda a região campista e sanjuanense dos tabuleiros a mesma designação é generalizada para as comuns ocorrências de canga ferruginosa, visto que o arenito de Manguinhos também se encontra em decomposição adiantada e com e aparência dessa rocha.

Em tôda a área dos tabuleiros do norte fluminense, são na realidade muito raras as boas exposições de sedimentos. Mesmo em Campos só podemos encontrá-los bem claramente estratificados num corte da Estrada, de Ferro Leopoldina, ao sul de Dolores de Macabu, nas proximidades de Batalha.

Geralmente o que ocorre com muita freqüência é a canga, algumas vêzes com espessura de vários metros abaixo da superfície. Na margem sul da lagoa de Cima é ela cavernosa e de mistura com argilas variegadas. O canal de Itereré recentemente aberto cortou camadas de conglomerado ferruginoso da inésia série, numa zona de contacto com o Cristalino.

Êsse conglomerado merece uma explicação, relativamente à sua origem. A êle já nos referi:mos em *O Homem e o Brejo*. Um exame posterior e mais atento no local, revelou-nos porém não ser a rocha bem definida. As formações superficiais dos tabuleiros indicam antes uma origem argilosa que arenítica na travessia de pontas do Terciário pelo aludido canal, o corte é feito em argilas variegadas, que vão do branco ao vermelho com tonalidades róseas intermediárias. Em certas zonas destas argilas há freqüência de seixos rolados em agrupamentos que sugerem despejos torrenciais de antigos córregos vindos da próxima região azóica da cordilheira.

Tais seixos não são dispostos em leitos definidos mas dispersos na massa fina das argilas variegadas. Ora, um fenômeno que já repetidamente mencionamos é a presença de canga nos tabuleiros. E ali, justamente, êsse fenômeno é visto processar-se. Há uma evidente solidificação das partes vermelhas e ferruginosas das argilas, partes essas que parecem mesmo concentrar-se por solução e precipitação num arcabouço irregular, o qual envolve em seus vazios nódulos friáveis de argilas branca e caulínica. A beira mar e em certas zonas das margens da lagoa de Cima, quando essa rocha é lambida pelas águas, os nódulos brancos são facilmente removidos tomando então os afloramentos o aspecto cavernoso característico da canga.

Na praia de Manguinhos uma fauna atual de moluscos penetra e vive nos interstícios abertos dessa maneira na rocha dando-lhe a aparência de uma formação fossilífera.

Próximo ao antigo bordo continental cristalino porém, **tal** como se dá no canal de Itereré, quando há seixos rolados na massa primitiva das argilas são êles sòlidamente retidos pela canga que, agindo como um cimento dá à nova rocha a sua textura conglomerática.

Distinguem-se leitos de arenito na margem do Paraíba em Airises com ligeiro mergulho para sudoeste, e a escavação para o dique contra as inundações a leste de Caetá, no município de São João da Barra, também deu com a mesma rocha.

Em vista de tão escassos elementos o que deve antes de tudo guiar o geólogo na discriminação desta série é o seu aspecto fisiográfico. O horizontalismo do terreno, a completa ausência de elevações e de vales pròpriamente ditos, os leitos largos e embreados de seus cursos d'água talhados subitamente na superfície plana das zonas laterais. A êstes dados poderemos adicionar a presença eventual de canga, generalizada porém não contínua.

O solo é comumente argiloso, de um vermelho claro. Há entretanto lugares onde é êle francamente arenoso e esbranquiçado. Dir-se-ia um solo muito pobre mas a experiência mostra ser um dos melhores do Brasil para a cultura da mandioca. Barra do Itabapoana foi deliberadamente escolhida, entre outros pontos estudados no Brasil, para a instalação de uma grande fábrica de raspa e subprodutos da mandioca por uma firma austríaca da qual tornaremos a falar. Com êste impulso as lavouras da preciosa fábrica cada vez mais se derramam sôbre os tabuleiros.

Desçamos agora aos areais.

Mais de 28 quilômetros mede a planície de restingas pela margem setentrional do Paraíba, das vizinhanças de Campos à embocadura do rio, contando-se 22 na margem oposta.

Originou-se ela de **fatôres** geológicos idênticos aos que formaram lagunas e pontais, neste caso porém movimentando um enorme volume de areias **trazidas** da cordilheira e provavelmente também, conquanto em menor escala, o material removido pelo mar com sua **abrasão** dos tabuleiros. Correntes secundárias litorâneas há milênios que vêm distribuindo em pinceladas essa vasta massa de sedimentos entre o cabo São Tomé e a foz do Paraíba e entre esta e a ponta de Manguinhos. Entre êstes pontos de amarração, dois fixos e um móvel, foram aos poucos se estendendo ao norte e ao sul do Paraíba as duas grandes planícies de restingas.

Ambas se defrontam nos dois pontais da embocadura. Mais para o interior entretanto, a marcha do Paraíba para leste, lambendo e destruindo a sedimentação deixada pelo mar em seu recuo substituiu as restingas de ambas as margens por camadas de argila que, embora de composição idêntica à das aluviões campistas raramente são trabalhadas para a lavoura dado o seu baixo nível facilmente alcançável pelas cheias anuais.



Fig. 28 — A foz do rio Macabu na lagoa Feia, empurrada para a norte por uma velha restinga, de encontro a parciais de arenito dos tabuleiros.
(Aerofoto CAMILO DE MENESES)



Fig. 29 — Restingas na margem ocidental da lagoa Feia, vendo-se a península de Capivari que também é uma planície de areias.
(Aerofoto A. R. LAMEGO)

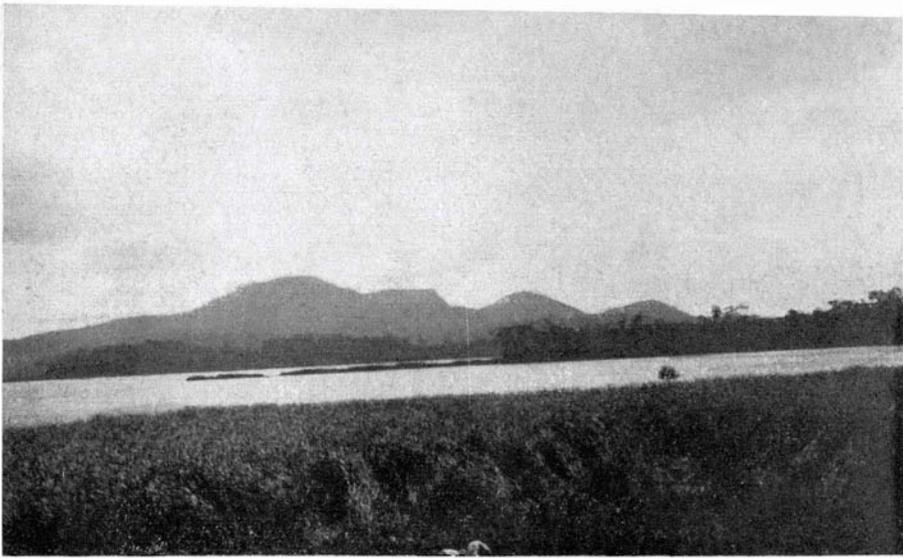


Fig. 30 — A serra da Onça, um dos Últimos fragmentos da serra do Mar em Campos. Ao centro a lagoa da Onça.
(Foto A. R. LAMEGO)

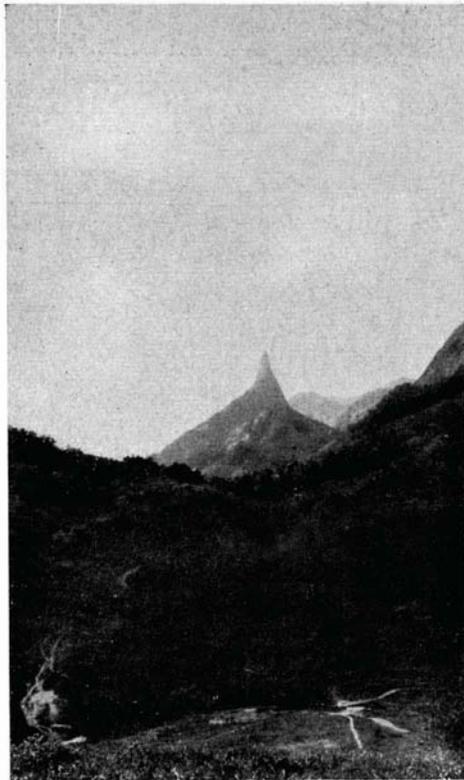


Fig. 31 — O imponente pico da Pedra-Lisa, em Murundu, (650 metros), derradeiro testemunho da serra do Mar fragmentada no norte do Estado do Rio.

(Foto JOSÉ MARIA LAMEGO)



Fig. 32 — *Contacto de um tabuleiro com o Cristalino, em Ururá.*

(Foto CAMILO DE MENESES)

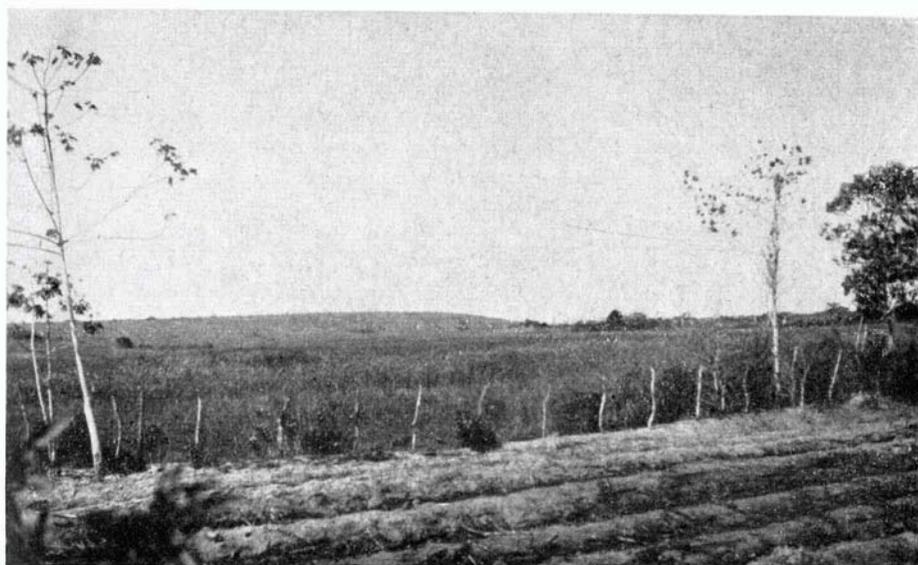


Fig. 33 — *Contacto de um tabuleiro com a planície quaternária, em Ururá.*

(Foto A. R. LAMEGO)

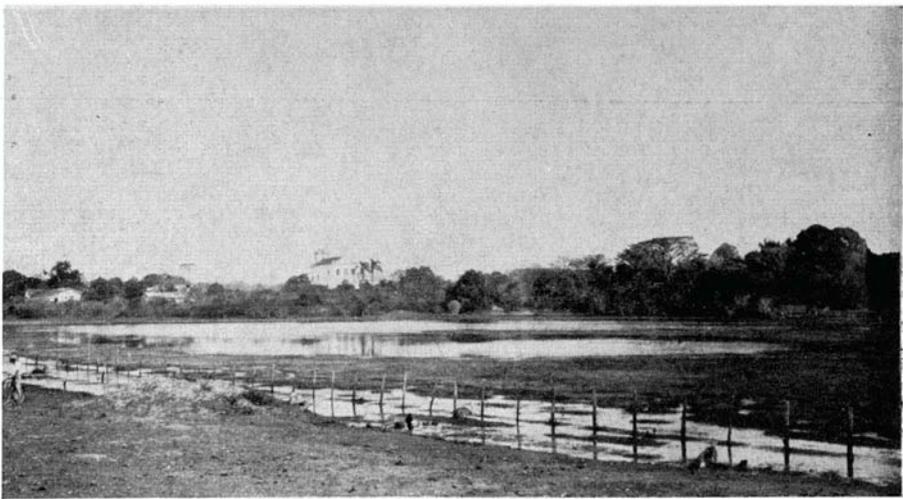


Fig. 34 — Brejo salgado nos tabuleiros de São-Francisco-de-Paula, em São-João-da-Barra.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 35 — Típicos brejais de tabuleiros, formados em Dorcas-de-Mocabu, pela barragem do Pio da Prata por línguas de areia.

(Aerofoto KAPU)



Fig. 36 — A foz do rio Guaxindiba, ao alto da fotografia, obstruída por formações de restingas.
(Aerofoto KAF)



Fig. 37 — Resultado da barragem do Gunxindiba. O rio em seu baixo curso é obstruído pelo mangue.

(Foto CAMILO DE MENESES)

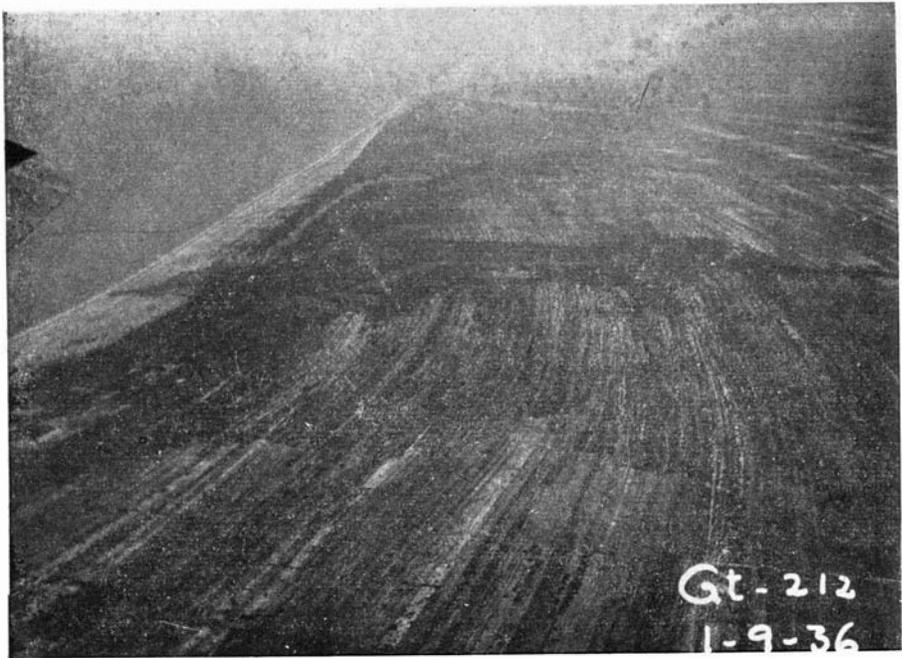


Fig. 38 — A grande planície de restingas, entre o Paraíba e o cabo São-Tomé
(Aerofoto CAMILO DE MENESES)

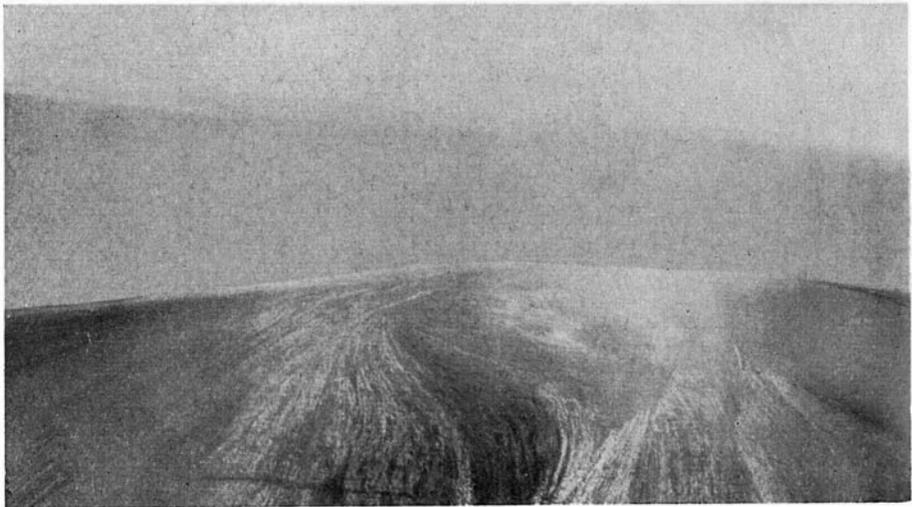


Fig. 39 — A planície de restingas nas proximidades do cabo São-Tomé. As línguas de areia se esgalham em tôrno da lagoa Salgada.
(Aerofoto A. R. LAMEGO)

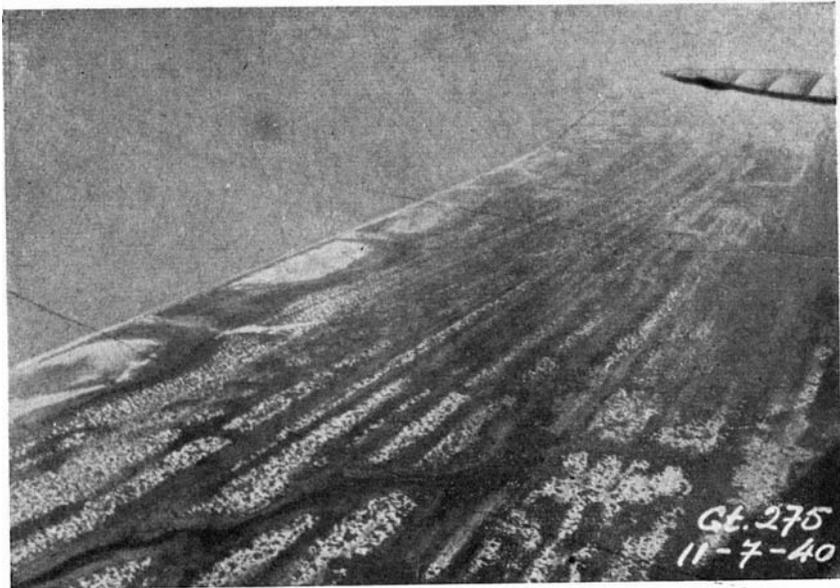


Fig. 40 — A planície de restingas na região de Quicamã.

(Aerofoto CAMILO DE MENESES)



Fig. 41 — A planície de restingas entre a zona da lagoa do Pauista e Macaé, vendo-se o rio Carrapato cortando-a transversalmente

(Aerofoto CAMILO DE MENESES)



Fig. 42 — Foz da lagoa de Guruçai, psriòdicamente fechada pela formação de restingas. O povoado do mesmo nome, ao centro a direita. (Aerofoto KAFURI)



Fig 43 — Foz do Paraihn, vista do continente.

(Aerofoto KAFURI)



Fig. 44 — *O bravio mar formador de restingas na costa do Furado.*

(Foto A. R. LAMEGO)

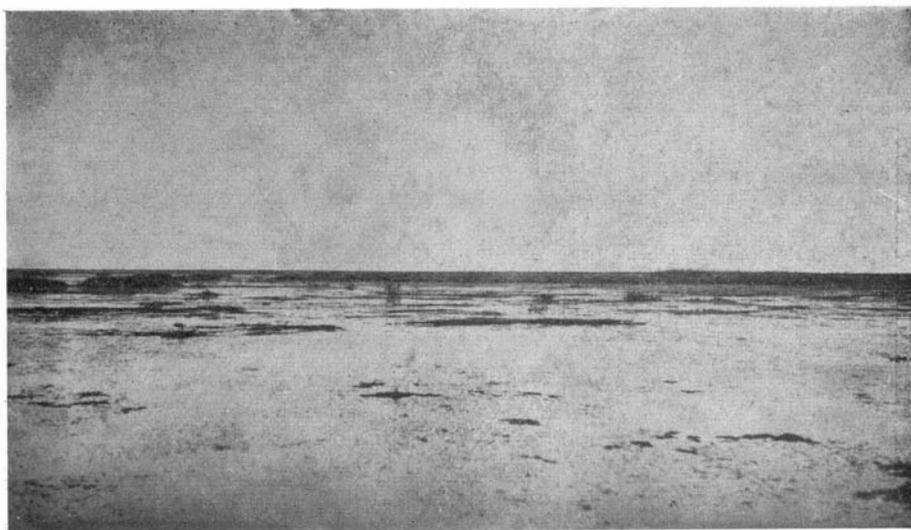


Fig. 45 — *Como resultante do represamento no Furado, alastram-se os imensos pantanais da lagoa Feia.*

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 46 — Planície de aluviões a oeste do Furado, formadas pelo represamento de velhos nos.

(Foto CAMILO DE MENESES)

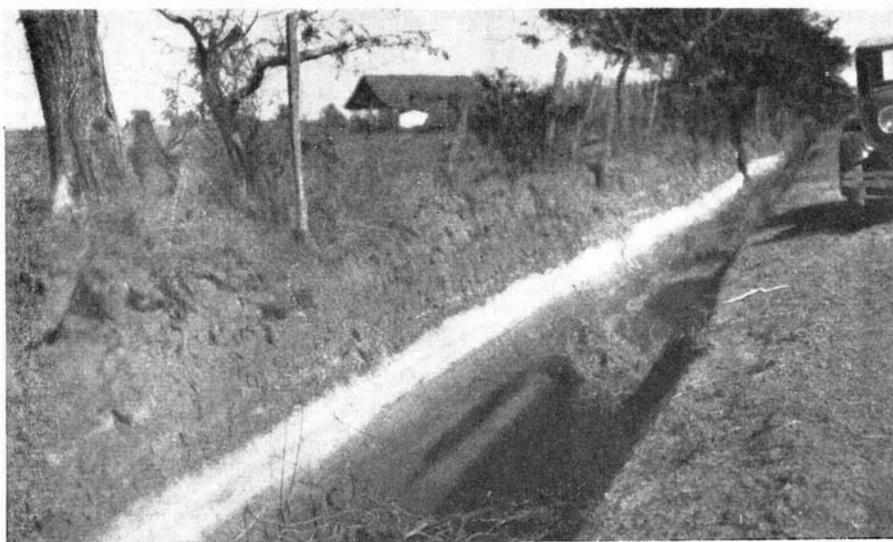


Fig. 47 — Faixa de areia do mar em Baixa-Grande, capeada de aluviões, pelo represamento dos cursos d'água na costa.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 48 — O farol de São-Tom.&no alto do cômore
que separa a baíza planície da Boa-Vista do m^{3r}. (Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 49 — O cômore de São-Tomé, visto do alto do farol. A direita, a planície da Boa-Vista
alagada pelas inundações do Paraíba.

(Foto CAMILO DE MENESES)

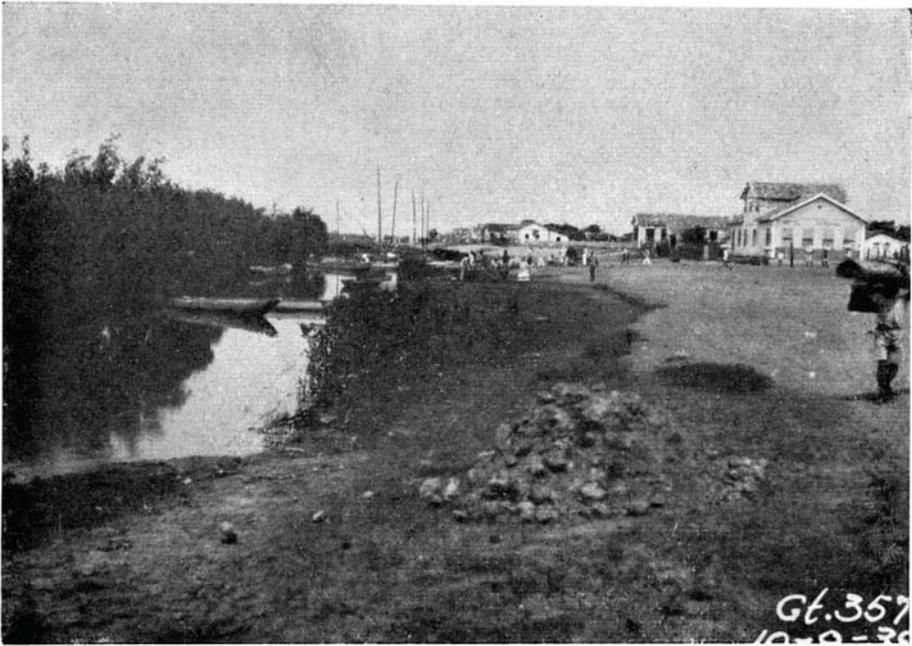


Fig. 50 — A vila de Gargaú e o seu canal de restingas, providencial para o seu comércio.

(Foto CAMILO DE MENESES)



Fig. 51 — A nova praia da Gargaú, formada em poucas semanas em 1986, vendo-se à direita a laguna e as casas da antiga praia. Note-se o declive brusco para o mar,

(Foto A. R. LAMEGO)

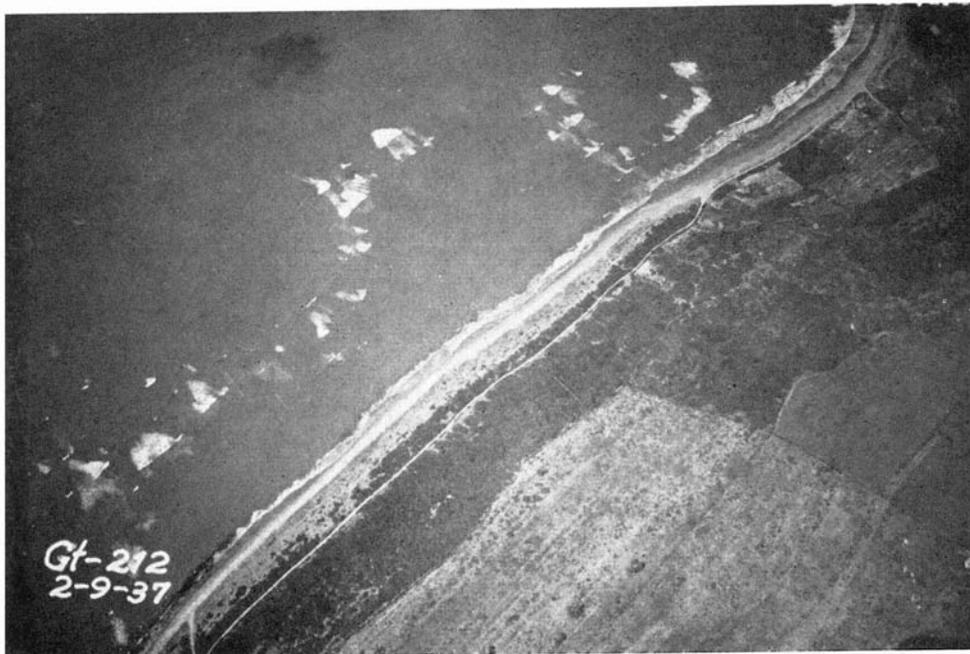


Fig. 52 — Restingas no litoral ao norte do Guaxindiba, vendo-se no mar a arrebenção em escolhos do arenito dos tabuleiros. (Aerofoto KAFURI)



Fig. 53 — Na planície de restingas ao sul do Paraíba, a laguna de Quipari é uma das mais típicas depressões deixadas pelo recuo do mar. (Aerofoto KAFURI)



Fig. 54 — Cruzamento de restingas na margem sul do Paraíba, denunciando pequenas transgressões do mar.
(Aerofoto D.N.O.S.)



Fig. 55 — Trecho do pontal norte do Paraíba. Nota-se no mar a formação de uma nova restinga, que deixando uma laguna de permeio, resultara em mais um avanço continental.
(Aerofoto D.N.O.S.)



Fig. 56 — As *vêzes*, devido às inundações, caminhos d'água como estes que alimentam a laguna de Quipari, rompem transversalmente as restingas.
(Aerofoto CAMILO DE MENESES)

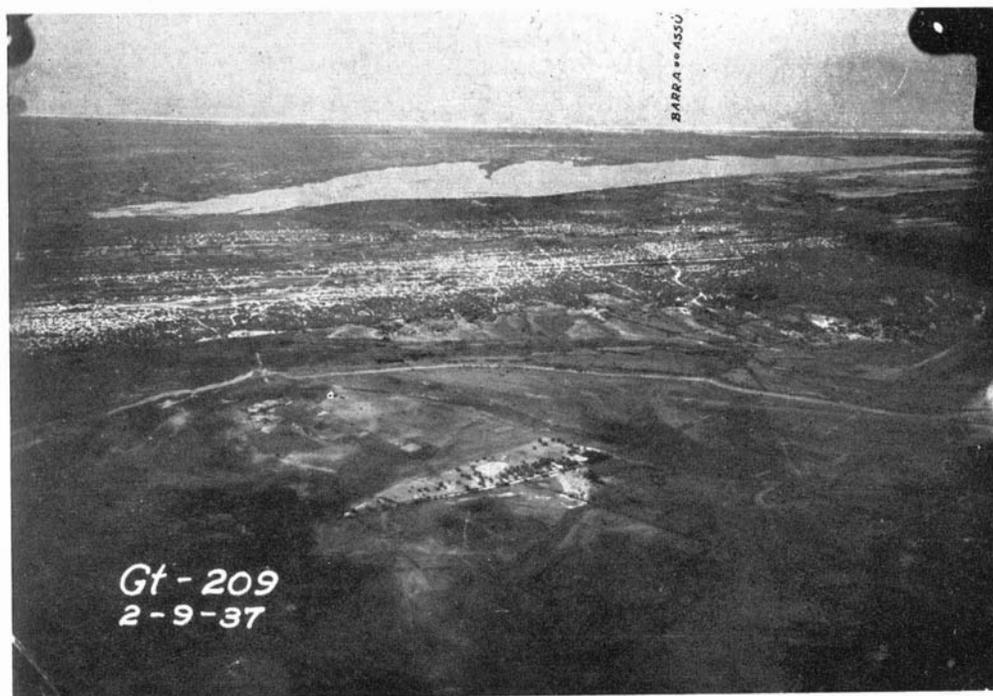


Fig. 57 — A lagoa Salgada, através da qual corre a linha divisória entre os municípios de São-João-da-Barra e Campos.
(Aerofoto KAFURI)

As areias das restingas são finas e angulosas, resultantes do longo trituramento pelas vagas e também parcialmente da ação dos ventos e das grandes diferenças de temperaturas diurnas e noturnas dada a sua alta condutividade calorífica.

Em *Restingas na Costa do Brasil* frisamos que, uma das características das planícies de restingas que as singulariza entre todas as outras formas topográficas é a sua indestrutibilidade pelos agentes erosivos. Enquanto as longas depressões são protegidas pela cobertura líquida os altos secos são fixados rapidamente por gramíneas e arbustos xerófilos. As restingas saídas do mar são logo estabilizadas pela vegetação dos cômoros e perenemente assim se conservam. O seu horizontalismo, o seu baixo nível e a gramínea e arbórea flora que as reveste escudam-nas contra as forças gliptogenéticas enquanto as lagunas intercaladas guardam sempre o rebaixamento primitivo embora muitas venham a secar. A restinga assim imobilizada resiste aos fenômenos de erosão aos quais não ficam imunes nem os desertos com suas formidáveis cargas de areia transportadas pelos vendavais.

Em toda a superfície da Terra onde pisa o homem, quando até mesmo as regiões polares se deslocam e desfazem, as planícies de restingas são as únicas zonas topograficamente imutáveis dentro de um ciclo geológico, a não ser por inesperadas transgressões do mar.

Trata-se de um fenômeno paradoxal que a Geologia ainda não registrou.

Mau grado a sua uniformidade e monotonia a grande planície e em muitos pontos muito bela. Não que haja diversidade de elementos paisagísticos. São eles sempre os mesmos e contrastantemente justapostos. O alto sêco de areia solta protegido de vegetação xerófila e a baixada alagadiça que tende ao paul fechado de urna flora hidrófila ou mais raramente à lagoa limpa. Um após outro êsses dois elementos se intercalam em sequência de dezenas de quilômetros.

O que torna porém extraordinariamente interessante essa paisagem é a extensão linear dos cômoros e depressões cujas respectivas larguras em geral ultrapassam poucas dezenas de metros, mas podendo-se alongar por muitos quilômetros, abrindo as últimas imensas perspectivas. Ao nos encaminharmos para o cabo São Tomé ou para a ponta de Manguinhos, ao sul e ao norte do Paraíba, estas avenidas abertas entre carrascais apresentam curvaturas que se diriam traçadas por engenheiros.

Palmípedes e pernaltas adornam as longas baixadas que, sobretudo quando bem muradas por uma vegetação dos altos, mais r-errada, encantam de improviso o viajante com as asas leves da uma garça assustadiça e solitária quebrando inesperadamente a solidão.

Em poucos municípios brasileiros e em nenhum dos fluminenses a restinga tem tamanha importância como elemento geográfico como em São-João-da-Barra onde a área coberta pela planície arenosa é enorme. O isolamento da sede municipal em meio a esta estéril região, repercutiu profundamente como veremos, em toda a sua evolução histórico-social.

Fisiograficamente a planície arenosa de São João da Barra prolonga a planície campista e argilosa de oeste. Não existe a olho nu diferenciação alguma em seu comum nivelamento, embora seja a área de areias um pouco mais elevada que a planura de aluviões. Nas grandes enchentes as águas do rio que transbordam e cobrem a planície campista em vastas extensões só conseguem penetrar na região das restingas ao longo das baixadas principais transformadas em caminhos d'água. Alguns destes chegam mesmo a assumir papel preponderante na hidrografia regional. Tais as séries de lagoas do Taí-Pequeno, Jacarés e Bananeiras que limitam o município com o de Campos ao sul do Paraíba, e mais a leste, o Taí-Grande, a Água Preta e a Quitungutá que além de alimentarem os rios Doce e Açú desprendem de si os córregos intermitentes que se escoam para as lagoas costeiras de Guaruçai e Quipari.

Ao norte do Paraíba as lagoas do Campelo e os brejais do canal de Cacimbas facilitam por muitos quilômetros uma penetração providencial até a beira dos tabuleiros numa região arenosa de acesso fatigante por vias terrestres.

2. HIDROGRAFIA

O derradeiro trecho do Paraíba, ao aproximar-se do Atlântico corta pelo meio o município de São-João-da-Barra. É o seu rio principal, ligando-se a êle estreitamente todo o passado político, histórico, social e econômico dos sanjuanenses.

O segundo rio do município é o Itabapoana, navegável por dezenas de quilômetros, embora torcidíssimo de meandros. Ambas as suas margens são molhadas do extensões enormes de alagadiços de vários quilômetros de largura, sobremeneira acentuados nas proximidades da foz, onde um pontal de terra firme atingindo o rio na margem direita, atira-o sobre a esquerda, deixando porém no território fluminense uma vasta área de tremedais chamada lagoa Feia.

Em terceiro lugar, pelo comprimento e área da bacia, vem o Guaxindiba, nascendo em Morro do Côco, no município de Campos, e que destaca entre os seus afluentes na margem esquerda o brejo do Carrapato. A uns cinco quilômetros da foz recebe à direita o Espiador, formando já então um largo embrejamento de tabuais com cerca de trezentos metros de largura.

Entre êste rio e o Itabapoana há apenas um curso d'água de importância. O brejo do Amontado, que tortuoso vem do norte, com suas nascentes a duas léguas da foz.

São êstes os únicos rios com saídas diretas para o Atlântico, excluindo os já citados córregos de Gargaú e de Quipari, simples escoadouros do Paraíba nas enchentes, e como o rio Açu cuja foz limita ao sul o litoral sanjuanense e que importante outrora como vertedouro da lagoa Feia apenas leva hoje ao mar o sobejo das águas do Paraíba e da lagoa Feia nas grandes inundações.

Sòmente o Paraíba e o Itabapoana, têm saída franca para o Oceano. Todos os demais apresentam a bôca fechada pela intermitente barragem das restingas, apenas periódicamente forçada pelo pêso d'água. Da foz do Guaxindiba para o sul é que começa como vîmos, a grande planície de restingas.

A sua hidrografia tem aspecto inteiramente original, formando um capítulo à parte e quase virgem nos tratados de Geografia Física. Trata-se de uma rêde praticamente estagnada.

Tão grande é o número das lagoas de *restingas* e tão precária a sua existência que torna-se impossível individualizar a grande maioria. Umas, como a Campelo, Tai-Grande e a lagoa Salgada por exemplo, podem atingir a mais de quilômetro de largura, denunciando um salto brusco no recuo do mar. Maior número raramente excede a uma centena de metros. A grande maioria é formada de sulcos rasos na faixa arenosa, empaulados em lugares, e em outros completamente secos. Em zonas como na região do Papagaio, nos Campos da Praia, apenas se nota unia cerrada sequência de baixadas estreitas, quase imperceptíveis, cobertas do mesmo capim ralo que o dos apagados altos laterais, tornando tôda a zona um ótimo campo de aviação natural praticamente nivelado.

O que relaciona entre si porém, tôdas estas variedades de lagoas, é a sua extensão. Por quilômetros a quilômetros a fio vemos-as se alongarem. Nas grandes chuvaradas, ligações inapercebíveis a ôlho nu servem de caminhos d'água onde a vegetação bruscamente reverdece.

Nas grandes cheias as lagoas maiores se desafogam pelas menores. Há uniões imprevistas, travessias inundadas, caminhos barcados. Lagoas completamente chupadas pela canícula e pelos ventos enchem-se novamente de vida com a plenitude do liquido que tudo revivesce. Campos de capim e areia onde os bebedouros para o gado tinham de ser cavados transformam-se em mananciais piscosos. Mas a enchente na planície de restingas nunca traz os transbordamentos catastróficos tão temidos na planície de aluviões, a oeste.

Ao paralelismo das longas fitas lacunares, intercala-se pela sua própria origem o paralelismo providencial das faixas altas arenosas. Assim é que a zona de restingas não se encharca seme-

lhantemente à de aluviões, que recebe e suporta a carga dos dilúvios do Paraíba. Apenas umedece.

Parte das suas águas vão ao mar por vertedouros provisórios. A maior porção no entanto ali fica e aos poucos mergulha no solo, chupada pelas areias, ou sobe para os ares, vaporizada pelo sol e pelos ventos contínuos que varrem livremente a planície aberta.

A hidrografia das restingas tem dêste modo a sua **característica** fundamental de séries indefinidas de pequenos charcos lineares que, longe de prejudicarem a região, providencialmente a beneficiam com a umidade parcial e permanente num deserto.

A circulação é meramente temporária e a depender das grandes águas, que impedem uma esterilização total pelo dessecamento. Mesmo assim, há indícios de um gradual enxugamento da região, como se vê na grande lagoa Salgada, no extremo sul do município, **cujas** águas concentradas são mui amargas, e em **cujas** margens notam-se precipitados de calcáreo e massas amorfas de carbonato de cálcio ligando carapaças de minúsculos gasterópodos.

Como vias de comunicação poucas lagoas de restingas são utilizáveis. Ao norte do Paraíba entretanto, o **já** mencionado **canal** de Cacimbas, de intensa vida no Império e que ainda traz do chamado sertão de São Francisco de Paula um comércio regular, só foi construído a braço de escravos pela possibilidade de penetração das margens do rio para o norte oferecida por longos brejais de restingas indo até os tabuleiros.

Mais importante talvez ainda para o município e a sua sede, é a pequena lagoa de restinga que, prolongando para o norte o **braço** do Paraíba que forma o canal de Gargaú, permite uma intensa navegação comercial de pranchas e canoas com essa vila **praiana**. Até bem pouco, antes da abertura de estradas de automóveis, Gargaú recebia em sua feira semanal, elevada percentagem da produção agrícola da região setentrional dos tabuleiros **litorâneos**.

3. CARTOGRAFIA

"Um pequeno **esboço** me diz mais que um longo relatório" — NAPOLEAO

Nenhum mapa até o presente conhecido deixa entrever a realidade fisiográfica da região costeira do extremo norte **fluminense**. O limite continental tem sido exposto com relativa **exatidão** mas tudo o que se refere a topografia regional é rudimentar quando não **errôneo**. Sobretudo quanto à representação das restingas é esta uma área **praticamente** virgem do território brasileiro.

As cartas de **MOUCHEZ** limitam-se ao perfil do litoral com menores esboçados e grosseiros de estreita faixa costeira. Os mapas do Império e da República nada mais fazem que repetir erros primitivos aos quais são por vêzes adicionados insignificantes **aper-**

Keiçoamentos locais. De tôdas essas cartas quase nada se aproveita nesta zona, sendo a nielhor a de Couro Reis que data de 1785 !

É lamentável porém que, sendo a primeira conhecida não tenha sido utilizada como deveria para a execução das outras posteriores que estariam assim mais próximas da realidade.

A parte ao sul do Paraíba foi por êle regularmente bem representada. Quanto ao norte do rio, pouco explorado naquele tempo pelo cartógrafo, por sei ainda coberta de florestas na zona terciaria e azóica e pouco frequentada pelos colonizadores, apresenta escassez de anotações em geral limitadas a claros de pântanos e lagoas que se destacam na vasta mancha da mata virgem ou dos cerrados.

Os mapas seguintes pouco nos adiantam sôbre essa área e, indesculpavelmente o do centenário da Independência mandado executar pelo govêrno estadual em 1922 apresenta erros enormes que falseiam tôda idéia da topografia. Ali vemos por exemplo a lagoa da Saudade isolada ao norte da Campelo, o rio Muritiba que podendo indicar o canal de Cacimbas encontra-se deslocado, o Guaxindiba passando por São Francisco de Paula e, mais ao norte, como curso d'água de maior vulto entre o Itabapoana e o Paraíba, o Camaquã, — rio que não existe !

No mapa que anexamos, reduzido, ao *O Homem* e o Brejo muitos dêsses erros foram eliminados e a topografia regional acha-se representada em seu aspecto verdadeiro, podendo servir de base para um futuro trabalho geodésico. Diversos foram os elementos utilizados na sua execução que resulta de vários anos de trabalho e pesquisas, simultâneos ao estudo da região mais ocidental que abrange o extenso município de Campos e parte dos de Bom-Jesus-de-Itabapoana, Itaperuna, Cambuci, São-Fidélis, Madalena e Macaé.

A fixação da costa foi obtida por quatro pontos, os únicos de coordenadas geográficas de confiança. São êles o farol de São Tomé, a barra do Açú, o farolete de Atafona e a tôrre da igreja da Boa Morte em São João da Barra. As coordenadas dos três primeiros nos foram garantidas pela Diretoria de Navegação, na Ilha Fiscal e resultam de trabalhos recentes com aparelhagem de grande precisão. Inútil encarecer a eficiência técnica dos nossos officiais desta secção do Ministério da Marinha.

As de São-João-da-Barra são do Dr. MÁRIO SOUSA, ao qual devemos outras fixações de localidades do norte do Estado do Ria. Para as determinações de latitude empregou êle o método de Sterneck e para as da hora local o de alturas iguais de estrêlas diferentes, — Zinger —. A longitude foi obtida por troca de sinais telegráficos nos dois sentidos, com duas ou três noites de observações independentes. O teodolito empregado foi um de Heyde com 2.5" de leitura direta nos dois círculos e dotado de nível de 5". As coordenadas foram sempre geodésicamente transportadas para pontos notáveis que assegurassem permanência.

São pois as seguintes as coordenadas que utilizamos:

Barra do Açu	Lat. 21° 55' 02".6 Long. 40° 58' 52".5	Diretoria de Navegação
Farol de São Tomé	Lat. 22° 02' 32".7 Long. 41° 03' 16".3	” ” ”
Farol de Atafona	Lat. 21° 37' 17".6 Long. 41° 00' 47".2	” ” ”
São João da Barra	Lat. 21° 38' 13".0 Long. 41° 04' 00"	Dr. MÁRIO SOUSA

Para a linha costeira de Atafona a barra do Açu, de curvatura suave e simples com um longo trecho retilíneo, bastaram reconhecimentos expeditos com amarrações azimutais. O trecho do rio Paraíba foi diretamente reduzido da fotocarta do Departamento Nacional de Obras de Saneamento e reproduz com minúcias o traçado dêste curso com suas ilhas e meandros, bem como a posição dos pontais na foz mutável, na época do levantamento. De mesma origem é a grande planície de restingas ao norte do Paraíba, cujas longas depressões, lagoas e alagadiços estão fielmente representados.

A planície da margem direita, embora não ofereça a mesma precisão dá-nos entretanto unia idéia exata dos pormenores topográficos regionais. Além de nossos reconhecimentos nessa zona, foram anotadas e adicionadas com a aproximação possível minúcias fornecidas por numerosas fotografias aéreas oblíquas, quer por nós tiradas de grande altitude, quer obtidas do arquivo fotográfico do referido Departamento.

O córrego de Guruçai bem como as lagoas do Tai-Grande, Tai-Pequeno, Jacaré e Bananeiras foram reduzidas de levantamentos a trânsito executados pelo Eng.º FRANCISCO DE MORAIS VIEIRA para a extinta Comissão Saturnino de Brito. As estradas de ferro agrícolas foram por nós levantadas e a Leopoldina reduzida das plantas da Companhia de 1:2 000.

A planície de restingas ao sul de Quiçamã foi tirada da planta da Comissão Marcelino Ramos.

Todos êstes dados esparsos exigiram para o seu ajustamento longos caminhamentos expeditos e amarrações a bússola, sendo o conjunto ligado à triangulação que ora executa o Eng.º ARISTIDES HENRIQUES DE OLIVEIRA, o qual, em colaboração conosco, levanta a região serrana e grande parte da Baixada Fluminense no norte do Estado do Rio.

A carta é por assim dizer inédita podendo-se nela ver a complexidade de uma rêde immobilizada nos areas das restingas que, por sua vez retêm a paralisam as águas da Baixada criando um

problema dos mais sérios a ser resolvido pela engenharia brasileira e em boa hora entregue a um homem predestinado para o cargo: HILDEBRANDO DE ARAÚJO GÓIS.

V. RECURSOS MINERAIS

“ é um trabalho singularmente apaixonante interrogar o planeta, porque ele nunca deixa de responder e de revelar um a um os inumeráveis segredos que contém

Conio o geólogo, nós interrogaremos a Terra onde quer que ela se mostre sem véu ”

ROBIN, Aug: “La Terre”, Paris, pág IV

Conquanto não se deva esperar uma grande riqueza mineral soterrada nos vastos areais costeiros fluminenses, não são êles totalmente estéreis coino de supor. Há nas restingas produtos de valor econômico apreciável, alguns dos quais já parcialmente explorados.

Deixemos o sal indiretamente oriundo dessas formações pela barragem das lagunas, sôbre os quais adiante falaremos mais pormenorizadamente, e lancemos um olhar sôbre os produtos minerais extrativos da própria terra.

Um dos mais conhecidos é a *monazita*, de sabida existência em tôda a costa da foz do Paraíba até o Espírito-Santo, e cuja prospecção não tem sido feita a,~&hoje com a devida sagacidade, limitando-se os interessados a caranguejarem pelas bordas do mar sôbre as praias atuais.

Ocorrendo o mineral entre estas areias onde fôra concentrado pelo vai e vem das ondas, a ninguém parece ter ainda ocorrido que, tôdas as restingas da planície foram em tempos idos praias semelhantes devendo portanto a pesquisa do minério ser igualmente efetuada em sentido transversal à costa por tôda a extensão das grandes planícies arenosas

Outro mineral indiretamente ligado à formação de restingas é a *gipsita*, proveniente de antigos braços de mar que secaram. A tal origem se devem os depósitos da Boa Vista próximo ao farol de São-Tomé, provàvelmente existindo jazidas idênticas em zonas de formação geológica semelhante.²¹

Um terceiro produto de valor econômico nada desprezível é a *turfa*. Por tôda essa costa onde as depressões das restingas se empantanaram, comumente aparecem jazidas dêsse combustível que já mereceram atenção de interessados na lagoa de Jacaré, em Cabo-Frio e em Macaé.

²¹ LAMGO, Alberto Ribeiro — *Gipsita da Boa Vista* Rev “Mineração e Metalurgia”, dez, 1938

Em Cabo-Frio há depósitos de bom combustível nos lugares denominados Engano e Andrade, embora de possibilidades volumétricas um tanto limitadas. Em Macaé podemos computar cêrca de 300 000 metros cúbicos na planície de restingas entre Barreto e a lagoa de Carapehus, enchendo velhas depressões onde extintos e longos brejos acamaram seus detritos vegetais. Formou-se outrora uma companhia a fim de explorar estas jazidas a qual porém se desfaz. Há também turfeiras de volumosa cubagem, marginalmente à E. F. Leopoldina, em Guriri.

Um dos grandes óbices à exploração econômica dos depósitos macaeenses é a sua excessiva umidade. Outro, é a dispersão da turfa em estreitos depósitos muito extensos, o que encarece o transporte do combustível sobre os areais. Devido porém à sua proximidade da estrada de ferro e da cidade de Macaé onde uma usina central poderia beneficiá-la, pensamos que novas pesquisas deveriam ser iniciadas com o fito de esclarecer as possibilidades de sua utilização industrial.

Finalmente, resta mencionar o aproveitamento das próprias areias. Em certas zonas das restingas são elas muito brancas, formando valiosos depósitos de sílica utilizáveis em indústrias que exigem a sua pureza como a do vidro. Tais são as areias conhecidas em Campos como do "Viana", localidade a beira do Paraíba e na sua margem direita, no município de São-João-da-Barra, onde muitas centenas de hectares são medidos sobre elas. As mais notáveis são porém as da praia de Cabo-Frio, já citadas, que se estendem por 18 quilômetros ao longo do mar.

Nas praias de Macaé, notoriamente na de Inbetiba, manchas de areia negra por vezes com espessura de dois centímetros, sedimentam-se devido ao peso específico ao serem lavadas pelas ondas. São constituídas de magnetita possivelmente ilmenítica.

O represamento do rio Macaé pela restinga também ocasionou a deposição de finos e valiosos depósitos de areia de fundição na planície alagadiça das vizinhanças da cidade. Estão localizados na fazenda Virgem-Santa e a sua cubagem, orça por centenas de milhares de toneladas.

VI. A FLORA

"A árvore é o maior presente dos deuses ao homem"

PLÍNIO, o Antigo

Tamanha é a importância do vegetal na estabilização das restingas e na própria ecologia regional, que, seria falho um trabalho deste gênero sem um esboço fitogeográfico, embora elementar.

Já destacamos a imutabilidade das planícies arenosas, inatacáveis mesmo, — caso único na Geologia —, pelos agentes erosivos.

Deve-se isto sobretudo à cobertura **florística**, imobilizando-as logo à saída do mar. É ela ainda que, a seguir anula a ação das ventanias, obstando a demolição dos **cômoros** e um novo **enrugamento** em dunas das areias transportadas. A topografia é **assim mantida** permanentemente, e, não havendo circulação na rede lacunar **sôbre** o nível baixo da planície rasa é impossibilitada a evolução **paisagística** por novos relevos juvenis.

No tipo "laguna", essa imutabilidade já não é tão perfeita, pois vimos a construção dos esporões que seccionam as grandes toalhas lacustres com cordões de areia tiradas do leito e das margens. Em Cabo-Frio, além disso, a finíssima areia branca abandonada aos ventos periódicos empilha-se em pequenas dunas. São porém estas, raras exceções na costa fluminense e mesmo em quase todo o litoral até o Rio-Grande, onde a faixa marítima do **Albardão** e a do seu prolongamento à fronteira do Uruguai é composta de dunas que protegem porém no interior típicas planícies de restingas.

Já elucidamos êste assunto com fotografias aéreas que prescindem de explicação, igualmente focalizando a origem dessas dunas, nascidas de **restingas** iniciais.²² Pouco temos a acrescentar ao que dissemos, a não ser que, nesse caso, uma completa mutação no regime atmosférico do Rio-Grande, deve ter-se dado em épocas recentes para que a estabilização da planície de restingas não mais fôsse possível como anteriormente. Porque os processos geológicos de sedimentação inicial pelo recuo do mar ainda continuam.

Como prova, diz-nos RAMIRO BARCELOS: "a costa sofre uma sedimentação incessante de areias, ali depositadas pela ação das águas e dos ventos. Êste aterramento arenoso, contínuo, expande sempre e sempre o território rio-grandense para o lado do mar, calculando-se o avanço num aumento anual de 4 a 5 metros".²³

Os mesmos fenômenos originadores da planície interna ao **Albardão**, prosseguem pois com intenso ritmo. Mas o poder fixativo da flora desapareceu. Daí as dunas que marcham para o interior, em partes já recobrando a velha planície de restingas. Trata-se de uma região a pedir estudos botânicos especializados no campo da Ecologia Vegetal e da Etologia. O solo aparentemente não mudou. É a mesma areia que se ali acumula atualmente em vastas extensões litorâneas. Portanto a mesma "vocaçào do terreno" para a vegetação de restingas com sua flora hoje acantonada na faixa interna, impossibilitada de galgar o **cômoro** dunoso.

Não sendo de esperar mutações filogenéticas nesses campos da praia do Rio-Grande, e, a não ser que a mão do homem removesse os pastos naturais substituindo-os por gramíneas importadas

²² LAMEGO, Alberto Ribeiro — Restingas na Costa do Brasil Bol. n.º 96 da Div. de Geol. e Miner., Rio, 1940

²³ BARCELOS Ramiro — Caracteres do Litoral Rio-Grandense Almanaque do Brasil, Rio, 1941; pág. 121.

e inaclimáveis nas areias virgens saídas do mar sem uma vestimenta preparatória que as amadurecesse para espécies emigradas, é forçoso ir buscar a solução em fatores climáticos. A Fitogeografia nos revela o acantonamento ali de uma flora, em tempos expansiva e na pista do mar, porém hoje localizada.

A ambiência telúrica não parece ter mudado e dêste modo somos levados a teorizar um novo clima recente para a costa gaúcha, com repercussões prováveis no interior onde a imensidade nua dos pampas se dilata.

Unia observação geológica pode assim insinuar fenômenos correlatos em outros ramos das Ciências Naturais. Como comprovação do que assinalamos, ALBERTO SAMPAIO cita: "A diferenciação mais recente dos climas teria provocado o aparecimento de tipos novos, adaptados a condições mais sêcas, de um lado, mais frias do outro". "Assim, a vegetação florestal parece mais antiga; LINDMAN considera os campos do Rio-Grande-do-Sul mais recentes que as matas da região; e como a flora é o espelho do *clima*, segundo EMBRGER, é natural que a Paleobotânica espera, para maiores progressos neste terreno, o desenvolvimento dos estudos, sôbre "Variações Climáticas", por parte da União Geográfica Internacional".²⁴

Terá essa vegetação campestre, pampeana e recente, substituído extintas florestas no Rio-Grande, desaparecidas com o nascimento do Albardão? O estudo físico e geológico da Terra, pode levar-nos audaciosamente a campos alheios. Evitemo-los prudentemente.

Já notamos o mesmo indício de movimentação de areias de restingas na ilha de Santa-Catarina e no litoral do mesmo Estado, na ilha de São-Francisco. Referências idênticas foram escritas para a costa de São-Paulo.²⁵ Não seria pois especulação por demais audaciosa, insinuar que, a mesma onda de variações climáticas que atingiu o Rio-Grande, avança para o norte obliterando a estrutura das restingas.

Essa marcha porém, ainda não atingiu o Estado do Rio em que a duna é um elemento secundário, quase indistinta nas grandes planícies litorâneas onde a não ser nas areias pulverizadas de Cabo-Frio e no pontal da Marambaia que se distancia no mar batido de vendavais salinos, é mui raro se lhe ver a proeminência arredondada a emergir do horizontalismo da faixa arenosa costeira.

É que o manto vegetal lhes não dá tempo de se elevarem. Apenas ressecadas ao surgirem do mar, as línguas de areia começam logo a revestir-se. Tomemos como exemplo a generalizar-se, o de Atafona, ao sul da foz do rio Paraíba.

O rápido recuo do mar nessa praia, que atinge a cêrca de cinco metros anuais, não impede que a vegetação logo se apodere

²⁴ SAMPAIO, Alberto — *Fitogeografia do Brasil* Rio, 1934; pág 34

²⁵ LAMEGO, Alberto Ribeiro — *Restingas na Costa do Brasil*. Pág 3.

da nova terra, recobrando-a em etapas sucessivas de agrupamentos florísticos delimitados pela distância dos areis marinhos. Sucessões de tais agrupamentos se entretocam. Trata-se do fenômeno que ALBERTO SAMPAIO sintetiza em poucas linhas ao tratar do "ciclo morfológico e biótico das dunas", aplicável às restingas visto que, também neste caso é patente a influência dos seres vivos no melhoramento das areias onde há uma vegetação-clímax sujeita a sucessões; uma vegetação prepara a outra ou condiciona as areias para a outra".²⁶

A flora das restingas, por conseguinte, apresenta uma sucessão florística progressiva a partir do mar, até limites onde uma vegetação-clímax, isto é que atinge o máximo possível, se uniformiza em extensivos cerradões.

Essa uniformidade, porém, não é geral. Há regiões onde a vegetação é menos densa, e o biotipo lenhoso subordina-se a mais abertas extensões de plantas herbáceas e graminóides. Outras, ao contrário, conquanto raras, apresentam-nos adensamentos de *Lignetum*, em verdadeiras matas. Como exemplo do primeiro caso temos zonas das planícies do litoral de Quiçamã, onde provavelmente uma "adversidade ambiental" não permitiu a germinação do cerrado e só pequenas moitas tentam cobrir a nudez dos expostos areais (Fig. 67). Outras vêzes nem a isso chegam as "disponibilidades do meio físico", desdobrando-se então perante nós, todo um cenário desértico (Fig. 68). Noutras ainda, é a mão do homem que destrói a flora, tão preciosa nesse meio hostil. Quem viaja pelas restingas de São-João-da-Barra, comumente dá de vista com enormes descampados onde o cerrado abatido para lenha raro em raro apenas mostra ainda míseros testemunhos de esquecidas arvoretas.

Estepes artificiais criadas pelo machado. É da "estepização" chega-se mesmo à "desertização" como na zona do Papagaio, nos Campos-da-Praia, onde a vegetação a perder de vista, se reduz uniformemente a um tênue manto gramináceo a flor do solo.

Medidas prementes, governamentais, devem freiar a derrubada dos cerrados das restingas, mormente agora que o recuo das florestas da Baixada atingiu a cordilheira. O tabuleiro entrega aos machadeiros restos de capões. E em tôda a planície de aluviões do Paraíba, onde a floresta virgem dominou, só resta como relíquia preciosíssima dessa flora quase extinta a mata dos Airises.²⁷

A nosso pedido o ilustre botânico patrício e campista prontificou-se a exemplificar num trecho da carta cadastral de Atafona, a flora das várias zonas a partir do mar até os cerradões típicos e definitivamente radicados que, por dezenas de quilômetros vão

²⁶ SAMPAIO, Alberto — Obr. cit., pág. 205

²⁷ ALBERTO SAMPAIO a cita em pág.: 181 de sua *Biogeografia Dinâmica*, juntamente com a do Beco, hoje quase tôda derrubada. Também a mata da Baronesa que, embora nos tabuleiros é apresentada pelo autor como terceiro exemplo de relíquia florestal de Campos, já quase tôda consumida nas fomalhas das usinas e locomotivas.

para o interior até os limites da planície aluvional do Paraíba, onde outrora exuberavam as grandes florestas.

No mapa anexo pode-se dêste modo presenciar um raro fenômeno geo-botânico, o da tomada da terra em contínua emergência do mar pela flora que avança. Sobre a tarja costeira e limpa deixada pelo mar adiantam-se as formas vegetais em grupos, numa ininterrupta marcha que há milênios se processa.

Como vanguarda da vegetação lenhosa, mais ou menos densa do "cerradão da restinga", dominante para oeste em tôda a planície até as aluviões de Campos e que estaciona a uns 900 metros do mar, progride uma vegetação rasteira e mais ralmente disseminada de pequenos bosques de pitangueiras, de aroeiras, manga da praia, murici, mandacaru, gravatá capororoca, baga da praia e o coqueiro-anão ou guriri. Nas depressões, uma vegetação rala e graminácea.

Esta zoná é limitada a 350 metros do mar, onde já sôbre o cômore, entre as mesmas gramíneas, se nota uma vegetação psamófila, rala, em que a aroeira e a pitangueira já são minúsculas, e, com elas, a poaia, o malvaíscio, a vassoura, o gravatá e o mandacaru entre outras, prenunciam em crescimento embrionário a flora da zona anterior.

Galgando o cômore afinal e na descida lenta de uns 200 metros à praia, — com uns 30 metros de areia nua até o mar —, apenas uma leve cobertura muito rala de gramináceas psamófilas, agarra-se avidamente à nova terra que vem de subir das ondas com as primeiras possibilidades de vida.

É esta a linha de frente da vanguarda vegetal. É esta tênue vegetação a primeira que logo fixa a restinga apenas formada e a prepara para em estágios sucessivos atingir o manto final do cerradão. Com ela e seus tão ínfimos recursos é que a nova terra é continuamente dominada à medida que surge e a sua esterilidade atenuada a fim de possibilitar a vinda de formas superiores.

O mapa não se refere porém somente aos sedimentos arenosos acamados pelo mar. Há nêle empantanado, um trecho da margem esquerda do Paraíba sendo êsse brejo um antigo saco à margem do rio. Era ali sua foz em fins do século passado, fechada hoje por um pontal que a deslocou mais um quilômetro para nordeste.

Em seu Curso de Botânica, tão magistralmente desdobrado na Revista da Flora Medicinal, já ALBERTO SAMPAIO especificara a *zonação* das diversas associações florísticas das areias do cômore e da restinga, com seus quatro biotipos que reproduzimos.

1 — Biotipo graminóide (Graminoidetum), caracterizado pela proteção da epiderme por impregnação sílicea: gramíneas e ciperáceas do litoral, situadas no cômore, desde a parte mais baixa da rampa da praia.

2 — Biotipo *herbáceo* (*Herbetum*), de consistência herbácea, em geral plantas mais ou menos carnosas ou cheias de suco Amaranáceas, *Ipcmaea* Pescapra, *Littoralis*, como transição para o biotipo seguinte.

3 — Biotipo *crassicaule* (*Crassicaulétua*), representado por cactáceas que se encontram desde o alto do cômodo e são mais freqüentes, mais variadas e volumosas na restinga.

4 — Biotipo *lenhoso* (*Lignetum*), as árvores da restinga, a princípio esparsas e depois de niais em mais densas, até o cerradão do interior.

Evidentemente que nem sempre as zonas diferentes se apresentam com limites precisos. Ha interpenetrações.

"Quando dois ou mais tipos se juntam, — árvores, gramíneas, ervas, tem-se uma *simorfia*, *Synimorphia* —, segundo HUGUET DEL VILLAR; cada moita mista do cômodo ou da restinga, é unia simorfia. O próprio manguezal é um biotipo lenhoso, um lignetum halófilo, do gr hales sal —, isto é amigo da água salobra, pelo que não psamófila e sim haloidrófila".

Ao par dessas plantas arenícolas que medram nos altos secos, vegeta a Flora Palúdica ou *Umícola*, nas baixadas e brejais. Ambas se completam sempre, lado a lado justapostas na topografia da planície de restinga tão bem caracterizada pela sucessão constante de elevações e depressões paralelas.

A Flora Marinha no litoral fluminense de restingas, por vêzes se completa com a *Flora de Mangue*, haloelófitas, — de águas salobras e com a *Flora Marinha Submersa*, — nas praias em que há rochedos a que chegam as águas do mar —: Algas presas à parte submersa dos rochedos e também algumas raras sifonóganicas — *Zostera*, *Najas*, etc."

Destas duas, a de Mangues decorre muita vez indiretamente das restingas, que fecham bocas de rios, como em Macaé, isolando sacos internos onde a maré penetra, salgando extensos alagados, onde outrora proliferavam moluscos em abundância excepcional, — mormente a *Azara labiata* —, cujas conchas branquejam de mistura com o solo negro depositado pelo rio. Estas planícies conchíferas são comuns também em Barra-de-São-João. Sobre elas é que se alastram os manguezais internos quando ainda não de todo enxutos, como no caso da cidade de Macaé.

Nem sempre todavia a vegetação-clímax das restingas paralisa no cerradão. Em casos, embora raros dá-se o inverso. O adensamento local do *Lignetum* que evolui para matas verdadeiras. Uma delas, é a do Louro, a leste de Guriri, ilha em pleno pantanal, entre os tabuleiros e a lagoa Feia.

O solo da ilha do Louro é todo areia de restinga, onde os sulcos de extintas lagunas ainda são visíveis em sua parte oriental descampada em pastarias. Na ocidental, porém, grandes troncos florestais erguem para o ar as copas volumosas.

Não sabemos que condições edáficas teriam ocasionado a sucessão progressiva para a floresta, com os mesmos caracteres genéticos do solo e os mesmos elementos geomórficos de uma típica planície de restingas. É provável todavia que, cercada como se acha a ilha do Louro de brejais que testemunham a sedimentação do velho delta do Paraíba, é possível que sob as areias superficiais não só maior umidade por infiltrações, modifiquem os atributos físicos do solo como também que sob a fina capa de areias encontrem logo as raízes sedimentos deltaicos argilosos com caracteres químicos e fatores bióticos favorecedores de uma vegetação florestal.

Outro exemplo de *adensamento* da flora das restingas, é a zona marginal nas lagoas costeiras de Quipari e de Guruçai, onde o espesso manto vegetal de cerradões contínuos cobrem largas áreas da planície.

Nesse caso a evidência de infiltrações da água desses cursos é notada, mormente em fotografias aéreas. A vegetação lembra matas ciliares que se alastram pelas margens das lagoas.

É interessante frisar que esta zona de matas do Caroara, entesta com os citados campos do Papagaio, completamente desnudados.

Ao norte do Paraíba, por toda a área de restingas de Gargaú ao Guaxindiba e para oeste até o Campelo, áreas de matas por vezes bem consideráveis e por outras reduzidas a capões, porém sempre limitadas de cortes retilíneos que denunciam a mão do homem, manifestam uma antiga cobertura uniforme e um espesso *adensamento* da flora das restingas. E, de fato, o tão minucioso mapa de **COUTO REIS**, de 1785, dá-nos *toda* essa região vizinha ao norte do baixo Paraíba, oculta sob a mata unida e ainda *inabitada*.

Caso mais notável porém, é o da mata do rio Gargaú, entre Campos-Novos e Barra-de-São-João. A rodovia estadual corta-a pelo meio, numa reta de 13 quilômetros em plena planície de restingas. E em *toda* essa tangente, a mata rente à estrada impressiona ao familiar à fitogeografia dos cerradões através de centenas de quilômetros das estradas que nêles penetram, com o imprevisto das muralhas vegetais de uma picada.

Embora totalmente arenosa, a planície diverge de *todas* que estudamos pela vegetação compacta e florestal. Embora não atingindo o porte da mata do Louro os tipos raquíticos cedem lugar ali a verdadeiras árvores aconchegadas e entretecidas de trepadeiras.

Não nos consta que estudos agrológicos tenham ali sido executados. Não é improvável todavia que, como na hipótese do Louro, o lençol arenoso oculte à proximidade da superfície camadas argilosas e férteis.

Um dos mais ilustres botânicos atravessou-a há mais de um século, em 1818, e eis o que nos conta. "Após ter deixado Campos-

Novos atravessei uma mata virgem que se prolonga até a aldeia de São-João-da-Barra.²⁸ Nessa mata o terreno é arenoso; nela não se vêem dessas árvores enormes que inspiram uma espécie de respeito; mas, a vegetação, sem ter a magnificência comum aos lugares de terra boa, não é todavia desprovida de beleza. As árvores apenas têm tamanho médio, mas são muito próximas umas das outras e extremamente variadas; numerosas palmeiras produzem frequentemente os mais felizes contrastes; de todos os lados a *bougainvillea brasiliensis* inistura seus longos cachos purpurinos à folhagem das plantas que a cercam; a *Bromelia* e a *Tillandsia* de fôlhas rijas e uniformes cobrem, no meio dos grandes vegetais, vastos intervalos. Nesta mata não fui presa dessa espécie de terror religioso que causam ordinariamente as florestas virgens; aí gozei mais calmamente o prazer de admirar. O caminho é arenoso mas perfeitamente firme; não se vê nêle nenhuma erva e assemelha-se às áleas dêsses jardins inglêses onde há o cuidado de, sem forçar a natureza, acrescentar algum conforto e gôzo além do que concerne à vista”.²⁹

O príncipe de NEUWIED que um pouco antes a atravessara, exalta-se em sua descrição. "A soberba e imponente floresta primitiva, "mata virgem", que se estende, quase sem interrupção, de Campos-Novos ao rio São-João, numa distância de quatro léguas, e em cujos frescos e umbrosos recessos penetramos, merece mencionar-se aqui. Cedo atingimos um lugar pantanoso e pitoresco, cercado de coqueiros novos e touceiras de helicônias. Formam êstes a mata baixa, acima da qual se alteam, imponentes, frondosas e sombrias, as grandes árvores. Eram comuns os "sucuruás" *Tregon viridis*, Linn — de côr verde, azul e amarela, cantando nos galhos sob a espessura das folhagens. Imitamos-lhes o canto e em pouco matamos vários, machos e fêmeas. É uma ave das mais frequentes nesses lugares. A floresta prosseguiu cada vez mais exuberante, e novas e magníficas flores não regatearam trabalho ao nosso botânico. Vimos cipós entrelaçados da maneira mais singular; notadamente lindas *Banisteria* a maior parte das flores amarelas; troncos de formas curiosas; sucessivos coqueirais, magníficos e impressionantes, ornamentos das florestas de que nenhuma descrição consegue dar uma idéia justa. Sôbre nós, entre as ramagens, viam-se as mais belas flores das bromélias. Vozes inéditas de pássaros excitaram-nos o interêsse, ao passo que a branca *Procnias* — "araponga" —, era particularmente comum.

O percurso pelo solo arenoso era fatigante, mas o cenário esplêndido da floresta pagava-nos generosamente as canseiras”.³⁰

²⁸ É comum a confusão, mesmo entre autores modernos, sôbre as designações de *Barrã* de São João, a terra natal de CASIMIRO DE ABREU, na foz do rio São João, com São João da Barra, na foz do Paraíba

²⁹ SAINT-HILAIRE, Augusto de — Obr cit, págs 350-351

³⁰ WIED-NEUWIED, príncipe Maximiliano de — Obr cit, págs 80-81

Insistindo **sobre** tais "adensamentos florísticos", fazemo-lo propositadamente. Sem a flora, a vida humana em densidade **ponderável** seria impossível nas restingas. Manter pois essa vegetação que afasta o deserto deve ser uma decisão imperativa dos governos. Melhorá-la quanto possível, obra de arguta previdência de administrações patrioticamente bem orientadas. E o resultado a se esperar é francamente promissor ao considerarmos aquelas zonas de adensamento natural da flora das planícies de restingas.

Já na região das lagunas e no pontal da Marambaia sua importância é diminuída. O emparedamento ocasionado pelo mar criou possibilidades outras, condicionando um *habitat* diverso.

Para o homem integrado ao mar e à laguna, a restinga em geral é apenas a pousada. Raras culturas **accessórias** pouco **afetam** a vida do pescador. Mas contudo, ainda em pequenas planícies como a de Cabo-Frio poderia êle afeiçoar-se mais intimamente à terra, melhorando-a.

Acresce que, nesta zona a flora se apresenta ao estudioso por demais atraente para ser menosprezada, e, embora trabalhos regionais como o de ULE avulsem na Sistemática, outros campos continuam virgens de pesquisas especializadas.

E' desta zona que diz SAINT-HILAIRE: "exceção feita da serra do Caraça e das vizinhanças da Penha, na província de **Minas**, não creio ter achado, desde o começo de minha viagem, urna região tão interessante para a Botânica que essa península ou restinga que separa o oceano da Araruama. Durante o tempo que passei em Cabo-Frio herborizei todos os dias nessa península, e, **diariamente** aí encontrava grande número de plantas interessantes.^{30-a}

Dela também nos fala ALBERTO SAMPAIO: "Adensadas as moitas de restinga, — jundu ou nhundu em São-Paulo —, cobrem às vezes, de modo contínuo e como um denso emaranhado de arvoretas, cardos e **gravatás**, largas extensões da costa, variando um **pouco** a composição, mas podendo-se tomar como típica, — e aliás a melhor estudada até hoje —, a do litoral de Cabo-Frio, graças principalmente a exaustivo trabalho de E. ULE, no periódico *Engler-Botanische Jahrbucher*, vol. XXVII".³¹

Com o estreitamento das planícies de restingas na região das lagunas vemos porém, que, embora grandemente atrativa para os botânicos, a flora é contudo **relegada** a plano secundário para fins econômicos da comunidade. É o que se dá em **Squarema**, em **Mariá** e nas praias atlânticas do Distrito-Federal. A restinga continua a impedir a vinda de uma população intensa. Mas no Rio-de-Janeiro, a partir dos **começos deste** século a pressão demográfica rapidamente vence a adversidade do meio agreste, onde a vegetação

^{30-a} SAINT-HILAIRE — Obr cit , págs 327-328

³¹ SAMPAIO, Alberto. — *Fitogeografia do Brasil* Pág 195.



Fig. 59 — Exploração de uma turfeira nas restingas de Cabiúnas em Macaé.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 60 — Briquetagem rudimentar da turfa em Cabiúnas.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 61 — *Jazida de areia de fundição em Macaé. Nota-se o depósito sob a camada de argila negra parcialmente removida.*

(Foto A. R. LAMEGO)

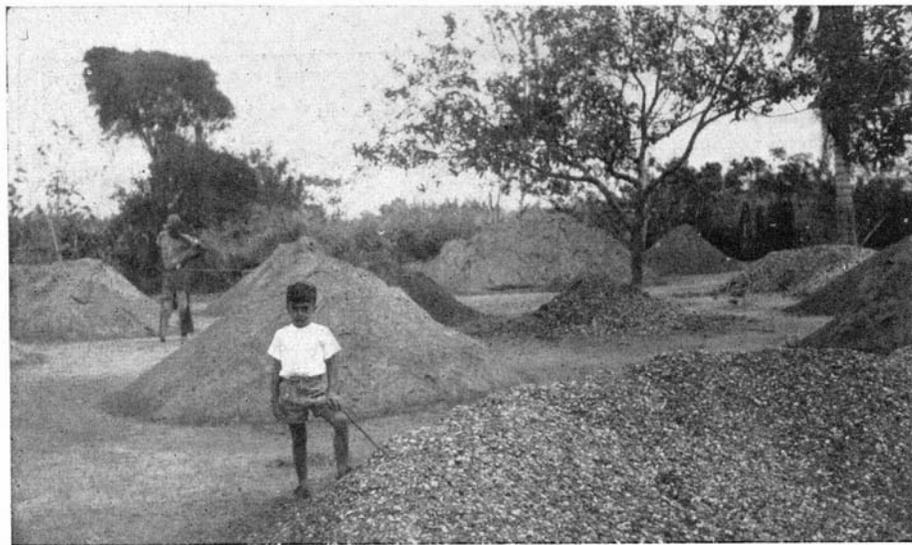


Fig. 62 — *Areia de fundição já separada do cascalho conchilífero, após a peneiragem manual.*

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 63 — Uma avenida natural entre as restingas de São-João-da-Barrã.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 64 — Devastação da flora dos cerrados, na estrada de Campos a São-João-da-Barrã.

(Foto A. R. LAMEGO)

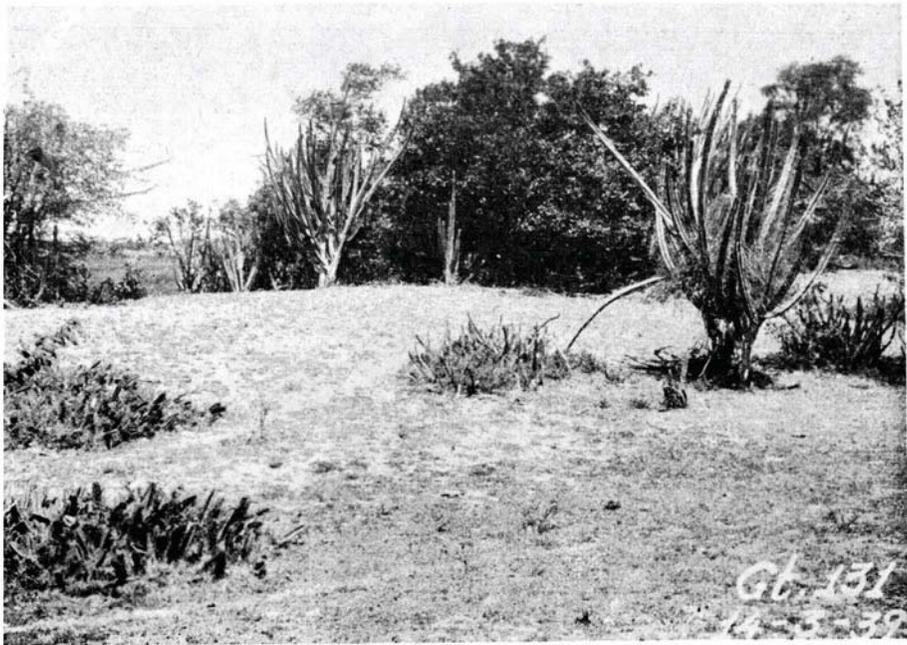


Fig. 65 — *Aspecto da flora de cerrados das restingas.*
(Foto CAMILO DE MENESES)

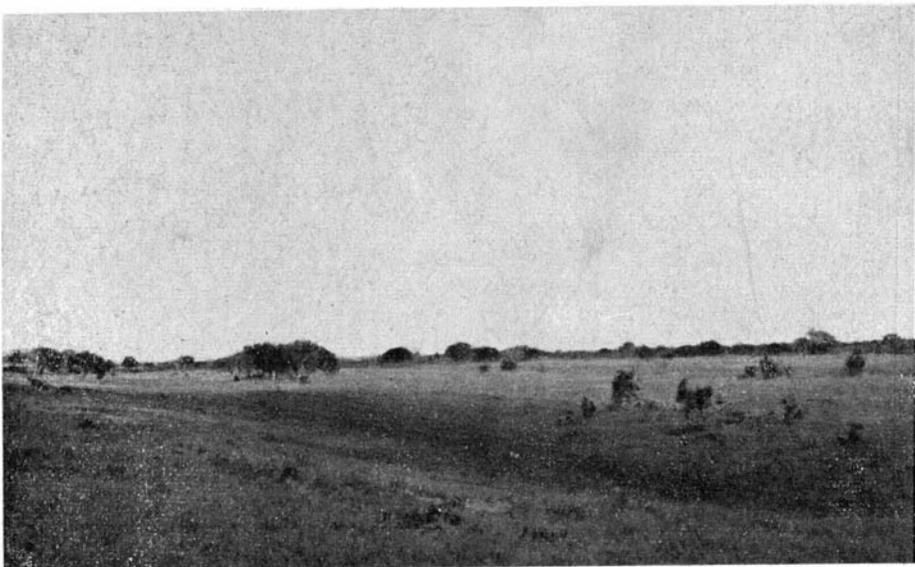


Fig. 66 — *Uma savana artificial nas restingas de São-João-da-Barra.*
(Foto A. R., LAMEGO)



Fig. 67 — A flora de certas zonas das restingas é reduzida a pequenas moitas esparsas, formando uma comunidade vital "aberta". A figura representa um trecho da planície de restingas nas redondezas da lagoa do Paulista e do rio Carrapato. (Aerofoto KAFURI)



Fig. 68 — Nesta zona, ao sul de Quicamã, há quase uma completa "desertização". (Aerofoto KAFURI)



Fig. 69 — A desobstrução de cursos d'água na planície argilosa, conquanto árdua, é facilitada pelas margens consolidadas.

(Foto CAMILO DE MENESES)

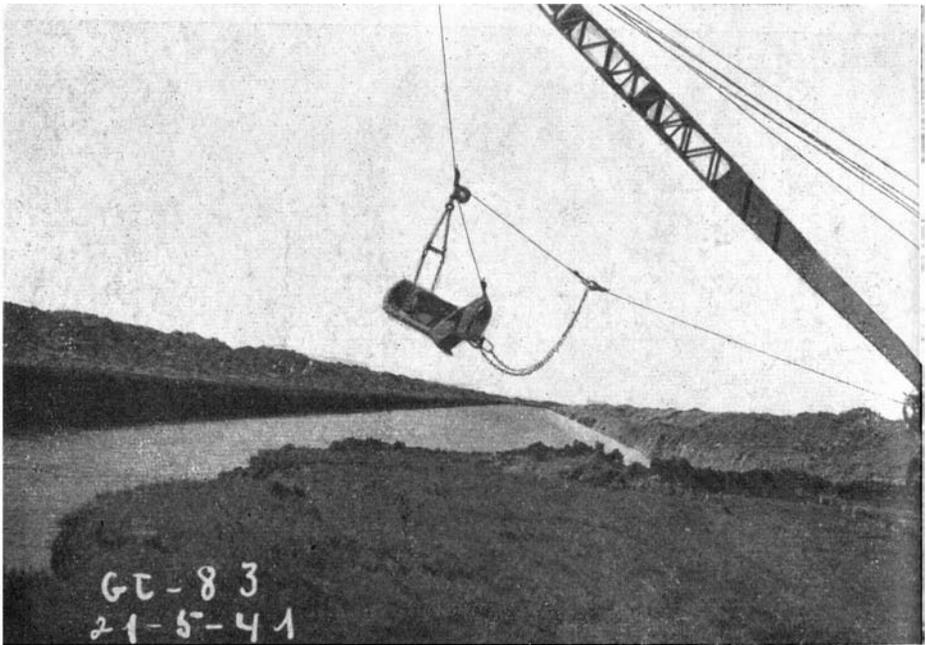


Fig. 70 — Igualmente, os canais podem ser mecânicamente escavados sem dificuldades

(Foto CAMILO DE MENESES)



Ry. 71 — *Nas planícies de restingas, entretanto as margens precisam ser consolidadas...*



Ry. 72 — *... e a flora, por intermédio do gravatá aparece como um importante auxiliar do homem.*

(Foto CAMILO DE MENESES)

silicícola sumiu aniquilada pelo avanço da metrópole tentacular. É o caso de Copacabana, de Ipanema, do Leblon e da praia da Gávea já inteiramente urbanizados, e, brevemente será o da planície de Jacarepaguá com seus dezoito quilômetros da praia de Marapendi, — a futura grande praia da Capital-Federal —, distensa entre a Barra-da-Tijuca e o pontal de Sernambetiba onde os prédios já começam a elevar-se nos terrenos em valorização vertiginosa. De maneira idêntica já é previsível a população carioca a se encaminhar para a Marambaia sob a irresistível atração que o mar exerce sobre o homem.

Nas vizinhanças dos grandes centros a importância da flora para a habitabilidade das restingas desaparece, porque o homem não vive do meio arenoso. A terra agreste e desprezada torna-se procuradíssima e nela surgem, vestidos de novo, os mais belos de nossos bairros residenciais. Por isso é que igualmente será fatal o destino urbano das restingas da região fluminense das lagunas sob a pressão demográfica da Guanabara populosa e vizinha. Disseminando-se por elas, irá habitá-las o homem apaixonado pelo mar.

Mas isto se dará somente nesta faixa de cômoros estreitos alindados de ondas e lagunas. Porque nas grandes planícies de restingas, sem a vegetação não é possível a vida, competindo ao governo impedir a sua inabitabilidade pela devastadora criação inconsciente de um deserto.

O HOMEM

"A história é um filme; a geografia é um quadro desse filme. A sucessão dos quadros geográficos gera a evolução histórica."

EVERARDO BACKHEUSER: *Fronteiras da Geologia e da Geografia e a Unidade desta Ciência* (Rev. Bras. de Geografia, ano III, n.º 3, pág. 642).

I. PRÉ-HISTÓRIA

"A pré-história indígena é ainda um enigma indecifrado"

TEODORO SAMPAIO: "Dic. Hist e Geogr Brasileiro", Eio, 1922, pág 847.

Dizer-se há quanto tempo o homem viu o mar na costa brasileira é hoje ainda impossível. Por mais que se esforcem antropologistas o mistério continua obscuro, sepultado nos sambaquis.

Por todo o litoral dos nossos Estados marítimos, do Pará ao Rio-Grande-do-Sul, a presença de esqueletos e utensílios indígenas nesses montes de conchas revela para muitos dêles uma formação artificial. Outros porém, são tidos por acumulações naturais de cascas de moluscos deixados pelo mar.

O concheiro artificial indica locais de antigas pescarias de índios,³² e há dêles várias ocorrências na região costeira que estudamos, sendo bem conhecidos o do rio Piracão, nas proximidades da baía de Sepetiba, e o de Piraí, a 4 quilômetros de Guaratiba.³³

Em Niterói localizamos vários pequenos sambaquis em abas de morros próximos à Guanabara, destacando-se entre êles, por seu interesse histórico, o da primitiva igreja anchietana de São-Leurenço, em torno a qual todo o terreno é forrado de fragmentos de conchas.

Muitos sambaquis devein ter existido na zona das lagunas mas desapareceram com a fabricação de cal desde os tempos da Colônia ou se encontram soterrados nos areais. Na cidade de Saquarema, há poucos anos, de um dêles foram escavados utensílios e ossos pelo Br. SIMOENS DA SILVA e recolhidos ao seu museu.

ÓTON LEONARDOS, FRÓIS ABREU e RAIMUNDO LOPES estudaram os sambaquis de Cabo-Frio, outrora abundantes mas hoje raros

³² Sobre a origem de tais sambaquis diz-nos frei GASPARI 1^o MADRE - I DEUS: "Povos inteiros em certos meses vinham mariscar na costa: escolhiam entre os mangais algum lugar enxuto aonde se aranchavam e dali saíam como enxames de abelhas a extrair do lodo os testáceos marinhos. É indizível a imensidade que colhiam de ostias, berbillhões, ameijoas, sururus de várias castas e outros mariscos" "Com tais mariscos se sustentavam, enquanto durava a pescaria, o resto secavam, e, assim beneficiado, conduziam para as suas aldeias, onde lhes servia de alimento por algum tempo" "As conchas lançavam a uma parte do lugar onde estavam congregados e com elas formavam montões tão grandes que parecem oufeitos a quem agora os vê soterrados" "Na maior parte dêles ainda se conservam inteiras as conchas, e nalguns acham-se machados, -- os dos índios eram de seixos muito rijos -- pedaços de panelas quebradas e ossos de defuntos; pois que se algum índio morria no tempo da pescaria, servia de cemitério a ostreia, na qual depositavam o cadáver e depois o cobriam de conchos" (*História da Capitania de São Vicente* 3^a cd., São Paulo, 1022, págs 120-121)

³³ LEONARDOS, Óton -- *Concheiras Naturais e Sambaquis* Avulso n.º 37 do Serv. do Fom. da Prod. Mineral, Rio, 1938, págs 52-59

por sua utilização nas caieiras. Ali foram achadas pontas de flechas de quartzo hialino.

Um ponto litorâneo bem frequentado pelos índios foi a foz do rio das Ostras cujo antigo nome, *Leripe*, significa êsse molusco que ainda hoje ali abunda e é de uma espécie gigantesca.

Na praia de Imbetiba, em Macaé, no alto do cômodo e nas vizinhanças do cemitério há restos de um sambaqui onde a mesma ostra predomina.

Na planície campista há casqueiros no campo da Boa-Vista, próximo ao farol de São-Tomé. Um que vimos na lagoa dos Jacarés, em Pipeiras, formado exclusivamente de *Axara labiata* parece natural.

Dos que anotamos em todo o norte fluminense os mais notáveis são os do Itabapoana. Mui longevo deve ter ali sido o seu empilhamento, visto estarem êles a dezenas de quilômetros do mar, precedendo o recuo dêste como explicaremos.

Os que vimos na margem direita estão a 15 quilômetros em reta do oceano, na aba dos tabuleiros que ali bruscamente limitam o leito maior do rio. Dois dêles, medem 100 metros de comprimento por dois de largo, e são amontoados de conchas utilizadas em pequenos fornos locais para o fabrico de cal. A sua disposição tabular bem como o achado de crânios e de outras partes de esqueletos, — infelizmente calcinados nos fornos —, anulam a hipótese de concheiros naturais, comprovando ao mesmo tempo o recuo do mar em tempos históricos.

Outros, dos quais temos notícia pelo Eng.^o FRANCISCO DE MORAIS VIEIRA, existem na fazenda de Concheiras, na margem esquerda, em plena floresta e medem 30 metros de altura. A sua distância da foz do Itabapoana é avaliada em 30 quilômetros!

A abundância de sambaquis nas margens dêsse rio requer a presença de um antropologista que inicie os estudos com os necessários conhecimentos e métodos de pesquisa.

Não tentando penetrar em campos especializados, achamos importante frisar uma tal ocorrência de testemunhos possíveis do "homem dos sambaquis", cuja afinidade com o da Lagoa Santa BATISTA DE LACERDA demonstrou ao mesmo tempo que assinala a ligação de ambos ao botucudo. Da conformação craniológica deduz êle "o reconhecimento de afinidades étnicas muito acentuadas entre uma raça atual, prestes a extinguir-se e circunscrita em limites geográficos muito estreitos e uma outra que deixou vestígios de sua lenta passagem ao longo da costa brasileira, seguindo a direção do sul".³⁴

Foi de tais estudos que, segundo ANÍBAL MATOS, se concluiu que o "homem dos sambaquis" estava equiparado aos povos mais selvagens do globo, e que oferecia semelhanças com os botucudos".

³⁴ MATOS, Aníbal — *A Raça da Lagoa Santa*, São Paulo, 1941, pág. 254

Ora, pelas margens do Itabapoana, vagavam outrora **êstes índios**, descidos do próximo *habitat* da cordilheira, e **que em princípios** do passado século ainda vinham até a costa.³⁵

Sem pretendermos sugerir uma direta descendência *local* para os mais rudes selvagens brasileiros, — pois bem sabemos quão sinuosos são os caminhos trilhados pela evolução —, não deixa de ser atraente o estudo antropológico na única faixa continental em que se justapõem um após outro, do mar para o interior, os três tipos americanos de afinidades cranianas tão acentuadas: o "homem dos sambaquis", o botucudo e o "homem da Lagoa Santa".

Parece-nos fora de dúvida que, de acôrdo com testemunhos geológicos baseados na origem das restingas, o "homem dos sambaquis" viveu nessa região quando a foz do Itabapoana duas léguas mais recuada, abria-se numa enseada vindo até a grande zona de pântanos denominados lagoa Feia.³⁶ Com a sua riqueza faunística êste seio de mar certamente atrairia o rude habitante do litoral, guloso de moluscos. Daí os sambaquis de "Concheiras" no Espírito-Santo e os da margem direita, atualmente a dezenas de quilômetros do mar.

Como já frisamos, não cabe nestas linhas a discussão do "homem dos sambaquis", de já notável bibliografia e de tão acentuadas controvérsias quanto a sua origem que, até um mestre da altura de um MENDES CORREIA opinando pela "existência de uma mescla de elementos raciais" nos casqueiros de Santo-Amaro, em Santos, nega a existência da chamada "raça dos sambaquis", opinião esta partilhada por ANÍBAL MATOS ao examinar a magnífica coleção Berenhauer, em Florianópolis,³⁷ que pudemos também ali visitar por ocasião do IX Congresso Brasileiro de Geografia.³⁸

A falta de tempo para pesquisas dessa natureza, não nos permite mesmo apresentar elementos que possam definir o estágio cultural do primitivo senhor das margens do Itabapoana. A referência que fazemos destina-se apenas a chamar a atenção de especialistas para o fato de tratar-se aqui de verdadeiros sambaquis e não de concheiros naturais, o que sé prova pelos crânios encontrados na massa conchilífera e pela disposição destas em pilhas tabulares, isoladas e alongadas à beira dos tabuleiros, com cêrca de dois metros sôbre o nível da planície.

Em Restingas na Costa do Brasil, provamos não ter existido elevação do bordo continental na zona marítima de Campos, e,

³⁵ WIED-NEUWIED, príncipe Maximiliano de — Obr. cit., pág. 130

³⁶ A não ser confundida com a grande lagoa de mesmo nome ao sul do Paraíba.

³⁷ MATOS, Aníbal — Obr. cit., pág. 259

³⁸ Por essa mesma ocasião, ao visitarmos o museu do Colégio dos Jesuítas na mesma cidade, entre os exemplares de uma rica coleção de artefatos indígenas provenientes dos sambaquis da ilha, notamos um magnífico tatu, talhado em rocha aparentando ser diabase, obra prima estilizada de algum gênio primitivo. A dureza da rocha e a perfeição do acabamento, permitem alinhar essa escultura entre as mais notáveis de toda a humanidade pré-histórica, recolhidas em museus ou anotadas em cavernas.

nosso parecer de então pode ser agora ampliado até a foz do Itabapoana onde na margem espírito-santense alastra-se igualmente uma planície de restingas por uns cinco quilômetros do litoral para o interior.

Os sambaquis devem ser anteriores ao fechamento por tais restingas, da enseada acima referida. Do contrário seria dificilmente explicável a formação dos importantes concheiros do Rio-Prêto, a tamanha distância do mar, cuja penetração até êsse curso em outros tempos, é hoje ainda visível nos imensos pantanais que dali vão até a costa.

Igualmente, o nível da superfície dos sambaquis da margem direita não pode ser devido a um levantamento continental epeirogênico emergindo concheiros naturais, visto que, um tal levantamento impossibilitaria a formação posterior da planície de restingas, de nível certamente aproximado ao da superfície dos sambaquis.

O tempo necessário para um recuo do mar capaz de originar uma tal planície parece levar-nos a um longínquo retrocesso, afastando, embora não de todo, a hipótese de que possam tais concheiros ser atribuídos aos posteriores habitantes da região: os goitacás.

II. O INDÍGENA

"Tamoio nasceste
Valente serás
Sê duro guerreiro
Robusto, fragueiro,
Brasão dos Tamoios
Na guerra e na paz"

GONÇALVES DIAS — "Canção do Tamoio"

"...avistamos nina teria plana na extensão de 15 léguas e que é ocupada pelos "Uetacá", índios tão ferozes que não podem viver em paz com os oitros e se acham sempre em guerra aberta não só contra os vizinhos inaiç ainda contia todos os estrangeiros"

JEAN DE LERY: "Viagem à Terra do Brasil"

A costa fluminense de restingas era no descobrimento habitada por duas nações guerreiras formidáveis: a tamoio e a goitacá. A primeira senhoreava a zona de lagunas e de enseadas, de Angra-dos-Reis ao Cabo-Frio. A segunda, era dona absoluta das planícies de restingas. Para o interior, ambas internavam-se pela Baixada até os contrafortes da cordilheira.

Entre um e outro índio, o ódio era perpétuo, ao mesmo tempo que isoladamente se atiravam ambos contra os portugueses. Eles é que retardam a conquista do litoral. Da baía de Vitória à Gua-

nabara, entre os arcos das duas nações, abrem-se longos parênteses na história dos primeiros séculos.

O índio era irredutível. Inconciliável com os conquistadores. Seu trato benévolo com os franceses, a quem se aliaram, deve-se de um lado ao misticismo dos huguenotes indiferentes a conquistas terrenas, e, de outro, à sagacidade dos corsários, meros negociantes necessitados de boa acolhida, indo e vindo em trocas amigáveis.

O português, porém, queria a terra. Plantar-se nela como senhor, tomando-a do aborígene. Destruir as tabas para levantar suas vilas e fortalezas. E o gentio resistiu. Tremendamente defendeu-a.

Contra os milhares de flechas tamoias foram necessários mais de cem anos de persistência encarniçada. Somente a persuasão do jesuíta e o bom senso de um governador conseguiram que se abaixassem afinal os grandes arcos goitacás.

Sobre a vida destes índios, basta em poucas linhas resumir o que dêles dissemos em *O Homem e o Brejo*. Contuariamente a generalizada crença da superioridade do tupi sobre o tapuio, particularmente defendida por BERTONI, o qual entre outros argumentos discutíveis da predominância do primeiro, mostra-nos todo o litoral em mãos de tribos tupis, provamos ser o nível cultural destes inferior ao dos goitacás, senhores de 100 léguas de costa, do sul da Bahia a Cabo-Frio.

Destacamos que, "os mais terríveis índios no Brasil" no dizer dos cronistas, "os tigres humanos" de frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, únicos a habitarem aldeias lacustres, atingiram um grau de cultura neolítica superior ao de todos seus irmãos brasileiros.

Dividia-se o grupo em três tribos: goitacá-mopi, goitacá-jacoritó e goitacá-guaçu. A mais valorosa e mais temida era esta última, composta de indivíduos gigantesco que habitavam o interior da planície aluviônica. As duas primeiras confinavam-se à planície de restingas.

O significado da palavra *goitacá* traduzido por MARTIUS como "corredores da mata" e mais geralmente admitido e divulgado como "índios corredores", é refutado por BEZERRA DE MENESES — que nela vê "índios nadadores", remontando a sua etimologia a *guaita-guaçu* ou "nadadores grandes" de onde derivou para *guaitaguás* e *guaitacás*.

Quer "corredores", quer "nadadores", ambos os termos de fato se ajustam aqueles índios "que tomavam a caça a cosso", ou viviam diariamente a nado ao redor de suas aldeias lacustres, aventurando-se até pelo rnar atrás dos tubarões, cujos dentes lhes serviam para pontas de flechas.

A origem de "Cainpos dos Goitacás" não parece vir da planície argilosa e inclusa no município dêsse nome, pois que outrora tôda ela era coberta de florestas a não ser na restrita área de Campo-

Limpo, mas da planície de restingas, das relvejantes campinas da Boa-Vista ou dos vertedouros da lagoa Feia, ao sul do cabo São-Tomé.

A disseminação de suas tribos pelas 100 léguas de costa preferidas, onde o fenômeno do recuo do mar é evidente, define o *habitat* do goitacá: é o índio das planícies de restingas.

Quanto ao tamoio, seu nome é conhecidamente traduzido por *avô* ou *ascendente*, entre as tribos do grupo tupi, enquanto que tupinambá quer dizer pai e tupiniquim sobrinho.

A "Confederação dos Tamoios", onde centenas de chefes ligados levantaram-se contra os portugueses de São-Paulo e do Rio-de-Janeiro firma tôda a conquista dessa região de quadros fundamentais da História do Brasil do primeiro século e parte do segundo, onde os vultos de ANCHIETA e de NÓBREGA, sobretudo se agitam.

Como de esperar os índios das lagunas e baías eram grandes canoieiros e em quase todos aquêles embates primitivos suas centenas de *igaras* de guerra sempre aparecem barbaramente aterradoras.

Não nos demoraremos na descrição dêstes selvagens, sobejamente retratados em todos os compêndios históricos, e cujo modo de viver em tabas fortificadas é particularmente pormenorizada por LERY. Apenas frisaremos a atuação do meio físico regional em cada qual das duas grandes nações vizinhas, com sua inevitável repercussão histórico-social.

Conquanto frequentador das restingas litorâneas, eram estas limitadas. Não tinham a imensa projeção horizontal das restingas da planície goitacá. Daí as multidões tamoias habitadoras da floresta.

Só com isto já se destacam dois aspectos contrastantes, entre os homens dos dois povos. Os tamoios, batedores de matagais, "sòmente conservam o cabelo na cabeça, tosquiando-o ao alto como uma coroa, e na nuca".³⁹ Os goitacás, livres em suas planuras, usam longas cabeleiras que os não estorvam em suas correrias. Motivos idênticos também parecem justificar a ausência de tapetes entre as tribos goitacás, guerreiros de campo aberto onde a tocaia é rara e os inimigos se entreolham a distâncias varadas por suas flechas enormes.

O goitacá sedentariza-se em aldeias lacustres, enquanto os tamoios do matagal "são nômades sistemáticos, mal estagiando em aldeias cuja duração não ultrapassa o tempo de exaurir a terra".

Menos acessível pelos fatôres geográficos, a inabilidade portuguesa em alcançar a sua colaboração resultou em sua pequena

³⁹ FERIANDES, Coinélio — *Etnografia Indígena do Rio de Janeiro Bol do Museu Nacional*. Vol II, Pág 16

contribuição sanguínea para a nossa gente, enquanto foi o goitacá, indubitavelmente, o que maior contingente deu para a formação do etno fluminense.⁴⁰

Como isto ocorreu com o aniquilamento em massa dos tamoios e o aldeamento dos goitacás em várias localidades, ver-se-á em páginas que seguem, confirmando para a zona litorânea das restingas os dizeres de CORNÉLIO FERNANDES de que, "após os goitacás, o grupo que mais contribuiu com o elemento branco para a posse da terra, foi o tupi, não com o tamoio, porém com os tupiniquins e temiminós trazidos para o Rio-de-Janeiro de outros pontos do Brasil".

Num relance de vista final, é bem possível que, o território dos tamoios, áspero de acidentes orográficos e rico de angras propícias à colonização, ao mesmo tempo que atraía o imigrante impelia o indígena a extrema oposição irredutível. Os reflexos psíquicos de uma terra alevantada em baluartes naturais não pouco devem ter-lhe escudado a alma coletiva do instinto da inexpugnabilidade.

Na história da grande nação tamoia os fatores geográficos não foram ainda encarados como elemento essencial ao seu desdobramento. A êles provavelmente é que se deve antes de tudo a desesperada resistência do índio até a sua heróica destruição em massa na batalha de Cabo-Frio.

Em nenhum ponto do Brasil a terra americana uniu-se tanto ao ameríncola na repulsa aos conquistadores europeus.

III. FUNDAÇÃO HISTÓRICA

1. CABO-FRIO

"O Brasil começou pela terra fluminense" —
FIGUEIRA DE ALMEIDA — "História Fluminense."
E^a ed Rio, 1930, pág 21.

"Entre le ciel qui brûle et la mer qui moutonne,
Au somnolent soleil d'un midi monotone,
Tu songes, ô Guerrière, aux vieux Conquistadors..."

HEREDIA: "A une ville morte", ("Les Trophées")

Querem historiadores eminentes tenha sido Cabo-Frio a primogênita do Brasil, e, a ser verdade, pode-se acrescentar que ali nasceu a civilização sul-americana com o primeiro assaltamento em terra firme: o de VESPÚCIO, entre dezembro de 1503 e janeiro de 1504.

⁴⁰ FERNANDES, Cornélio — *Etnografia Indígena do Rio de Janeiro*, Bol do Museu Nacional, rol II, pág 16

A sua descoberta é antiquíssima. MALHEIROS DIAS chega a opinar que o mencionado cabo de Santa-Marta, do planisfério de CANTINO, — o mais antigo mapa do Brasil —, seja o cabo Frio ou o São-Tomé.⁴¹

Em algumas cartas de marear dos primeiros anos de quinhentos o nome não aparece. Há todavia em tôdas elas uma quina continental bem definida e marginada de ilhas que, a um confronto com a realidade geográfica, aparenta representar o cabo.

O portulano de CANÉRIO, de 1505 ou 1506, dá ao local a designação de "Alapego de sam paulo", ao sul do qual ficam o "rio de reféns" e a "baía dos reis". No mapa de WALDSEEMÜLLER, de 1507, — que batizou de "América" o novo continente —, lê-se no mesmo local, "pagus S. pauli", ao sul da "serra São thomé".⁴²

Quer DUARTE LEITE que êsse "alapego" ou arquipélago sejam as ilhas de Sant'Ana e o "pagus" uma aldeia na foz do Macaé. Tal parecer, porém, não nos parece correto em face de comparação cuidadosa entre os contornos locais dos portulanos e os dos mapas posteriores, onde a citada quina continental é reconhecidamente cartografada.

"Alapego de sam paulo" deveria com mais exatidão representar o Cabo-Frio com seu cortejo de ilhas, bem mais numerosas, no qual existiria alguma aldeia de índios entre as muitas enseadas características dêsse litoral. Êsse arquipélago incluiria as três ilhas de Sant'Ana, visíveis do cabo em dias claros. Quanto à aldeia, ali de fato havia uma quando se fundou a primeira feitoria.

É provável que, em vista disso, "rio de reféns" fôsse o nome batismal da Araruama ou da Guanabara, e, quanto à "baía de reis" é indiscutível a sua referência a Angra-dos-Reis descoberta por GONÇALO COELHO em 1504.⁴³

O nome de Cabo-Frio que deve datar da viagem dêsse navegante segundo a mesma autoridade, aparece pela vez primeira no mapa de KUNSTMANN III, impròpriamente conhecido por mapa de PALESTRINA e que data de 1506 ou pouco depois.

A designação torna-se definitiva. Encontramo-la no mapa de REINAL, onde se vê a baía Formosa em cuja extremidade setentrional sai o "rio delgado", — com tôda probabilidade o São-João. No do VISCONDE DI MAIOLLO, de 1519, lê-se "capo frígido", e, no de LÁZARO LUÍS, de 1563, encontram-se o Cabo-Frio e a baía Formosa, logo além da qual está a baía do Salvador que designa provavelmente uma das enseadas de Macaé, ao abrigo das três ilhas de Sant'Ana.

⁴¹ MALHEIROS DIAS, Carlos — *História da Colonização Portuguesa no Brasil Pôito*, 1923, vol II

⁴² Fundado no rumor das cartas de VESPÚCIO, o obscuro cosmógrafo alemão MARIUM WALDSEEMÜLLER publica o primeiro mapa com o nome de "América", justificando-se no texto de sua *Cosmografia* Introductio da edição da Geugrafiu de PTOLOMEU, de SAINT'DIÉ, 1507: "a quarta parte do mundo foi achada por AMÉRICO VESPÚCIO, isto é à terra de Américo". (AFRÂNIO PEIXOTO: *Pequena História das Américas*, São Paulo, 1940, págs 23-24).

⁴³ *Hist da Colon Port no Brasil*, vol II, pág 433

Em seu famoso *Esmeralda de situ orbis* dá-nos DUARTE PACHECO OS "graus de ladeza" de Cabo-Frio, calculados em 25 graus 00 minutos, que embora um tanto afastados da realidade indicam o local já conhecido por navegadores primitivos, visto que tais dados são anteriores a 1505⁴⁴

Contestam porém os modernos historiadores lusitanos a descoberta do cabo por VESPÚCIO, embora não pareça haver discordância quanto a datar ela da expedição de GONÇALO COELHO em 1503.⁴⁵

Deve-se a HUMBOLDT a localização da feitoria de Cabo-Frio, a 260 léguas ao sul da Bahia, segundo as cartas do florentino. Nesta suposição dera-se ali a primeira entrada em terras de Santa-Crua, "indo até o rio São-João, 40 léguas no interior, proximidades de Rio-Bonito ou Capivari".⁴⁶

Um dos comentadores portugueses sugerindo a possibilidade da presença de VESPÚCIO na expedição de GONÇALO COELHO, assinala porém que, só por hipótese se tem identificado a feitoria fortificada, erguida pela frota de 1503 segundo a incorreta narração do florentino, com a que de fato existiu em Cabo-Frio⁴⁷

MALHEIROS DIAS, ao referir-se a "expedição de 1503", diz que os seis navios "navegaram além da baía de Todos-os-Santos 260 léguas, e, ao fim, construíram uma fortaleza, onde carregaram pau-brasil".⁴⁸

PÔRTO SEGURO entretanto é positivo. Conta-nos a saída de Lisboa, em meados daquele ano, da armada de seis navios de GONÇALO COELHO, — um dos quais sob o comando de VESPÚCIO —, o naufrágio da capitânea em proximidades de Fernando-Noronha, sendo salvo o comandante mas desgarradas duas naus, — uma delas a de VESPÚCIO —, que foram arribar a baía de Todos-os-Santos.

Ali aguardam por dois meses o resto da frota, e, como não chegasse, seguem para o sul, onde "foram entrando em diferentes pontos até chegarem ao de Cabo-Frio. Havendo aqui feito boa carga de pau-brasil, resolveram com ela regressar a Portugal, deixando no mesmo cabo estabelecida uma feitoria, guarnecida por vinte e quatro homens, tendo VESPÚCIO antes de partir efetuado uma excursão pela terra a dentro, na distância de quarenta léguas".⁴⁹

Em junho de 1504 entram as duas naus no pôrto de Lisboa. GONÇALO COELHO, entrementes, segue para o sul. Chega a baía do Rio-de-Janeiro e aí assenta um arraial, "onde não tardaria em ter pelos próprios selvagens, notícias da existência do outro deixado em Cabo-Frio".⁵⁰

⁴⁴ DUARTE LEITE — *A Exploração do Litoral do Brasil na Primeira Década* Obi cit , pág. 416.

⁴⁵ Obi cit , vol II, pág. 439

⁴⁶ FIGUEIRA DE ALMEIDA — Obi cit , pág. 22.

⁴⁷ BAIÃO, Antônio — "O comércio do pau brasil *Hist da Col Port no Brasil*, vol II, pág. 292

⁴⁸ MALHEIRO Dias Caílos — Obi cit , vol. II, pág. 292.

⁴⁹ PÔRTO SEGURO, visconde de — *História Geral do Brasil*, 3ª edição, vol I; pág. 97.

⁵⁰ Idem; pág. 98

O cabo tem portanto quase a mesma idade histórica da nossa terra e é nêle que se inicia o "ciclo do pau brasil", sendo bem possível que, a fama dos primeiros carregamentos dali saídos, se deva a substituição de Vera-Cruz, Santa-Cruz ou Terra-dos-Papagaios, pelo nome da cobiçada madeira de tinturaria, quando nasce o *brasileiro* ou negociante de pau-brasil, segundo **CAPISTRANO**.

Esta fama e a guarida segura para as naus, é que viriam posteriormente atrair a pirataria, já orientada desde 1503, pela passagem do "Espoir de Honfleur" por Cabo-Frio, no rastro dos descobridores.⁵¹

Sôbre a abundância de pau de tinta na costa fluminense, basta-nos um testemunho do primeiro século. "Há nela muito infinito pau do Brasil, de que os moradores fazem muito proveito", diz **GANDAVO**.⁵²

E quanto à qualidade, — contestada por **BERNARDINO DE SOUSA** —, escreveu **THEVET**: "et celui qui se voit ès rivièrre de Ianaire, terre de Morpion et cap. de Frie, est le meilleur sans comparaison, que celui qui est en la terre de canibales, pays du Peru, tirant vers l'Ouest".⁵³

A verdadeira exploração de Cabo-Frio, começa porém com o arrendamento do Brasil a **FERNÃO DE NORONHA**, sem cuja licença ninguém aqui podia vir. A êle e a seus três sócios armadores, é que pertencia a nau "Bretoa", cujo "Regimento" assinala um fato de invulgar importância, ao par da primeira regulamentação do nosso comércio. Por suas minuciosas instruções é que se revela "a existência de uma organização, embora rudimentar, para o resgate, comércio e defesa em vários pontos do litoral".⁵⁴

Para *ir ao brasil*, haver *tôda a carga de bom brasil com a menor despesa possível* é que com tal "Regimento" deixa Lisboa a famosa nau, a 22 de fevereiro de 1511, em busca de Cabo-Frio onde "já existia unia feitoria na ilha defronte da *povoação*".⁵⁵ "Aí era já a residência de um feitor, a quem **CRISTÓVÃO PIRES** devia entregar as mercadorias de que era portador, cobrando dêle o competente conhecimento para entrega em Lisboa".

Que era o pau-brasil de Cabo-Frio superior ao das feitorias do norte, — pelo menos as de Pernambuco e da Bahia já existiam —, prova-o a viagem da nau a essas latitudes, desprezando a curta distância daquela costa a Portugal e acrescentando vários meses de penosa travessia em tempos de escassa navegação.

O que nos interessa porém, antes de tudo, é a já então organizada existência de um arraial perdido na imensa linha litorânea.

⁵¹ **PÓRTO SEGURO** — *Obr cit.* , pág 101

⁵² **GANDAVO**, **Peio de Magalhães** — *Tratado da Terra do Brasil* Edição do "Anuário do Brasil", pág 36

⁵³ **SOUSA**, **Bernardino José de** — *O Pau Brasil na História Nacional*, Rio, 1939, págs. 57 a 88

⁵⁴ **BAIÃO**, **Antônio** — *Obr cit.* , vol. II, pág 333

⁵⁵ **DUARTE LEITE** — *Obr cit.* , vol II, pág 424

Seu primeiro feitor foi João DE BRAGA, dos 24 homens supostamente desembarcados por VESPÚCIO. A célebre nau deixa em seu lugar João LOPES DE CARVALHO.⁵⁶

Chegando a feitoria a 26 de maio, a "Bretoa" dali parte a 26 de julho. A sua carga é uma curiosa mostra do comércio brasileiro dos primórdios, quando ainda apenas "arranhávamos o litoral como caranguejos". "Levou cinco mil toros de pau-brasil; vinte e dois tuins, dezesseis saguis, dezesseis gatos, quinze papagaios, três macacos, tudo avaliado em 24\$220; quarenta escravos, na maioria mulheres, avaliados ao preço médio de 4\$000: sôbre todos êstes semoventes arbitrou-se o quinto ainda no Brasil".⁵⁷

Grande era a atração da terra, embora bárbara nesse tempo. Tanto que o famoso "Regimento" estipulava a exigência de serem as feitorias fundadas em ilhas, de medo que a maruja desertasse.

Pode-se dizer que João DE BRAGA foi o primeiro colono do Brasil legalmente estabelecido, visto que, os dois degredados de CABRAL foram apenas abandonados entre os índios e que depois dêles só temos notícia de GONÇALO DA COSTA (?), naufragado em São-Vicente em 1503, de João RAMALHO e ANTÔNIO RODRIGUES que de maneira idêntica chegaram em 1508 (?), e do CARAMURU em 1510.

A colonização lusitana em Cabo-Frio foi porém de vida efêmera. Logo após o regresso da nau "Bretoa", João DE BRAGA e o novo feitor mudam-se para o Rio-de-Janeiro e é provável que, com êles tenha desaparecido a feitoria. Muitos navegantes, entretentes, continuam a por ali passar, entre os quais FERNÃO DE MAGALHÃES no caminho da morte e da imortalidade.⁵⁸

O notório conhecimento dessa quina continental, tão rica de pau de tinta, de tão fácil carregamento e de tamanha importância estratégica, tornam indecifrável a sua renúncia pelos portugueses. Talvez a vizinhança de melhor abrigo na Guanabara, ou a atenção mais dirigida para a Bahia e as capitânicas do Norte seja a única resposta ao desamparo em que ficou.

Tão seguro e abandonado ancoradouro, jamais, porém, seria desprezado. Por todo o século de quinhentos, a pirataria dêle se apoderou.

Ante a imensidade costeira do Brasil o govêrno português lutava com precária administração. Integrar a Colônia em bloco indivisível a medida que outras nações européias também lançavam nos mares crescente numero de navios era obra gigantesca. Multiplicavam-se de ano a ano os problemas defensivos. Entre a Bahia e o Rio-de-Janeiro, iria surgir o dilema de uma capital centralizadora. E, dêste modo faltaram então a Cabo-Frio os dois elementos básicos de nossa civilização litorânea: o militar e o jesuíta.

⁵⁶ ALMEIDA PRADO, J. F. — *Primeiros Povoadores do Brasil (1500-1530)*, 2ª ed., São Paulo, 1939, pág. 127

⁵⁷ CAPISTRANO DE ABREU, J — *Capítulos da História Colonial*, Rio, 1934, pág. 31.

⁵⁸ FIGUEIRA DE ALMEIDA, Antônio de — *Ohr cit*, pág. 22

Ambos atarefados mais ao sul contra os franceses de **BOIS LE CONTE** e seus **tamoios**, não puderam consolidar a obra primitiva dos feitores. E a reconquista de Cabo-Frio demorou, limitada a golpes esporádicos e inoperantes contra a cobiça persistente dos corsários. Um deles foi o de **PERO DE GÓIS** donatário de São-Tomé, rondando a costa, que ali se bate contra uma nau francesa em 1541.⁵⁹

Repelida em Pernambuco por **DUARTE COELHO**, a pirataria da França bem acolhida pelos **tamoios** infestava a costa fluminense tão rica de pau-brasil. A armada do feroz **CRISTÓVÃO JAQUES**, vinda como guarda-costa em 1527, talando medonhamente os entrelopos e entregando os piratas à fúria antropófoga dos indígenas, nada solucionou ante a ilimitada imunidade oferecida pelos mares, onde as naus saqueadoras dispersavam-se.

Povoar o deserto era o problema. No próprio Rio-de-Janeiro a feitoria de **GONÇALO COELHO** fôra "destruída pelos naturais, indignados com o proceder do feitor e companheiros". Como relíquia⁶⁰ do insucesso, **MAGALHÃES**, em 1519, ainda ali encontra cana de açúcar.

Enquanto isso, o inimigo apodera-se de Cabo-Frio. Arranca fortunas do pau de tinta. Honfleur e Dieppe crescem da pirataria organizada, quase oficializada pelo rei de França. "A voz pública anunciava aparelharem-se os portos da Normândia com o fim de irem criar povoações no Brasil".⁶¹ **D. JOÃO III**, organiza a esquadra de **MARTIM AFONSO DE SOUSA**, a fim de "escorraçar os franceses das costas e litoral do Brasil, despejando-o de *corsarios francexes* que *hiam tomando nellas muyto pé*".⁶²

Cabo-Frio continua um baluarte em desafio à audácia portuguesa. Quando em 1560 **MEM DE SÁ** derrota **BOIS LE CONTE** no Rio-de-Janeiro, destruindo o forte Coligny, muitos huguenotes internam-se com os **tamoios**. Há um refúgio próximo em mãos de seus compatriotas. E voltam-se reincidentemente com a retaguarda bem segura.

SALVADOR CORREIA DE SÁ, primeiro capitão-mor da nova cidade fortificada, defende-a "alguns anos mui valorosamente, fazendo guerra ao gentio, de que alcançou grandes vitórias, e dos franceses, que do Cabo-Frio os vinham ajudar e favorecer; aos quais foi tomar dentro de Cabo-Frio uma nau que passava de duzentos tonéis, com canoas que levou do Rio-de-Janeiro, com as quais a abalroou e tomou à força de armas".⁶³

Nas lutas que enrijaram o carioca primitivo, é ali que sempre existe o grande foco instigador, dali partem **tamoios** e franceses para assaltarem São Vicente. Duas vezes atacam o Rio-de-Janeiro.⁶⁴

⁵⁹ PÔRTO SEGURO — *Obr cit*, vol I, pág 311

⁶⁰ CAPISTRANO DE ABREU, J — *Obr cit*, págs 31-32.

⁶¹ SOUSA, Bernardino, J — *Obr cit*, pág 122

⁶² *Idem*: pág 123

⁶³ SOARES DE SOUSA, Gabriel — *Tratado Descritivo do Brasil* 3ª edição, Rio, 1938, pág 97.

⁶⁴ ANCHIETA — *Cartas* Rio, 1933, pág 308.

A tanto chega o atrevimento numa delas que, juntando a oito **naus** francesas as canoas que puderam, entram no Rio-de-Janeiro, e, à vista da cidade, vão atacar o **ARARIBÓIA** em Niterói. Tremendamente **rechaçados**, recolhem a Cabo-Frio seus **destroços**.⁶⁵

Impõem-se medidas definitivas para a consolidação da nacionalidade que nascia **já** centralizando-se no Rio-de-Janeiro, mas **ameaçada** por Cabo-Frio. **É** então que o governador **ANTÔNIO DE SALEMA** organiza a expedição que deixa a Guanabara a 27 de **agosto** de 1575. Chefiam-na famosos cabos de guerra. Entre outros de São-Vicente **JERÔNIMO LEITÃO** que com **CRISTÓVÃO DE BARROS** e **D. ANTÔNIO DE MARIZ**, — celebrizado por **JOSÉ DE ALENCAR** no *Guarani* —, comandam 400 portugueses e 700 índios.

“**Em** breve chegaram a uma aldeia, onde os **tamoios** se tinham fortificado, em um campo cercado de um **tríplice fôso**, e de trincheiras feitas com tal arte, que parecia **inexpugnável**. **Estavam** entre eles dois franceses e um inglês, homens engenhosos e de grande experiência na disciplina militar, os quais haviam dirigido as obras de **defesa**”.⁶⁶

Dia a dia cresce a resistência com a chegada de novos **tamoios**. Mais de mil arcos enfrenta a coluna de **SALEMA**. Acirram-se ataques e sortidas inúteis. **SALEMA** resolveu então apertar o cêrco e **rendê-los** pela falta de víveres. A tortura da **sêde** inclina os sitiados à **rendição**, dissuadindo-os porém **dêsse** passo um feiticeiro, que lhes promete **água** em abundância. “E de fato, escreve o padre **LUIZ DA FONSECA**, atirando ao ar ossos de porco e usando de não sei que outras superstições diabólicas e **esconjuros mágicos**, sucedeu, — ou porque então era lua cheia, ou por que Deus assim permitiu — que **começou a chover** muito. Os **tamoios** apanharam a **água** e dispuseram-se à **resistência** por muito tempo; mas a **água** corrompeu-se, e a sua situação ficou tão crítica como antes. Então tomaram uma **resolução heróica**: fazer uma sortida em massa, forçar os sitiantes a **retirarem-se** com o favor da **noite**”.⁶⁷

SALEMA inquieta-se com o silêncio dos contrários. Consegue apresar alguns a fim de obter informes. Mas o mutismo dos prisioneiros desespera-o. Foi quando o jesuíta **BALTASAR ÁLVARES** se oferece a ir parlamentar.

Aproximando-se do acampamento, em língua brasílica dirige-se ao cacique, **IAPUGUAÇU**. O grande guerreiro é convencido a uma entrevista com o governador, ante o qual aparece, “vestido com **tôda** a pompa e tendo uma presença venerável”. **SALEMA** exige a entrega dos europeus que sobem a **fôrca**. De boa fé o índio planta

⁶⁵ SALVADOR, Frei Vicente de. — *História do Brasil (1500-1627)*. 3.^a edição revista por CAPISTRANO DE ABREU e RODOLFO GARCIA. São Paulo. Livro III, pág. 199.

⁶⁶ CAPISTRANO DE ABREU — *Expedição de Antônio de Salema a Cabo Frio*. Cf. AUGUSTO DE CARVALHO (*Capitania de São Tomé*, pág. 81).

⁶⁷ Idem; pág. 83.

uma cruz no terreiro da aldeia, para que os atacantes não a molestem, e pede-lhe permita com a sua gente ali ficar, "fiel vassalo dos portugueses". É então que se dá a felonía de SALEMA.

Dos tamoios que vieram em socorro de IAPUGUAÇU, "entre os quais haviam 500 bravos besteiros, uns foram mortos, outros feitos escravos dos fidalgos". E tóda a aldeia foi massacrada pela soldadesca.

Divulga-se imediatamente a monstruosidade, e de tódas as outras tabas os índios debandam para o interior. Mas SALEMA parte no encaço, trucida mais de 2 000 escravizando 4 000. É o fim da nação tamoia, cuja indômita bravura o gênio de GONÇALVES DIAS eternizou.

"A mãe era separada do filho, o marido da mulher. Um era levado para São-Vicente e outro para o Espírito-Santo. Não havia coração de bronze que se não enternecesse, ouvindo as queixas e lamentos dêste pobre povo". diz-nos o padre LUÍS DA FONSECA.⁶⁸

Cabo-Frio despovoa-se. As naus de França, doravante faltarão braço indígena para o contrabando em larga escala do pau de tinta. Mas faltando a vassalagem do tamoio nem por isto cessa a pirataria que entra em tratos com os goitacás. E, quando o português incauto voltar afinal para a extinção definitiva do corso, irá enfrentar o deserto onde outrora milhares de índios prometiam tão grandemente concorrer para a nascente etnia fluminense.⁶⁹

O desumano episódio, de SALEMA, é contudo um grande marco na História do Brasil. Com o sangue dos tamoios argamassam-se os alicerces do Rio-de-Janeiro, livre afinal da formidável massa de guerreiros. Mas o perigo da pirataria não passou.

Diz CAPISTRANO que a vitória de Cabo-Frio "pacificou o território entre a cidade de São-Sebastião e Macaé, distância de trinta léguas".⁷⁰ O otimismo é evidente. Cabo-Frio continua abandonado. Sobre o domínio do gentio, adiante falaremos. E, quanto ao corsário é o próprio mestre quem nos diz que: "nas terras de Cabo-Frio

⁶⁸ CAPISTRANO DE ABREU. — Obr. cit., págs. 85-86.

⁶⁹ GABRIEL SOARES descreve o aniquilamento dos tamoios de maneira um tanto diversa da de CAPISTRANO referindo-se à traição dos franceses e a um número maior de indígenas destruídos: "No tempo que ANTÔNIO DE SALEMA governou o Rio de Janeiro, iam cada ano as naus francesas resgatar ao Cabo Frio, onde ancoravam com suas naus na baía que atrás ficou declarada, — a baía Formosa —, e carregavam de pau de tinta à sua vontade: e vendo ANTÔNIO DE SALEMA tamanho desaforo determinou de tirar essa ladroeira desse lugar, e fez-se prestes para ir fazer guerra ao gentio de Cabo Frio, para o que ajuntou quatrocentos homens brancos e setecentos índios, com os quais, por conselho de CRISTÓVÃO DE BARROS, foram ambos em pessoa ao Cabo Frio, que está demito léguas do Rio, onde acharam os tamoios com cercas muito fortes recolhidos nelas com alguns franceses dentro, onde uns e outros se defenderam valorosamente. Os espingardas e flechadas; e não podendo os franceses sofrer o aperto em que estavam, se lançaram com o governador que lhes desse a vida, com que os tamoios foram entrados, mortos infinitos, e cativos oito a dez mil almas. E com esta vitória que os portugueses alcançaram, ficaram os tamoios tão atemorizados que despejaram a ribeira do mar, e se foram para o sertão; pelo que não tornaram mais naus francesas a Cabo Frio a resgatar". (*Tatado Descritivo do Brasil*, 3.^a edição, págs. 97-98).

⁷⁰ Obr. cit., pág. 59.

os franceses continuavam a frequentar, naturalmente menos amiúde e com menor proveito".⁷¹ E assim o Rio-de-Janeiro continua ameaçado.

Em 1582, 3 naus francesas entram na Guanabara; desprevenida a cidade pela falta de homens, idos em guerra ao sertão, é apenas defendida por mulheres e estudantes fantasiados de soldados, "com toques de caixa e fogaréis, amedrontando os invasores".⁷²

Em Cabo-Frio, porém, já o francês não é senhor exclusivo do pau de tinta. Outras nacionalidades colaboram no saque, havendo mesmo confusão entre os historiadores.⁷³ Parece-nos entretanto que, tendo-se em vista os acontecimentos da época, o corsário mais atrevido fôsse o batavo cujas naus já rondavam a costa fluminense.

Consolidava-se a capital do Sul. Mas para o completo domínio estabilizado do Rio-de-Janeiro a influência geográfica do cabo era decisiva e infelizmente não prevista, pois que SALEMA deixara um deserto no seu rastro, Mas destruído o tupi, ao norte do cabo permanecia o tapuio, ainda mais tremendo.

Nessa região é que, como vimos, confinavam as duas nações selvagens e inimigas. O índio da floresta e da laguna e o índio das planícies arenosas. E com êste é que a pirata ia agora vai tratar no cabo estratégico e acolhedor.

Segundo RÉCLUS, já, em 1575, FILIPE II ordenara a construção de uma vila em Cabo-Frio, a fim de evitar o contrabando da madeira.⁷⁴ Mas só no seguinte século é que vai ser a terra definitivamente conquistada, cunprindo-se parcialmente o decreto régio para serem construídas uma povoação e duas fortalezas, onde o corsário, à falta de tamoios que por sua conta devastavam as florestas de pau-brasil agora se utilizava, do novo aliado: o goitacá.

Os prelúdios da Guerra Holandesa germinavam em Cabo-Frio, com os piratas que sondavam a costa. Farejavam os produtos da terra. Tateavam em investidas isoladas a resistência da Colônia, acumulando conhecimentos para fundação da grande "Companhia" que, seis anos mais tarde, em 1621, viria formar-se "destinada a fazer conquistas no Brasil".⁷⁵ Não fôsse a energia de MENELAU, é provável que as conquistas neerlandesas se estendessem por nossa costa, do sul, ainda mais dificultando a obra enérgica dos restauradores.

⁷¹ Obr. cit., p. á ~60

⁷² SALVADOR, fiei Vicente — Obr. cit., pág. 286.

⁷³ A carta do governador do Rio de Jncio, CONSTANTINO DE MENELAU de 1.º de outubro de 1615, transcrita à pág. 225 do vol. II da *História Geral do Brasil* de PÔRTO SEGURO, diz "haverem apoiado ao Cabo Frio cinco naus *inglêsas*". CAPISTRANO, poiém, à pág. 75 de seus Capítulos escreve que "o mesmo ano de 1615 assistiu a deliocada final dos *franceses* depois de meio século de resistência: em Cabo Frio, poi mão de CONSTANTINO DE MENELAU, no Maranhão pelo antigo capitão-mor de Pernambuco" Finalmente, na *Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio*, de 1797, publicada na Rev. do Inst. Hist. Bias, Tomo 46; 1863, lê-se que MENELAU foi expulsar os holandeses.

⁷⁴ RÉCLUS, Elisée — *Geographie Universelle* Paris, 1894 Vol. XIX; pág. 315.

⁷⁵ GALANTI, P. Rafael M — *Lições de História do Brasil* São Paulo, 1913; pág. 45.

Este passo, porém, foi evitado pelo governador do Rio-de-Janeiro. Após cem anos de abandono, ia dar-se enfim um assentamento definitivo.

"Foi aprovada esta cidade a 13 de novembro de 1615, quando o capitão CONSTANTINO DE MENELAU, governador do Rio-de-Janeiro, por ordem do governador-geral do Estado, — na Bahia —, GASPARE DE SOUSA, foi expulsar os holandeses, que neste ponto se achavam surtos a negociar com os índios goitacás, que ocupavam esta costa até Santa-Catarina-das-Mós, que terminava êste têrmo com o da Capitania de Espirito-Santo, concedida por donataria a VASCO FER-
NANDES COUTINHO".⁷⁶

Com 400 índios vindos de Sepetiba e vários portugueses, MENELAU navega para Cabo-Frio. Derrota cinco naus holandesas, destrói um forte ali já existente e mais a famosa Casa-de-Pedra, antes edificada pelos franceses, com cujos destroços entope a barra.⁷⁷

Funda a povoação de Santa-Helena entregando-a a ESTÊVÃO GOMES, seu primeiro capitão-mor. Já em agôsto de 1616, porém a vila é mencionada pelo nome que até hoje conserva de Nossa-Senhora-da-Assunção-de-Cabo-Frio.⁷⁸

Conforme AUGUSTO DE CARVALHO é êste o terceiro dos povoados ali existentes, sendo o primeiro a feitoria de VESPÚCIO, o segundo, a Santa-Helena-de-Menelau, construída no local da Casa-de-Pedra, e o terceiro a cidade atual.⁷⁹

⁷⁶ Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio Obi. cit.

⁷⁷ "Chegando o governador D CONSTANTINO MENELAU a êste pôto de mar, acompanhado de vários portugueses e de 400 índios, vindos da aldeia de Sepetiba, — hoje situados em Itaguaf — achou com efeito cinco embarcações holandesas que carregavam pau brasil, e em terra a entrada da barra, da parte do N., um pequeno pôrto construído de pedra e cal, com peças montadas, cujos vestígios ainda se descobrem no mesmo lugai; e na ponta da mesma barra, da parte do S., uma casa abobadada constituída pelos franceses, igualmente negociantes dos mesmos efeitos com sobreditos índios; sendo até aquêlle tempo conhecido êste lugar e denominado Casa da Pedra. Expulsas as embarcações e com elas os negociantes holandeses, tomou posse dêste continente o dito governador e lhe deu o nome de Santa Helena, por sei o orago da pequena igreja, que mandou erigir no lugar escolhido para fundar a povoação existente. Esta posse foi tomada pelo governador em nome d'El-Rei de Portugal, com tôda a solenidade precisa, não só militar, a som de caixa, mas judicialmente com assistência de dois tabeliães, que em sua companhia levou da cidade do Rio de Janeiro, e em consequência dêle fazendo demolir a casa dita, também mandou por votos de todos que o acompanham tapar a barra com a pedra da mesma casa, sem refletir que nessa resolução causaria dano mais considerável aos moradores dêste distiito e a todos que procurassem pela navegação a necessária exportação dos efeitos da produção dêste país. (Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio, Rev. do Inst. Hist. Bias T. 46, 1833.)

⁷⁸ CARVALHO, Augusto de — Obi cit., pág. 86

⁷⁹ Auto da Fundação da Povoação de Sancta Helena no lugar de Cabo Frio: Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chriisto de mil seiscentos e quinze annos, aos treze dias do mez de Novembro da dicta era, n'este logar chamado a Casa da Pedra, vinte legoas do Rio de Janeiro, junto ao Cabo Frio, aonde veio o Capitão e Governador Constantino de Menelão, poi mandado que teve do Governador da Bahia, Gaspar de Souza, que havia recebido uma carta de Sua Magestade, em cuja o avisava da vida de umas naus Engrezas e da fortaleza que determinava fazer n'esta povoação e foitaleza com atilharia e soldados pagos á custa da Fazenda Real; e assim tratasse de conquistar, por paz ou por guerra o gentio Goytacaz, que habita entre a Capitania do Espirito Santo e o Rio de Janeiro, que se não tinha ainda podido adomar, com grande prejuizo das embaicações que n'esta costa fazem naufragio, e dos dizimos da Real Fazenda de Sua Magestade. O que tudo visto, logo elle o Capitão e Governador Constantino de Menelão, com alguns portugueses e moradores do Rio de Janeiro, que voluntariamente o quizeram acompanhar, e com 400 índios da Aldêa de Sapetiba, se veio a esta dicta costa, vindo Elle pessoalmente por mar com muito risco de sua pessoa; e vistos todos os sitios d'esta costa, escolheu por melhor para fazer fortaleza o logar da Casa de Pedra que, já dissemos, fica a vinte legoas do

Com esta nasce a Capitania de Cabo-Frio, cujo t ermo ia até Santa-Catarina-das-M s, ao sul da barra do Itabapoana, a ela pertencendo assim os Campos dos Goitacás. Passando êstes para a jurisdi o de Vitória em 1741, as divisas da nova capitania não vão teoricamente além de Carapebus, porém já na medi o de 1731, o desembargador Mimoso trouxera o marco divisório para o campo de Sant'Ana, em Macaé. Para oeste, a capitania vai até o cabo de Ponta-Grossa. Com os posteriores desmembramentos que assinallaremos, o território municipal de Cabo-Frio   hoje reduzido.

Com ESTÊVÃO GOMES, o ninho de piratas   destruido.    le quem constrói o Porte de São-Mateus, a cavaleiro da barra e da cidade, abandonando o de Santo-In cio, erguido no local da Casa-da-Pedra.

Livre enfim de arremetidas de corsários, a região atrai colonos.⁵⁰ No recôncavo da Guanabara a terra embora alagadiça e pantanosa por vastas extensões   partilhada em fazendas. E a popula o do Rio-de-Janeiro, emigrante, expansiva e prolifera, projeta-se para a periferia dos latifúndios penetrando o matagal. A serra do Mar   uma barreira. Não tentava aqu es negociantes e lavradores com suas escarpas e picos formidáveis desaconselhando iniciativas agrárias. Daí a invasão imediata da Baixada.

Para oeste, os jesuítas eram senhores da planície de Santa-Cruz, após a qual, a cordilheira beirando o mar em contínua muralha alcantilada, impedia a cultura da cana e a pecuária. Entre Niterói e São-Pedro d'Aldeia porém, havia espaça para os cubicosos de terra.   assim, foi essa faixa litorânea de restingas rapidamente conquistada pelas fazendas.

Daí por diante essa coloniza o cabo-friense vai tornar-se capital nos destinos sociais fluminenses.   ela que permite afinal o desbravamento e a cultura dos Campos dos Goitacás, de tão grandes repercussões na economia rural da futura província.

Ri» de Janeiro para a parte do Nordeste, chamado assim este lugar por terem n'ella os Francezes antigamente feito a dicta casa de pedra de grande fabrica, para o commercio do pao brazil, que os indios lhes costumavam dar por seus ambages a qual casa elle Capitão e Governador Constantino de Menelão logo mandou derrubar por voto de todos que o acompanhavam e o escolheu pelo melhor e mais conveniente de toda esta costa, assim por ter uma bahia muito formosa, que podem entrar n'ella navios de 200 toneladas, como por não haver na dicta costa outra bahia mais accessivel, aonde os nossos navios se possam recolher, para escapari dos muitos corsarios que a ella acodem ao cheiro do pao-brazil, como também por entrar por a dicta bahia o mar quasi doze legoas pela feita a dentro, e de uma e outra banda haverem terras excellentes para mantimentos, cannavias e gado, em proveito de Sua Magestade, que, af ra os dizimos que d'ella se podem tirar, ver  a sua Fazenda accessentada, principalmente sendo todos aquelles matos, de uma e da outra banda, cheios de pao-brazil, não havendo junto outra banda aonde se possa carregar com segurança de mar e inimigos ia avezados, sendo este dicto lugar da Casa da Pedra, em que a dicta fortaleza com sete peças de bronze fica posta, com a invoc o de Santo Ignacio

"E visto o donatário destas terras Conde de Vimioso não tratar d'ellas, tomou logo posse das mesmas o dicto Capitão e Governador, em noine d'El-Rei Felippe Seguido, e n'ellas fez esta povoa o e lhe poz o nome de Sancta Helena, demarcando-lhe doze legoas, pouco mais ou menos, para a parte de Oeste, e para a parte do Norte até aos Goytacazes, que o dicto Governador conquistou, indo até o rio dos Bagres, que está adiante da ilha de Sant'Anna" (Augusto de Carvalho - Obr. cit., págs 87-89)

⁵⁰ Quando em vez, algum ainda apatecia a fazer aguada Estêvão GOMES porém desbarata-os. De uma feita, entretanto, concede uma pipa de água em troca de 80 portuguezes apisonados a boi o (Frei VICENTE DO SALVADOR Obr. cit., pág 622)

Cabo-Frio, como vimos, era o limite em que se debatiam ferozmente goitacas e tamoios, inconciliáveis ambos com o português, embora de bom trato com franceses e holandeses mais destros no cuidar com eles e hábeis em acirrá-los contra o descobridor.

Com tais inimigos pela frente é que o colonizador mais atento a consolidar outros pontos básicos do litoral foi levado a retardar a sua entrada na costa de restingas tão vizinhas da Guanabara, quando já de norte a sul numerosas brechas de pioneiros abriam a terra virgem.

Só com a fundação de Cabo-Frio é possível a conquista dos goitacás ao norte. A vila exige a destruição da perigosa vizinhança. E o primeiro passo dado é medonho. Espalham em seus campos roupas de variados e as tribos próximas apavoradas com a moléstia, procuram o novo invasor conciliando-se.⁸¹

A desumana, medida, porém, surte efeitos permanentes. O índio continua arredio, e, mesmo para o norte, nas planícies de Campos, intratável.

A ESTÊVÃO GOMES, rico senhor da Rio-de-Janeiro, onde possuía dois engenhos, sempre dos primeiros na luta contra os corsários, e então capitão-mor de Cabo-Frio que fortificara e povoara, em grande parte a suas expensas, cabe a tarefa de pacificá-los. O bom trato por êle dado aos goitacás na ocasião da epidemia e o auxílio dos jesuítas, facilitam a missão que a 24 de setembro de 1619 deixa, o povoado, passa em Macaé, daí seguindo para o norte. A ESTÊVÃO GOMES e aos jesuítas JOÃO LOBATO e JOÃO DE ALMEIDA é que se deve enfim a dominação dos goitacás e a possível colonização das tão cubiçadas planícies das margens do Paraíba.⁸² EM O *Homem* o o *Brejo* relatamos os sucessos dessa expedição.

E assim começa Cabo-Frio. Cresce lentamente. Com grandes latifúndios vizinhos em mãos dos jesuítas, e com sua população de pescadores, a vila não progride. "Em 1685, havia no Cabo-Frio, — diz SOUTHEY —, uma povoação com a nome de cidade, uma das muitas abortavas do mundo novo. Quando se escreveu o *Papel Forte*

⁸¹ "No districto desta terra e capitania cae a terra dos Aitacazes, que é toda baixa e alagada, onde estes gentios vivem mais R inaneia de homens marinhos que terrestres. E assim nunca se puderão conquistar, posto que a isso foram algumas vezes do Espiuito Sancto e Rio de Janeiro, porque, quando se ha de vir as mãos com elles, mettem-se dentro das lagoas, onde não ha de entral-o a pé nem a cavallo São grandes buzios e nadadoes e a biazos tomão o peixe ainda que sejam tubarões, para os quais levão em uma inã um pão de palmo pouco mais ou menos, que lhes mettem na bocca diieto, e, como o tubarão fique com a bocca aberta, que a não pode cerrar com o pão, com a outra mão lhe tirão por elas as entranhas, e com ellas a vida, e o levão para a terra, não para o comerem como pera dos dentes fazem as pontas de suas frechas, que são peçonhentas e moitifeias e pera piovarem forças e ligeirezas, como tambem dizem que as provão com os veados nas campinas, tomando-os a cósso e ainda com os tigres e onças e outros feros animais.

⁸² Estas e outras inciediveis cousas se contão deste gentio; creia-os quem quizer, que o que daqui eu sei é que nunca foi alguém a seu poder que foínasse com vida para as contar. Verdade é que, já hoje ha delles mais noticias, porque lhes deu uma cruel doença de hexigas, que os obbiçou a nos irem buscar". (Frei VICENTE DO SALVADOR — *História Ao Brasil*, 3ª edição; pág 94)

⁸² VASCONCELOS, Pe Simão de — *Vião do Pe. Joam de Almeida* Lisboa, 1658

existiam ali: uma fortaleza sem gente, uma dúzia de moradores portugueses e uma aldeia de índios”.⁸³

Pelo correr do setecentos, a vila pouco melhora. Falta-lhe uma base agrícola, onde elevar a sua economia. Não é portanto exata a afirmativa de frei VICENTE DO SALVADOR ao relatar a sua estagnação: “Não é aquela povoação de poucos interesses, mas os portugueses só sabem conquistar e não povoar”.⁸⁴

O que falta a Cabo-Frio é um impulso regional de atividades agrárias. Com 100 fogos em 1679, dois engenhos de açúcar e um em construção,⁸⁵ a economia regional pouco difere da dos campos do Paraíba. Também é ali intensa a luta pela gleba acirrando os colonos contra os jesuítas defensores do índio e de suas sesmarias que, com a fazenda de Campos-Novos, vão até o rio São-João. Luta que atravessa os tempos da colônia e só finda no Império com a extinção do indígena e a progressiva invasão das suas terras.⁸⁶

Mas de um lado, a inexistência de grandes planícies de aluviões não atrai as contínuas levas de aventureiros que invadiram Campos. E de outro, o individualismo do pescador torna-o incapaz de arregimentar-se em tôrno de chefes decididos, movimentadores de revoltas.

Dêste modo, após as férreas lutas da conquista, a região de Cabo-Frio anda lentamente, arrastando a sua evolução ao ritmo de uma marcha sôbre os areais.

O sal não é ainda aproveitado. A colheita é quase limitada à pesca e às madeiras de construção. Das culturas, o anil e a cochonilha dão bons resultados temporários. E nos princípios do século dezanove, o pau-brasil de tão vastas reservas, torna-se raro.⁸⁷

Ao mesmo tempo, o primitivo território da capitania, vindo do rio Macaé ao cabo da Ponta-Grossa, começou a desmembrar-se. Em 1799, perde a freguesia de Rio-Bonito. No mesmo ano a de Araruama. Em 1801 a de Inhutrunaíba, — Juturnaíba. Em 1811, desmembra-se a parte norte do rio São João, formando o distrito de Macaé, que passa entretanto à jurisdição de sua comarca, criada por alvará de 13 de abril de 1815. Em 1845, a população da cidade é de 3 500 habitantes,⁸⁸ e quase até os fins do século pouco aumento nela vemos.

Cabo-Frio não encontrara ainda os seus destinos. Tôda a sua vida colonial e mesmo imperial, contrariamente à de Campos, decorreu em desarmonia com as possibilidades do meio físico. Como em quase todos os núcleos originados nas restingas, o homem debilitado pelos fatores ecológicos, individualizou-se, desunido. Para

⁸³ CARVALHO, Augusto de. — Obr. cit., págs. 85-86.

⁸⁴ Obr. cit., pág. 622.

⁸⁵ LAMEGO, Alberto — Obi. cit., vol. III, pág. 231.

⁸⁶ Obr. cit., rol III

⁸⁷ SAINT-HILAIRE, Augusto. -- Obr. cit.

⁸⁸ SAINT-ADOLPHE, J. C R Milliet de -- *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil*. Paris, 1854, vol. I

reagrupar-lhe as iniciativas foi mister amovê-lo das tendências hereditárias. Afastá-lo da exploração da madeira e das lavouras medíocres e conduzi-lo para a pesca organizada e para as salinas. Desviá-lo da terra avara para a fartura da laguna generosa.

2. SÃO-PEDRO-D'ALDEIA

“O colôno típico, — o jesuíta —, ensinou aos ádvenas a arte de valer-se do meio contra o meio^m.”

PEDRO — CALMOM: “Espírito da Sociedade Colonial”. — São Paulo, 1935, pág. 110.

Traço básico da civilização inicial européia nos mundos novos surtos com a navegação é a aliança militar-jesuitica. E fácil é conceber, — motivo, dada a origem da ordem religiosa, fundada por um soldado.

Sua organização comandada por um Geral, — General nas demais línguas —, é tipicamente militar como o próprio nome de “Companhia” de Jesus.

“Os ascetas da Idade-Média haviam tentado dominar a carne, valendo-se de mortificações e privações, e, destarte libertar o espírito de tôdas as trevas terrestres; mas INÁCIO o que queria era criar um “exército de Cristo” para a conquista do mundo.⁸⁹”

Os famosos “Exercícios Espirituais” do fundador mostram, sob a humildade da sotaina, a preocupação de submeter os comandados a uma disciplina ferreamente organizada. O Estatuto da Ordem, de 1539, já proíbe “jejuns, açoites, caminhadas com pés descalços e sem chapéu e determinadas côres de roupas, determinados alimentos, penitências, cilício e outras mortificações, sob pena de pecado mortal”.

Para atingir seu plano gigantesco o gênio de LOIOLA tinha de revolucionar o misticismo que impregnava as ordens medievais. A Companhia de Jesus nascia com o Renascimento. O Espírito encarcerado em normas políticas do Feudalismo, alava-se para fora dos mosteiros acolhedores.

DANTE, o eterno precursor, já imortalizara na arte a formidável construção católica da Meia-Idade. CERVANTES iria agora dismantelar os restos da Cavalaria anacrônica, desperdiçadora de energias individualistas. Nasciam verdadeiramente as pátrias, congregadoras de patrimônios raciais, culturais e morais mais amplos, expansivas de atividades mais coletivas. As heranças linguísticas do

⁸⁹ FÜLOP MILLER, René — Os jesuítas e o segredo de seu poder Trad do prof ALVARO FRANCO, Rio, 1935, pág. 94.

Império Romano agrupavam populações bastantes para a consolidação de reinos fortalecidos. Lutas internas e debilitantes desviavam-se para lutas externas e raciais, robustecendo povos. A **experiência** das Cruzadas, pondo grupos a caminharem para fins distantes, incutira no europeu a ânsia da aventura e das viagens. O espírito coletivo encasulado nas aldeias, nos mosteiros e nos castelos, abria pela vez primeira os olhos para o Globo. A Geografia, fascinante, acenava para o além, e, com Portugal e Espanha à frente, os europeus subiam para caravelas, singravam para o Desconhecido espalhavam-se pelas novas terras.

De par com a Navegação e a magnitude do Comércio, o renascimento artístico embelezava a existência de ideais humanos, eclipsados desde a catástrofe helênica.

Tudo refloria na Europa enriquecida com as descobertas. O homem respirava a plenos haustos a vontade irrepresível de viver: de expandir recalques milenares; de atrelar à sua inquietação desperta, populações imensas e longínquas: opulentíssimos impérios antípodas, ocultos por desertos e por mares, que chegavam inesperadamente do Passado; perspectivas de riquezas miríficas, secularmente encofradas; multidões incalculáveis e prostradas ante novos deuses, falsos e inadmissíveis à mentalidade inflexivelmente intolerante e **rigorista** dos organizadores de Cruzadas.

Tudo excitava o homem nesse tempo, avivando apetites **longamente** penitenciados, revivendo cobiças recalçadas pela Fé, exaltando-o a arremessar-se a ambulatórios **misticismos** de uma nova evangelização.

Especiarias, ouro e gemas cintilantes, **sêdas** e cambraias, lavrados e brocados, **tecas** e porcelanas, tudo extasiava o homem, eterno epicurista, a incontidos desejos de conquista e de domínio.

Idealismos solitários, porém vagavam nesse turbilhão de **ansios** coletivos, perdidamente **indistinguíveis** no silêncio das meditações. E o maior dêles, foi o de **INÁCIO DE LOIOLA**.

Por certo decorara o *Amadis de Gaula*, o lendário paradigma da Cavalaria, cujos feitos e destino "tinham nessa ocasião **tôda a Espanha** com a respiração suspensa e tinham preso também, de maneira absoluta, o interêsse de **INIGO**". **Tão** alto porém, era o seu idealismo, que ao ser armado cavaleiro, elege para "dama de seus pensamentos", a própria rainha de Espanha.

Vem o acidente de Pamplona, que, estropeando-o para a vida, não consegue todavia amortecer-lhe as **ambições** ardentes. Apenas sublimou-as. A belicosidade transfigura-se em religiosidade. A rainha **GERMANA** entronizada em Castela, contrapõe a Rainha do Céu, entronizada nos altares.

Don **Quixote** não morrera nas ameias de Pamplona. Seu heroísmo cavalleiresco permanece intacto. Apenas **lhe** não bastam mais terras de Espanha às lides procuradas. **É-lhe** preciso o mundo. Mas para conquistá-lo é necessário um exército. **INÁCIO** vai criá-lo.

No torvelinho das paixões da Renascença a Igreja é mutilada com a Reforma. Forçoso é renová-la de prestígio. Ademais, além dos mares, multidões aguardam a palavra do Cristo. E INÁCIO é o campeão da Nova Roma, em marcha pelo Mundo. O paladino de Arevalo torna-se o general de um grande exército. Do herói da cidadela de Pamplona nasce o estrategista. O brilhante manejador de espadas vai manejar a pena. O mestre dos torneios da côrte espanhola, transmuda-se no "mestre das emoções". Aos exercícios militares substitui os "Exercícios Espirituais", que lhe vão dar o ilimitado poderio sôbre a Companhia.

Seus estatutos criam a férrea disciplina de um exército. A cega obediência do soldado. A absoluta renúncia da vida. Entregar-se ao superior "como um cadáver". Imolar a própria inteligência de modo "a sacrificar, além de sua vontade, também a sua opinião". Individualmente escravizar-se para coletivamente dominar. E com esta fôrça, custe o que custar, levar por diante a obra iniciada.

CRONIN, aūtor de *A Cidadela*, cita a respeito e como exemplo de vitória sôbre si mesmo, um caso ocorrido com LOIOLA em sua juventude. Num jôgo de bola, à pergunta súbita de um de seus colegas de escola sôbre o que fariam se apenas tivessem vinte minutos de vida, a resposta geral é que correriam todos para a igreja a fim de passá-los rezando. Sômente INÁCIO discorda: " Por mim, acabaria a partida que comecei a jogar."⁹⁰

Tal personalidade não conhecerá derrotas. E é o domínio de si próprio dessa criança que irá integralmente transmitir-se a cada um dos membros da Companhia.

Com o soldado completo cria Inácio o mais perfeito exército, voluntária e automaticamente disciplinado, haja o que houver, e sob um comando absoluto e indiscutível. Tal poder, porém, ao expandir-se pelo mundo, irá inevitavelmente dispersar-se, a não com a criação de uma estratégia adaptativa a cada povo e a cada meio. E aí, é que desponta espetacularmente o gênio de LOIOLA. Ninguém até êle, — nem talvez os semitas —, havia concebido a conquista da Terra pela adaptação a infinita diversidade de ambientes. Êsse principio fundamental da Geografia Humana, foi por êle previsto e "praticado" pelos jesuítas em todo o Globo. Antes dêles, ninguém se preocupara com as ligações entre o meio cósmico e o meio social. Foi a profunda intuição de INÁCIO que em primeiro lugar o deixou ver a necessidade fatal de em qualquer sistema de colonização se ter em conta aquêles dois fatores essenciais ao convívio humano sôbre a Terra.

MONTESQUIEU, só aparece duzentos anos depois, e mais cem anos foram ainda necessários para a vinda de AUGUSTO COMTE. E só em fins do século XIX é que RATZEL veio expor-nos a "correlação

⁹⁰ CRONIN, A J — *O Momento Decisivo de Minha Vida*. "Seleções do Reader's Digest", abril de 1942, pág. 50.

existente por **tôda** parte entre os fatos históricos de um povo e as características geográficas da sua região".⁹¹

As maravilhosas **crônicas** e cartas jesuíticas embora sem uma orientação geográfica preconcebida, como as monografias iniciais de LE PLAY, são obras primas de Geografia Física e Humana. Nelas despontam amiúde, em textos esclarecidos de linguagem pura, observações profundas da intimidade entre o Homem e a Terra, que hoje fariam ilustre qualquer geógrafo.

É que o "pequeno coxo" em sua humilde cela romana previra tudo e tudo redigira para a marcha vitoriosa de suas legiões por todo o Globo. Quando em **tôda** parte a vida colonial requer gerações para uma eficiente adaptação, o jesuíta logo implanta os seus colégios, as suas residências, as suas fazendas com **uma** clareza inextinguível do meio **telúrico**. Instantaneamente se adapta ao meio social e à terra desconhecida. Por mais diversas que **lhe** surjam as condições geográficas, por mais elevado ou mesquinho o grau de cultura dos povos, a alma coletiva da Ordem **automati-**camente se acomoda.

Nenhuma organização até hoje excedeu-a nesse ponto. O mesmo homem que nas **côrtes** europeias e asiáticas é embaixador e conselheiro de reis e imperadores, pega na enxada com o negro ou dorme na rêde com o índio. Mercador com os mercadores, artesão com os artesãos, sábio com os sábios, por **tôda** parte, em suas **intér-**minas peregrinações, há sempre no jesuíta o senso agudíssimo do ambiente. Um dos protótipos da **Ordem**, SÃO FRANCISCO XAVIER, nas mal afamadas **espeluncas** de Goa sentava entre marinheiros, bebedores, interessado com **a** sua desenfreada **jogatina** e com a sua própria vida escabrosa. "Aquilo que um secretário rigorista nunca iria conseguir junto a essa gente rude, alcançou-o o jovial companheiro de farras sem nenhum trabalho: **êles** se habituaram de tal maneira a comunicar-lhe seus cuidados e suas esperanças que, dentro em breve **já** estavam também se confessando a **êle**, espontaneamente", diz um de seus historiadores. Porém **êsse** mesmo homem troca a batina de mil remendos pela de **sêda** reluzente quando as condições exigem uma embaixada ao Micado.

O senso geográfico do **jesuíta**, a sua disciplina, a sua cultura e a sua adaptabilidade e aclimação imediata a qualquer meio, desde os campos de gelo do Canadá aos tórridos **pantanaís** do Chaco paraguaio, o seu completo desprêzo pela comodidade é que tornam por **tôda** parte vencedora a sua onipresença multiforme.

"Todo hombre justo e imparcial, diz com razão BERTONI —, deberá reconocer que, — con relacion a los indios de América —, la actitud de la celebre **Compañia** fue **la** que mas puede resistir a la critica".⁹²

⁹¹ ROQUETE PINTO, E. — *Seixos Rolados*, pág. 50.

⁹² BERTONI, MOISÉS, — *La Civilización Guaraní*, Puerto Bertoni, 1922, pág. 97.

Mas não é só o indígena que o interessa. A seus formidáveis recursos adaptativos é que devemos mais que tudo a nossa evolução social e cultural dos primeiros séculos. O imigrante, brutalmente individualista era socializado pela Igreja, cujos longos braços poderosos grupavam e organizavam os colonos por meio de seus dedos jesuíticos. Ademais, "a Igreja transportou para a América a "inteligência". Até a expulsão dos jesuítas, tiveram êstes padres o monopólio do ensino".⁹³

A incomparável administração de suas fazendas é a que melhor desbrava a terra grossa, estruturando a construção social de nossa gente.

É o "colono típico", no trecho lapidar de PEDRO CALMON. "Começara por educar no trabalho manual e agrário, os índios; depois, para o sustento das residências estendera as plantações, ampliara e internara os seus currais; afinal, enriquecendo de bens materiais que Ihes doaram os particulares e governos, organizaram as suas propriedades-modelares, as mais vastas, mais perfeitas, as mais produtivas do Brasil. Essas estâncias tornaram-se outras tantas escolas de indústria bem apetrechadas, da economia sistemática, de concatenação de esforços para o fim comum. Os colonos aí aprenderam os métodos de cultivo; imitaram aos padres a construção das casas, das estradas, das obras de arte; observaram-lhes o beneficiamento dos couros, nas suas fazendas pastoris, o fabrico do açúcar, nos seus engenhos, a agricultura extensiva dos cereais, a exportação das colheitas. Onde havia escassos artífices, os missionários que tudo sabiam fazer, foram os mestres naturais dos ofícios. Os tecelões, os sapateiros, os carpinteiros, os ferreiros. Formaram numerosos discípulos. E armaram numerosas oficinas. Assim, não dependeram dos artistas imigrados do reino, que no litoral ensinavam a sua profissão aos escravos negros; e difundiram, nos sertões, os conhecimentos indispensáveis a comodidade dos núcleos coloniais. As suas fazendas resumiam a civilização material do Brasil".⁹⁴

As suas missões definiu-as VOLTAIRE, como um "triumfo da humanidade", e por sua vez confessa MONTESQUIEU: "é uma glória para a Sociedade de Jesus que ela tivesse mostrado ao mundo, pela primeira vez, ser possível uma ligação de religião e humanidade". D'ALEMBERT, adversário implacável da Ordem como todos os enciclopedistas, referindo-se ao Paraguai declara que "tornaram êles felizes os povos que Ihes obedeciam; lograram submetê-los sem jamais empregar a violência".

É completa a sua organização. "Há padres estadistas, padres militares, padres engenheiros, ótimos artilheiros, os arquitetos de catedrais, os generais dos guaranis, navegantes, industriais, físicos. A medicina em certo tempo fôra para êles obrigatória, como a

⁹³ CALMON, Pedro — Obr. cit., pág. 112.

⁹⁴ CALMON, Pedro — Obr. cit., págs 127-128.

assistência espiritual Em cada missionário, como em cada pajé, viveu um clínico". ANCHIETA cura e sangra os doentes, "porque não há outro que o faça".

Absorve-os logo de início a Botânica, não só com o estudo das ervas medicinais que dos índios aprendem, mas selecionando e transportando de outros continentes numerosas espécies de plantas aclimáveis. Inauguram no Brasil a Genética Vegetal.

A muitos parecerá descabida, por demais extensa, esta nossa digressão sobre a Companhia de Jesus. Tratando-se porém, de um trabalho de Geografia Humana, é óbvio apresentarmos na resenha histórica regional exemplos da mais intensa colaboração entre o Homem e a Terra. E dêles, o mais notável é o dos jesuítas.

Para compreendermos tal colaboração, torna-se pois necessário exibir as causas motivadoras dessa afinidade natural, quase instintiva, que levou os filhos de LOIOLA a uma tão perfeita compreensão do nosso meio e da nossa gente. Foi o preparo que lhes deu o eminente fundador da Ordem. A cristalização num corpo rigidamente militar de uma cultura vastamente enciclopédica. Senhor do patrimônio cultural humano, da Matemática à Moral, o jesuíta com sua disciplina inquebrável é o homem providentemente armado para a vitória.

Por isso é que o vemos dominar tão prontamente a barbárie americana e organizá-la em moldes tão perfeitos e harmônicos com a nossa ambiência. Foi o que fez em toda parte onde entrou-se. E raras regiões nos dão vestígios tão palpáveis de sua onipresença como a faixa litorânea fluminense. Em nenhuma outra, — pelo menos brasileira —, houve tamanha concentração de núcleos jesuíticos.

Itaguaí, por eles fundada, guarda na sua matriz o seu estilo original.⁹⁵ Santa Cruz foi um de seus grandes latifúndios. No Rio de Janeiro, o Colégio desaparecido com o morro do Castelo, rememorava eventos capitais da nossa história. Niterói tem nada menos de três capelas jesuíticas: a de São Lourenço, a do Saco de São Francisco e a de Nossa Senhora da Conceição de Jurujuba. Deixando-se a Guanabara, logo em Pirapetinga ergue-se a velhíssima igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, de 1660. Um pouco adiante, imponente na solidão de um outeiro, São Sebastião de Itaipu. Na Baixada Fluminense, a vila de Itambi nasce da aldeia jesuítica de São Bernabé. Na região de Cabo Frio, temos o monumental convento de São Pedro, e, mais ao norte, a célebre fazenda de Campos Novos. Em Macaé, a igrejinha de Sant'Ana do alto de seu morro diz-nos ainda quais foram os primitivos fundadores da cidade. Em Campos, a notável fazenda do Colégio liga-se a toda a história regional na Colônia. E, no extremo norte, a Muribeca

⁹⁵ - primitiva aldeia foi fundada sob a denominação de Itinga, na ilha de Itacuruçá, sendo posteriormente removida para Itaguaí

prolonga do Estado do Rio para o Espírito Santo urna vasta zona jesuítica onde o nome de ANCHIETA avulta por si só até Vitória.

Na Capitania do Rio de Janeiro o jesuíta é o homem de borda do mar. Por *tôda* parte amparava-se nas restingas para acobertar seus índios. A Marambaia abrigava Itaguaí e Santa Cruz. Na Guanabara, são de planícies de areia e de brejais que *sobem* os morros coroados por seus templos e o mesmo se dá em Pirapetinga e Itaipu.

A restinga criando a Araruama lhe deu um admirável ponto estratégico no outeiro à beira da laguna. A área urbana de Macaé resulta do emparedamento de uma restinga que a defronta.

Em Campos, o jesuíta ergueu o seu colégio na planície aluviônica. Mas seus domínios se estendiam por vastas extensões da planície de restingas. Finalmente, ao norte do Paraíba, a partir da ponta do Guaxindiba, tudo era dêle, vindo o latifúndio por terra a dentro até proximidades de Campos, causa de contendas futuras com a irrefreável expansividade particularista dos campistas.⁹⁶

De todos êsses núcleos jesuíticos, nenhum mais interessante para a etnografia indígena do que o de São Pedro d'Aldeia. Fundaram-no os religiosos em 1617, em uma das sesmarias concedidas à Ordem por ESTEVÃO GOMES, primeiro capitão-mor de Cabo-Frio, por ordem régia, a fim de que nelas "se ponhão duas aldeias de índios em que assistam os padres da Companhia, em Cabo Frio, para a sua povoação e defensão dos inimigos que até agora continuarão a vir ao dicto Cabo Frio buscar o páo-brnzil e para que fiquem os índios acomodados".⁹⁷

Com a destruição e fuga dos *tamoios*, a sua população foi principalmente construída de goitacás, não só dos arredores, mas sobretudo de Campos de onde foram arsebanhados pelos jesuitas. Mas consoante a política de apaziguamento da Ordem, eliminando o ódio tribal pelo cruzamento, de São Paulo e do Espírito Santo vieram índios de outras nações.

São Pedro foi assim um foco de miscigenação indígena, uniformizador da raça americana. Poucos eram a princípio os aborígenes, Cêrca de duzentos em fins do século inicial.⁹⁸ Todavia em tórno do monumental convento que ali erguem os jesuítas e terminado em 1738,⁹⁹ seu número cresce. São Pedro é a principal

⁹⁶ "Tôda a costa do mar compreendida da parte austral do rio Cabapuana, até a Ponta do Guaxindiba, com outro tanto de Sertão, em que entra muita parte do das Cacimbas pertencem ao domínio dos jesuitas: nêle tinham edificado currais para servir de retiro ou recolhimento aos gados da sua grande fazenda da Muribeca, nas ocasiões que os campos desta, como mais baixos, se inundavam pelo concurso das muitas chuvas: todo êsse domínio e a mais posse que tinham na vizinhança foi mais tarde vendido pela Real Fazenda". (COUTO REIS, Obr. cit.).

⁹⁷ LAMEGO, Alberto — A Terra Gottacá, vol. III, pfg 228.

⁹⁸ LAMEGO, Alberto. — Obr. cit., pág 232.

⁹⁹ SAINT-HILAIRE, Augusto de — Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil. São Paulo, 1941, pág. 303.

aldeia indígena fluminense, e a sobrevivência da sua etnia até meados do passado século deve-se à política jesuítica de completo isolamento.

"Os jesuítas tinham profundo conhecimento do idioma dos índios, e, para impedir relações que podiam corromper o índio e levá-lo à opressão, não permitiam o ensino da língua portuguesa. Eles os instruíam na doutrina cristã, cativando-os por um grande número de práticas exteriores, e ensinavam-lhes a agricultura e diferentes ofícios. Três dias por semana os índios trabalhavam na manutenção da igreja, do convento e de tudo que se relacionasse com o bem comum da aldeia; durante os três outros dias cada um trabalhava para si próprio. O governo dos discípulos de LOIOLA era absoluto, mas como o de pai de família que supre por sua experiência e seu senso a pouca inteligência de seus filhos. Os padres da Companhia, nome que a maioria dos brasileiros dão aos jesuítas, eram extremamente amados pelos índios, e uma velha mulher, quase centenária, que os havia conhecido, contava-me que, quando eles foram forçados a deixar a aldeia todos os habitantes choraram".

Após a expulsão da Ordem, devido aos longos anos de civilização, São Pedro tem privilégios de que não gozam as demais aldeias. De entre os mesmos índios são tirados os capitães-mores que dirigem a sua milícia, regem o policiamento e executam a própria justiça. A falta porém de uma direção esclarecida a povoação de-finha. As construções da aldeia, plantadas desordenadamente anar-quizam a perfeita geometria urbana jesuítica. O índio, porém, a princípio ainda resiste à degenerescência que lhe acarreta quase sempre a civilização.

SAINT-HILAIRE observa ainda que "são longevos e de numerosa prole". Mas o cruzamento faz a sua obra. "Em 1789, apenas um índio em São Pedro sabia o português. Mas, depois dessa data as relações entre índios, brancos e mulatos multiplicaram-se. Atualmente somente alguns indígenas idosos empregam a língua dos ancestrais. Já entre eles, e mesmo assim envergonhando-se disso".¹⁰⁰ "Não conservaram nada do tempo em que eram selvagens e ignoram até a que tribos pertenciam seus ancestrais. Mas se nada sabem de suas origens, em compensação ainda não se esquecer m dos jesuítas".¹⁰¹

O príncipe MAXIMILIANO também nota esse amesquinamento do orgulho racial. "Tinham a presunção de querer passar por portugueses e olhavam com desprezo os irmãos ainda selvagens das florestas a quem denominavam "caboclos" ou "tapuios". As mulheres enrolavam os compridos cabelos negros como carvão, num coque no alto da cabeça, coino as portuguesas".¹⁰²

¹⁰⁰ SAINT-HILAIRE, Augusto de — Obr cit , pág 310

¹⁰¹ SAINT-HILAIRE, Augusto de — Obr cit pág 303

¹⁰² WIED-NEUWIED, príncipe Maximiliano — *Viagem ao Brasil*, trad. port., São Paulo, 1940, pág. 66.

Segundo o príncipe, nota-se que, sem a disciplina jesuítica os caracteres ancestrais repontam de novo: "Enquanto os índios têm o suficiente para comer, não é fácil persuadí-los a trabalhar: preferem passar o tempo em danças e bebedeiras". Outros viajantes porém, mostram que da obra jesuítica muito ficou entre êles. É ainda SAINT-HILAIRE quem nos diz: "é da cultura do solo que vivem os índios de São Pedro; passam a semana no campo com suas famílias, somente vindo à aldeia nos dias de festa e domingos. Êstes homens são afamados na região pela habilidade com que seram tábuas e exercem algumas pequenas indústrias que lhes são peculiares".¹⁰³ Suas mulheres tecem chapéus e cestas e os tingem de tintas vivas. A pesca é uma das ocupações favoritas.

Luccock, nota a sua pobreza: "Eram somente ricos em terras" mas ainda que-riam negociar com pau-brasil.¹⁰⁴

Com tudo isto porém, o índio não pôde resistir à invasão do branco. O cruzamento é intenso. Segundo o recenseamento de 1797, havia em São Pedro 1 173 índios, distribuídos por 327 fogos.¹⁰⁵ Em 1853, eram ainda 900.¹⁰⁶ Hoje não existem, sendo mesmo raros os caracteres somáticos indígenas na região.

O branco assimilou-os completamente ou destruiu-os com suas moléstias fatais para a raça americana. Tudo o que resta daquela maravilhosa organização é o grande Colégio solarengo a coroar a alto da colina em que assenta a cidade, e, com êle, a memória do jesuíta que secularmente sobrevive.

3. ARARUAMA

"Nenhum anaial se chama Araruama; mas esse nome foi dado a uma vasta paróquia que se estende às margens do lago e que, à exceção do anaial de Mataruna compõe-se apenas de fazendas e casas isoladas"

AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: "Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil"

Trad. port., São Paulo, 1941, pág. 287

Os dizeres de SAINT-HILAIRE mostram que a fundação de Araruama é mais recente. Não teve como São-Pedro e Cabo-Frio uma aglomeração original nascida de colégios jesuíticos ou decretos régios. Araruama lembra inúmeras cidades sertanejas, saídas de simples arruamentos à beira de estradas, onde um pouso inicial de tro-

¹⁰³ SAINT-HILAIRE, Augusto de — Obi. cit., pág. 310

¹⁰⁴ Luccock, John — *Notes on Rio de Janeiro and the Southern parts of Brazil* London, 1820, pág. 321

¹⁰⁵ LAMEGO, Alberto — Obi. cit., pág. 270

¹⁰⁶ *Relatório* apresentado no Exmo. Si. Presidente da Província do Rio de Janeiro, o conselheiro LUIS ANTONIO BARBOSA, pelo vice-presidente, o comendador JOÃO FERREIRA DAGUIRE FARO, Rio, 1853.



Fig. 73 — *Um longo brejo entre restingas, murado pela vegetação dos cerrados.*

(Foto A. R. LAMEGO)

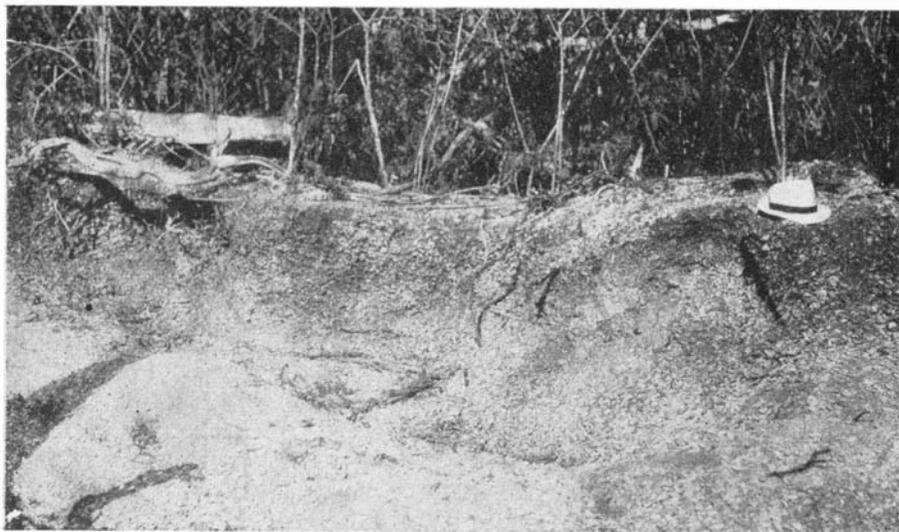


Fig. 74 — *Sambaqui artificial nas margens do Itabapoana.*

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 75 — A matriz de N. S. da Assunção de Cabo-Frio, que viu nascer a cidade.

(Foto A. R. LAMEGO)

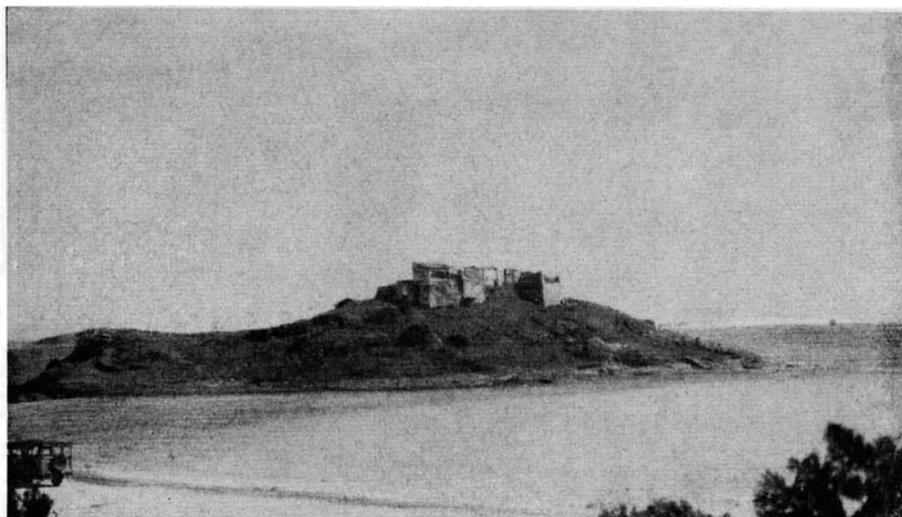


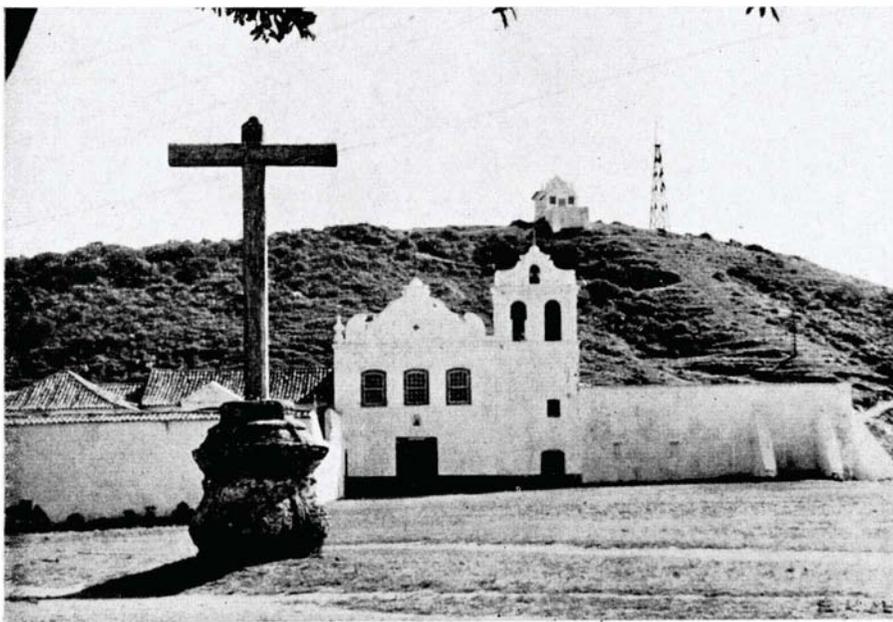
Fig. 76 — Ruínas do velhíssimo forte de São-Mateus, em Cabo-Frio, o cavaleiro das águas transparentes da famosa prata.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 77 — Antiquíssimas *reliquias* de Cabo-Frio.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fia. 78 — O convento de N. S. dos Anjos em *Cabo-Frio*, e a capelinha da *Guia*
(Por gentileza do Serviço 'do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

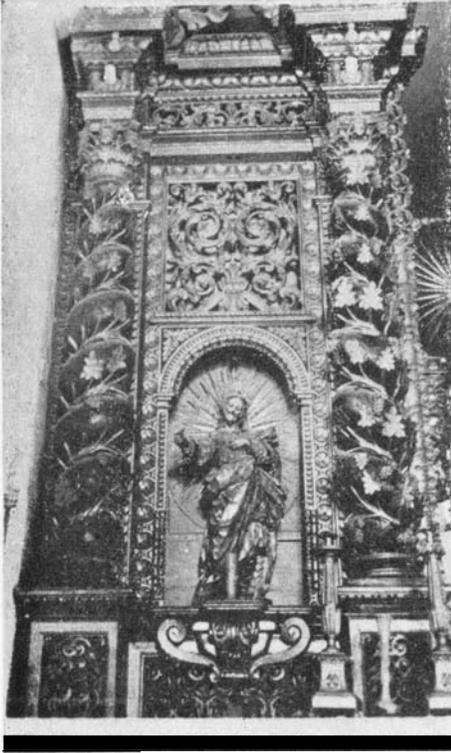


Fig. 79 — Admirável obra de talha no convento de N. S. dos Anjos em Cabo-Frio (Por gentileza do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).



Fig. 80 — Altar de Santo Antônio no convento de N. S. dos Anjos. (Por gentileza do Serviço do Patrimônio Histórico)



Fig. 81 — Ruínas do convento de N. S. da Conceição, nas restingas de Itaipu.

(Foto A. R. LAMEGO)

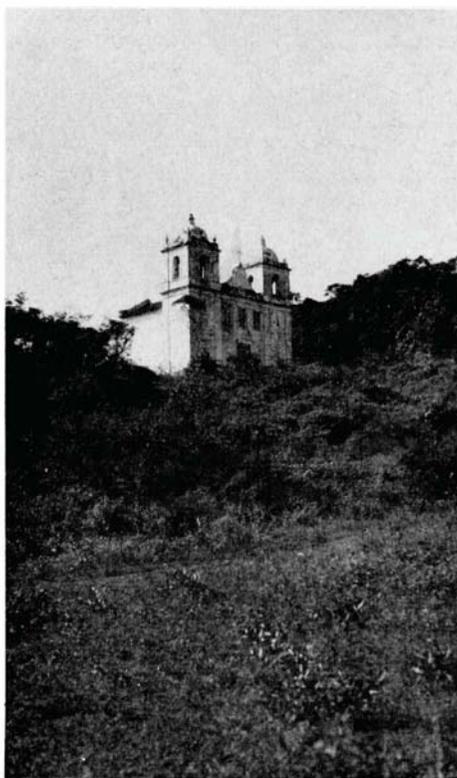


Fig. 82 — O templo de São Sebastião de Itaipu, construído pelos jesuítas.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 83 — O famoso Colégio de São Pedro d'Aldeia, levantado pelos jesuítas.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 84 — O convento franciscano de N. S. dos Anjos, em Cabo-Frio.

(Foto A. R. LAMEGO)

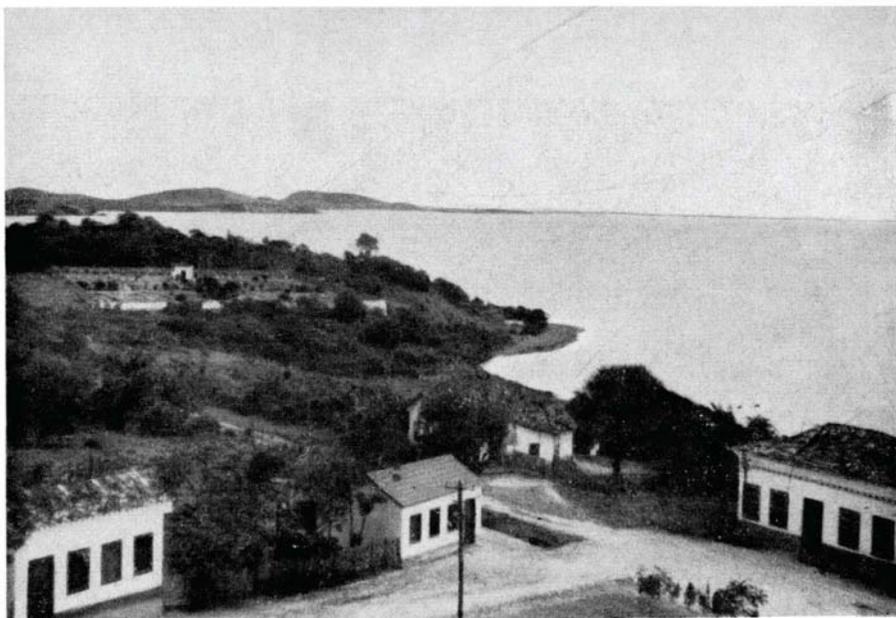


Fig. 85 — *Um trecho da Araruama em São-Pedro-d'Aldeia.*
(Foto JUNQUEIR&SCHMIDT)



Fig. 86 — *Trecho de São-Pedro-d'Aldeia*
(Foto JUNQUEIR&SCHMIDT)

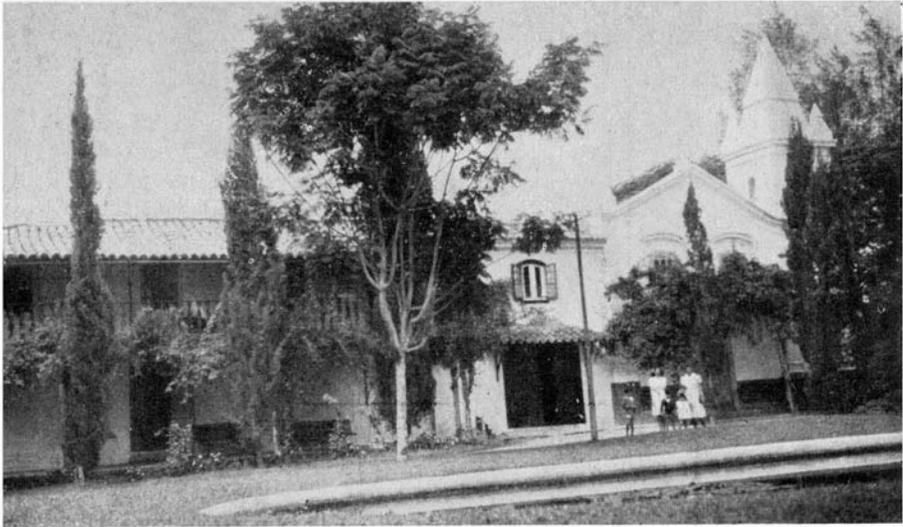


Fig. 87 — A igreja e o histórico solar jesuítico de Campos-Novos.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 88 — Outro aspecto do \$dar de Campos-Novos.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig.89 — *A cidade de Araruama, a margem da laguna transparente.*

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 90 — *Igreja de São Sebastião de Araruama,*

(Foto A. R. LAMEGO)

pas existira. Vendo-a humildemente a beira da laguna, a mesma idéia nos assalta, embora a sua área hoje menos acanhada se cruze de várias ruas transversais.

Podemos lhe descortinar a origem com mais a seguinte transcrição do botânico francês: “Na margem ocidental do lago existem vários pequenos portos onde os proprietários vizinhos embarcam para a capital os produtos de seus solos; mas de todos êsses portos os mais frequentados são os do Capitão-Mor e de Mataruna”.¹⁰⁷

A sua igreja de São-Sebastião com belas imagens e encimando um outeiro que domina a laguna, já não é a primitiva matriz dos Capuchinhos, que, “construída à beira do lago, é isolada, baixa e pequena e jaz em ruínas”.

Criada paróquia em 10 de janeiro de 1799, pertencia ao município de Cabo-Frio. A 17 de outubro de 1852, é incorporada ao de Saquarema. Vila em 6 de fevereiro de 1859, pelo decreto que suprimiu o de Saquarema, transferindo-o para o lugar de Mataruna, crismado então em vila de Araruama.

A futura cidade desenvolve-se pois com o advento do café que cobrindo as suas morrarias, exige uma saída através de seu porto.

A importância urbana deste núcleo foi insignificante em todo o Império. SAINT-ADOLPHE nem sequer o menciona. MOREIRA PINTO, já na República, fala de vários agrupamentos espalhados pelo município. Nenhum sintoma de irradiação urbana. Simples aglomerações de pescadores à beira da Araruama ou testemunhos de antigas fazendas na zona interna de lavouras. Assim, Iguaba-Grande, Parati, Pontinha, Enjeitado, Ver-o-Pêso, Ponte-dos-Leiles, todos a margem da laguna. Assim Morro-Grande, Boa-Vista, Boa-Esperança, Tapinhoã, Trindade, Lagoa-do-Feixe, Lagoa-da-Anta, Ipitanga, Itatiquara, Juturnaíba, Barro-Vermelho, Arapoca e Grapiapunha, distanciadas do grande lago.

Em 1894, a sua população era de 9 526 habitantes. De suas lavouras de café já então quase nada resta. O milho e a mandioca são então a base de seu comércio, além da pesca. É que embora com uma retaguarda bem mais promissora para a agricultura que a dos dois outros municípios da laguna, os destinos da Araruama estão também intimamente ligados as suas salinas, mais produtivas ali, nos fundos da laguna, pela maior concentração das águas represadas.

4. SAQUAREMA

- “O local da cidade foi naturalmente escolhido junto à barra hoje quase sempre fechada, pela qual outrora se podia entrar com embarcações do oceano no lago, mas que trabalhos mal orientados entupiram a entrada”.

AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Obr. cit ,
pág. 278.

Bem mais antigo é este núcleo. Das mais velhas povoações fluminenses. SAINT-ADOLPHE dá-nos o ano de 1660, como da fundação da primeira capela de Nossa-Senhora-de-Nazaré. AIRES DO CASAL ignora a data da fundação, mas apresenta como iniciadores a MANUEL DE AGUIAR MOREIRA e sua mulher D. CATARINA DE LEMOS. PIZARRO, sem precisar o ano, diz ser ela anterior a 1662.¹⁰⁸

Em 1675, nova igreja é levantada. Mas por todo o correr do seguinte século o templo vai-se aos poucos desmantelando, e, em 1800 acha-se em ruínas, não obstante a paróquia de Saquarema existir desde 1755, com vigário colado.

Quando em visita ao velho arraial de pescadores, em 1820, o bispo SILVA COUTINHO designa o Boqueirão-do-Engenho para a construção do novo templo. Em boa hora, porém, o povo o contraria e levanta a nova matriz no cimo do penedo pitoresco onde se encontra, mulheres e crianças prestando-se ao transporte da pedra necessária. Foi renovada em 1837.

Seu interior é simples mas de gosto sóbrio. Devido à sua igreja é que anualmente a pequena cidade adormecida movimenta-se por um dia, com grande número de romeiros.

Seu rochedo a beira-mar e dominando a laguna piscosa deveria forçosamente atrair agrupamentos indígenas para o local, onde efetivamente em escavações na vila têm sido encontradas *igaçabas* denunciando um velho *tibiquera*.

O que se pode restabelecer dos primitivos habitantes da zona costeira de Saquarema é ter sido ela frequentada por indesejáveis à sociedade carioca, transformados em pescadores ante o alimento fácil que lhes dava a lagoa. "A região de Saquarema foi povoada por marinheiros desertores que aí podiam exercer um trabalho já deles conhecido, o de pescador; esta zona foi também povoada por criminosos fugitivos, mulheres de má vida, e enfim, vêm do Rio-de-Janeiro frequentemente moços que procuram fugir ao recrutamento militar a que são expostos na Capital".¹⁰⁹

Tão econômica e insignificante era o município em meados do Império que foi suprimido, como vimos, passando a sede para Mataruna, atual Araruama. A súbita investida do café, restituiu-lhe

¹⁰⁸ PIZARRO E ARAÚJO, José de Sousa Azevedo — *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, Rio, 1820.

¹⁰⁹ SAINT-HILAIRE, Augusto de — Obr. cit , pág 280

a autonomia a 24 de julho de 1860. Grande prosperidade econômica teve então Saquarema com suas centenas de cafeicultores, muitos nobilitados de comendas.

Dos poucos engenhos de açúcar da região das lagunas no período imperial,¹¹⁰ só neste município é que a Indústria evoluiu. Existe ali hoje a única regional, a de Santa-Luzia, em Sampaio-Correia, com capacidade para 32 506 sacos.¹¹¹

Mau grado as suas prósperas pescarias, é sobretudo a um novo interesse pelo solo que, como no passado, poderá, Saquarema reaver com novas lavouras, o esplendor infortunadamente passageiro com que a enriqueceu a onda do café.

5. MARICÁ

“A verde margem de sereno lago ”

FAGUNDES VARELA: “Anchieta ou o Evangelho das Selvas” III, 12

Como todos os demais núcleos urbanos da faixa das lagunas. Maricá data do século XVIII. Desde 1687 a sua igreja de N. S. do Amparo servia, de paróquia, somente obtendo porém êsse título em 1755.¹¹²

O povoado tornou-se vila em 26 de maio de 1814, com o nome de Santa-Maria-de-Maricá, em homenagem à rainha de Portugal. Seu termo, desmembrado dos do Rio-de-Janeiro, de Santo-Antônio-de-Xá e de Cabo-Frio, limitava-se a leste pela barra da lagoa de Saquarema. Tão vagaroso foi porém o seu desenvolvimento que, só em dezembro de 1888 teve as honras de cidade, enquanto Saquarema já 18 anos antes obtivera essa regalia.

É bem possível, tal morosidade tivesse motivo, em grande parte, no desvio da velha estrada litorânea que, ao vir de Niterói não tocava na pequena vila.

O príncipe MAXIMILIANO que a viu em 1315, dá uma população de 800 almas à freguesia. Gente rústica e ignorante “Os moradores de uma pequena casa um pouco afastada, diante da qual paramos, fecharam as portas cuidadosamente”. Todos os vizinhos também se reuniram para nos contemplar, embasbacados, mas quando começamos a esfolar e preparar os animais mortos durante o dia, moços e velhos sacudiram as cabeças e riram-se ruidosamente dos pobres estrangeiros”¹¹³

¹¹⁰ Em 1869, havia quatro em Saquarema, sendo três movidos a água e um a vapor. Dois pertenciam ao barão de SAQUAREMA (*Almanaque Laemmert*, 1869).

¹¹¹ Estatística do “Sindicato dos Industriais do Açúcar e do Alcool de Campos”

¹¹² MOREIRA PINHO, Alfredo — *Cicco Geogr. do Brasil*, Rio, 1869, vol II, pág 468

¹¹³ WIED-NEUWIS, príncipe Maximiliano — *Obi. cit.*, págs 50-51

Maricá padroniza então tôdas essas pequenas vilas do litoral das restingas, onde o habitante quando não voltado para a pesca absorve-se numa retaguarda de pequenas lavouras incapazes de gerar fortunas grandes. Daí o raquitismo de tais vilas.

Compunha-se então **Maricá** de "casas acachapadas, de uma igreja e de ruas regulares, porém sem calçamento. As construções não possuem janelas de vidro, porém simples aberturas, que como no Brasil inteiro, são fechadas com rótulas de madeira".¹¹⁴

Assim dormita a pequena vila por quase todo o século XIX. A rápida passagem da onda do café pelas encostas de suas serranias não sacode a inércia original do meio litorâneo em que nasceu. Nenhum dêesses municípios teve como o de Campos um progresso contínuo e próprio, estimulado pelo meio físico. Só um impulso externo é que pode sacudir êsse torpor que se diria herdado dessa gente das areias que primitivamente ali entrou, sedentarizando-se em palhoças a beira das lagunas.

Só com a permanente ligação ferroviária é que a região poderia receber um surto renovador de idéias e iniciativas imigradas. Foi o que se deu com a Estrada de Ferro **Maricá**, cujo primeiro trecho indo a Rio do Ouro, foi inaugurado a 25 de novembro de 1888, mas que só atinge a cidade em fins do século.

Em 1896, conta o município com 20 000 habitantes. A principal de suas lavouras é a da cana de açúcar, mas nenhum engenho central ali existe. O espírito das lagunas adormecidas como que se expande sôbre a zona interna e cultivável. "Um dos mais sérios embaraços desta lavoura é a carência de braços, mas, principalmente por falta de estímulo e amor ao trabalho da classe proletária, com especialidade libertos".¹¹⁵

Atualmente **Maricá** progride. Em seu núcleo urbano elevam-se construções modernas em bons arruamentos. Dos municípios das lagunas tem êste a vantagem geográfica de estar próximo ao grande centro consumidor e expansivo da Guanabara, e só isto lhe basta para a garantia de um progresso imediato, já visível parcialmente em suas grandes pescarias que notabilizam o nome da laguna.

Resumindo em breve síntese a história dessa faixa litorânea, vê-se pois que, a parte o lado heróico da tomada de Cabo-Frio, capital para a unidade brasileira, e o humanitário e étnico do jesuíta, evitando por trezentos anos a destruição do índio, a contribuição social trazida pela conquista das restingas até o século vinte foi pequena.

Com a passagem vertiginosa do café pelas encostas da zona montanhosa, destaca-se uma atividade agrícola apreciável. A repercussão porém, é superficial e momentânea. Sôbre alicerces de classes rurais instabilizadas não se consolidam organizações urbanas progressivas. Tal é o panorama histórico-social das lagunas.

¹¹⁴ Idem. — Obr. cit., pág. 52.

¹¹⁵ MOREIRA PINTO, Alfredo. — Obr. cit., pág. 470.

Mas indiretamente essa penetração litorânea desde o seu início veio poderosamente refletir em tôda a economia fluminense. Porque daqueles engenhos e fazendas é que nasce a indústria açucareira campista, com todo o seu cortejo de imensas reservas humanas e econômicas. Dali é que partem os "Sete Capitães" para a conquista do norte.

A falta de pastos nessa terra de florestas internas e areais costeiros é que se deve a procura e a colonização das margens distantes do Paraíba.

Condições geográficas regionais, num fenômeno geográfico expressivo, repercutem dêste modo decisivamente no destino de outras regiões.

Veteranos de trinta anos de guerras, duros capitães de troços, "de idades avançadas" que sob o comando de CRISTÓVÃO DE BARROS tomaram Gabo-Frio, é que partem para Campos. Em seus "engenhos de fabrica? açúcar na terra desta Capitania do Rio-de-Janeiro, nesta parte da baía em o caminho de Cabo-Frio" é que planejam a expedição. Na fazenda de MIGUEL RISCADO que então "fabricava o seu estabelecimento para engenho em o distrito de Araruama, têrmo de Cabo-Frio" é que se concerta a jornada.¹¹⁶

É a primeira viagem de exploração, em 1632, onde embarcados até Macaé, somente as restingas além dêste rio são percorridas. No ano seguinte, parte a segunda, da nova fazenda Riscado em "Araruama de Parati". "Viagem de cavalgadas", por causa do gado que levam, a qual desbrava as restingas de Campos-Novos a Macaé.¹¹⁷ As primeiras reses de Campos, origem do "ciclo da pecuária" na futura planície açucareira, origem de chusmas de aventureiros, origem de motins sem conta, fortalecedores da alma do campista.

Do engenho de Parati ainda, foco inicial da civilização campista, sai a terceira, em 1621, quando os primeiros criadores concessionários de terras começaram a invasão da planície.

O lugarejo de Parati, nas margens da Araruama, entre a cidade dêste nome e Iguaba-Grande, é o ponto histórico para o qual o fluminense há-de voltar-se, grato a um passado que lhe deu a maior zona, de sua economia e a melhor expressão da fisionomia cultural da Baixada.¹¹⁸

¹¹⁶ A partida de Cabo Frio foi a 2 de dezembro de 1632, na sumaca "Senhoia da Guia" onde metemos nossas comedorias e nossas armas, pois havíamos dispostos no que pudesse acontecer". Seguem nessa viagem dezessete pessoas com filhos, agregados, rumo a Macaé onde já existia um povoado. Após uma trintaia de exploração a costa por mar até a baía do Açú, apenas conseguem desembarcar os marcos que levavam, voltando a Macaé premidos por um temporal. Daí prossegue então a viagem por terra, sobre as restingas (Roteiro dos Sete Capitães cf. AUGUSTO DE CARVALHO: *Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé, Campos, 1888*, págs. 205-207).

¹¹⁷ A segunda expedição que deu origem à pecuária campista, saiu de Parati a 20 de outubro de 1638, e a terceira, quando seguíam os primeiros colonos, do mesmo local a 8 de novembro de 1634. (Obi cit., págs. 215-221).

¹¹⁸ SAINT-HILAIRE, cita o lugar de Parati como o mais notável depois de Mataruna, "cuja capela que se avista de longe, produz belo efeito na paisagem. Esse engenho tem a vantagem de ser situado à beira do lago, podendo-se embarcar o açúcar diretamente dos armazéns". O príncipe MAXIMILIANO descreve Parati como tendo sido outrora "um convento e uma igreja bastante nova e bastante grande próximo da qual se erguiam vários casarões".

6. BARRA-DE-SÃO-JOÃO

“ . pobre cidade, isolada no meio dos desertos ..”

FAGUNDES VARELA: “Anchieta ou o Evangelho das Selvas”, VI, 9

Após a fundação de Campos-Novos em princípios do século XVII pelos jesuítas, alguns colonos vão estabelecer-se na margem esquerda do rio São-João em sua foz. Ali erguem a igreja sob a invocação de São-João-Batista.

Mais tarde, arruinando-se o templo da aldeia de Ipuca, onde os capuchinhos haviam arrebanhado índios guarulhos à margem do curso médio daquele rio, os habitantes do povoado litorâneo oferecem o seu para nêle ser instalada a pia batismal.¹¹⁹

Ao estudarmos a região dos pantanais, assinalamos as paisagens desoladoras marginais ao rio São-João, onde os morros se destacam sôbre um dilúvio generalizado por ilimitadas extensões encharcadiças. Isto não impede porém que os desbravadores por ali entrassem desde tempos remotíssimos. É que duas condições geográficas essenciais à vinda do imigrante ali se encontram: o pôrto, que é o melhor de tôdas essas pequenas embocaduras de rios da Baixada, propício à navegação de modesto calado, e a profundidade do próprio São-João por dezenas de quilômetros, permitindo a penetração para os fundos montanhosos da bacia.

Tais fatôres deram impulso e firmaram a povoação da barra. As madeiras de lei, em toras ou serradas, desceram das matas do sertão trazidas pelos caminhos d'água. Por tais vias de acesso torna-se possível o escoamento de produtos da lavoura, o que incrementa o plantio do café nas encostas montanhosas, onde as fazendas do Império expedem anualmente 500 000 arrôbas para os trapiches da vila marítima.¹²⁰

Exclusivamente ao café e à exploração da madeira, um crescimento apreciável em sua economia dá a zona certa importância temporária no passado século. O município é criado a 19 de maio de 1846, mas só instalado a 19 de maio do ano seguinte. A imigração lusitana acorre, chegando a vila a ter um vice-cônsul português. Há nela construções navais.

¹¹⁹ SAINT-ADOLPHE, J C R Milliet de — Obr cit , vol I

¹²⁰ Almanaque Laemmert — 1862

Barra-de-São-João, entretanto, é apenas uma vila intermediária de comércio, mas ainda assim com falta de estabelecimentos de grandes capitais. Os seus produtos agrícolas são vendidos diretamente no Rio-de-Janeiro por conta dos produtores. É um simples núcleo de ligação entre a capital e as fazendas espalhadas pelos recessos da bacia fluvial.

Em 1845, conta a paróquia apenas 4 000 habitantes que, quando esparsos pelas planícies do rio, são obrigados a rasgar as mên-das de areia para escoamento das inundações anuais.

Quem vê hoje essa longa rua de casaria térrea pitorescamente à margem do São-João e à sombra de vetustos *flamboyants*, descortina um passado humilde a ver abastanças deslizarem por seu rio, sem jamais deixarem cair sobre os areais da vila parcelas suficientes para um engrandecimento embora passageiro.

Mas, se economicamente a pequena cidade nunca floresceu, em quanto existir a nossa cultura seu nome sempre luzirá. Pobre de riquezas materiais, Barra-de-São-João deu ao Brasil inestimável tesouro espiritual.

Ali, na velha casa à beira rio, sobre o qual debruça-se um trapiche em ruínas, a 4 de janeiro de 1839, viu a luz um dos maiores gênios da poesia brasileira. Aquêles que melhor pintou com a singularidade do meio onde brincara, a candura melancólica da nossa alma campesina, a nossa gente simples das fazendas e vilas humildes, a nossa vida familiar do interior, a paisagem rural fluminense da Baixada que despreziosamente se harmoniza cor??a, ingenuidade de uma raça boa e generosamente acolhedora.

Foi tudo o que nos deu. Barra-de-São-João, mas isto basta para immortalizar um nome. Acentuando-se a decadência da vila, foi a sede municipal, a 10 de novembro de 1925, transferida para Indaiáçu, a 23 de novembro do mesmo ano crismada, Casimiro de Abreu, em homenagem ao poeta que ali morreu na fazenda do pai, em 18 de outubro de 1860.

Carinhosamente o conduziram para Barra-de-São-João onde o sepultaram no mais pitoresco e mais abandonado cemitério, pedestal granítico ali posto pela natureza à sua glória, solitariamente a dominar as suas planícies e batido por essas vagas do mar fluminense construtor de restingas, deslumbradoras até de uma criança:

*“Eu me lembro! eu me Lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia,
E, erguendo o dorso altivo sacudia
A branca espuma para o céu sereno...”*

7. MACAÉ

"Depois de costearmos a terra **d'esses uetacá**, avistamos **outra região** proxima chamada de Macaé .."

JEAN DE LERY: "Viagem à Terra do Brasil", Trad port, São Paulo, 1941, pág. 72

Embora sempre à vista das caravelas e naus que no primeiro século demandavam as nossas costas do sul, a região de Macaé não **fôra** ainda penetrada, não obstante o pequeno arquipélago de Sant' Ana ser repetidamente visitado. LERY, entre outros, ali fundeou ao abrigo de uma das ilhas onde uma lagoa era ponto conhecido para aguadas. A costa porém era evitada, mercê da fama exagerada de parciais perigosíssimos.

"Néssas terras vê-se à beira mar um rochedo em forma de **tôrre**, tão reluzente ao sol que pensam muitos tratar-se de uma espécie de esmeralda; e com efeito, os franceses e portugueses que por aí velejam o denominam "Esmeralda de Macaé".¹²¹ "Dizem que é ela rodeada por uma infinidade de rochedos à flor d'água que avança mar a fora cêrca de duas léguas e como tão pouco a ela se tem acesso por terra, é completamente impraticável".¹²²

De fato ali existem naquele mar os escolhos do Hermes e outros que **MOUCHEZ** descreve.¹²³ Não obstante a sua presença porém, nos fins do Império uma intensa navegação movimentou a enseada de Imbetiba, então centro de intercâmbio do comércio de Campos com o Rio-de-Janeiro. O abandono de Macaé no século de quinhentos deve-se à mesma causa que redundou no desprêzo por Cabo-Frio. A atração da Guanabara e de São-Vicente, já colonizados, que chamavam a si a escassa imigração dos primeiros tempos em busca de pontos estabilizados pela conquista.

Só com o perigo do corso é que se desperta o interêsse por Macaé. E em 1615, no mesmo ano da definitiva tomada de Cabo-Frio, a fundação do povoado foi deliberada.

Jazia então Portugal sob o domínio de Espanha, e o célebre estadista GONDOMAR, ministro espanhol em Londres, sabendo que aventureiros inglêses "aparelhavam navios para se estabelecerem

¹²¹ Alusão provável ao **rollço** e imponente pico do Frade, na serra do Mar, visto de enormes distâncias.

¹²² LERY, Jean de — Obr. cit., pág 73.

¹²³ Em sua notável obra, *Les Côtes du Brésil*, (IIe section, de Bahia à Rio de Janeiro), impressa em Paris, 1864, diz o minucioso explorador da nossa costa que, à **entriada** do rio Macaé existem dois rochedos muito perigosos. Contra um deles, desconhecido até 1861, afundou o vapor "Hennes", perecendo cêrca de 50 passageiros. "O rochedo Hermes tem 12 metros de comprimento, (N N O. - S S E) e 4 de largura. Há **nêle** três pontas, uma ficando a 1,30 metros da superfície na maré baixa. Em volta dêle o fundo é de vaza, com 10 a 12 metros e a N E, a 60 metros, o fundo é de 8 metros com **madrépora**. (Pág 222) As águas nunca quebram **sôbre** o rochedo. A uma milha a E S E da ilha dos Papagaios, a rocha do Papagaio é também perigosa. A uma milha a S E da aldeia de Itapêbuçu, há outro **iecifê** onde quebra o mar, e finalmente, entre Pecados Mortais e rio das Ostras há rochas a 1,5 ou 2 milhas da costa

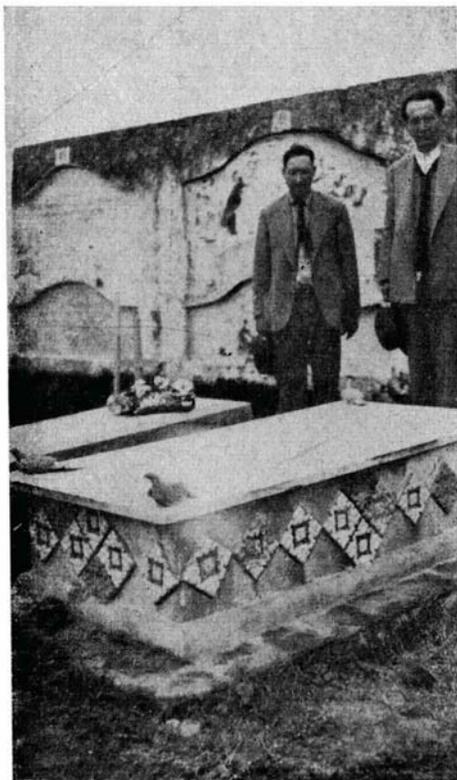


Fig. 91 — O singelo e expressivo túmulo de CASIMIRO De ABREU em Barra-de-São-João, antes de sua pomposa desfiguração.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 92 — O rio e a serra de São-João, vistos da cidade.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 93 — A ilha granítica do Telégrafo, em 1930, bipartindo a embocadura do rio São-João.
(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 94 — A igreja e o cemitério de Barra-de-São-João, no "Promontório-da-Saudade". Note-se a ilha e o canal.
(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 95 — Vista tirada da ilha do Telégrafo, em 1942, para o "Promontório-da-Saudade", mostrando o canal do rio completamente fechado por uma restinga.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 96 — "Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu teto amigo" (CASIMIRO DE ABREU)

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 97 — *Cruzeiro de pedra e igreja de Sant'Ana em Macaé*
(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 98 — *Fundos da velha igreja jesuítica de Sant'Ana, em Macad.*
(Foto A. R. LAMEGO)

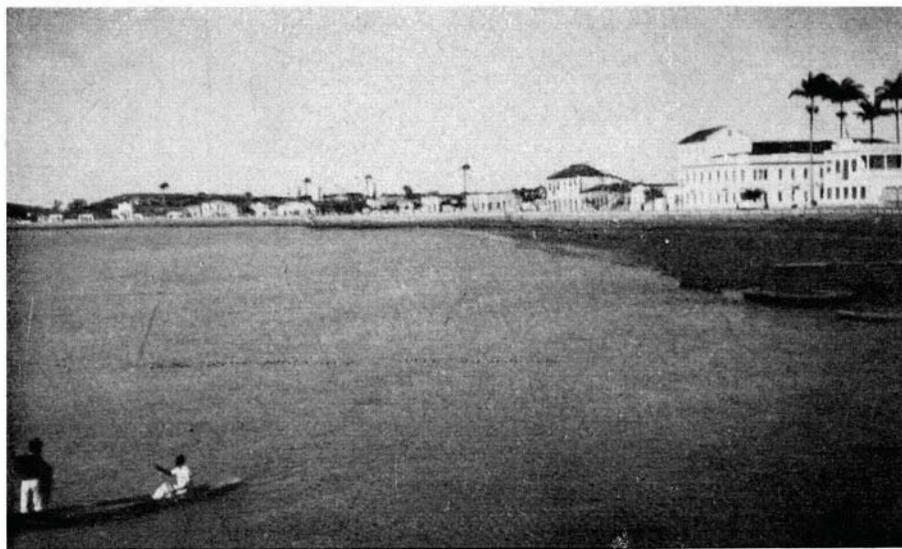


Fig. 99 — Cidade de Macaé

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 100 — Praia dos Campistas e ilhas de Sant'Ana, em Macaé.

(Foto A. R. LAMEGO)

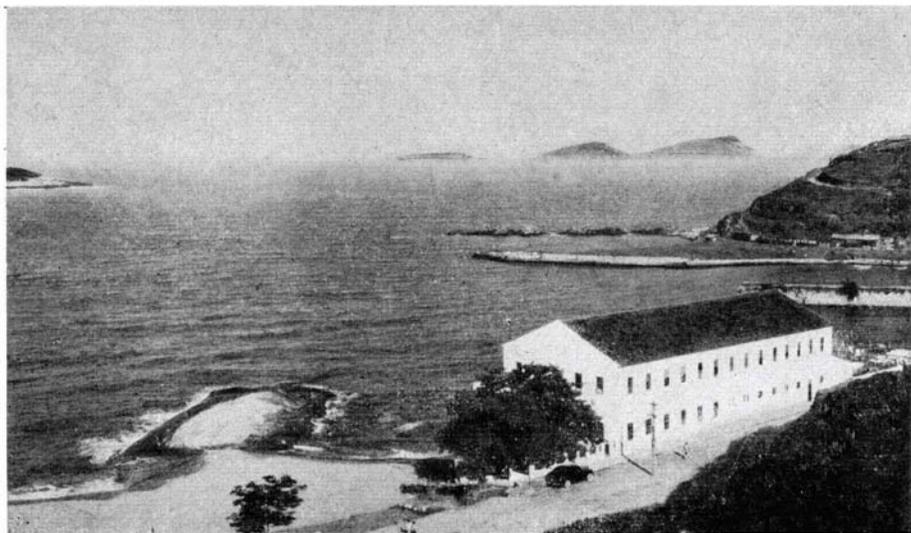


Fig. 101 — O Grande *Hotel Balneário de Imbetiba*, em *Macaé*, com sua admirável *piscina natural*, formada por um *pantal de gnaise*.

(Foto A. R. LAMEGO)

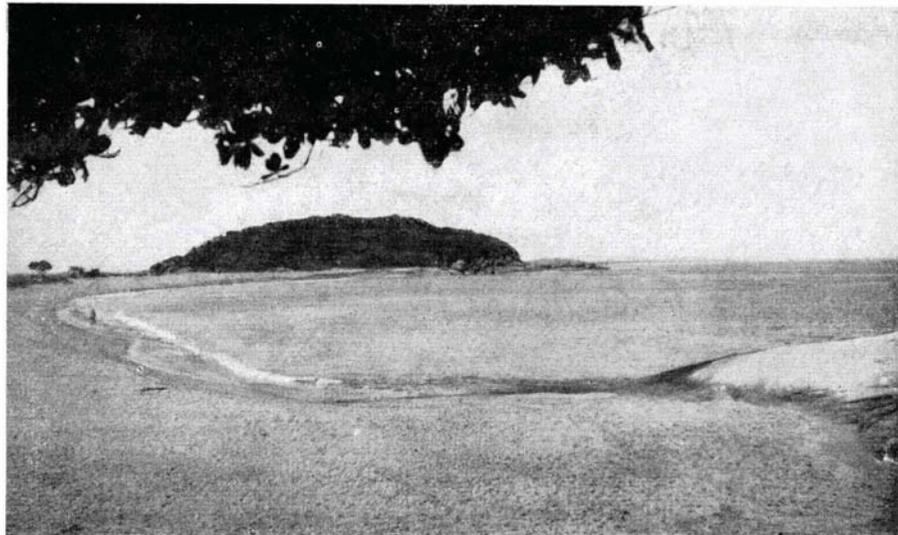


Fig. 102 — A linda *praia de Inabetibn*, em *Macaé*, vista do *Hotel Balneário*.
Ao fundo o *morro do forte Marechal-Hermes*.

(Foto A. R. LAMEGO)

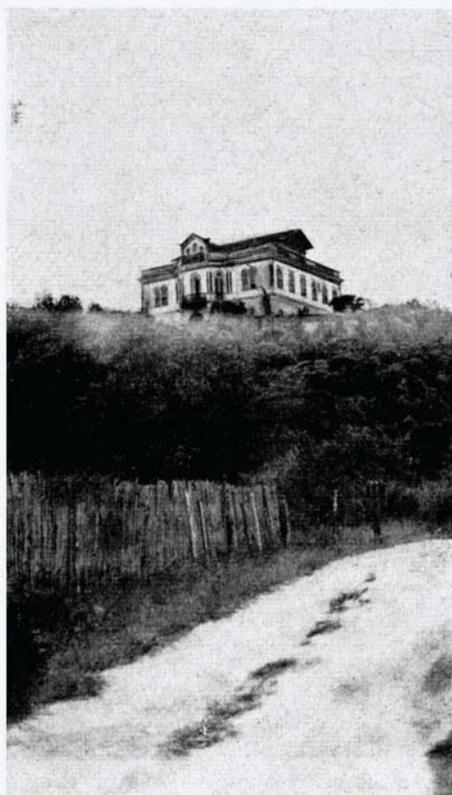


Fig. 103 — O solar de *Monte-Elisio*, em *Macaé*, testemunho da nobreza rural do Império.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 104 — *Trecho da muralha do solar de Monte-Elisio, reliquia do feudalismo brasileiro*

(Foto A. R. LAMEGO)

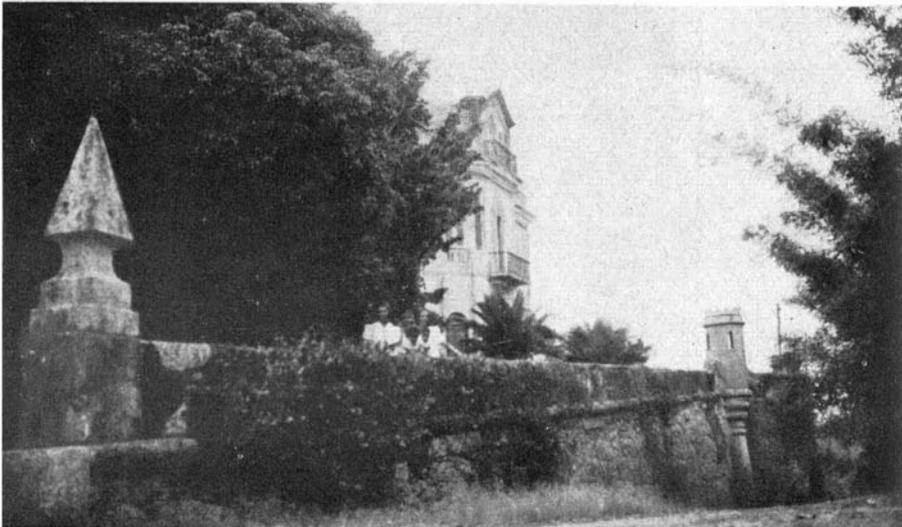


Fig. 105 — *A muralha e o solar de Monte-Elisio.*

(Foto A. R. LAMEGO)

e fortificarem num pôrto entre o Espírito-Santo e o Rio-de-Janeiro, sendo auxiliados nesse tenebroso plano por três mamelucos que ali se achavam há certo tempo: GASPAS RIBEIRO, JOÃO GAGO e MANUEL DE OLIVEIRA, sujeitos de alguns haveres, habitantes do dito lugar, conhecedores da língua indígena e com relações no país", dá parte ao govêrno de Madri.¹²⁴

O hábil diplomata, sem ostentação de fôrça, desvia os mamelucos da tenebrosa emprêsa, frustrando a tentativa dos piratas inglêses forçados a abandonar a invasão. O govêrno espanhol, entretanto, ordena logo ao governador geral GASPAS DE SOUSA "que estabelecesse de cem a duzentos índios numa aldeia sôbre o rio Macaé, defronte da ilha de Sant'Ana, onde soíam desembarcar os entrelapos, e que fundasse um estabelecimento semelhante sôbre o rio Leripec, hoje rio das Ostras, onde os inimigos cortavam as madeiras colorantes, principal mercadoria que a êste vedado país vinham buscar. Os índios para êstes estabelecimentos haviam de ser carijós, trazidos da vila de São-Paulo. A cada aldeamento se daria um jesuíta. Devia comandar o primeiro, AMADOR BUENO, filho do célebre ARARIBÓIA, e o segundo, seu sobrinho MANUEL DE SOUSA".¹²⁵

Foi esta a organização inicial de Macaé onde entretanto já se haviam estabelecido alguns mamelucos antes da colonização oficial que, segundo o mesmo autor só teria começado em fins de 1630 pelos jesuítas, que ali começaram a erguer o seu Colégio e a capela de Sant'Ana que ainda existe parcialmente reformada. Deduz AUGUSTO DE CARVALHO o seu parecer, do silêncio relativo ao fato, guardado pelo padre SIMÃO DE VASCONCELOS em sua narrativa da primeira visita ao então chamado rio dos Bagres, pelos jesuítas JOÃO DE ALMEIDA e JOÃO LOBATO que em companhia de ESTEVÃO GOMES foram pacificar as planícies de Campos, e do Auto de Posse das sesmarias jesuíticas.¹²⁶

Em seu *Roteiro dos Sete Capitães* diz-nos MALDONADO, relativamente à passagem por Macaé a 11 de dezembro de 1632: "pelas oito horas da manhã aqui desembarcamos e fomos tomar conhecimento da povoação, com efeito não achamos gente de maior consideração. De choupanas cobertas de palhas se compunha o arraial. Seus habitantes eram mamelucos, porém muito costeados e agradáveis. Esta gente se ocupava na pesca aonde achamos muitos ba-

¹²⁴ CARVALHO, Augusto de — Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé Campos, 1888, pág. 326

¹²⁵ Idem, 327

¹²⁶ No Auto de Posse das terras concedidas aos jesuítas, trânscrito por AUGUSTO DE CARVALHO, (*Hist da Capit. de São Tomé*, págs 331-333), lê-se que, a 21 de novembro de 1630, : " fomos ao rio dos Bagres, nomeado pelos indios, Miquié, na bairrada do dito rio, e logo pelo dito piocuidador ANTONIO FAGUNDES me foi dito e requerido que lesse a carta de sesmaria, e lida, na formo dela, o metesse de posse das ditas terras, e logo eu, tabelião li a dita carta, e poi me constar pelas testemunhas ao diante nomeadas e pelos indios que comigo iam, serem aquelas terras e campos conteúdos na dita carta, o meti de posse, apregoando em altas vozes se havia pessoa ou pessoas que lhe contradisesses e por não haver pessoa alguma o meti de posse e o houve por empossado dos ditos campos

gres, que dêle fizemos mantimento de refresco, andamos mais para o interior e descobrimos uns moradores de mais consideração, voltamos e chegamos a margem do rio onde era a dita aldeia, indagamos quem eram aquêles que fazia vêzes de govêrno, chamava-se DOMINGOS LEAL, autorizado por Cabo Frio".¹²⁷

Não obstante a sua remota origem, por todo êste século e princípios do seguinte, Macaé cbntinua desprezada. Nas nas ilhas de Sant'Ana, localizou-se um centro de piratas franceses que, em 1725, talavam todo o litoral. "Roubavam embarcações, assaltavam os que traziam gados e mantimentos para o abastecimento da cidade do Rio-de-Janeiro, cometiam, enfim, tôda sorte de trope-lias".¹²⁸

Um dos maiores prejudicados era CAETANO DE BARCELOS MACHADO, fazendeiro na ilha de N. S. do Destêrro, "lugar depois conhecido pelo nome de Furado". Propõe êle, fazer à sua custa "entre a cidade de Cabo-Frio e capitania do Espírito-Santo, na paragem chamada *Makié*, uma fortaleza e juntamente uma vila, dando a terra que necessário fôsse para as casas, pondo a vila em sua última perfeição, tudo para a real coroa", em troca do fôro de fidalgo cavaleiro, do hábito de Cristo e de mercês outras hereditárias.¹²⁹

Indeferido o pedido, a tão necessária fortificação de Macaé só veio a realizar-se duzentos anos depois, vegetando entrementes a povoação até o século XIX com seu comércio de madeiras.

Sob um aspecto porém, Macaé foi perniciosamente importante. Passagem terrestre obrigatória entre Campos e o Rio-de-Janeiro, ali foi estabelecido um registro pelos viscondes de ASSECA, a fim de cobrarem impostos e fiscalizarem tudo o que saía da Paraíba-do-Sul, mantendo assim pelo isolamento a infeliz Capitania sob a opressão e o terror.

Com o século XIX, e a passagem do café unindo-se aos engenhos de açúcar que desde o século precedente começaram a espa-

e terias, pondo logo na ponta da *Barreira* um penedo redondo, uma Cruz com a sua Coroa da maica do dito Colégio, feita a picão, e logo deirubou êle uma roça de mato maninho e alimpando uma tapeira que fôra dos Aitacases, plantou logo em seguida mantimentos e árvores de espinho e algum milho, e no ptncípio da dita roça armou uma Cruz alta e de como fiz tudo isto, na forma do Foral de Sua Magestade. fie êste *Auto de Posse* "

No dia anterior, foram plantados marcos no "rio Iriri, (nome pelo qual era entho mais conhecido o rio *Seripe* ou *Leripe*, que depois passou a chamar-se definitivamente *rio das Ostras*)", onde o picuador "poi não havei pessoa alguma que lhe contradisresse a dita posse, tomou uma pouca de terra e ramos em as mãos, passeando Delas ditas terras o campos c o meti de posse das terras do Iriri e campos, na forma da dita carta de sesmaria, como picuador do dito Reverendo Padre Reitor, sem contradicção de pessoa alguma, metendo um marco de pedra com a marca do dito Colégio e um pau aito por nome pitoma, tudo junto do dito rio, e roçando logo e plantando algumas árvores de espinho, e por não haver porteiro, apregoou o dito ANTONIO FAGUNDES em como o meti de posse e o houve poi bem empossado das ditas terias em nome do dito Reveiando Padre Reitor"

Na mesma data e de maneira idêntica, foi colocado um marco na ponta de Itapebuçu

¹²⁷ CARVALHO, Augusto de — Obr cit , pág 205

¹²⁸ LAMEGO, Alberto — *A Terra Goitacá*, vol II, pág 9

¹²⁹ idem, págs 9-10.

lhas-se ao longo do rio, — sem contudo atingirem uma dezena na época de COUTO REIS —, desenvolveu parcialmente a região. Foi somente porém desde 1872 que, primeiramente com a abertura do canal Macaé-Campos, e logo a seguir com a substituição desta via pela estrada de ferro, a cidade começa a movimentar-se, impulsionada por quase todo o comércio da grande planície açucareira do norte.

A ligação ferroviária a Niterói, destruiu-lhe essas esperanças prematuras. O que hoje resta dêsse agitado período são as ruínas do edifício da Alfândega, o maciço Grande Hotel Balneário de Imbetiba, onde os passageiros aguardavam os navios, os sólidos molhes e cais conservados, e o solar de Monte Elíseo que data de 1866.¹³⁰

Por trás de sua planície de restingas há ainda muito brejo, muito alagadiço, enormes pantanais pelas margens de seu rio e dos seus afluentes. Mas seus terrenos altos e acolhedores, suas abas de serra sulcadas de caminhos para as cidades altas, suas lavouras e pastagens que continuamente se desenvolveram com as rodovias e penetrações ferroviárias para Glicério e Madalena, sua grande usina elétrica de Macabu em construção, apresentam oportunidades de um progresso imediato.

O interesse pela terra abandonada desde a Abolição é um dos sintomas mais indicativos do reflorescimento macaeense. A pecuária, sobretudo, tende a se expandir sobre as grandes planícies que se enxugam com o saneamento oficial.

Mais relevante, ainda promete ser o seu destino industrial, com a grande reprêsa de Macabu, originadora provável de grandes indústrias. Porque Macaé jamais perderá essa preciosa prerrogativa das cidades costeiras bem nascidas de condições geográficas predestinadas. um bom pôrto de mar que focaliza uma vasta irradiação natural transpondo áreas bem superiores aos seus 2 500 quilômetros quadrados municipais.

Com êste leque de irradiação atingindo o vale do Paraíba será êste pôrto um fácil concentrador de matérias primas por via marítima em busca da energia barato, de Macabu, e, como escoadouro de uma vasta produção agrícola que se alastra para os altos da cordilheira, havendo mesmo possibilidades de mineração valiosas como parece indicar a sua geologia econômica.

Dêste modo, poderá tornar-se Macaé um ponderável centro de comércio marítimo.

¹³⁰ Pertence hoje ao Sr. JOSÉ DE LIMA CARREIRO de VA, filho dos viscondes de Uragrat e neto materno de CAXIAS. Sua esposa é filha dos viscondes de Araújo, titulares portugueses que edificaram o solar.

Ao nome falso das ruínas de Vila-da-Rainha, foi acrescentado "das Amós", por haverem sido ali achadas duas grandes mós, uma das quais pode ser vista hoje em frente a prefeitura de São-João-da-Barra. Essa mó é de arenito conchilífero, mui grosseiro, e evidentemente inadequada pela textura irregular e cavernosa repleta de conchas frágeis de moluscos para a moagem de qualquer espécie de grão. Parece antes ter tido uso em um jôgo primitivo de moendas de canas.

O visconde de ARARUAMA dá-lhe uma origem diversa da historicamente estabelecida: "Chama-se Santa Catarina das Mós o lugar que anteriormente chamava-se enseada de Pargos, e mudou-se pela razão de que, quando os holandeses possuíram várias praças nossas, estabeleceu-se aí um holandês, com engenho de açúcar e teve outras fábricas, e, retirando-se, deixou neste lugar umas mós enormes de pedra que por muito tempo aí se conservam".¹³²

Tal dúvida parece-nos vir de confusão citada em tôrno das vilas primitivas, e que ALBERTO LAMEGO esclarece, visto que, a enseada ou Baixo-de-Pargos fica nas proximidades da foz do Itapemirim, e não ao sul do Itabapoana. Os cem anos decorridos entre o desbarato da fundação de PERO DE GÓIS e a vinda dos povoadores seguintes, e, depois dêstes, a continuada ignorância ainda por decênios, do verdadeiro local de Vila-da-Rainha, bastam para explicar a versão do visconde. A nosso ver, as mós foram achadas no ponto em que se elevou a vila de PERO DE GÓIS, datando pois daquela época.¹³³

Com o fracasso da capitania pela intervenção armada dos índios insurretos, ficou todo o litoral sanjuanense abandonado, até que, em 1622, alguns pescadores de Cabo-Frio apostaram a margem da foz do Paraíba, ali construindo alguns casebres precursores da atual vila de Atafona.

A chegada à planície dos "Sete Capitães" que, em 1627 obtiveram sesmarias na capitania abandonada, foi que porém deu início ao povoamento definitivo. Ao sul do cabo de São-Tomé já tinham êles encontrado de mistura com os índios, alguns brancos naufragados no temível banco ali fronteiio.

SOUTHEY os discrimina como piratas inglêses que, unindo-se às índias goitacás deram a primeira mestiçagem regional. A verdadeira posse da terra sanjuanense começara.

¹³² CARNEIRO DA SILVA, JOSÉ, Visconde de Araruama — *Memória Topográfica e Histórica sobre os Campos dos Goitacases* 2ª edição do original de 1819, pág. 71

¹³³ Informações de um fazendeiro local, o Sr. JOAQUIM DE ERITO MACHADO, estudioso de assuntos históricos e ex-prefeito de São João da Barra, confirmam a existência de ruínas nessa zona, por êle também atribuídas à mesma origem.

•

Ao contrário porém do que sucedia em toda a costa brasileira, onde a criação de vilas era o marco primordial da colonização, na planície campista tudo se passara inversamente. O interesse dos viscondes de *ASSECA*, novos donatários, cômодamente a fruírem em Lisboa os proventos da capitania, visava manter enfeudada a planície de acesso difícil, já havendo êles barbaramente anulado duas tentativas da fundação de vilas, não obstante a expressa cláusula constante na régia doação. Não convinha ao magnata se viesse a conhecer a riqueza das aluviões para a cana de açúcar, — seu primeiro engenho fôra montado em 1650 —, o que provocaria logo o crescimento da população, bem como a criação de núcleos urbanos onde a justiça de El-Rei pudesse fâcilmente chegar, destruindo o absolutismo dos mandatários.

Dêste modo fôra Campos duas vêzes arrasada, — em 1652 e em 1656 —, com espancamento e multa de seus habitantes, sumariamente expulsos da planície. Grande foi da segunda vez a mortandade, na população expulsa brutalmente, além de roubada em todos seus haveres.¹³⁴

A terra era distante, e, no Govêrno Geral quase nada dela se sabia, com a dificuldade de comunicações imposta pelas condições geográficas.

Contudo, um curioso episódio dessa época, ao mesmo tempo que nos mostra o alheamento do govêrno ao que se passa na planície, não pouco vai contribuir para a fundação das duas vilas.

Um tal *GASPAR MARINHO*, mestre de uma embarcação que várias vêzes aportara ao minúsculo povoado de São-João-da-Barra, mune-se de uma falsa carta patente do governador geral *ANTONIO FURTADO*, incumbindo-o "de vir a Paraíba-do-Sul instituir e criar Vilas, em lugares apropriados, cobrar direitos, nomear justiças e prover no mais que mister fôsse".

"Aportando à barra em 1670 ou 1671, o fingido magistrado tratou logo de convocar a gente da povoação e dos subúrbios, e na capelinha de São João patenteou-lhes a carta com que viera da Bahia autorizado a formar vilas, e que uma delas devera fundar-se nesta barra para proteger o comércio e navegação costeira; mas querendo passar logo a nomear os oficiais da câmara, escrivães e mais autoridades, houve oposição da parte do povo em reconhecer o título de *MARINHO*: parece que habituado a vê-lo, sempre que ao Paraíba aportava, dirigindo o leme da sua caravela, estranhava por isso tão repentina transformação".¹³⁵

¹³⁴ LANZEGO, Alberto — *A Terra Goitacá*, vol. I

¹³⁵ MARTINS, F. J. — *História do Descobrimento e Povoação da Cidade de São João da Barra e dos Campos dos Goitacases*, Rio, 1868, pág. 50

Crescendo de audácia em suas pretensões e originando-se um tumulto, propõe-lhe o sargento-mor VELHO PINTO ir primeiro aos Goitacases fundar a vila, que depois seguiriam o exemplo dos campistas.

Êstes, iludidos, deixam-se levar e pela segunda vez surge a vila de Campos, no mesmo local da primeira onde é levantado o pelourinho.

No Rio-de-Janeiro entretanto, não dormem os proprietários de latifúndios que promovem a prisão do aventureiro, o qual é para ali enviado. Em tal maneira porém se impõe o falso magistrado, que é sôlto e volta à Capitania a retomar o govêrno.

Chegando entretanto a notícia ao governador na Bahia, é o embuste logo desmascarado, e sem demora segue ordem de prisão e remessa para Salvador. MARINHO, porém, farejando o perigo, corre a São-João-da-Barra, manda levantar ferros e faz-se ao mar antes que o segurem.

Tal ocorrência mostra-nos com a ignorância da região, a possibilidade de tão magna Palcatrua pelo isolamento geográfico da planície. Os fatores geográficos mais uma vez demonstram a sua influência, originando na costa brasileira a formação de um grupo alheio do Govêrno Geral pela, dificuldade natural de comunicações, o que não impediu porém uma crescente invasão de colonos, atraídos para uma zona que, conquanto longínqua e bárbara, já era afamada pela fertilidade de seu solo, Êsse mesmo isolamento por sua vez, tornava o delta campista um *refugium peccatorum* de fugitivos A justiça, audaciosos que encontrariam ali campo ao seu atrevimento e cuja intrepidez teria tamanho influxo na formação étnica e nos eventos sociais da história da planície.

O sucedido com MARINHO tornou-se entretanto um dos fatores que, coordenados a outros, chamaram a atenção do govêrno colonial para uma região já regularmente habitada mas sem uma vila centralizadora das atividades sociais.

Contra a criação de vilas surge porém logo de novo o protesto dos latifundiários que, gostosamente rio Rio-de-Janeiro usufruem gordos proventos da criação de gado e dos foreiros. Os termos dêsse protesto lembram pela sarcástica iniquidade, outros de magnatas atuais, em *lamurientas choradeiras* de misérias sempre que vêm à baila projetos de leis melhoradoras da vida de dezenas de milhares de fornecedores de canas da planície.

Alegavam naquele tempo que, "havendo villa haverá multidão de gente, commercio e a navegação de embarcações, e ambas as coisas serão causa de haver grande diminuição no gado, e grandes

furtos e divertimentos d'elles; e faltando o gado padecerá este povo grande fome, porque se hoje sem haver aquella villa se experimenta esta falta, quanto mais ao depois; segue-se a diminuição dos cabe-dais, porque faltando os bois para os engenhos, não podem estes subsistirem, e menos fazerem assucar e se desfabricarão muitos. Por cujo respeito padecerá o bem commum, e decrecerão as rendas publicas e reaes, além de outros muitos inconvenientes; e aquella *villa*, ainda que pela sucessão dos tempos adquira grande população, *ella* não pode em tempo algum *fornecer* rendas a sua *Alteza* porque não ha em que as tirar, por serem os Campos somente para criação de gados, além de que sendo como são todos dos moradores desta cidade, se ataca a propriedade de seus habitantes com offensa da justiça que foi estabelecida para cada um o que é seu" !!!

Incrível, mas histórico, como incríveis mas que também passarão à história petições atuais de mesmo espírito, apenas grandemente melhoradas de ardilezas jurídicas e adornadas de sutis sofismas estatísticos então inexistentes.

A vila que em tempo algum poderia dar rendas a sua Alteza é hoje a cidade de Campos!

Um fato porém, ressalta economicamente dêsse documento. O de ser a planície então utilizada para a criação de gado e' estar nisto o empenho de sua população, o que veio retardar, como adiante veremos, o aproveitamento do pôrto de São-João-da-Barra.

Como quer que seja, desta vez o govêrno da colônia apercebe-se da necessidade de fundação de vilas na planície, sendo a de Campos em 29 de maio de 1677 e a de São-João-da-Barra a 18 de junho do mesmo ano.

Já em tôrno da pequena igreja de São João, agrupavam-se naquela data 24 povoadores.¹³⁶

A Ordem Régia era terminante ao donatário visconde de ASSACA, neto do general SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES o qual com artes requintadas obtivera a Capitania para a sua descendência. Impunha a fundação da vila "com igreja decente, casa de câmara e casa para trinta casais, com o mais que para elas necessário fôr; obrigando-se que no têrmo de seis anos as aperfeiçoarão até com vizinhos para perfeição populosa e no estado político perfeitas, de modo que faltando a estas obrigações se perderá para a coroa o que estiver feito".

E assim nasceu a vila, em 1677, pela Carta Régia de 20 de março de 1674. Uma aglomeração de cabanas em tôrno de uma ermida, com cêrca de 600 habitantes em todo o seu distrito.

¹³⁶ LAMEGO, Alberto — Obr cit , págs 138-139

Foram os seguintes seus primeiros moradores.¹³⁷

NOMES	Ano do nascimento	NOMES	Ano do nascimento
Capitão Manuel de Freitas Silva	—	Francisco Martins	1634
Alfeies Leonardo de Sá Barbosa	1637	Manuel Coutinho Araújo	—
Isabel Pinta	1619	Manuel Casado Tourinho	—
João Fernandes Daviso	1652	Brás Ferreira Coutinho	—
Filipe Siqueira (pescador)	—	Pascoal Boiges Ramos	—
João dos Vales	1638	Jorge de Castro Ilara	—
João Rodripues	—	Antônio Martins da Palma	1645
Alferes Baltasar de Calheiros Ma- lheios	1639	Capitão João Vaz Nunes	—
João de Almeida	1550	Antônio da Silva	—
Simão Dortas (ainda vivia em 1697)	1617	Manuel da Fonseca	1641
Capitão Maurício Ferreira Bandeira	1644	José Saraiva, (ainda vivia em 1702)	1625
Luis Pereira Bandeira (veio há 14 anos)	1650	Antônio Coelho	—
Manuel Alves Godinho	—	Sargento Sebastião Lopes Ferrião	—
Maria da Zevara	1647	Dito Gabriel Nunes Vaiejão	—
Antônio Martins Gato	1621	Inocência Rodrigues	—
Francisco de Sá Barbosa, filho de Leonardo do Sá Barbosa	—	Lourenço do Espírito Santo	—
		Manuel Verejão	1639

A história de São-João-da-Barra durante o período colonial, é a de muitas das nossas pequenas vilas, litorâneas, com sua vida pacata apenas sobressaltada de incidentes provincianos que não chegam a varar o tempo nas páginas fundamentais da História Nacional. Esquecida em seu recanto de areias após o alvoreço momentâneo da navegação, a cidade hoje dormita, esquecida do passado.

Revemo-la vagorosamente evoluir desde as origens no seiscentos até meados do setecentos, com sua pequena população só incrementada por uma única corrente imigratória: a portuguesa.

Tão pouco numerosa era a gente sanjuanense em seus primórdios que, a vila de Campos teve de lhe fornecer nos princípios do século XVIII um contingente de ordenanças para a defesa da costa, onde rondavam dezesseis naus piratas que se utilizavam da enseada de Mangueiros como ancoradouro.

Tão pobre era então a vila que "a Casa da Câmara que se havia comprado por sete *pataguas* e meia, — em cujo terreno está hoje a cadeia, era velha e coberta de palhas; e telhas para o novo edifício não se encontrava por haver uma só olaria que as estavam fazendo para a Matriz que andava em obras".¹³⁸

¹³⁷ MARTINS, P. J. — Obr. cit.

¹³⁸ MARTINS, P. J. — Obr. cit., pág. 73

Tal indigência continua até meados do setecentos. Ainda em 1729 a casa da Câmara era coberta de palha, e, somente em 1753 foi construído o novo prédio telhado.

A pobreza da vila atingia os próprios maiores. Quando em 1740 o sargento-mor de São-João-da-Barra foi nomeado governador da Capitania, os campistas enciumados alegam como sua incompetência para o cargo, ser "tal a sua pobreza e miséria em que se acha, que para alimentar a vida de sua mulher e filhos, exercia cotidianamente trabalho com humanas forças do rústico trabalho, sem bens que possam sustentar o honorífico posto de governador desta Capitania".¹³⁹

Vários pormenores sobre a economia do sanjuanense colonial serão apresentados para melhor idéia de sua difícil peleja contra o meio ingrato. Atenhamo-nos porém, um instante na formação psicológica dessa gente, cimentada em seu embate contra a ambiência.

Atada a Campos pela mesma origem e pela proximidade, era de se esperar uma contínua repercussão mútua de fenômenos na vida associativa dos dois agrupamentos vizinhos.

Nem sempre, todavia, tal se deu. A revolta de BENTA PEREIRA, por exemplo, não os agitou, embora ocasionasse uma completa mutação nos destinos da estagnada vila praiana pelo desenvolvimento ulterior do comércio de açúcar, provocando a multiplicação dos engenhos de Campos. "Não consta que os desta vila de São-João-da-Praia tomassem a mínima parte nos motins dos goitacases contra o fidalgo donatário, antes foram sempre respeitadores da sua autoridade, e temiam ser nas desordens envolvidos".¹⁴⁰

Não que o sanjuanense, galho menor do mesmo tronco original da gente da planície, fôsse desprovido da mesma combatividade aventureira dos primitivos povoadores, como adiante veremos. Mas a posse da terra má não o interessava com o mesmo afínco. Não era ela aproveitável aos pequenos lavradores de glebas cultiváveis, e sim a donos de extensas regiões arenosas de ralo capim, para os seus rebanhos disseminados.

Como já vimos, fora da estreita faixa argilosa e de baixo nível nas margens do Paraíba, fâcilmente alagável, tudo em redor da vila é areia pura, excetuando-se os tabuleiros do norte. Mas aí era a floresta virgem de acesso longo e difícil através de restingas.

Esta digressão é para exibir mais completamente o desinteresse pela terra para a lavoura durante o período formativo da Colônia e do Império. Terras estéreis ou distintas com ligações penosas sobre um deserto de areia.

Criou-se dêste modo, inversamente à de Campos, uma mentalidade essencialmente urbana. Tudo centraliza-se e resolve-se nas

¹³⁹ FREYDIT, — Júlio — *Subsídios para a História dos Campos dos Goitacases* Campos, 1900, págs 177-178

¹⁴⁰ MARTINS, F J — *Obr cit*, pág 121:

ruas da pequena vila. Nem sempre porém pacatamente. É que em suas raízes étnicas a seiva dêsse povo subia de antepassados singularmente turbulentos e com crueza reprimidos nas tentativas de criar as vilas da planície.

O modo como são fundadas, é-nos pitorescamente fornecido por TEIXEIRA DE MELO, que transcreve o laudo: "Afincam então os marcos no terreno demarcado e obriga-se SEBASTIÃO RABELO a construir cadeia e câmara, com sala separada para as audiências e as enxovias respectivas, e a fazer o mesmo em São-João-da-Barra, com acréscimo de uma igreja para matriz, *tudo* por cinquenta mil réis, duas pipas de aguardente, um alqueire de farinha em cada mês, e meia *arrôba* de carne *tôdas* as semanas. Por mais quatorze mil réis obrigou-se RABELO o consertar a matriz de São-Salvador, reduzindo-a a que Picasse como nova".¹⁴¹

Vinte anos antes porém, já os próprios habitantes da planície cogitavam de fortificar e povoar a foz do Paraíba, o que nos prova o desenvolvimento rápido que se dera desde a primeira penetração em 1627.

Com tal fito é dirigida à Coroa uma "Representação sôbre os meios de promover a povoação e desenvolvimento dos campos dos Goitacases, em 1657, pelo capitão ANDRÉ MARTINS DA PALMA". (Manusc. Inédito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

Seu bom senso e visão prática das possibilidades da planície, denotam-se em alguns excertos ainda citados por TEIXEIRA DE MELO. "Propõe o autor a construção de uma *fortaleza real* na barra do Paraíba, com sua artilharia, que resguarde dela o inimigo holandês *que* infecciona esta costa, e não vir a entrar por ela a ser *senhor de um* dão grande tesouro. Propunha mais que se fizesse à bôca da barra uma vila com suas justiças, para as entradas das embarcações etc".¹⁴²

Os motivos alegados pelo autor, e que de modo geral vieram depois a se positivar relativamente a planície campista, eram "por ser tudo em campos à borda do rio, tão grandioso que poderá mover mil engenhos sem lhe fazer falta a água, carnes, lenhas, por tudo ser em tanta abundância, e a terra tão fecunda que para tudo há sem detrimento, com que V. M. terá de renda muitos mil cruzados sem gastar de sua real fazenda, e será necessário para combiarem os açúcares uma grande frota".¹⁴³

Essa extraordinária previsão viria objetivar-se após um século, quando os engenhos começaram a espalhar-se não sômente à borda d'água mas por tôda a planície. Destruía-se dêste modo para sempre o ridículo protesto do Senado do Rio-de-Janeiro em 1677, o qual integralmente apoiando a representação citada dos latifundiários

¹⁴¹ TEIXEIRA DE MELO, José Alexandre — *Campos dos Goitacases em 1881* Rio, 1886, pág. 67

¹⁴² TEIXEIRA DE MELO — *Obr. cit.*, pág. 160

¹⁴³ TEIXEIRA DE MELO — *Obr. cit.*, pág. 161

contra a fundação de Campos, também alegava "ser a dita vila mais prejuízo do Rio-de-Janeiro a que abastecia de gado, do que para utilidade comum com o príncipe".¹⁴⁴

ANDRÉ MARTINS DA PALMA, entretanto, não chegou a ver a obra que traçara, pois de volta de Lisboa, onde fora em defesa dos moradores da planície impiedosamente apossados pelos mandatários dos ASSECAS, foi a sua volta por ordem destes assassinado.¹⁴⁵

Com tais inícios de irritante oposição a seus intentos justos, sedimentara-se um permanente espírito de revolta no povo da planície, que, mesmo nos pacatos sanjuanenses quando em quando esporadicamente rebrotava, como fontes efêmeras e ocasionais jorram nas lagunas secas de sob o espesso manto das restingas que pesadamente as soterram.

Raros porém são os motins sanjuanenses, e quando explodem ao contrário dos de Campos, de origem exclusivamente urbana. Querelas locais de pequenos mandonismos e politicagem corriqueira. Nada que relembre o conúbio íntimo entre o campista e a gleba, o seu amor enraizado e indestrutível pelo fértil massapé.

A maior agitação e de motivos mais amplamente regionais foi no penúltimo ano da Colônia, em divertida reação a uma suposta revolta geral de escravos que adiante relataremos.

A simplicidade desse povo bom e ordeiro, ressalta com deliciosa ingenuidade de seus próprios tribunais. Algumas sentenças, que a seguir transladaremos, reproduzem em sua linguagem pitorescamente arcaica, toda a psicologia desses longes coloniais. Em seus dizeres breves e incisivos, são verdadeiras miniaturas dessa vida que se foi, simploriamente complicada de hábitos extintos, de superstições esmaecidas, de preconceitos constantemente substituídos pelas gerações.

Certos processos mais antigos, revelam costumes inerentes aos meios de vida de uma população em luta pela subsistência. Assim é que na vila à margem do Paraíba e numa planície onde as lagunas abundam, o peixe, alimento obrigatório, é logo taxado como fonte de renda para os minguados cofres públicos e os direitos de pesca regulamentados.

Um sumário de 1679, condena deste modo um certo "JOÃO FERNANDES DOS GOITACASES, por pescar na lagoa da Lucrecia sem licença. Estêve de tronco no pescoço".¹⁴⁶

Em 1755, são condenados vários indivíduos por pescarem na lagoa de Quipari dentro do tempo proibido, estando ela aberta

¹⁴⁴ Idem — *Obi cit*, pág. 66

¹⁴⁵ LAMEGO, Alberto — *A Terra Goitacá* Bruxelas, 1913

¹⁴⁶ Como dados estatísticos que salientam a importância do peixe na alimentação da vila, diremos que, em 1795 apenas se consumiam em São João da Barra 10 a 12 reses por ano, sendo a carne vendida a 20 réis a libra. O preço sobe a 30 réis em 1816, a 35 em 1818, a 40 réis em 1824, a 50 réis em 1831 e em 1868 vai de 110 a 140 réis (MARTINS, F. J. — *Obi. cit*, pág. 153)

para o mar. Por aí se nota logo a importância do peixe para o consumo da população.

Outras sentenças que ainda hoje seriam universalmente assinadas por certa mentalidade atual que glorifica o murro nos estádios mas desprestigia a bofetada, fazem-nos sorrir. Reproduzimo-las na íntegra, pelo saboroso gôsto literário de seu estilo.

1765. — *Devassa*

Juiz ordinário, Francisco Pereira de Barcelos. — Bofetada com mão aberta.

Réu, José Bicudo, solteiro, filho de Francisco Bicudo de Brito; por dar duas bofetadas de mão aberta em Maria Antônia do Rosário, parda.

1768. — *Devassa*

Juiz ordinário, Manuel de Freitas Silva. — Bofetada com mão aberta.

Réu, Antônio de Freitas, marítimo; por dar uma bofetada em José, filho de Agostinho Alves. Foi absolvido pelo ouvidos por provar que dera a bofetada *com mão fechada*.

1776. — *Devassa*

Juiz ordinário, capitão José Gonçalves da Silva. — Bofetada com mão aberta.

Ré, Maria da Conceição, parda; por dar uma bofetada com mão aberta em Faustina das Neves, mulher de Manuel da Silva Marvila.

Agressões e mortes, desrespeito a autoridades deixam entrever inquietações inconscientes, porém continuamente explosivas a despeito da lei Também germinava a corrupção inata da política, mais tarde tão habilmente aproveitada com o sufrágio universal.

1708. — *Devassa*

Juiz ordinário, capitão Manuel Borges Senra. — Subôrno e irregularidade de conduta.

Réu, Leonardo de Sá Barbosa; por subornar as eleições para ser juiz, por ser desordeiro, e por *chamar muito pelo diabo*

1708 — *Sumário*

Juiz ordinário, o mesmo.

Réu, o mesmo Leonardo de Sá Barbosa; por vir a casa da Câmara a ferir o escrivão, capitão José Rodrigues Pereira, e querer

matar o vigário Domingos de Matos, que acudiu, pois o dito escrivão estava na porta da casa da Câmara *rezando* o seu rosário.

1747. — Devassa

Juiz ordinário, o mesmo.

Réu, Paulo Vieira; por dar dous assobios quando o Senado passou pelo bêco do rei em correição.

1750. — Devassa

Juiz ordinário, o capitão Manuel Henriques do Amaral. — Assuada na igreja matriz, ferimentos, morte e arrombamentos.

Réu, o ajudante Luís Alves de Barcelos; por cutilar o vigário Pedro Marques Durão dentro da igreja; cutilar o juiz, matar o alcaide e um pardo de Geraldo Dias, do Limão; arrombar a taverna de Domingos Moreira. Foi degredado para Angola.

A feitiçaria, tinha como de supor lugar destacadissimo.

1775. — Devassa

Juiz ordinário, o alferes José Gonçalves da Silva. — Arrombamento da cadeia.

Réu, o carcereiro Francisco da Silva, Manuel Correia Lopes de Lemos e sua criada Catarina, parda, por arrombarem a cadeia onde estavam presos, e o carcereiro concorrer para a fuga, em razão de Catarina fazer artes do *demônio*.

Não faltam ainda os crimes sexuais.

1757. — Devassa

Juiz ordinário, Antônio Martins da Costa. — Ferimentos.

Réus, os estudantes filhos de Cabo Frio, Bernardo da Costa e seu irmão Félix da Costa, e um negro escravo de Caetano Manuel da Mota Ferraz; por mandarem os estudantes pelo dito negro dar porretadas, de noite, em Manuel dos Santos, filho de Inês da Silva, porque êste Santos esbodocou os ditos estudantes numa noite em que êles andavam rondando a casa da dita sua mãe Inês para metê-la em mau caminho.

1711. — Querela, sumário

Juiz ordinário, o sargento-mor Feliz Alves de Barcelos. — Estupro.

Réu, Gregório da Silva; por deflorar a moça Páscoa, de peitos atados, ao pé do brejo dos Tucuns, irmã de Alberto Pedro. A ofendida alegou que indo cortar uns gravatás, vira o réu em baixo do

bacuparim, abaixado de quatro pés, e lhe parecia o demônio; por isso fechou os olhos, rezando a magnífica, e deixou fazer a *estropelia*; mas que assim mesmo ela casaria com êle, e seu irmão é que foi a causa de se saber de tudo. — Casou-se e Picou absolvido.

Poderíamos continuar a lista do historiador. Bastam porém tais exemplos para um golpe de vista sôbre a Justiça dos primeiros séculos. Tudo simples e sumário. Pouca papelada e discursadeira. Ausência de júris influenciados por manhosas oratórias.

Leis draconianas e injustiças? Igualmente em nossos dias vemos arbitrariedades e parcialismos de jurados.

Devemos ponderar todavia que, com todo êsse viver difícil numa terra improdutiva, o sanjuanense a míngua de recursos era por demais coagido a normas férreas de economia coletiva. O que apenas saía pela bôca do Paraíba era ainda, a mesquinha produção agrícola de Campos no ciclo da pecuária. Daí a forçosa necessidade de taxas pela Câmara, por sua vez apertada pelo Fisco.

"A navegação era então, — princípios do setecentos —, dirigida para a Bahia, e a exportação consistia em carne salgada, queijos, feijão, milho e couros, e êstes não se embarcavam sem primeiramente ser registrada a marca.

Tôda pessoa que apanhasse cavalgadura, sendo branca era multada em 2\$000 e sendo escravo em 50 açoites no pelourinho. Ninguém poderia tecer pano a ôlho sem tirar licença, nem pescar, estando a barra aberta nas lagoas de Guraçaí, Lucrecia (Quipari), e da Castanheta (Açu) sendo esta pena extensiva aos de São Salvador (cuja vila já contava 1708 fogos) se cá viessem pescar".

"Os alvarás de licença de porta aberta tiveram princípio em 9 de agosto de 1711, dia em que foi instituído e publicado pelas ruas num bando, com caixas destemperadas, impondo a multa de 20 dias de cadeia e 4\$000 de multa aos que vendessem publicamente sem sua licença bem como foi por êste tempo criada a finta de meia pataca por cada rês que se vendesse, sendo o marchante obrigado a dar parte ao almotacé afim de mandar êste pesar a carne pelos pesos da Câmara; assim como vender sal vindo de fora ninguém o poderia vender senão por meio alqueire que já se havia pôsto em casa do alcaide. Menhum mestre de embarcação poderia consentir, sob pena de 10 dias de cadeia, que dela tirassem barril ou pipa sem pagar-se ao concelho 320 réis por cada um cios primeiros e 1\$280 pelas segundas".¹⁴⁷

Com tão escassos recursos, tinha ainda São-João-da-Barra, de sofrer por êsse tempo sério desfalque em sua rala população, com o primeiro recrutamento, visto "ser muito preciso ajudar com a gente o Rio-de-Janeiro, que neste ano só tinha, duas freguesias, a de São José e a da Candelária".

Impossível portanto qualquer progresso. Subjugado pelo meio, e não tendo encontrado ainda um novo caminho eficaz para suas atividades o homem esmorecia numa pasmeira esterilizante.

A ínfima receita da Câmara, acrescia as dificuldades. Os dados estatísticos sobre a arrecadação da vila atestam melhor que longas descrições o baixo nível de vida da população.

Em seu começo, em 1678, um ano após a sua fundação os rendimentos líquidos da Câmara eram de 1\$280 anuais! A renda bruta, competia "metade da contribuição imposta em 1 de março de 1678, de acôrdo com o Senado da vila de São Salvador, a cada pipa de vinho ou aguardente do reino que viesse de fora; o qual preceito durou até 1832. Este impôsto foi rematado em praça no primeiro ano, por FRANCISCO VIVEIROS pela quantia de 7\$200".

"E também em 10 rs. por cada couro que se exportasse: resolvido em 1677. Em 320 rs. por cada embarcação que navegasse neste pôrto: resolvido em 1685. Nas filiações, criadas em 1715, e arrematadas nesse ano por 1\$000. Em meia pataca por cabeça de gado que se cortasse no açougue: criado em 1717. Em 10 rs. a canada de cachaça. E igualmente nos foros e multas por contravenções de ordem e posturas".

Um golpe de vista sobre os vencimentos do funcionalismo e certas despesas efetuadas, dão-nos também a ver o panorama financeiro da época.

Em 1676 um escrivão da Câmara, servindo ao mesmo tempo de "tabelião do público, judicial e notas", e quando uma escritura custava uma pataca, vencia 6\$000 anuais. O carcereiro e alcaide da vila tinha 2\$000 por ano, e, "pelo aluguel da casa do sargento GABRIEL NUNES VAREJÃO, em que se faziam as vereanças, 1\$000 por ano".

"Para evitar esta verba que, por excessiva o Senado mandara por algumas vêzes questionar o proprietário do prédio para modificar o aluguel aos 800 rs., resolveu-se comprar a CECÍLIA DE ANDRADE, em 1696, os dois lanços da casa, onde hoje se vê a cadeia, pela quantia de 2\$400; alegando o Senado no *térmo* desta compra o lhe ser oneroso pagar os dez tostões anuais do aluguel da casa".¹⁴⁸

Tais cifras mantiveram-se quase imutáveis por todo o fim do século, e, ainda em 1709, pagava-se "ao escrivão 9\$000, e ao alcaide e carcereiro 2\$000. Em 1713, com as festas que se fizeram por ocasião da paz com a França, gastou-se com a música 8\$000, e com a cêra 2\$920".

"Em 1736, ao escrivão da Câmara 12\$000, em 1744 ao dito 16\$000, ao alcaide 6\$000 e ao porteiro 4\$000. Em 1805 ao escrivão 50\$000, ao alcaide 25\$000. No ano 1811, ao escrivão 100\$000, e assim progressivamente, de maneira que em 1829, por virtude da lei do 1.º de outubro do ano antecedente, passou o escrivão a tomar

o título de secretário, e se lhe marcou o salário de 300\$000". O súbito crescimento dos ordenados em princípios do século XIX, resulta do progresso com a navegação.

Ainda em 1738, a receita da Câmara é de 8\$000, e na época da revolta campista de BENTA PEREIRA, que permitiu o advento livre da indústria açucareira, de 17\$000.

Somente após o ano de 1748, é que o desenvolvimento dos engenhos de Campos produzindo o incremento da navegação para a saída do açúcar, faz crescer a renda de São-João-da-Barra, em cujo cofre do Senado, em 1794, havia 3:548\$696. A construção da atual cadeia, de paredes invulgarmente maciças de pedra e cal, terminada em 1799, reduzem nesse ano o saldo a 392\$486. A razão da solidez deste edifício, era a de ser ele também uma prisão temporária para os delinquentes de toda a planície, à espera de embarque para o exílio.

Como se vê, o problema financeiro era premente nos começos do século XVIII, com a agravante de gastos extraordinários que, não obstante a valorização da moeda, tornavam-se enormes tendo-se em vista a insignificante arrecadação. Assim por exemplo, em 1722, quando em visita o ouvidor que veio fazer eleição e correição, despendeu-se "em comestíveis de peixe, carne, farinha e azeite de candeia cinco mil réis", quantia não muito inferior à renda da Câmara.

Nesse mesmo ano, um criado do alcaide ganhava meia pataca (320 réis) por mês. Uma pataca por uma missa. Missa cantada 2\$000. Uma vara de juiz custava 640 rs.

Uma chocante simplicidade no vestir da população é igualmente entrevista, dado que, as altas taxas determinadas em 1752 para confecção de vestuários finos e por si só capazes de multiplicar os rendimentos ínfimos da Câmara, não os conseguem apreciavelmente alterar.

Basta correr a vista sobre algumas destas taxas para se ver quanto eram elevadas: ¹⁴⁹

O feitio de um vestido de sêda inteiro de casamento	8\$000
Por um pano fino forrado de sêda	6\$000
Por um de baeta	4\$000
Por uma saia de sêda	1\$280
Por uma dita de sarja	\$640
Por um manto de sêda	\$640
Por um timão de sêda	\$960
Por uma véstia de calção abotoada até abaixo	1\$280
Por um par de sapatos lisos	1\$280
Um dito acosturado e entranhado	1\$920
Um par de botas de cavalgar	4\$800

Ditas de meio canhão	3\$200
Por umas chinelas com salto de marroquim	1\$280
Por umas ditas de cordão e salto	1\$600
Por umas de veado	\$720
Por uns sapatos de mulher de cordão e salto de marroquim	1\$280
Botas de veado com canhão inteiro	2\$280
Ditas de meio canhão	2\$400

Com tais dados compreende-se logo que o calçado era inacessível a população.¹⁵⁰

Outro fator determinante da penúria geral era a grande escassez de moeda, nos primeiros tempos. A pequenez do comércio no início da pecuária era tamanha que a moeda era quase invisível. Por isso é que "em vereança de 22 de agosto de 1689, foi absolutamente proibida a saída de qualquer quantia de moeda, mas sim em gêneros, com a pena de ser tomado o dinheiro por perdido e aplicado ao cofre do Concelho".¹⁵¹

Também por isso é que "em data de 3 de novembro de 1690, ordenou ao Senado o padre jesuíta FRANCISCO COELHO, como superior da aldeia de Iiritiba, que dora em diante crescesse o dinheiro (sic), a saber: três vinténs valeriam quatro, quatro valeriam um tostão, um tostão valeria seis vinténs, seis vinténs valeriam meia pataca; esta valeria dois tostões e uma pataca um cruzado; e que isto executassem sob pena de castigo, porque êle jesuíta tinha por notícia que El-Rei Nosso Senhor assim o queria".

Tais medidas porém, não parecem ter obtido bons resultados, não obstante a argúcia de tão douto financista.

É AUGUSTO DE CARVALHO quem também nos diz, que, "a moeda tinha então um valor instável, segundo os caprichos e os interesses dos mandões: "e para melhor o fazerem, coonestavam sempre tais absurdos, dando-os como praticados — a requerimento dos povos —, e sob tal pretexto foi que a Câmara em 1694, ordenou se levantasse um termo, mandando correr a moeda de patacão, por *serrilhar*, — assim diz o termo, a 800 réis, visto que assim corria na capitania do Espírito Santo".¹⁵²

De seus míseros rendimentos em 1735, pagava São João da Barra ao secretário do Conselho Ultramarino do Reino, 1\$200 anuais.

¹⁵⁰ Fato allás comum durante o período colonial e que até hoje ainda persiste nas classes desfavorecidas. PEDRO CALMON, citando frei VICENTE DO SALVADOR, diz que "Ao rebate de holandeses no Rio, em 1623, porque muitos não apareciam por andarem descalços e não terem com que lançar librés, ordenou o governador MARIM DE SÁ uma companhia de descalços de que êle quis ser o capitão, e assim ia diante deles nos alardos descalços e com umas ceroulaça de linho" (*Espírito da Sociedade Colonial*, pág 48)

¹⁵¹ MUNIZ DE SOUSA, Antônio — *Viagens e observações de um brasileiro* Rio, 1834

¹⁵² CARVALHO, Augusto de — *Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé, Campos, 1888*

A escassez de moeda é que, a exemplo de Campos, — onde a repulsa contra os impostos foi origem de sérios motins —, deve ter impedido a própria câmara sanjuanense a drásticamente se opor à cobrança dos dízimos, sob ameaças de penalidades duras.

Mas isto faz cair em 1742, a *excomunhão maior sôbre o Senado!*

"Vindo certos dizimeiros de miunças, bôcas e gado, DOMINGOS GONÇALVES DOS SANTOS e RODRIGUES PINTO, a Câmara fêz publicar um bando ordenado, que ninguém pagasse tais dízimos, sob pena de cadeia ao que contribuísse com a menor quantia; e êsse preceito foi rigorosamente observado. Sendo êste caso sucedido em 13 de junho de 1742, veio uma ordem expressa com data de 8 de fevereiro do ano seguinte, do vigário geral do bispado, *excomungando os camaristas*, e cha-mando-os ao Rio-de-Janeiro a darem conta do procedimento; e lá se apresentaram, onde a muito custo foram absolvidos, depois de jurarem dar inteiro cumprimento ao pagamento dos direitos exigidos".

Vemos pois que, como direta consequência do meio físico, o sanjuanense debatia-se numa constante penúria que o incapacitava de evoluir, não havendo como em Campos o atrativo da terra fértil convidando a população crescente a invadi-la, conquistando-a.

Sòmente ao abrir-se uma oportunidade com a navegação, poderia a pequena vila progredir. E cem anos tiveram de ser esperados para que o açúcar de Campos abrisse à fôrça, a foz do Paraíba. Antes dêle, já vimos o que era a escassa exportação de magros produtos da pecuária e de pequenas lavouras. Por êsse tempo a planície inteira devotava-se à criação de gado. E o grosso da produção era o gado campista, cujo trânsito para a Guanabara era feito por terra, pela estrada litorânea.

É tempo aqui de observar um êrro de historiadores, em vias de generalizar-se. Diz ROBERTO DE MACEDO em uma de suas belas crônicas na *Gazeta de Noticias*, que na alimentação do povo do Rio-de-Janeiro nos primeiros tempos, entrava substancialmente a carne de baleia, só mais tarde substituída pela de gado, quando nos começos do setecentos vinham do sul as boiadas passando por São Paulo.

Em sua *História Econômica do Brasil*, ROBERTO SIMONSEN, tão expansivo sôbre os nossos centros de criação, silencia por completo quanto ao de Campos que nem mesmo vem indicado em sua carta da expansão da pecuária. Ora, sabe-se hoje como foi prodigiosa em Campos a proliferação das manadas a partir dos primeiros currais dos "Sete Capitães", e que quase todo êsse gado seguia para o Rio-de-Janeiro ou para a Bahia.

Em 1727, tamanha já era a produção das primeiras reses, que, dispersas por tôda a planície, motivaram a famosa ordem régia do "gado de vento", o qual deveria ser todo recolhido à Fazenda Real, o que deu origem a constantes rebeliões.

Em meados do setecentos, "já se exportava para o Rio de Janeiro e Eahia só em gado vacum 15 600 cabeças, em cavalari 3 000".¹⁵³

O núcleo pastoril de Campos, sem nenhuma ligação aos outros criadouros do país é que desde os fins do século XVII fornecia de gado o Rio-de-Janeiro, quer para o serviço dos engenhos, quer para o consumo da população. Com tal fim é que as primeiras sesmarias foram concedidas. Os próprios baianos com seus imensos territórios destinados a pecuária, iam à Guanabara, em navios, buscar muito gado campista em super-produção.

Tão importante já era em princípios do setecentos êsse comércio que, "em 1703, o governador D. ÁLVARO DA SILVEIRA, atendendo às levas e comércio de gado dos campos, havia prestado tóda a sua atenção para o melhoramento da estrada geral e segurança dos comerciantes, e enviou aos Goitacases o missionário frei ANTONIO DE MADUREIRA a promover os meios para a abertura de uma boa estrada de Maricá ao Rio, e pôr um registro nas alturas de Cabo Frio".¹⁵⁴

Faz-se mister portanto uma retificação aos eruditos historiadores. Não é admissível que o abastecimento de carne de gado para o Rio-de-Janeiro, viesse de tão longe, do sul, dos distantes planaltos paranaenses e dos coxilhas gaúchas, quando a crescente exportação dos criadores campistas rumava quase integralmente pelos trezentos quilômetros de estrada costeira para a Guanabara.

Claro está portanto que, a colonização dos "Goitacases", iniciada com a imperiosa necessidade de bois para os engenhos do Rio, rapidamente transformou a precária alimentação da capital, fartamente abastecendo-a, sem qualquer necessidade dos centros pecuários do sul nem tão pouco de uma dieta forçada de carne de baleia.

O gado foi em Campos o primitivo e grande propulsor de atividades. Destruições arbitrárias de currais a mão armada, e ferias de gado sôlto pela planície, são episódios iniciais de sua história, motivadores de recalques que mais tarde explodiriam em revoltas.

Nesta primeira fase, porém, poucas repercussões deve ter sofrido São-João-da-Barra, com seus areas menos cobiçados pelos criadores.

Mas no resto da planície, em breve tornar-se-iam as campinas limitadas para tão grande abundância de manadas. Não havia nesse reduto de boiadeiros possibilidades incondicionais de espaço, como em todos os outros centros de criação. O pasto logo sofreu com a plethora de cabeças, impondo cuidados e plantio. Por isso é que nos diz COUTO REIS: "os cercados são de capim, que cá chamam da cidade, ou de João Barbosa Viana, o qual em 1730, mais ou

¹⁵³ JABÁNGO, Alberio -- *A Terra Goitacá*. Vol II, pág 386

¹⁵⁴ MARLINS, P. J. - *Ob: cit*, pág 137

menos, o trouxe para esta terra em caixões, da cidade do Rio de Janeiro, e é a melhor qualidade de erva que cá se conhece para os animais. Este "capim da cidade" é o que nas boticas chamam "grama", cuja raiz é muito medicinal. Também há cercados de grama que chamam "da colônia", de fôlha larga, e haverá o mesmo tempo a trouxe para esta terra, e também em caixões, por terra, o capitão SEBASTIÃO MUNIZ COUTINHO; sendo a primeira parte aonde êle a plantou na sua fazenda, quase na barra, ou foz do rio Macabu. Há também outra grama a que chamam "miúda" pela qualidade da fôlha, a qual é natural do país".

Segundo CARNEIRO DA SILVA, só "em 1810 é que foi introduzido no país o "capim d'angola", tendo sido introduzido no Rio de Janeiro pelo visconde do RIO COMPRIDO".¹⁵⁵

Damos êstes pormenores porque interessando a história econômica regional, mostram, mesmo na fácil exploração da pecuária, ver-se o homem da planície a braços com obstáculos desconhecidos em outras zonas de criação ilimitadamente abertas em pastagens naturais.

O plantio de capim, entretanto, melhorando os criadouros de Campos, pouca influência teve em São João da Barra, onde somente a margem do Paraíba era êle possível no barro das aluviões. Nas planícies arenosas do distrito dos Goitacás era Impraticável.

Por cem anos teve a pecuária influência decisiva nos destinos da planície. A terra era tomada por grandes senhores que não permitiam a posse de glebas à plebe prolífera. Mas o gado criava-se por tôda parte, sôbre os campos abertos invadidos de aventureiros.

Sômente com a revolta de BENTA PEREIRA é que, passando a capitania à Coroa, teve início a cultura da cana com a divisão da planície. E com isto, logo em breve torna-se impossível a mesma abundância de reses, na terra invadida pelos canaviais, bem como o determinismo geográfico dos campos mineiros vai contribuir para o encerramento do "ciclo da pecuária", bruscamente substituído pelo "do açúcar".

As manadas comprimidas em pastos cada vez menores, degeneraram e não bastam para a faina dos engenhos. E só então é que a planície perde o exclusivismo no abastecimento de boiadas para a capital da Colônia.

Tão rapidamente evoluiu o "ciclo do açúcar" que, um quarto de século depois de seu início a criação perdera totalmente o seu primitivo predomínio. E' isto o que nos narra COUTO REIS em 1785.

"Logo depois do levante de 1748, foi indo o gado a menos, e dêsse ano em diante a grande baixa de preço no Rio de Janeiro, em virtude das entradas de Minas Gerais, contribuiu poderosamente para diminuir em muito a exportação. Além disso o gado tem desmerecido, não só na produção, como também no tamanho;

¹⁵⁵ CARNEIRO DA SILVA — Obr cit , pág 71.

talvez por causa dos pastos irem a menos, e estarem cansados. É também certo, que, aumentando-se o povo, e crescendo em muitos o desejo de fabricar açúcar, fica na 'cerra muito gado, não só para manter os estabelecimentos, como ainda para o consumo dos habitantes. Noutra tempo o preço dos bois chegava a 7 e 8 mil réis, mas agora raras vêzes passa de quatro".¹⁵⁶

Pouco modificou-se porém a parte oriental da planície no primeiro ciclo, com seu gado esparso pelas restingas de fraco nutrimento.

Em todo o regime da pecuária, a pequena vila de São-João-da-Praia-do-Paraíba-do-Sul estacionou sem quase aumento. O caminho terrestre era a única via possível às boiadas, e, o pôrto da foz do Paraíba de fraca necessidade. Só com a iniciativa agrícola dos campistas, cujos produtos de lavouras e indústrias não podiam ser transportados por trezentos quilômetros sôbre carros de bois, lerdamente a gemerem sôbre areias e sob o frequente risco de atoleiros da Baixada Fluminense e de travessias de rios, é que a vila praiana viria a avantajarse.

Até então, porém, São-João-da-Barra era uma aldeia. A própria matriz fôra sempre um casebre arruinado. Excetuando-se a primitiva capela de Santa Catarina, erigida por PERO DE GÓIS em Vila-da-Rainha e cujos vestígios desapareceram, a igreja matriz da pequena vila é tida como o templo mais antigo da planície. FERNANDES JOSÉ MARTINS recua a sua origem a 1630, data evidentemente errada, visto que os "Sete Capitães" só entraram na planície alguns anos depois. O templo continuou aos pedaços por quase todo o setecentos, só vindo a ter o aspecto atual no século XIX, ao ser em 1818 contruído de pedra e cal.

As demais igrejas da cidade também datam do passado século, destacando-se a da Boa Morte cuja velha imagem foi trazida por um navegante da Bahia, em 1802. Do século dezoito, as próprias capelas de grandes fazendãs foram destruídas, entre elas a mais antiga, a da Barra Sêca, erguida entre 1760 e 1765, cujas imagens de São Pedro e São Lourenço encontram-se atualmente na capela cios Airises.

Isto acontecendo às próprias igrejas, objeto máximo do carinho popular e administrativo colonial, o que se não dizer das outras construções da vila. A penúria da casa da Câmara era idêntica a das habitações do povoado nada mais era que um reflexo da fortuna pública. Tal fato é mais uma vez reconhecível pela decisão da Câmara de 41 de junho de 1750, relativa à compra de objetos domésticos para a hospedagem dos ouvidores vindos ali em correição.

Nela vemos que foi decidida a aquisição de "hum catre de jacarandá por ser pão capaz para tais pessoas, como também man-

¹⁵⁶ COELHO REIS, Manuel Martins cio — *Descrição Geográfica, Política e Corográfica dos Campos dos Goitacases 1785*

dasse vir hum colchão e dois lençoes de linho, colcha, travesseiro e finalmente dois tamboretos e hum banco de encosto, como também hum duzia de pratos de estanho, meia razos e meia curvos, e hum prato grande para peixe, e hum tinteiro de chumbo com o seu pedouro”.

Não sabemos se os ilustres visitantes terão destrinchado as possantes comezainas do tempo com as venerandas mãos de magistrados, visto que não há menção de talheres. Entretanto uma tal precisão de elementares coisas domésticas dava-se entre uma população que naquela data se contava, para o térmo da vila, em cerca de 7 000 almas.

Só a partir de 1780 é que a povoação toma aspecto melhor. Por anos seguidos ficara sem efeito a proibição de coberturas de palha no recinto urbano e o vilarejo continuava sendo o único agrupamento regional, excetuadas poucas fazendas pelas margens do rio.

A zona da margem esquerda ao norte de São João da Barra foi tardiamente penetrada. O mapa de COU TO REIS, de 1785, ainda a representa como desabitada, com vagos indícios de brejais, além dos quais, ao norte, era só floresta virgem. Era denominada o "Sertão de Cacimbas", nome que ainda hoje guarda porque para se lá ir tinha-se de buscar o pôrto de Cacimbas a uns seis quilômetros a montante da vila e próximo ao Paraíba, por onde passa hoje o canal de Cacimbas, construído no Império. Por aí é que se deu a primeira entrada para o norte a cata de madeiras de lei. Só posteriormente é que se descobriu o porto de Gargaú, com ligação fluvial à vila através do riacho do Macaco. Uma das inúmeras voltas desse córrego passando muito próximo ao Paraíba, foi ali rasgado pela Câmara um pequeno canal em 1806 que encurtava de muito a viagem.

Dos povoados sanjuanenses, um dos mais importantes é Barra do Itabapoana, que no dizer de FERNANDES JOSÉ MARTINS, até 1844 era muito insignificante, e "não passava de meia dúzia de *cubatas* ou tugúrios de pescadores, com uma casa do destacamento e um outro lavrador de diminuta produção".

Embora fosse um dos primitivos lugares desbravados pelos donatários da Capitania de São Tomé e muito anteriormente conhecido do que a foz do Paraíba, com o completo desbarato da colonização de PERO DE GÓIS pelos goitacás a barra do Itabapoana só veio a ser reabitada em 1748 por DIAS, encarregado da passagem do rio, pela qual cobrava 80 réis por pessoa, officio este indubitavelmente arriscado.

Quando ali estêve em 1815 o príncipe MAXIMILIANO, a vila ainda não existia, mau grado a proximidade da importante fazenda da Muribeca, outrora dos jesuítas, da qual se deveria esperar o seu povoamento. O príncipe, tão excelente observador, apenas fala de um pequeno pôsto militar na foz do rio, destacado do "Quartel

das Barreiras", na costa espírito-santense, entre o Itabapoana e o Itapemirim.

Vários dêsses "quartéis", existiam então no litoral do Espírito Santo, nada mais sendo que destacamentos localizados com o fim de prôteger das hordas de puris e botucudos canibais a estrada costeira.

Sôbre o pôsto de que falamos, diz-nos o príncipe: "O oficial comandante mantém uma guarda permanente de três homens na embocadura do rio Itabapoana. Esse destacamento se estabelece aí por prazo indeterminado, e já tem dado serviço durante cêrca de um ano; bem penoso deve ser, sem dúvida, morar nesses ermos, em que até as provisões são miseráveis, e onde só há choupanas de barro, cobertas de fôlha de palmeira. A casa do oficial é, de fato, espaçosa, contém vários quartos, mobiliados com trastes de madeira; mas o teto está tão arruinado, que deixa entrar a chuva. A construção do pôsto foi resolvida depois do massacre de seis pessoas em lugar próximo à praia. Seis anos atrás, mais ou menos, sete pessoas voltavam de Itapemirim, a cuja igreja tinham ido, quando foram atacadas pelos "puris", salvando-se apenas um homem de todo o grupo. Uma rapariga que fugira ao primeiro assalto, foi perseguida e cruelmente assassinada. Encontraram-se depois os corpos, com os braços e as pernas arrancados, e o tronco des-carnado."¹⁵⁷

FERNANDES JOSÉ MARTINS também cita êsse episódio que deu origem a Barra-do-Itabapoana, ilustrando-o em sua rara obra com uma gravura que reproduzimos.

Após a viagem do príncipe, SAINT-HILAIRE ao por ali passar dá-nos similares informes sôbre os contínuos ataques dos selvagens. Para o ilustre botânico, o Itabapoana, — antigo *Managé* dos primitivos cronistas —, ainda não tinha êsse nome, em fins de 1818. Chama-o de rio Muribeca. "Êsse rio nasce não longe das nascentes do Muriaé, na serra do Pico e lança-se ao mar pouco distante da habitação em aprêço, tomando a sua embocadiira o nome de *Camapuana* ou *Cabapuana*."¹⁵⁸

A fazenda da Muribeca estava então em plena decadência pelas incursões dos índios que de quando em quando apareciam, desde a expulsão dos jesuítas. A seu ver, êsses índios pertenciam a duas nações, — botucudos e puris —, e, do que conta, correlacionado aos dizeres do príncipe MAXIMILIANO, não se pode duvidar da sua antropofagia. De um negrinho do qual se apoderaram pouco antes, foi achado o corpo "ao qual haviam arrancado pedaços que estavam em parte assados."¹⁵⁹

¹⁵⁷ WIED-NEUWIED, príncipe Maximiliano de — Obr. cit., págs 127-128.

¹⁵⁸ SAINT-HILAIRE, Augusto de. — Obr. cit., pág. 428.

¹⁵⁹ SAINT-HILAIRE, Augusto de. — *Segunda viagem do Interior do Brasil* Trad. de CARLOS MADEIRA Rio, 1936, pág. 43.



Fig. 106 — São-João-da-Barra, vista de avião.

(Aerofoto CAMILO DE MENESES)



Fig. 107 — Os velhos trapiches e armazéns de São-João-da-Barra.

(Foto A. R. LAMEGO)

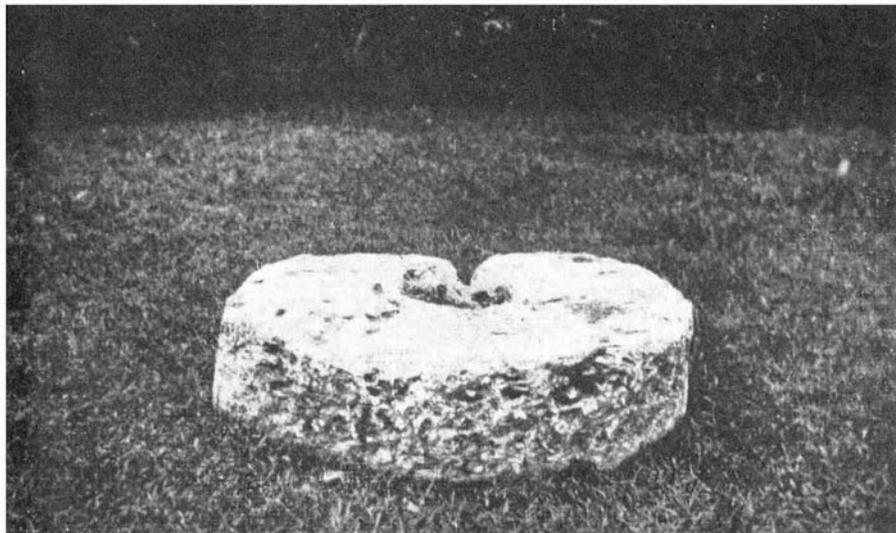


Fig. 108 — *A mo de Vila-da-Rainha, a mais antiga reliquia histórica do norte fluminense, datando da Capitania de PERO DE GÓIS, em 1545.*

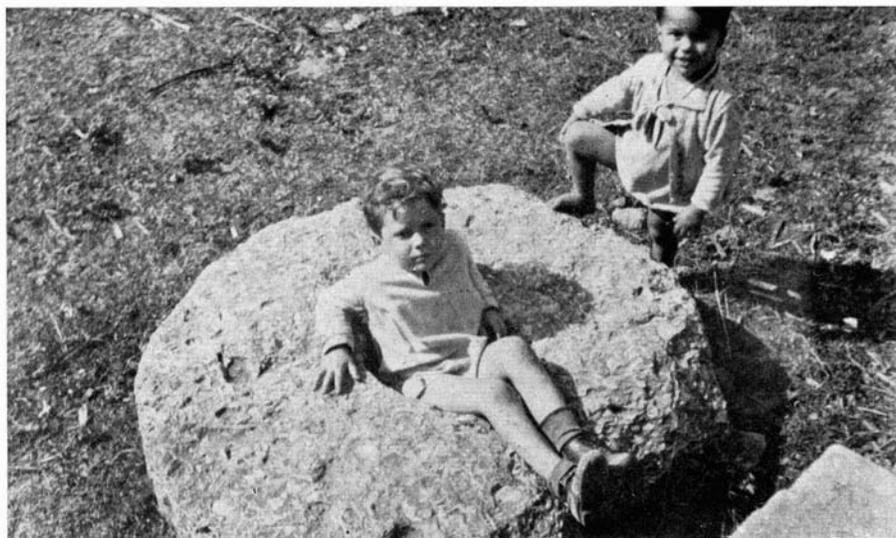


Fig. 109 — *Textura cavernosa da mó de Vila-da-Rainha constituída de arenito conchilífero. Essa textura parece indicar não ter sido ela usada para moer grãos, sendo mais apropriada para cana de açúcar.*

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 110 — Vilarejo balneário da foz da lagoa de Carapebus.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 111 — Atajona, em 1935.

(Aerofoto KAFURI)



Fig. 112— Aspect pitoresco de São - João - da - Barra, Estado Paraíba.

(Foto A. R. LAMEGO)

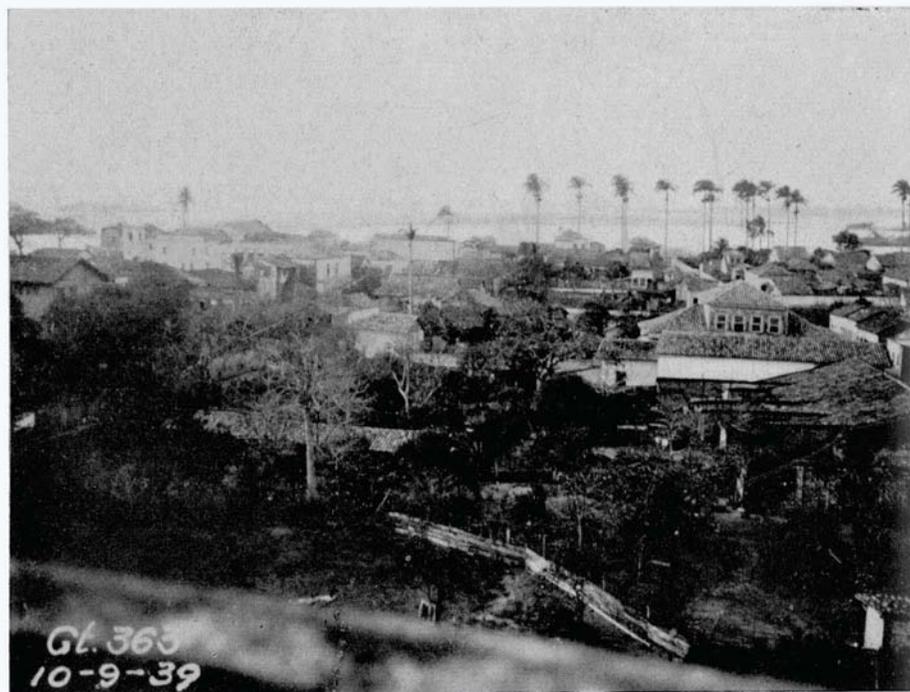


Fig. 113 — Trecho de São-João-da-Barra, visto da torre da Boa Morte.

(Foto CAMILOE MENESES)



Fig. 114 — Tipo de portas com rótulas, comuns às velhas casas sanjuanenses.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 115 — Outro tipo de rótulas, comuns em São-João-da-Barra. Ao fundo o sobrado imperial do Fórum.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 116 — A matriz de São João Batista de São-João-dã-Barra.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 117 — A igreja da Boa Morte em São-João-du-Barra. Do alto de sua tãrre descortina-se tãda a vila e a região circundante.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 118 — A velha cadeia de São-João-da-Barra. Suas paredes de pedra medem 1,20 metros de espessura no andar térreo.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 119 — Um trapiche do tempo da navegação de São-João-da-Barra.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 120 — Vila de Barra-do-Itabapoana.

(Foto CAMILO DE MENESES)



Fig. 121 — Tabuleiros que limitam o leito maior do rio Itabapoana. Ao alto e à direita, os pantanais da lagoa Feia.

(Foto CAMILO DE MENESES)

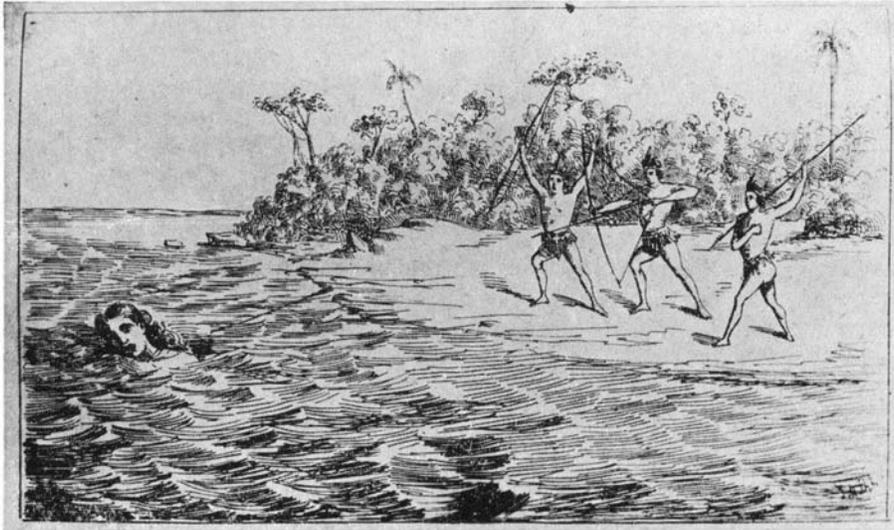


Fig. 122 — Trucidamento de CLARA RIBEIRO DE SOUSA, com quase tóda a sua família morta pelos Botucudos, próximo a barra do Itabapoana.

(Da História de São-João-da-Barra, de F. J. M.)



Fig. 123 — A agressão ao vigário MARQUES DURÃO pelo ajudante Luis ALVES DE BARCELOS, na matriz de São-João-da-Barra.

(Da História de São-João-da-Barra, de F. J. M.)

Os puris estão hoje completamente extintos, dêles restando apenas produtos de cruzamento, ¹⁶⁰ sendo porém um dos fatos mais interessantes da nossa etnografia indígena, a sobrevivência dos botucudos, cujos remanescentes foram aldeados ao norte de Colatina, no rio Doce, quando tôdas as outras tribos litorâneas que lhes eram em tudo superiores, desapareceram. Explica tal paradoxo a sua irredutível repulsão ao branco e a voluntária reclusão secular nas grandes selvas montanhosas capixabas.

Sôbre a sua antropofagia existe ainda um relato. Em 1532, passava por São-Jogo-da-Barra uma leva que se conseguiu levar ao Rio. Alguns gestos bem suspeitos e magoados murmúrios entre dentes, ao verem o rotundíssimo vigário MANUEL GOMES, foram explicados pelo intérprete como, deploravam não se dar o reverendo aos prazeres de uma evangélica perambulação pelas orlas de seus tenebrosos matagais, pois assim teriam certamente fartos acepipes para uma lua.

No extremo norte de São-João-da-Barra, as contínuas depredações em fazendas, forçaram afinal os proprietários, cansados de atraí-los a paz, a batê-los à mão armada para o Espírito Santo. Alguns pereceram na refrega, ao atravessarem o rio em fuga precipitada. O resto encafuou-se para sempre nas florestas, e desde então Barra-do-Itabapoana pôde prosperar, mas não ainda sem oposição.

Tal como sucedera em Campos, duas vêzes destruída pelos grandes proprietários de terras, também ali se deu após a expulsão do aborígene, a luta pela posse da gleba. E o proprietário da fazenda da Muribeca mandou queimar num só dia tôda a nascente povoação. ¹⁶¹

O recurso a autoridade terminou a pendência de que não eram todavia inteiramente isentos de culpa os habitantes, invasores de canaviais e salteadores de gado, conforme os editais da época. A ânsia de terra, tão característica dos campistas, impeliu os sanjuanenses de mesmo sangue a exploração de ambas as margens do Itabapoana, pelas quais alargava-se o latifúndio da Muribeca.

Pelos fins do Império, mais de oitenta casas, vastos trapiches e uma crescente navegação, atestam ali a iniciativa comercial e marítima dos dois mil sanjuanenses daquela zona. Hoje é uma vila morta. Mas a ligação rodoviária a Campos e a grande fábrica de raspa de mandioca "Tipiti", recentemente fundada por um barão austríaco, com todos os requisitos da técnica moderna e com modelar organização médico-social inaugura novo modo de viver, sendo mesmo promissor o reinício da navegação atualmente insignificante.

¹⁶⁰ JANEIRO FILHO, Alberto — *A Planície do Solar e da Senzala* Rio, 1934.

¹⁶¹ MARTINS F. J. — *Obi* cit., pág. 22

As esperanças dessa zona, fixam-se no cultivo da mandioca, pela excelência do terreno para tal cultura, havendo ainda outras pequenas fábricas de farinha.

Na estrada de rodagem de Barra-do-Itabapoana a Campos, e em suas redondezas, pequenos povoados como Barra Sêca, — São-Francisco-de-Paula —, Ponto, Valão-Sêco e João Pessoa, parecem concentrar em agrupamentos progressistas a vida das fazendas em redor, estimuladas pelo transporte e comunicação automobilística.

Ao sul do Paraíba onde quase tudo é restinga, apenas dois povoados se destacam pelo interior das aluviões campistas. Um deles é Barcelos, que cresceu da primeira usina regional ali fundada em 1888 pelo barão de BARCELOS e inaugurada pelos Imperadores. O outro é Pipeiras, ao sul da lagoa do Taí Pequeno,¹⁶² que marca nessa zona de pequenas propriedades, à margem ocidental da lagoa, um derradeiro avanço dos campistas, estacionados nos limites dos imensos areais dos "Campos-da-Praia", que ali começam e se estendem até a costa, desdobrando-se em latifúndios estéreis, para a cana e só adaptáveis à pecuária.

Tôda esta zona de restingas ao sul do Paraíba é praticamente um deserto, apenas habitado a oeste, nos limites com Campos, no extremo sul, na zona do Cazombá por uma série de pequenas propriedades à margem da lagoa de Bananeiras, e, a leste, com os agrupamentos costeiros de Barra-do-Açu, Quipari, Atafona e Guruçai, estas duas Últimas, bem desenvolvidas praias procuradas pelos campistas.

Em 1825, contava São-João-da-Barra 2 246, "pessoas masculinas, brancos e escravos de tôdas as idades" e 2 464 "fêmeas, brancas e escravas de tôdas as idades" segundo ofício então enviado ao corregedor. Sòmente a vila contava em 1819, 355 casas e 2 500 habitantes.¹⁶³

Para que se julgue mais uma vez a maior intensidade da vida urbana em relação a rural, notemos que havia então 448 fogos na vila e 346 no têrmo. Em Campos pela mesma época, a população urbana orçava em cêrca de 7 000 habitantes, e a rural em 35 000, o que denota um contraste absoluto com a formação social da zona vizinha.

Um dos males que por êsse tempo afligem a rala população praiana é o serem as suas duas companhias de milícias, "constantes de pequenos lavradores e artifices" forçadas a irem de dois em dois meses a Campos para exercícios. A prisão por delitos militares era mesmo cumprida nesta cidade. Sòmente após renhida

¹⁶² Os mapas anteriores indicam erroneamente a sua localização ao sul da lagoa do Taí Grande

¹⁶³ CARNEIRO DA SILVA, JOSÉ — *Obi cit*

polêmica é que vencem os sanjuanenses o pleito em que se debatia o dever do comandante do batalhão de morar em São-João-da-Barra e não terem de ir os 600 homens periodicamente ao seu encontro.

Em 1830, criam-se em São-João-da-Barra a primeira escola e o primeiro correio para Campos. Por esse tempo, todo o Distrito dos Goitacás fazia parte da Província do Espírito Santo, não obstante serem quase tôdas as suas transações com o Rio-de-Janeiro.

Cabe aqui uma ligeira digressão, com um concreto exemplo, sôbre a estreita ligação entre os fatores geográficos de uma região determinada e a sua evolução econômica. Graves erros político-administrativos não comumente oriundos de estadistas que não conhecem geografia, e, ignorantes daquelas relações, tentam elaborar com decretos vazados em vacuidades empíricas, laços administrativos totalmente aberrantes da realidade geográfica.

Desde 1741 que a região dos Goitacás, com suas sedes administrativas em São-João-da-Barra e Campos, de exclusivas ligações comerciais e mesmo políticas com o Rio de Janeiro, -- fôra absolutamente anexada ao Espírito Santo, com o qual eram por demais escassos contactos de qualquer espécie.

Inútil será mostrar que, tamanha imprevidência, unindo a planície à jurisdição de Vitória, somente viria atrasar a sua evolução em vista do alheamento capixaba a seus destinos. Ademais fugia periodicamente para aquela, cidade tôda a renda pública, a qual não podia ser recambiada pela ausência de relações.

Foi este um dos maiores fatores para a escassez de moeda na planície, conforme expusemos. Como resultado, a moeda falsa encontrou logo um campo admirável à sua penetração. "Quanta caldeira velha, tachos e utensílios de cobre se encontrou, tudo foi levado a cunho e corria francamente, Essa facilidade fez perder bastante o valor do cobre, quando o govêrno, para remediar o mal, estabeleceu em São Salvador — Campos —, como em outras partes, a comissão do troco. A moeda que não tinha pêsos era cortada, e os possuidores recebiam em trôco quase metade da sorna que levavam".¹⁶⁴

Tão grandes foram os prejuízos sofridos que, — prova notável de um erro político-geográfico e de suas funestas conseqüências —, o ministro do Império JOSÉ DE LINO COUTINHO, cria em 1832 a comarca de Campos, a qual incluía São João da Barra, e a anexa à Província do Rio de Janeiro.

Em 1827, quando justamente a indústria açucareira na planície iria iniciar a sua ascensão pelo advento do grande senhor de engenho, com o primeiro engenho a vapor na planície, — o da Barra Sêca, em São-João-da-Barra, MUNIZ DE SOUSA dá-nos aspectos da vila que a retratam.

¹⁶⁴ MARINS, F. J. — Obr. cit., pág. 187

"A sua população que se compõe de barqueiros, traficantes, taberneiros e lavradores, monta a quatro mil e setecentas almas, compreendidas em trezentos e sessenta fogos. Parte dos habitantes se empregam na pesca, e o peixe é todo consumido no país".

"Há nesta vila um batalhão de milícias, comandado por um major. O vereador mais velho do corpo da Câmara da vila, ocupa o cargo de juiz pela lei; é o responsável, e subordina-se ao juiz de fora da vila de São Salvador".¹⁶⁵

A vizinhança de Campos tôda azafamada na lavoura, contribuiu para realçar a mesquinhez da vila praiana. "Esta vila finalmente, seria de mais séquito, se a sextuplicada grandeza de São Salvador, lhe não confundisse, e absorvesse o nome que infalivelmente teria, no caso de lhe não ficar tão próxima".

Tôda sorte de obstáculos naturais impedem pois o surto de São-João-da-Barra por si mesma. Excluídas as terras do norte, há quase exclusivamente areia em tôrno dela, própria para a criação em pequena escala. "Esta vila possui um campo nativo intitulado "Campo da Praia", próprio para criar gado vacum e cavalari, que principia quase no pontal sul, ...; assim como tem outro igual campo no pontal norte, e tanto neste como naquele se criam gados".

Um dos sinais mais evidentes do despovoamento dessa região ao sul do Paraíba, é que a numerosa nomenclatura de lugares na planície campista que atesta desde os velhos tempos urna grande densidade demográfica, é contrastada aqui por um só nome, — os "Campos da Praia", — que se estendem por mais de vinte quilômetros para sudoeste. Não há necessidade de designações para localidades que ninguém frequenta. Tal como nos desertos.

O próprio rio enorme que lhes dá o peixe não lhes dá a água para beber. "As águas de que servem os habitantes são de cacimbas, ou cisternas, por se conservar ali a do rio quase sempre salgada, pelas baldeações da maré".

Visitando São-João-da-Barra em 1827, MUNIZ DE SOUSA a vira ainda com todo o seu aspecto colonial. A multidão de pequenas engenhocas a tração animal, de Campos, não aumentara ainda a produção de açúcar de modo a incrementar a vila pela navegação.

Era quase a mesma aldeia que doze anos antes hospedara na "casa da Câmara" o príncipe MAXIMILIANO o qual nos diz que "Jogo-da-Gana é uma localidade que se não pode comparar a São-Salvador, pois que só tem uma igreja, ruas sem calçamento, casas de um só andar, construídas de madeira e barro", e onde "os habitantes são sobretudo pescadores e marinheiros, cuja subsistência é garantida pelo comércio, com São Salvador, dos produtos da região".¹⁶⁶

¹⁶⁵ MUNIZ DE SOUSA, Antônio. — *Viagem de um brasileiro*. Rio, págs 160 167

¹⁶⁶ WIED-NEUWIED, príncipe Maximiliano de — *Obi cit*, pág 120

SAINT-HILAIRE, tão curioso de nosso interior, nem sequer a procurou, rumando da Barra Sêca para Manguinhos. É que nada significava ainda a vila colonial, embora o visconde de ARARUAMA já houvesse dito em 1819 que, o açúcar de Campos, — por ali exportado, — fôsse naquele ano além de 400 000 arrôbas e o valor da exportação 3 000 000 de cruzeiros¹⁶⁷ Açúcar das 700 almanjarras de audaciosos invasores da planície, rústicos atrevidos que dominavam a terra campista, aguardando o grande senhor de engenho para dominá-los e poli-los com as suas fortunas e os seus solares.

Ora, se Campos permanecia quase inculta com tais senhores cuja labuta contínua em seus banguês não lhes permitia serem "dados as letras", no dizer de MUNIZ DE SOUSA que assim repete as palavras de COUTO REIS, de meio século anteriores, que se dizer da estagnada vila praiana,?

"Há uma escola de primeiras letras com poucos meninos". "O caráter dos habitantes é o que se deve esperar de gente sem educação, e por isso frequentemente suscitam entre êles intrigas, que com o tempo se dissolvem".¹⁶⁸

A vida enfim de tôdas as pequenas povoações. Mas São João da Barra agora sofre intermitentemente o contágio da permanente agitação campista, Por que os distúrbios nunca cessam naquela parte ocidental da planície.

Dêste modo, agita-se a vila praiana com a hereditária rixa entre brasileiros e portugueses, estimulada mesmo por decretos do governo que, em plena ebulição nativista são sarcásticos, oficializando apelidos.¹⁶⁹

Em torno dos vigários também fervilham alvoroços. Em tôda a história da planície o clero sempre andou metido em sedições, jesuítas, beneditinos e padres seculares, centralizaram muita vez agitações em torno do Colégio, do Mosteiro e das matrizes.

Em *O Homem e o Brejo* focalizamos alguns dêsses distúrbios que, na terra campista culminaram com a revolta de BENTA PEREIRA onde o papel do eclesiástico foi sempre destacado. Em São-João-da-Barra, igualmente, embora em menor escala, tais motins foram repetidos. Tal o da expulsão do vigário CARNEIRO, em 1833, e bem antes dêle, o caso do padre PEDRO MARQUES DURÃO, batido a espada em plena igreja pelo ajudante LUÍS ALVES BARCELOS, em 1750.¹⁷⁰

¹⁶⁷ CARNEIRO DA SILVA, José — Obr cit, pág 61

¹⁶⁸ MUNIZ DE SOUSA, Antônio — Obr cit, pág 108

¹⁶⁹ "Achando-se neste Império, vindos sem passaportes, muitos portugueses, vulgarmente chamados *papcletas*, alguns dos quais esquecendo-se de seus deveres como estrangeiros em um país que os acolhe benignamente, tem intervindo nos negócios públicos do país, já envolvendo-se nêles, já insultando os naturais, a Regência em nome do Imperador D. PEDRO II, manda, por lhe competir, dai tôdas as providências que o caso exige, que a câmara municipal de São João da Barra ordenasse aos juizes de Paz do têmo, etc". (FERNANDES JOSÉ MARTINS — Obr cit)

¹⁷⁰ Curiosa foi a vida dêsse eclesiástico. O padre MARQUES DURÃO era um dêsses homens azarentos que, despendidamente humanitários, ou melhor, por isso mesmo, vivem sempre

Fértil em pequenos tumultos é a época da Independência. A própria Câmara da vila é foco de arruaças motivadas por sectarismos partidários com sacrifício da população.¹⁷¹ Profundas particularmente, — como aliás em todo o país —, foram as repercussões logo a seguir ao dia do "Fico", quando homenagens de apoio ao Príncipe Regente por toda parte se repetiam, e proclamações e memórias eram lidas pelas vilas das Províncias, dando origem a incontidos desejos de liberdade.

Entre os sanjuanenses, tal publicidade suscitou nos reinóis excitantes reações de nativismo. Julgavam-se ofendidos. A eles é que eram indiretamente alusivos tais pregões. Daí a luta entre os filhos da terra e os imigrados.

Como em quase todos os motins políticos da planície, às mialheres coube sempre tão conspícua atuação, que o brasão de Cam-

rodeados de inimigos Modelarmente, puros, soltam a língua ingénua com a simplicidade dos pobres de espírito, absolutamente incapacitados de conceber os desvios de má-fé da insondável alma humana Juntamos a isso a confiança obstinada na justiça alheia

Colado na freguesia em 1725, os trinta anos de seu governo espiritual foram sempre sacudidos de querelas. Seu feitio caído e sua indiferença pelos bens materiais não o isentavam porém de rispidez em assuntos espirituais de seu rebanho Julgava, ademais, a todos por si mesmo Sua noção de propriedade antecipava a de SAINT SIMON

Suas continuas lutas com a buiguesia da terra, e, através desta com a mitra, enriquecem o anedotário sanjuanense Caso recebesse galinhas de presente e hatizados, soltava-as na rua "Mas quando precisava de alguma, ordenava que apanhassem a primeira que fôsse encontrada; e se acontecia vir o dono reclamá-la, dizia-lhes que as suas por lá andavam também e as podiam comer"

Chamado ao Rio pelo bispo, ao ser admoestado pela acusação de celebrar missas de chinelas, respondeu-lhe: "Se Vossa Excelência lá estivesse, havia' de dizê-la de pé no chão, porque os bichos são tantos que trago os pés todos inchados"

Certa vez, ao defrontal-se com uma de suas ovelhas de unhas rapaces no comêço de um sermão, dirigiu-se-lhe em voz alta: "Senhor ANDRÉ FRANCO, veja lá se vai a seu gosto" E prosseguiu: "Meus amados irmãos, quem não furta não tem, mas também no céu, com o alheio ninguém entra"

O prepotente padre LOPES DO PRADO, nomeado visitador para a Paraíba do Sul, multa-o de uma feita porque em sua ida a São João da Barra, não achou "à sua chegada o povo todo da freguesia junto ao portal da matriz, e também por não encontrar na igreja as velas todas acesas"

Um de seus maiores desafetos era o ajudante LUIS ALVES DE BARCELOS, de ilustre ascendência. Desaforado e valentão, indo uma vez, à matriz apadrinhar um batizado, ao remunerar o vigário, atirou este ao chão a espórtula que recebera Tanto bastou para aue LUIS ALVES de esada em aunho o desancasse, atirando-o à terra e obrigando-o a apanhar o dinheiro

Já então, dado o alarma na vila, teve o ajudante ordem de prisão, à porta da igreja, pelo juiz ordinário. Enfurecido e de espada em punho abre LUIS ALVES caminho através da chusma, mata o escrivão da Câmara, decepa o biao do porteiro, corta a vara do juiz em dois, e dirige-se calmamente a uma venda onde pede refeição.

Enquanto comia, entiam na casa dois indivíduos que, não reconhecendo o filho do capitão-moi, não se descobrem Não obstante desculpas, o ajudante saca de novo a espada, mata um deles enquanto o outro foge "com a cabeça quebrada e três dedos de menos na mão esquerda" Estas e outras, acabaram por levá-lo à Costa d'África, degredado por toda a vida, tendo vindo tropa do Rio para o prender A sua casa era um arsenal

¹⁷¹ Um caso esporádico ocorrido em 1822, mostra o quanto pode chegar em todos os tempos a famigeitada politicagem partidária, em seu dissimulado interesse pelo bem estar do povo

Expulso nesse ano do partido da Cãniara o cirurgião VITORINO JOSÉ CARDOSO, é substituído pelo Dr JOSÉ CAETANO CARVALHO SALZEDAS Mas, também este, logo cai no desagrado dos mandões. Promove-se a conhecida manifestapão de protesto "Ajuntando-se o povo, dirigido por João JOSÉ DE BRITO, na sala do senado, alegaram que o professor era de uma língua diabólica com pessoas honestas"

O médico é corrido da vila com festejante "cortejo de foguetes e assuada" Em seu lugar nomeiam um frade espanhol, charlatão, JOSÉ DE CASTRO "que havia no ano antecedente naufragado em nossas praias, ou chegado a elas num bote com 15 companheiros, restantes da catástrofe de um vulcão, (sic), com que se submergira no mar de Cabo Frio em navio dessa nação" O corregedor da comarca, entretanto, conjectura de maneira diversa e multa cada camarista em 30\$000 pela substituição de um profissional por um leigo.

pos guarda e ostenta os seus feitos no passado, e, embora em insignificantes distúrbios urbanos, mostram elas em São-João-da-Barra, nesse tempo, o mesmo sangue exaltadiço das irmãs campista ~ . ~ ~ ~

Mas tôdas essas ocorrências, quase que apenas anedòticamente expressivas, mostram sempre os interêsses sanjuanenses localizados na vila. Fora dela sòmente sucessos locais de fazendas sem projeção visível na formação do caráter popular.

Apenas um, em todo século XIX, deixa entretanto ver uma união de interêsses coligados na defesa da planície, sob ameaça de perturbação em sua vida coletiva.

Em 1821, nas vésperas da Independência, os movimentos constitucionais que levantaram vários pontos do país também despontam na planície. Três maiores da milícia de Campos, — PEDRO AUGUSTO, da cavalaria, PRESTES, da infantaria e ANTONIO AURELIANO ROLÃO COUTINHO PIMENTEL TORREZÃO, dos caçadores, "simulando uma insurreição de escravos, tinham em vista aderir à constituição do Pôrto com desobediência ao Rio de Janeiro".¹⁷³

Obedecendo a um plano secreto, cuja origem até hoje não se sabe, a 11 de agosto daquele ano, "o senado da Câmara desta vila de São João, com o clero, republicanos, povo e tropa", reúne-se para o fim de jurar as bases daquela constituição. Há porém "graves alterações entre o povo que se dividiu em dois partidos, pró e contra o ato".

¹⁷² Corriam boatos de que se armavam os portugueses para a resistência a quaisquer manobras de Independência. Cochichos filtravam das rótulas para as vias públicas onde os mais exaltados já insinuavam assaltos preventivos às casas de portugueses. A população emociona-se, farejando catástrofes. Por fim, até notáveis da vila encabeçam o movimento repressivo.

"O juiz recebia denúncias de se achar a casa de MANUEL DIAS, brasileiro, natural de Parati e aqui residente, reduzida a uma praça de armamentos bélicos, e, com um reforço de filhos do país prestes a sair ao primeiro sinal à matança dos portugueses". Ora, justamente acontecia, que, o 2º camarista desse ano que estava sempre com a vara de juiz ordinário, nascera em Portugal, o mesmo sucedendo com o tabelião da vila. Dai a repressão preconcebida a quaisquer intuítos nativistas.

Andavam as coisas neste pé, quando o tabelião, antecessor do figurão de Tarascon, deu de, com grandes escoltas de marítimos iondar a vila pacatíssima, e, prudentemente oculto pelas esquinas, com olhares sinistros, fôlego suspenso e ouvidos à escuta, sondar a casa do acusado. "A coluna rondante, composta de delatores em tudo achava pretexto ou indício veemente do fato, e, então pode-se calcular a facilidade do conflito, prisões, desacato de palavias, e nem se podia andar de noite na rua."

Dai a acometer a casa do DIAS foi apenas um episódio complementar. Nada se encontrou, mau grado o desperdício de várias noites de insônia e de abnegada vigilância. Só findou a luta onde "um ferreiro português, coxo, obrou prodígios de valor munido de um espêto" e onde "as mulheres também meteram a sua colher na contenda", nada se apurou.

Foi só então que o juiz achou bom pôr termo à desordem, mandando vir "a juízo os mais loucos com suas espôsas, a fim de assinar um termo, com a cominação de pena contra aquele que insultasse mais a qualquer outro ou lhe lançasse em rosto seu nascimento."

As novas idéias liberais infiltravam-se, inexcrutavelmente movidas por forças ocultas e por vèzes perniciosas, como a da ampla liberdade de comércio que entregava a coletividade à ganância dos especuladores espertos. Assim é que chega à planície um decreto real ordenando ao Senado que "abolisse" as posturas municipais que marcassem preço aos gêneros, e que ficaria livre a qualquer vendê-los à sua vontade".

Entrementes, cresce o boato da insurreição da escravaria em Campos. Um cavaleiro à rédea solta chega à vila com a notícia que os escravos das fazendas do Colégio e do Visconde marcham para atacá-la. Era falsa.

Mas com o terror, surgem as denúncias nos interrogatórios ferrenhos de autoridades zelosas de bem parecer. E São João da Barra também não fica isenta de perseguições repressivas a uma suposta conspiração generalizada.

"Nos pelourinhos de ambas as vilas corria o sangue a jorros; das cadeias saíam de manhã e à tarde aos libambos para o açoite. Instava-se para que cada um de per si declarasse o plano de revolta e indicasse os cúmplices, e os miseráveis, com vistas de escapar do bacalhau, lá iam nomeando a torto e a direito novas vítimas, que tanto bastava para ser-se logo preso e seguir o curso do interrogatório".

Logo que a notícia do levante atinge Campos, partem para São-João-da-Barra a tôda brida um capitão de cavalaria e um ajudante, a fim de salvarem a praça. Organiza-se imediatamente a defesa contra invasões de escravos das grandes fazendas da Barra Sêca e da Muribeca. "Toca-se a rebate pelas dez horas da noite; a tropa de milícias com os oficiais recém-chegados, ajunta-se no largo da matriz, da qual uma das quatro faces é ornada do Paraíba; tomou-se as bôcas das ruas; corriam oficiais a cavalo por tôda a vila, ordenando aos habitantes que pusessem luminárias, e, os que pudessem pegar em armas saíssem com as suas para a praça a apresentar-se ao juiz e a unir-se aos irmãos de combate, porque viera aviso de navegar rio abaixo uma canoa conduzindo numerosa força de escravos da fazenda da Barra Sêca".

Não ficam porém aí as judiciosas medidas estratégicas, ante tão iminente catástrofe. Reunido, em conciliábulo sizudos, gravemente delibera o comando geral providências urgentíssimas. "Dentro da praça, bastante iluminada já de fogueiras, ferviam as consultas aos principais em conselho".

Tão sinistras perspectivas, porém, requerem, como de supor, cautelas máximas nas responsabilíssimas decisões. Por isso é que

só "depois da meia noite chegou-se ao acôrdo de se fazer marchar uma coluna a reconhecer o inimigo". E por terra segue o primeiro bando, arregimentado, silencioso e circunspecto, na grave operação militar.

Não se faz todavia esperar muito a sua volta, quando heròicamente desafogados do perigo a que se atreveram, testemunham que "a tal canoa denunciada por FRANCISCO MOREIRA, que viera à missa do Galo, era a que encontraram, conduzindo para a vila alguns milhares de telhas da fazenda de DOMINGOS ALVES, cujas pontas de telhas tinham sido tomadas por cabeças de negros" !

Não obstante porém a clareza do reconhecimento, ou talvez por isso mesmo, de nada querem saber as hostes de pacíficos cidadãos transfigurados em guerreiros. A vigília é mantida em armas. povo e tropa espiam tôda a noite as águas suspeitas do Paraíba tranqüilíssimo.

Enfim, lá pela madrugada rompe o tanto esperado e temido alarma das sentinelas solícitas, de olhares acesos furando a escuridão. "Gritou-se as armas, ordenou-se a fôrça em ordem de batalha no parapeito do rio, e que estivessem todos prontos a fazer fogo ao primeiro sinal". É que vinha ao longe uma canoa, evidentemente mal intencionada pelo silêncio com que deslizava,

Seu vulto cresce. Aproxima-se ameaçador. A muito custo o "quem vem lá ?" consegue romper o alarido feroz e pré-batalhador. Mas a gritaria não permite ouvir a resposta dos atacantes.

"Quem vem lá da parte d'El-Rei?". O estridor do berreiro impede porém que se escute uma frase de alívio e pacificadora. A algazarra sobe de ponto e com ela projetos súbitos de heroísmos tremendos. "Os chefes dividiram-se em opiniões, uns queriam que se fizesse fogo e outros que se armassem canoas para um combate naval"!!!

Foi quando o plácido canoeiro, apavorado ante o imediato fuzilamento e com risco de estourar a laringe, consegue fazer-se ouvir em terra: "Sou o João Burundunga !... O Burundunga !!! ."

Era de fato uma canoa de Itapemirim que subira o rio até Campos carregada de cebolas e que agora, cheia de telhas, regressava...¹⁷⁴

¹⁷⁴ Revela-se aqui um raro fenômeno de Geo-Botânica. É sabido que a cultura da cebola no Brasil, só vingia em climas frios, como os do extremo sul ou o do planalto elevados. Abre-se porém uma curiosa exceção para a zona costeira de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, constatada há um século por um botânico da convergência de SAINT-HILAIRE. Assim diz ele: "Atravessando os arredores de Itapemirim, eu fiquei admirado ver *uma* tão grande quantidade de terras para o plantio de cebolas

Enquanto que na quase totalidade do Brasil e na vila da Vitória, por exemplo, esse

Tais episódios tarasconescos que esporadicamente sacodem o torpor de pequenas cidades distraídas da marcha colateral de núcleos progressistas, vivem nas tradições locais a espera de futuros contistas que os immortalizem. Outros poderiam ser relatados a mordacidade de escritores satíricos, amealhadores de pequenos fatos jocosos por êles transformados em jóias literárias.¹⁷⁵

A vida de São-João-da-Barra é dêste modo a de quase tôdas as pequenas cidades, apenas sobressaltadas de incidentes provincia-

legume não vinga senão à fôça de cuidado, e quando esteja a terra esterçada, aqui no contário, ela se multiplica com extrema facilidade, e é no lugar um ramo de exportação assaz importante. De Itapemirim fazem-se remessas de cebolas ao Rio de Janeiro, à vila da Vitória, a Campos e quando da minha viagem, o apanhado de cebolas que se dava por 80 réis nos sítios onde haviam sido colhidos, revendia-se por 320 réis na capital da provincia do Espírito Santo.

Pequenas embarcações e grandes piogas seguem, carregadas de cebolas de Itapemirim para a vila da Vitória e voltam com produtos de olaria.

Aqui não se semeia êsse legume. É plantado pela floi duante a lua nova de março; em junho se arrancam os talos grossos, separam-se-lhe os novos talos, replanta-se os e se faz a colheita definitiva delas em dezembro. Êste modo de desdobramento prova a que ponto, neste afortunado clima, a vegetação é exubante e poderosa". (*Segunda Viagem ao Interior do Brasil*; trad. port. de CARLOS MADEIRA; Rio, 1936, págs. 53-51)

¹⁷⁵ Contaremos mais um apenas. Por demais sabida é a atuação da Inglaterra contra o tráfico de escravos, outoria por ela mesma encabeçado com a peculiaridade de o seu próprio parlamento haver pleiteado o monopólio do comércio de negros. Mas com a barata mão de obra no Brasil prejudicando então os gordos dividendos de seus capitais investidos nas suas colônias, deu-se a "humanitária" intervenção. Não repisaremos fatos históricos de um tempo humilhante para a nossa soberania, onde os navios apiesados no mar eram dirigidos para o primeiro porto brasileiro e os escravos ali vendidos em hasta pública pelos apisionadores. a fim de cobrir as despesas com o disimulado corso (SEIDLER, CARL — *Dez anos no Brasil, 1835*. Trad. port. do general BERTOLDO KLINGER, Rio, 1941, pág. 239).

O que se passa em São João da Barra nessa época, não foi todavia assaz divulgado. "Os navios da guerra ingleses começaram a apaiecer e aprisionar alguns baicos negreiros, na ocasião da chegada e baldeação da carga na aduana convencional; e esta superintendência e fiscalização tendo-se no principio limitado às águas do litoral, em breve ousaram saltar em terra e despoticamente se abariacaram e constituíram destacamento policial. A tolerância ou impunidade do primeiro abuso occasiona invariavelmente repetições, até que seja forçado a conter-se; assim, os invasores ingleses não se dando por satisfeitos de policiar os mares, assentaram de pedra e cal que se deviam entranhar pelos seítões, armados e a varejar as casas dos pacíficos lavradores" (MARTINS, F. J. — *Obr.* cit., pág. 197).

O pavor dos pobres muxungos leva-os à vila, onde o juiz ordena a prisão dos aventureiros que são encarcerados na maciça cadeia da vila. Entra poiém logo a seguir na uaiia a chelupa de um coisário, cujo official pede a soltura dos presos, alegando melifluamente ter sido apenas sua intenção a de abastecerem-se de víveres. São êles soltos.

A brandura do juiz permitiu-lhes algumas horas de estadia na vila, bem como adquirirerem o de que precisavam. Antes da partida, porém, indo o official em busca da resposta do juiz ao officio de seu comandante, com êle vai um colega que estivera no xadrez. E êste por sua vez, não quer perder tão propicia ocasião de ostentar sua insolência para com os desprezíveis nativos, mantelando fufiosamente à porta do magistrado.

Foi poiém convenientemente surrado tendo de embarcar com o rosto ferido e aos berros de que "o sangue inglês procuraria vingança".

Protesta o miiiistio britânico no Rio de Janeiro, num memorando em que accusava o juiz do trato inadmissível a um official de sua nação, pois "fechou-lhe a porta na cara feíndo-o gravemente no queixo".

Ora, acontece flue a Provincia do Rio de Janeiro achava-se em estado de sitio por causa da revolta mineira abafada por Caxias, havendo boatos de nela estarem terroristicamente envolvidos os negros de Gongo Sôco. E a resposta do sarcástico juiz ao govêrno não se fez esperar. Alega çjuc officiais e marinheiros de uma nação amiga cabem que ao saltarem na costa devem logo apresentar-se às autoridades. Por isso não pudera supor serem ingleses, mas sim uma quadrilha de piratas "ou negros do Gongo Sôco, em Minas" (sic) que, "por efeito de combinações estiatégicas cios rebeldes", vinham atacar São João da Barra por mar!

Com tão cínica resposta hàbilmente desculpou-se o Govêrno, ioiçando ao silêncio o arrogante ministio.

nos que não chegam a varar o tempo nas páginas da História Nacional. Esquecida em seu recanto de areias após a queda da navegação, dormita e não mais relembra as suas ingênuas aspirações, os seus minúsculos motins longe em longe a perturbarem a pacatez dos idos coloniais quando nasceu e lentamente evoluiu, com seus cochichos de rótulas seculares, suas arraialices de politicagem ambígua, sua mentalidade de armazéns e de porões de navios.

Mão tratamos aqui de minorar essa população ordeira, mas de analisá-la friamente em seu proveito próprio, numa tentativa de orientar os futuros promotores de seu progresso. Surgindo da mesma massa que agigantou a economia agrícola da parte ocidental da planície, o homem, com as mesmas aptidões, impossibilitado de expandir-se pela terra, fecundando-a, adaptou-se diferentemente às condições do meio. Hereditariedades raciais comuns bifurcam-se pela seleção natural para finalidades díspares. Um mesmo acervo de possibilidades físicas e mentais, viu-se desdobrado pela ambiência em dualismo de condições econômico-sociais complementares, cuja resultante foi o engrandecimento de toda a planície pelo comércio marítimo.

Por isto é que em sua letargia São João da Barra sonha com seus navios, aguardando o impulso regenerador e oficial, para de novo condicionar as suas energias e os seus pendores adquiridos as únicas possibilidade ambientais de sua revivescência.

A CULTURA

"O céu e a terra e tôdas as coisas se formam pela troca, o céu e a terra são a porta da troca, o céu e a terra são os pais de tôdas as coisas".

Do livro sagrado chinês: *Yiking*.

I. O HOMEM E O MEIO

"Devendo o homem se contentar com o que a natureza lhe dá espontâneamente, deve satisfazer as suas necessidades pelo processo mais natural e mais imediato.."

ED. DEMOLINS: "Comment la ronte crée le type social". I, 193-194.

A terra atrai o homem. Mas as características fundamentais do meio regional selecionam de comêço o imigrante. Em cada raça, em cada grupo, em cada povo, por mais aparentemente uniforme que se apresente a psicologia coletiva, há sempre tamanhas disparidades individuais que, afastado o ambiente pátrio nivelador, logo ressaltam as tendências singulares e próprias de cada homem.

É claro que existem atributos étnicos comuns a cada nação que os mais apartados climas terrestres não conseguem definitivamente aniquilar. Uma nova civilização inglêsa de ultramar divergirá, por exemplo, da portuguesa, da espanhola, da francesa, da italiana ou da alemã. Mas dentro de cada novo país, isoladamente, a diferenciação psicológica já notável de província a província e de região a região nas terras de origem, continuará parcelando-se até o agrupamento local e ao próprio indivíduo.

Quanto mais forte é êste, mais acentuados seus atributos pessoais. Quer isto dizer que, cada corrente imigratória unificada de elementos raciais é necessariamente heterogênea e, ao chegar a novas terras tende a subdividir-se com a diversidade de ambientes regionais.

Sob a influência do meio, a cada um de per si, ante uma vida nova, são abertas possibilidades que não tinham em velhas civilizações **erguidas** em regimes secularmente cimentados em tramas sociais indestrutíveis e em firmes preconceitos intocáveis.

Impetos inatos e amortecidos espontâneamente rebrotam. Tendências que a sociedade recalca, **irrompem** atrevidamente. De súbito libertos, sublevam-se instintos anárquicos, **desenjaulados** de milênios de cultura.

Ademais, a terra grossa e rude pede um semi-bárbaro. Sem isto o Brasil não se fazia. Por isto é que do horizonte dos planaltos o índio abre a fresta dos olhos espantados e vê a Bandeira. Com isto é que se argamassam as cidades fortalezas, engastadas nos **recôncavos** do litoral, onde a pesada mão dos capitães-mores disciplina a ralé **plebeia** que salta do convés das naus e caravelas.

São estas, as obscuras raízes que mergulham na terra inculta. É nelas que se firma o tronco da organização política primitiva, do qual se esgalham robustamente a lavoura e a pecuária, a mineração, o comércio e as indústrias, levantando promessas de futuras florações culturais e frutificadoras de uma gigantesca economia.

Entre as cidades com que o Brasil principiou, nenhuma exigiu, logo de início, a conquista direta pelas armas como o Rio de Janeiro. Umas, lutaram desesperadamente agarradas a penedos litorrâneos, como Vitória, sacudidas pela selvajeria. Outras, como a Vila da Rainha de PÉRO DE GÓIS, sumiram, destroçadas por sublevações indígenas. Terceiras ainda, depois de bem plantadas, debateram-se até o triunfo contra a pirataria organizada em grande escala: as vilas costeiras da Bahia a São Luís, com os holandeses.

Tôdas porém fincaram seus primeiros esteios em boa harmonia com o aborígene infantilmente acolhedor. Mas o Rio, não. O francês ali precedera captando a simpatia de multidões tamoiás aguerridas e estimulando-as em seu inexorável ódio ao português. Foram ali necessárias a espada e a bombarda. O incentivo moral e intelectual do jesuíta, mais que preciso. Expedições bem planejadas e fèrreamente conduzidas.

Ergueu-se o Rio-de-Janeiro sôbre os destroços do maior campo de batalha do Portugal de quinhentos na América. Daí a sua origem étnica particularmente rude nos primeiros séculos.

Seus fundamentos são militares, e mesmo após a expulsão dos franceses, foi demorada a sua civilização. Longe da Bahia centralizadora e progressiva com a presença do governador-geral, longe de São Vicente amansada pelo jesuíta e pelos engenhos de MARTIM AFONSO, longe mesmo de Vitória impotente pela contínua luta contra o goitacá, o cenário selvagíssimo da Guanabara isolada não era feito para atrair e fixar de comêço logo, sensíveis massas de imigrantes estabilizadoras de um comércio criador

Sômmente os tipos mais aguerridos e audaciosos iriam abandonar outras colônias nascentes para fixarem-se entre os penedos e pântanos dessa baía tão linda mas tão desanimadora ao espírito essencialmente mercantil dos colonizadores da época.

Assim é que, quase nos fins do primeiro século, em 1584, apesar do Colégio da Companhia e do Hospital da Misericórdia denotarem apreciável organização social, só havia no Rio-de-Janeiro 150 colonos e três engenhos de açúcar ¹⁷⁶

Esta breve exposição dos origens do Rio é necessária para compreendermos o homem que foi habitar a região das lagunas de restingas. Daí é que partiu tôda a colonização inicial.

Não foi porém o centrifugismo demográfico do núcleo da Guanabara, de escassa população, que deu início à expansão ecumê-

¹⁷⁶ PÔRTO SEGURO — Obi cit , Tal I

nica do lusitano e de seus descendentes pela costa a leste da formosa baía. Para afrontar a selvajaria do tamoio irreductível, só mesmo os mais perdidos e indesejáveis ao convívio social. O contingente esparso dos primeiros habitantes das lagunas foi necessariamente o de evadidos à lei, em busca de um refúgio que, embora perigoso, lhes dava possibilidades de uma vida livre das galés e das grades tenebrosas das masmorras coloniais.

O meio geográfico mais uma vez selecionava. Atraía indivíduos justamente necessários para o primeiro contacto com a barbárie. Dêste modo purificava-se a atmosfera carioca, enquanto elementos incompatíveis com a nascente ordem social tornavam-se de outra maneira úteis no desbravamento da terra virgem, a Natureza tão complexa em seus propósitos, dá-nos sempre exemplos de uma economia de valores que a inteligência humana muitas vezes desconhece.

Na penetração continental dos primórdios onde a escassez de colonizadores tornava cada branco inestimável, os próprios tipos inadapáveis ao seu meio social, eram ajustáveis a zonas menos exigentes de cultura.

Com tais indesejáveis pois ao ecúmeno da Guanabara, é que vão se povoar as bordas marítimas das lagunas.

Geograficamente o caminho é fácil. Transposta a leste a ponta do Itaipuaçu, entra-se bruscamente nas restingas de Maricá, continuadas pelas da Saquarema e da Araruama. Não há florestas a derrubar. A própria topografia de línguas de areia paralelas ao oceano e limpas de vegetação indicam o rumo das entradas. Caminhos amplos e abertos nos cerrados dirigem naturalmente os primeiros passos para o nascente.

A natureza atraía orientando. E, a princípio, tôda uma patuléia de criminosos foi seguindo estradas previamente abertas pelo recuo do mar, em busca de valhacoutos e a coberto de surpresas. Seguiram-nos outros, menos delinquentes mas igualmente em tratos com a Justiça.

E assim começou o povoamento das restingas. Havia ali caça para o seu sustento. Mas a riqueza do peixe nas lagunas, orientou definitivamente a vida das primeiras levas, impossibilitadas mesmo do recurso bárbaro do saque nesse deserto sem caravanas.

Com a luta pela vida, o trabalho falqueja-lhe a bruta natureza humana. Inculca-lhe o espírito associativo, ao qual, por fim, até os mais rebeldes subordinam-se, em defesa própria. O individualismo retrai-se por necessidade e a lei do menor esforço agrega iniciativas espalhadas. É o primeiro passo para as aglomerações ecuménicas onde a grosseria primitiva esvai-se lentamente com o viver comum.

E assim, novos elementos mais associáveis vão chegando, colhidos porém sempre nas classes menos favorecidas.

A pesca não é polidora de costumes. Não gera a previdência com o manancial vizinho e sempre farto. Não cria necessidades novas com seu ambiente rotineiro. Quando muito há a secagem do peixe ao sol para a troca de produtos essenciais a permanência da vida, exclusivamente resumida ao vestiário e a alimentação. Nenhuma coação externa do próprio meio físico obrigando à melhoria da existência. Cabanas, rêdes, e artefatos de pescaria e domésticos aprendidos com o próprio índio, bastam a essas famílias que nascem vivem e morrem nas areias das restingas, sem cuidados nem contactos com o mundo que as rodeia, para o qual é preciso caminhar por longas vias nessa vida aberta à natureza. Religiosidade fraca. Quando muito, promessas a cumprir nas romarias às primeiras capelas que surgem longe em longe com os principiantes agrupamentos.

Assim é que morosamente evolve a gente das restingas que ainda hoje permanece quase a mesma, quando pela outra margem das lagunas, bordadas de morrarias e florestas, por todo o século dezenove seguia paralelamente em seu brilho meteórico a civilização cafeeira com suas centenas de fazendeiros particulares.

Dir-se-ia que o meio das restingas atingiu uma civilização-clímax, daqui por diante só impulsionada por elementos estranhos e eficazes, culturalmente orientados por uma ação direta dos governos.

Tal civilização, atualmente pouco difere de há cem anos. Viu-a SAINT-HILAIRE, com essa invulgar penetração característica de seus escritos que nos dão reproduções perfeitas dos locais que atravessou. Sôbre o homem das restingas marginais às grandes lagunas, dá-nos êle magníficas fotografias da época, preciosíssimos documentos de geografia humana. Transcrevendo alguns trechos, nada mais fazemos que ajustar a vida atual dêsses pescadores da laguna à vida remota de seus avoengos. Poucãs modificações notamos hoje, sobressaindo insignificantes comodidades domésticas, facilitadas pelo maior progresso das zonas vizinhas cortadas pela estrada de ferro

Internamente é quase o mesmo homem de há um século. Externamente, pouca é a diferença em seu viver. E o que se deduz a uma visita às suas casinholas, quase as mesmas que o Ilustre naturalista descreveu. Deixemo-lo contar-nos o que então viu.

"Depois de deixar o Rio-de-Janeiro quase nunca estive em presença de proprietários ricos; havia visto mesmo sômente indivíduos de uma classe inferior ou, se tanto, de classe média; mas, se entre êles eu vira muitos mulatos, talvez tivesse visto um número de brancos ainda mais considerável. Êstes últimos têm uma côr morena ou amarela pálida, olhos e cabelos negros. Não encontrei, em suas fisionomias, nada que lembrasse a raça americana, também, não vislumbrei nenhum sinal que caracterizasse a raça ne-

gra; entretanto não posso deixar de crer que alguns ancestrais de vários dêsses homens se haviam ligado a mulheres africanas".

Ainda não chegamos pròpriamente a zona das restingas. Mas êste é nesse tempo o caminho para as lagunas, e, pela mostra de **SAINT-HILAIRE**, vemos que a mesma migração saída da Guanabara, continua plebeia, o que ainda hoje se nota, atestando uma penetração irregular de pequenos fazendeiros e sitiantes.

Não é pois de admirar essa incultura geral e a grosseria dos costumes, quando o autor observa ainda, que, na própria fonte imigratória, o Rio-de-Janeiro vizinho, "as classes inferiores apenas adquiriram um fraquíssimo grau de civilização".

Vejamos, porém, o próprio habitante do areal costeiro das lagunas, adaptado ao próprio *habitat*. "Em tôda a extensão da restinga vêem-se, a pequenas distâncias umas das outras, palhoças que, sem exceção, apresentam aspecto de indigência. São construídas de barro, cobertas de colmo, baixas e frequentemente quase em ruínas. E ordinariamente a cobertura se prolonga para além das paredes laterais para formar um alpendre, onde são abrigadas uma canoa e uma rêde, índices seguros da profissão do proprietário. Como a natureza do solo não admite nenhuma espécie de cultura, não existem nem jardins nem plantações ao redor dessas míseras moradas. Nelas não se nota nenhuma imundície, mas não se vêem outros móveis além das rêdes, um ou dois bancos e alguns va-silhames".

Esta é a casa do pescador das lagunas. A mesma de hoje, quando isolada na restinga, desequilibrada muita vez pelo sôpro das ventanias, esburacadas quando o barro tem de vir de longe para os reparos.

O meio não facilita a construção da moradia, impondo ao rotineiro e inculto pescador condições domésticas dignas de um "Jeca Tatu". Não que o homem da pesca tenha o ânimo gasto de seu émulo, popularizado na ficção de MONTEIRO LOBATO. O pescador é sempre um forte, mesmo o da lagoa, diàriamente exposto a um trabalho permanente e muita vez sujeito às intempéries em longas noites inclementes dentro d'água.

Mas, hereditariamente acostumado à mesma vida, sem que lhe nasça por repercussões externas qualquer desejo de mudança, continua em seu isolamento a mesma existência de seus antecessores, imutável através de séculos. Inconscientemente é um fatalista.

"As mulheres ficam sentadas no chão no interior das palhoças ou nas soleiras das portas. Não têm por vestimenta senão uma camisa de algodão e uma saia dêsse mesmo tecido. Andam descalças, cabeça descoberta com os cabelos presos por uma travessa. Têm a pele de côr amorenada; algumas têm olhos bonitos; aliás não vi nenhuma que fôsse realmente bonita. Seus filhos, quase todos nus, se trazem alguma camisa ela está quase sempre em trapos. A pobreza dessas mulheres, suas miseráveis moradias, seus

hábitos, suas atitudes destituídas de graça, a nudez de seus filhos, fizeram-me lembrar as aldeias indígenas, e, entretanto são geralmente brancos os habitantes desta zona, ou, pelo menos, os que aí vivem parecem ao primeiro golpe de vista, pertencer na maioria a nossa raça".¹⁷⁷

É esta a mísera população que habitava as restingas de Saquarema. A pobreza do solo não admite iniciativas agrícolas. Mas justamente por isso é que êsse meio diretor de atividades, com o trabalho individual do pescador vai igualmente selecionar os tipos étnicos. Não há necessidade de braços servis, e o próprio nível de vida não os permite. Daí, a ambiência grupando hereditariamente o branco, enquanto a seu redor na Baixada, o trabalho agrícola crescia com a labuta do africano.

"Como os primeiros habitantes dos areas de Saquarema não possuíam fortuna, e seus sucessores são igualmente pobres, os escravos são muito raros nesse lugar; aí não encontrei, quase nunca, negros e deve haver também poucos mulatos. Mas se os habitantes de Saquarema parecem, na maioria brancos, não é todavia difícil de notar na fisionomia de vários dêles alguns traços da raça americana. O rosto dêesses mestiços é mais largo que o comum dos portugueses, cuja oval alongada forma o caráter distintivo; seus cabelos são lisos e muito pretos; enfim êles têm os ossos da face proeminentes e o nariz largo. Grande número de índios habitavam outrora a região; êles desapareceram, mas as crianças que surgiram das relações de suas mulheres com os portugueses, afeiçoando-se a êstes últimos, não ficaram expostas as mesmas causas de destruição que os índios, causas que uma organização mista e menos imperfeita tendia já a isolar".¹⁷⁸

Hoje em dia, mais raros são ainda os caracteres somáticos indicativos do sangue indígena oculto na população. O desaparecimento dêesses atributos continua um mistério em desafio aos antropologistas.

Há no Brasil um dêstes grandes paradoxos étnicos desorientadores, aparentemente derivados da própria ambiência, e que merecem estudos sérios de especialistas. Trata-se da notável divergência entre o somatismo das populações do norte e das do sul.

É sabido que, nas primeiras, a sobrevivência de caracteres somáticos do aborígene é tão forte que o nortista é geralmente bem caracterizado por êles, destacando-se pela braquicefalia e saliência dos zigomas. No sul, ao contrário, onde tão notável foi a influencia do mameluco tais caracteres desapareceram quase por completo. Dir-se-ia terem sido absorvidos pelas grandes correntes imigratórias européias do século passado e do atual. Certamente. Mas em zonas onde a ascendência do índio foi prodigiosa e onde até hoje não se

¹⁷⁷ SAINT-HILAIRE — Obr cit . págs 275-276

¹⁷⁸ SAINT-HILAIRE — Obr cit , pág 280

deu imigração sensível, tais caracteres deveriam ainda ser visíveis ao primeiro contacto com as populações locais.

Sobretudo em zonas como a das restingas, secularmente habitadas por descendentes de aventureiros cujo cruzamento com a massa ameríndia deve ter sido *intensíssimo*. Tais zonas são verdadeiras ilhas étnicas isoladas da grande miscigenação das fazendas e vilas do interior. E nelas nada vemos hoje que sugira um passado próximo de constantes ligações das duas raças.

Exemplo digno de estudos é o de São-Pedro d'Aldeia. Para ali foram milhares de índios, desde a fundação, arrebanhados pelos jesuítas. Enquanto dura a tutela da Companhia, vimos ter sido proibida a entrada do branco na aldeia, como também os índios não podiam afastar-se dela.

SAINT-HILAIRE que os viu em começos de novecentos, já frisa porém, que, "as relações entre índios, brancos e mulatos, multiplicaram-se. No relatório dos meados do século, acima citado, diz o vice-presidente da província ao referir-se aos "goitacases de São-Pedro": "o cruzamento das raças é aí geral e pronunciado".

Embora por esse tempo suas terras fôsem já ocupadas "por mais de 1 500 intrusos", é de surpreender que, raríssimamente tornem-se hoje visíveis sinais do intenso cruzamento então efetuado. Não é possível admitir que, com tão vasto afluxo de sangue indígena em uma costa densamente povoada por tribos locais ou emigradas em grandes levadas, sumisse o índio diluído na mestiçagem sem deixar vestígios.

A Genética não poderá explicar esse desaparecimento sem recorrer aos pendores adaptativos do meio físico. Possivelmente os fatores climáticos do Nordeste favorecem a perpetuação dos caracteres somáticos do índio, ao passo que no litoral do sul a Terra é mais propícia à conservação do branco que elimina totalmente os indícios biológicos da raça primitiva, absorvendo-os.

Esta ação do meio não parece ficar porém aí. Dir-se-ia que a seleção nas restingas vai adiante, num aparente mimetismo.

Já falamos da presença dessa população das planícies de restingas do norte, onde o tipo do muxungo é bem caracterizado.¹⁷⁹ De São-João-da-Barra para o sul, pelo menos até Barra-de-São-João, é sensível a predominância desse tipo exclusivamente branco, onde famílias inteiras e prolíferas apresentam tôda a criançada loura de olhos claros e comumente azuis.

Citamos SOUTHEY, historiando um cruzamento de piratas nórdicos naufragados no cabo de São-Tomé, e misturados com os indígenas, como origem possível de tão visíveis atributos. Não poderá todavia tratar-se de uma influência direta do meio arenoso, acentuando hereditariamente a brancura dessa gente e alourando-lhes o cabelo?

¹⁷⁹ LAMEGO FILHO, Alberto — *Planície do Bolar e da Senzala* Rio, 1934; "Muxungo e Mocarongo"

Deixemos a resposta aos antropologistas.

Voltando à maneira por que se deu o povoamento das lagunas, vemos que, a mesma dispersividade individualista da Saquarema, repetiu-se na Araruama. O espírito de trãnsfugas da sociedade foi o que ali penetrou. A antiga Mataruna, é a mais considerável reunião de casas existente na paróquia de Araruama, "não havendo outro arraial entre Saquarema e São-Pedro-dos-Índios". Mas são apenas vinte casas, "na maioria vendas ou pertencentes a pescadores", provãvelmente aglomerados devido ao rio do mesmo nome que oferece um pôrto aos lavradores da região.

Iguaba-Grande, é indicada apenas como uma venda. Mesmo em São-Pedro, "as casas todas, são de madeira e barro", entre as quais destaca-se o Colégio monumental.

Em Cabo-Frio, que já conta 200 anos de vida e de conhecida influência histórica, entre os seus 2 000 habitantes há "poucos negros e muito menos mulatos", o que prova insofismãvelmente, a mesma origem de Saquarema. A pequena percentagem de mulatos, indica o contingente fraco de africanos em sua vida bi-secular. SAINT-HILAIRE observa ali ainda o mesmo baixo nível social e mesmo racial. Ainda e sempre a pesca, Incapaz de produzir uma sociabilidade adiantada.

O isolamento no mar e na laguna conduzindo ao isolamento social. Os mesmos caracteres originais do homem de oeste ali se encontram. "Os homens que, aí pelo comêço do século XVII, penetraram o interior do Brasil, eram, sem dũvida aventureiros; mas alguns entre êles não eram destituídos de educação e todos possuam alma forte e perseverança. Ao contrário, os que povoaram as costas estêreis de Cabo-Frio, não podiam ser senão desertores ou criminosos banidos da pátria e que não tinham coragem para ir além do primeiro asilo que se lhes apresentasse a rota. Êsses homens terão ainda sido enervados pelo calor do clima e pelo ar dos pântanos; e uma parte de seus defeitos deve necessariamente ter sido transmitida aos pósteros. Notei nos colonos de Cabo-Frio essa frieza, essa indolência, essa estupidez que eu havia observado desde o Rio-de-Janeiro nos colonos do litoral. Os próprios cidadãos que se acham em nível superior a maioria, por sua educação, não são mais polidos que o restante de seus compatriícios"¹⁸⁰.

Assim descrito, o homem de Cabo-Frio, dos começos do novecentos, aparece-nos como um produto inegãvel do meio que não atrai imigração para a zona das restingas e estabiliza as sucessivas gerações numa população-clímax incapaz de evolucionar com seus próprios métodos de trabalho. "A paixão que os habitantes da região têm pela pesca inspira-lhes não sòmente o desamor ao estudo, mas ainda o desprezo pelas artes mecânicas".

¹⁸⁰ SAINT-HILAIRE — *Obi cit*, págs 332-333

Note-se que em Campos, pela mesma época a mesma incultura predomina entre as centenas de pequenos donos de engenhocas. Só a mudança nos métodos de trabalho com a descoberta da máquina, é que vai permitir uma rápida evolução cultural, como o senhor de engenho, acumulador das fortunas do açúcar, e dirigente esclarecido da vida rural. Há porém uma típica diferença entre os dois grupos em confronto. o do homem das aluviões e o das restingas. É que embora de mesma origem, e ambos caracterizados pela ausência de espírito gregário, o individualismo do primeiro é positivo. Acentuou-se pela influência do meio telúrico estimulante. O segundo é *negativo*. A ambiência dispersando-o, entorpeceu-lhe a capacidade evolutiva de criar. Duas psicologias e duas culturas divergentes, lado a lado assim evoluíram na planície costeira fluminense, determinadas pela ação inelutável dos fatores geológicos regionais, singularmente repartidos em dois setores contrastantes e bem definidos.

II. A CIDADE

"O desenvolvimento do Brasil, ao contrário do que se observa em outros povos, reclamou sempre uma movimentação de todas as suas células; cidades paradas são cidades mortas".

PEDRO CALMON: "História da Civilização Brasileira" 4ª edição, São Paulo, 1940, pág. 80

De tudo o que expusemos sobre a região fluminense das restingas, deduz-se logo a impossibilidade de existência atual de grandes agrupamentos urbanos sedimentados no passado.

Os fatores ecológicos do meio físico opuseram-se tenazmente à formação de grandes concentrações humanas. A magreza do solo impedindo a sua exploração agrícola, resultou numa dispersividade demográfica em vastas extensões rurais, refletida nas próprias cidades nucleares dessa população

A pecuária em pastos ralos, exigindo latifúndios, foi igualmente impropícia a tais aglomerações. Por outro lado, a pesca estabilizando uma mentalidade rotineira e fatalista, é em geral avessa à formação de grandes cidades, a não ser quando associada a indústrias suplementares.

Grandes portos marítimos podem ter-se originado em primitivos agrupamentos de pescadores. Mas o trabalho da colheita do mar, a não ser em regiões do extremo norte, onde a alimentação de grandes massas humanas à mercê de climas severíssimos, depende em primeira mão da abundância de grandes cardumes e de organizações de frotas poderosas, é desfavorável a acumulação de grandes fortunas, necessárias para o crescimento das cidades.

Um sem número destas, começaram de fato em palhoças miseráveis, plantadas em refúgios costeiros por gente que vivia da pesca. Inútil citá-las, bastando um rápido olhar retrospectivo a numerosas cidades mediterrâneas. A causa de seu engrandecimento, porém, sempre derivou de fatores outros, inerentes quer à própria terra por suas condições geográficas, quer ao próprio homem por seus atributos raciais.

O grande fator do desenvolvimento das cidades marítimas é geralmente o comércio, condicionado aos meios de transporte. A enseada ou o estuário primitivamente escolhidos pelos pescadores por motivos de abrigo ou de piscosidade, é que quase sempre induzem seus descendentes a utilizá-los para escoamento de produtos, quer provenientes da hinterlândia, quer recebidos de além-mar. O meio é que dirige e coordena as atividades. E uma vez criado um intercâmbio marítimo, os próprios governos se encarregam de os ampliar para fins econômicos ou militares.

Há casos, onde a superpopulação e o solo pobre impelem para a costa enormes massas humanas em busca de alimento. O do Japão, por exemplo, onde milhões de homens dedicam-se à pescaria. Mais próximo ainda, o da Islândia, cuja capital, Reyjavik, com 307 habitantes em 1800, e hoje 30 000. Sua frota de pesca de algumas chalupas antiquadas, em 1890, conta hoje cerca de duzentos veleiros, quase todos com motor auxiliar, e sua exportação que de 5 000 toneladas de pescado em 1885, sobe atualmente a 80 000, no valor de 200 a 250 milhões de francos.¹⁸¹ No próprio Mediterrâneo, todavia de margens tôdas pontilhadas de cidades e berço da navegação marítima, o desenvolvimento da pesca nunca teve uma expansão tamanha.

Por outro lado, porém, mas nem sempre, o contacto com o mar renovando hereditariamente gerações de bons marujos, faz nascer o desejo das viagens, e, pequenos vilarejos se transformam em grandes empórios, esporeados pela cubiça do comércio.

O meio físico prepara o homem para o mar, adapta-o ao cavername dos pequenos barcos para posteriormente aprumá-lo no tombadilho dos transatlânticos.

Como bem explica, CHARLES PARAIN, "a atividade da pesca parece ter construído unia das bases da potência marítima de vários países italianos desde os fins da antiguidade". Mas embora possua a Itália atualmente 100 000 pescadores e 38 000 barcos de pesca, nenhuma de suas grandes cidades litorâneas deve o seu engrandecimento exclusivamente à pescaria.

É com as indústrias e o comércio externo que nascem os grandes portos, mesmo quando tais atividades visam regiões distantes, isoladas por obstáculos prodigiosos. Trieste, com a bacia do Danúbio, Santos com o planalto paulista são exemplos do; mais vi-

¹⁸¹ PARAIN, Charles - *La Méditerranée* ■ ■ ■ ■ ■ 1936, pág. 53

vos do surgimento de grandes cidades, pela pressão das necessidades internas de expansão. Ambas com uma cordilheira à retaguarda, cresceram sob a pressão econômica ou política de territórios vertiginosamente progressistas, sem outra saída para seus produtos e sem outra via para a sua importação.

A atividade interna dos povos é que força a passagem para o mar, alimentando os grandes empórios do intercâmbio necessário à própria vida. Dêste modo, é compreensível a mediocridade dessas pequenas vilas costeiras que, de São-João-da-Barra para o sul vegetam pelos limites marítimos de uma região cuja grandeza econômica até os fins do Império foi inexcedível em tôda a História Brasileira. O Rio-de-Janeiro além de capital, um dos melhores portos do mundo, tudo absorveu. Todo o açúcar de Campos, tôda a lavoura da Baixada, todo o café do vale do Paraíba, para ali se escoava, em detrimento de qualquer outra saída.

O problema da capital vizinha agravou porém os defeitos de um litoral indesejável, pelos fatores geográficos da restinga, bloqueando as entradas ao continente. Não quer isto dizer, que, não tivessem êsses pequenos portos um brilho passageiro e contemporâneo do impulso particularista do senhor de engenho e do fazendeiro de café da Baixada Fluminense. As condições geográficas e o grau de cultura dessa época de meios de transportes terrestres lentos e deficientes, impuseram, o aproveitamento de trajetos imediatos, independentes e curtos para o litoral, contrabalançando as grandes velocidades atuais que levain volumosas remessas de produtos a enormes distâncias.

Daí terem sido as pequenas cidades fluminenses litorâneas das restingas, expoentes perfeitos de culturas distritais, sobretudo na época imperial. Mas em nenhuma delas, mesmo em Macaé nos fins do Império sob a direta Influência, da extraordinária expansividade campista, por ali escoando quase tôda a sua produção, notam-se perspectivas urbanas condizentes com a intensidade comercial daqueles tempos. Raros sobrados podem atestar fortunas transitórias de alguns negociantes, ou passageiras residências de senhores rurais. Porém quase tôda a arquitetura urbana dessas cidades, caracteriza-se por ruas Inteiras de humilde casaria acachapada e inexpressiva, revelando urna pobreza coletiva indifarável.

Por todos êsses agrupamentos revela-se a mesma pobreza que já assinalamos em São-João-da-Barra, que, nem mesmo lembra hoje os tempos mais antigos de suas tranquilas aspirações urbanas, apenas sacudidas de reboliços momentâneos de motins, longe em longe perturbando o ritmo de uma existência trabalhadora, calma e honestamente persistente. Nada parece ali agitar as ruas vazias, a não ser a passagem fugaz dos automóveis campistas em busca de Atafona, sobretudo no verão. Ao vê-la tristemente abandonada, com as ruínas de seus estaleiros outrora famosos, ressurgem à nos-

sa mente os tempos idos de seus primitivos casebres, de suas casas de Câmara cobertas de palha, de suas querelas caseiras de vigários, de seus índios marinheiros, de suas sentenças de juizes simplórios. Sua cadeia de paredes monumentais, alguns sobrados velhos e suas igrejas medíocres, é tudo o que sobe de um nivelamento de telhados rasos que copia o da planície onde a assentaram.

Macaé, embora recentemente melhorada com a urbanização de lindos trechos de sua topografia excepcional, não obstante o seu magnífico traçado, apresenta ruas inteiras quase desprovidas de habitações. De sua origem colonial, conserva apenas a igreja reformada de Sant'Ana, no alto de um outeiro onde o jesuíta contemplava um cenário marítimo deslumbrante. De seu passado imperial, ligado aos engenhos campistas, já notamos que apenas o Grande Balneário de Imbetiba construído para os viajantes de Campos, as ruínas da Alfândega e dos velhos cais por onde transilava o grossa do comércio da planície aguçareira.

Entretanto, o aspecto atual da cidade agrada logo ao visitante com o novo edifício do Palace-Hotel, a Prefeitura modernizada, o lindo prédio do Clube Abaeté e a beira-rio belamente ajardinada. Como testemunho do poderio do senhor de engenho vemos num alto ao fundo da cidade, o solar de Monte-Elíseo com sua muralha pomposamente acastelada.

Barra-de-São-João, já mostramos quase reduzida a uma rua de casiaholas decrépitas, singelas e humildes como o grande poeta que viveu com elas. Nada ali recorda o tráfego apreciável de seu rio fundo, a não ser o trapiche arruinado da própria casa do pai do imenso cantor da Saudade que ali nasceu. De todos seus edifícios, um somente lembra a chegada do colonizador. A igreja de São-João, no mais lindo dos promontórios de granito, na foz do rio, por trás da qual, no mais poético e mísero cemitério, o túmulo de CASIMIRO DE ABREU incrivelmente abandonado alveja solitário e desleixadamente ameaçando arruinar-se.

Cabo-Frio, de natureza impressionante, pouco excede a suas irmãs nascidas nas areias. A mão urbanística, de alguns preieitos, o raso cais e a ponte estadual, florescem-na de graça, moderna e suavizam a rusticidade arquitetural de um casario sem relevos, onde à parte um que outro sobrado, apenas salientam-se monumentos religiosos de valor histórico: a venerada cepelinha da Guia, o monumental convento de N.S. da Assunção e a matriz tão velha como a cidade. Todo o prestígio do sal da Araruama ali centralizado não parece haver contribuído, como deveria, pela iniciativa individual, para o engrandecimento da cidade histórica. Não há duvidar-se porém que, com o amparo que lhe dão atualmente os poderes públicos com a comunicação automobilística e ferroviária, e a substituição de sua, água côr de chá por outra mais potável, Cabo-Frio, só por suas magnificências naturais tem um futuro próximo amplamente garantido.

São-Pedro-d'Aldeia, pitorescamente assente numa elevação já não é mais o agrupamento de casebres de palha descrito por SAINT-HILAIRE. Mas a riqueza de suas salinas, nada fizeram ainda para que o seu próprio nome seja desmerecido. Em tôda essa aldeia grande, porém, em meio a construções inexpressivamente deprimidas, eleva-se um dos monumentos históricos mais interessantes, de nossa rústica civilização inicial, externa e internamente conservado em tôda a sua simplicidade primitiva. O Colégio dos Jesuítas de que já falamos com sua fachada atualmente oculta por uma igreja nova sem qualquer expressão artística, levantada por algum gênio da estupidez e que deveria ser dinamitada.

Araruama, núcleo de uma intensa vida rural do tempo do café e hoje grande centro salineiro, do ponto de vista urbanístico é um Cabo-Frio diminuído. Seus prédios térreos e seu longo e baixo cais apenas denotam a presença de uma vila incolor incompatível com suas dezenas de milhares de toneladas de sal. Seu grande hotel em construção, e, em tórno a êle, a vila de veraneio que igualmente se inicia, prometem todavia a esta cidade um desenvolvimento espetacular ante o panorama estarecedor da Araruama transparente e de águas quase amargas para os banhistas.

Saquarema é a mais esquecida das cidades de restingas. Distanciada da grande rodovia nada ali rememora o esplendor econômico de seus fazendeiros de café de cifra inexcedível por qualquer dos nossos municípios litorâneos. Saquarema é ainda uma vila típica de pescadores, com rua de casas à beira da lagoa. A sua longa ponte com seus pilares encimados por leões é uma das duas curiosidades locais. A outra é a igreja de Nazaré, copiando Barra-de-São-João, erguida no pedestal de uma bossa gnáissica que emerge isolada à beira mar entre areias, com seu cemitério igualmente sôbre as ondas e no mesmo estado de decrepitude. Saquarema dorme o ano inteiro, para só viver um dia, quando os romeiros invadem-na em multidões, em busca do templo no rochedo.

Resta Maricá. Sempre a mesma pobreza coletiva, sempre a mesma singeleza arquitetônica, sempre a mesma vulgaridade urbanística. Outrora um dos municípios de apreciável exportação agrícola onde até a uva era cultivada para fabrico de vinho, e hoje com sua lagoa um dos nossos grandes centros de pescaria. O único monumento da cidade, é entretanto a matriz, uma das mais velhas da Baixada-Fluminense.

Desta breve revista às cidades fluminenses das restingas, o que perdura, à parte inesperados motivos de beleza naturais, é a monotonia desolante de uma arquitetura sem relevos, retratando o estágio cultural da população urbana. E esta, por sua vez nos mostra, por sua evolução histórica e econômica, a influência do meio físico no destino dos agrupamentos regionais.

Todos êstes municípios com sedes plantadas em terreno estéril, foram eficazmente dinamizados por uma retaguarda de populações

rurais da Baixada onde a produção agrícola ou a colheita os estimularam. Os nomes de quase tôdas essas cidades celebrizaram-se com brasões imperiais, tal a fama aleatória que ganharam. São-João-da-Barra teve o seu barão. Cabo-Frio, dois viscondes, Saquarema foi baronato com grandeza. O marquês de MARICÁ, foi figura destacada, as suas *Máximas* até hoje são relidas, e a mesma zona deu-nos o barão de INOÃ.

Outros locais ligados à geografia das restingas foram igualmente brasonados. Barão de ITAIPU, visconde de SEPETIBA, com grandeza, barão de ITACURUÇÁ, com grandeza, conde de ITAGUAÍ, com grandeza, e ainda barão de MANGARATIBA, todos êstes títulos comprovam a nomeada em que era tida tôda esta faixa litorânea fluminense, onde a feitura do contorno continental subordina-se ao fenômeno da simplificação da linha costeira pelo dinamismo construtivo do mar.

Nem todos eram nascidos no lugar, como o 1.º visconde de CABO FRIO, que era baiano, o segundo, carioca, o conde de ITAGUAÍ, paulista, o barão de SAQUAREMA e o marquês de MARICÁ ambos cariocas. Mas o nome das cidades e vilas de restingas atraía os titulares ou eram lembrados pela Côrte. Todos êsses pequenos agrupamentos tiveram pois o seu fulgor passageiro na nobiliarquia nacional.

A Geografia, porém, é soberana. Nada sobrevive contra os dispositivos naturais de um meio cujos fracos atributos não permitem uma contínua progressão ao par de regiões vizinhas mais atraentes de possibilidades e mais ativadoras de um impulso criador.

O exemplo das cidades das restingas é frisante. O lustre momentâneo com que as assinalou a própria nobiliarquia, foi illusório. Tôdas foram paralisadas atingindo um clímax pré-traçado pelas condições ambientais. A influência externa da civilização cafeeira, da Baixada, estimulou-as, mas provisoriamente, e elas regrediram com a decadência das fazendas. A própria cultura da cana em Campos sempre em acelerada progressão desde os primórdios, não pôde impelir continuamente São-João-da-Barra para a frente.

Daí, porém, a condenar-se a região como incapaz de permitir uma elevada civilização há um êrro enorme. Porque o Homem coletivamente organizado e cientificamente aparelhado tem possibilidades quase infinitas. O progresso das cidades das restingas, irmana-se ao próprio progresso do país, onde uma população com tamanho índice de crescimento, embora se alastrando sôbre os planaltos internos jamais abandonará definitivamente a irresistível atração do mar. O povoamento de regiões costeiras de grandes espaços abertos como a *Baixada-Fluminense*, irá sempre em crescimento acarretando problemas econômico-sociais de solução premente para os governos. O saneamento, a abertura de portos, o

melhoramento da terra pela Genética Vegetal, são casos que inevitavelmente aparecerão.

Com o adensamento da população, e com ela o vulto de sua economia, casos certamente surgirão de imediata e inadiável execução pelos poderes públicos, cada vez mais tangidos a regerem os destinos coletivos. Já o saneamento foi um dêles que a iniciativa governamental viu-se impelida a solucionar. O melhoramento do solo pela Genética Vegetal ou por outros processos de beneficiamento, é outro que já começa a se esboçar, numa crescente aparição. A abertura de portos será, um terceiro, futuramente necessário. E assim, a atenção e o cuidado dos governos, cada vez mais atraídos para os problemas econômico-sociais do povo da Baixada,, terminará por focalizar-se num plano de conjunto, de magno interesse para o Estado do Rio-de-Janeiro.

Que êsses municípios litorâneos tão longamente estacionários começam a mover-se, prova-nos o rápido crescimento da arrecadação federal, estadual e municipal, durante o último quinquênio. Tal sintoma é promissor. As cidades das restingas deixam a estagnação em que fatalidade cósmica as imobilizou. E, de todos os fatores que as levarão a sacudir a sua, inércia, o retorno ao mar do prolífico homem da Baixada, premido pela própria expansão demográfica contra a cordilheira, será fatalmente decisivo, impondo uma l'orçada preparação da terra litorânea para os receber.

III. A PESCA

"A indústria do mar que havia feito uma ruína, sucedeu a indústria do homem que fez um povo"

VITOR HUGO: "Les Travailleurs de la Mer",
Ed Nelson, vol 1, pág 17

Como de esperar das condições geográficas resultantes do fenômeno das restingas, a formação das lagunas costeiras deveria forçosamente orientar as atividades regionais para a pesca como base essencial da vida humana nos estéreis areais. E foi de fato o que observamos da Sepetiba à Araruama, desde os tempos pré-históricos. Os numerosos sambaquês em toda essa faixa litorânea dos areais fluminenses, atestam a abundância de moluscos tão buscados pelos índios. Os casqueiros de "Concheiras" por exemplo, a 24 quilômetros da costa atual, por seu vulto dizem o que foi essa corrida pré-histórica do aborígene, atraído para o mar pela latura do alimento \$ mão

Mais tarde, coin a sua aparelhagem primitiva que preciosa-mente nos legou, inicia o indígena, com as verdadeiras pescarias, o regime de trabalho copiado pelos europeus, dando a êstes um

rumo definitivo em seu modo de viver que viria com o andar dos séculos, ao mesmo tempo que os nutria, estagná-los numa psicologia rotineiramente consolidada.

Sob nenhum outro aspecto, a influência do índio é ainda hoje tão marcante, nessa população litorânea, como nos processos individuais de pesca nas lagoas da planície. Muita coisa dêle herdamos nos instrumentos e métodos de trabalho. O juquiá que bate os fundos rasos a fim de aprisionar o peixe em suas paredes de taquara, o puçá que colhe o camarão, a canoa cavada num tronco, o jirau e a esteira em que comumente dormem, as cuias, balaio, arupemas, cordas de embira e panelas de barro, a pintura das rêdes com infusão de aroeira, as próprias palhoças tôscamente elaboradas, e sobretudo essa apatia fatalista, essa indiferença e insociabilidade do *muruango*, lembram incisivamente a sobrevivência de atributos raciais da gente americana primitiva, hereditariamente estabilizados pela inércia do meio incapaz de os incitar a evolver. A terra absorveu o homem, adaptando-o às Unicas possibilidades naturais. Os impulsos inatos e oriundos da ascendência européia foram secularmente amortecidos no cansaço físico das caminhadas sôbre os areais.

Se no vácuo demográfico das planícies de restingas torna-se êsse tipo um tanto raro de encontrar, o mesmo espírito todavia mais amiudadamente predomina entre os pescadores de camarão das grandes lagoas, magistralmente retratado na Araruama, em Agua-Mãe de LINS DO RÊGO. Solitários e notívagos canoeiros enregelados sôbre as águas, cujas tochas pontilham a escuridão, ao longe, mais perceptíveis que o drama social oculto na alma anônima dessa coletividade esparsa e embrionária. Dramaticidade mais pungente quando a vemos proceder de seculares recalques inconscientes de uma etnia hereditariamente impossibilitada de, por si livrar-se dos fatôres ambientais entravantes.

Com tudo isto, o pescador de camarão pela sua tenacidade e com seu equipamento rudimentar, é um dos elementos de grande contribuição econômica na exploração das lagoas. Na Saquarema, o crustáceo aparece mesmo, segundo as melhores autoridades, como "a base mais sólida da economia dos pescadores locais".¹⁸² A colheita às vêzes é tão grande que, a fêmea de uma das espécies conhecida por "puaba", é muito procurada por tropeiros que descem das vizinhanças, regressando com as cangalhas entulhadas.

Não se limita porém êsse pescador à cata do crustáceo. Isoladamente a sua tarrafa e as suas linhas sensivelmente contribuem para o volume de peixe exportado, sendo a notar na mesma laguna a pesca do robalo.

Bem mais importante porém, torna-se a indústria da pesca em todo o litoral fluminense das restingas quando centralizada

¹⁸² FARIAS, Ascênio de, c MACANHÃES, Elzemann — *Lagoa de Saquarema*. Publ. do Serviço de Caça e Pesca. Rio, 1939, pág. 6

em pequenos agrupamentos à beira-mar. De costas para uma terra improdutiva, o homem explora o farto manancial do Atlântico, estendido a sua frente.

De longa data viu-se êle pois atraído para êsse modo de viver. Já assinalamos a mais velha fundação na foz do Paraíba, em 1632, constituída de algumas cabanas de pescadores de Cabo Frio. A de Macaé, em princípios do mesmo século. No rio das Ostras, que ainda é hoje um simples arraial de pescadores, o próprio nome indica a importância da colheita no mar, como base da vida coletiva.

Logo após a tomada de Cabo Frio agrupamentos de pescadores nascem nessa costa pródiga de abrigos seguros em suas numerosas enseadas desde a baía Formosa até a Praia Grande na restinga de Massambaba. Cobiçadas tornam-se logo então essas angras, arrematadas por contratadores de pesca. O mapa regional, inserto no terceiro volume de *A Terra Goitacá* de ALBERTO LAMEGO, discrimina todas essas pescarias no primeiro quartel. do século XVIII, com a nomenclatura que até hoje sobreviveu. Delas a mais importante é a da Armação dos Búzios, para a pesca de baleias, praia tão ambicionada que origina entre os jesuítas e colonos lutas pela sua posse.

A relação destas pescarias que excedem a uma dezena, inclusive a dos índios na Ponta dos Búzios, mostram a importância, da pesca em Cabo Frio já por êsse tempo, sendo grande a concorrência "Os moradores e os que têm posses, têm suas pescarias particulares e aí não pode pescar pessoa estranha, sem licença dos donos".¹⁸³

No interior da Araruama o mesmo reproduz-se. Ao passar por ali em princípios do dezenove, SAINT-HILAIRE diz que "a pesca ainda é uma das ocupações favoritas dos índios" de São Pedro, e descreve Mataruna, como uma feira de casas, "na maioria vendas ou pertencentes a pescadores".¹⁸⁴

De Cabo-Frio a Itaipuaçu, na costa lisa e desabrigada da restinga, dois são apenas os pontos rochosos que atingem o mar: o rochedo de Saquarema e a Ponta Negra. Em ambos também chegam logo os pescadores, como vimos no relato histórico, e passam das lagunas para o mar, galgando a língua de areia. Com suas primitivas cabanas é que nasce e lentamente evolve a cidade de Saquarema. De palhoças idênticas surge Maricá.

Pela costa restante de Itaipu a Marambaia, as atividades pesqueiras sempre foram absorvidas pela espaçosa Guanabara, abrigadora de centenas de embarcações que singram na própria baía ou dali saem para o Atlântico. Só no refúgio da Sepetiba, mais distanciado, é que iremos encontrar os núcleos dêsse nome, da Pedra e de Itacuruçá, de onde as canoas podem sair tranqüilamente sobre as águas protegidas pela Marambaia.

¹⁸³ LAMEGO, Alberto — *A Terra Goitacá* Vol III; págs 264-265

¹⁸⁴ SAINT-HILAIRE, Augusto -- *Obi cit*, pág 288

Quase tôdas essas cidades de restingas, mesmo Cabo Frio e Macaé criadas por motivos estratégicos, nasceram de fato e historicamente se mantiveram sobretudo pela pesca. Foi êsse trabalho que acima de tudo criou essa "psicologia do pescador", anteriormente assinalada, transmitida por gerações, e tão visível em tôda a população dêsses núcleos litorâneos.

Dos fatores geográficos originados pela restinga, procede essa cultura mirrada e essa mentalidade amortecida pelo meio, que só agora, com a orientação governamental começam a desvencilhar-se de complexos hereditários. O Código de Pesca, e a sua aplicação pelo Serviço de Caça e Pesca, vêm quebrar rotinas seculares, agrupando esforços dispersivos, e dando um novo rumo e amparo a tôda uma classe desprotegida.¹⁸⁵

A nacionalização da pesca, a matrícula dos pescadores, as associações de classe, a regulamentação dos métodos e da aparelhagem das pescarias, a delimitação das zonas de cada colônia, o Conselho de Pesca cientificamente estruturado, a fiscalização técnica, as restrições e penalidades, vieram criar um novo órgão social, coordenador, de iniciativas de uma gente indiscutivelmente valorosa pela própria profissão, porém sempre abandonada e enredada nas próprias malhas do fatalismo telúrico.

A construção e a exploração dos Entrepostos de Pesca é um dos maiores benefícios dêsse Código, afastando a ganância dos intermediários, açambarcadores da produção que furtavam primeiro o produtor em seu trabalho para, em seguida, impunemente pilhar o consumidor.

Estamos apenas no comêço. Com a crescente e necessária intromissão do Estado na coordenação das atividades sociais, é fácil prever-se a grande missão do Serviço de Caça e Pesca. A criação de escolas e a melhoria da habitação é o primeiro problema a resolver nesse meio tradicionalmente atrasado, onde vimos o homem pouco acima do estágio cultural do índio que legou-lhe com grande parte de seu equipamento, costumes e hábitos de uma vida rotineira e insensibilidades atávicas de pernicioso negligência.

Passo dos mais eficientes dado pelo govêrno para coordenação do trabalho esparso dos pescadores profissionais, foi a sua obrigatória associação em colônias de pesca oficializadas. Diz-nos GUIDO GIBELLI que o número daqueles no litoral fluminense, ascende a 18 000.¹⁸⁶ Não tendo a mão os resultados ainda inéditos do recenseamento de 1940, somos porém forçados a lidar apenas com as cifras bem inferiores dos matriculados no Distrito Federal e Estado do Rio:¹⁸⁷

¹⁸⁵ Decreto-lei n.º 794, de 19 de outubro de 1938

¹⁸⁶ GIBELLI, Guido — *A Indústria da Pesca* Observ. Econ e Financeiro N.º 26, março de 1938, pág. 57

¹⁸⁷ Dados da Confederação Geral dos Pescadores do Brasil



Fig. 124 — Os pontais de restingas que mobilizam a foz do Paraíba.

(Aerofoto CAMILO DE MENESES)

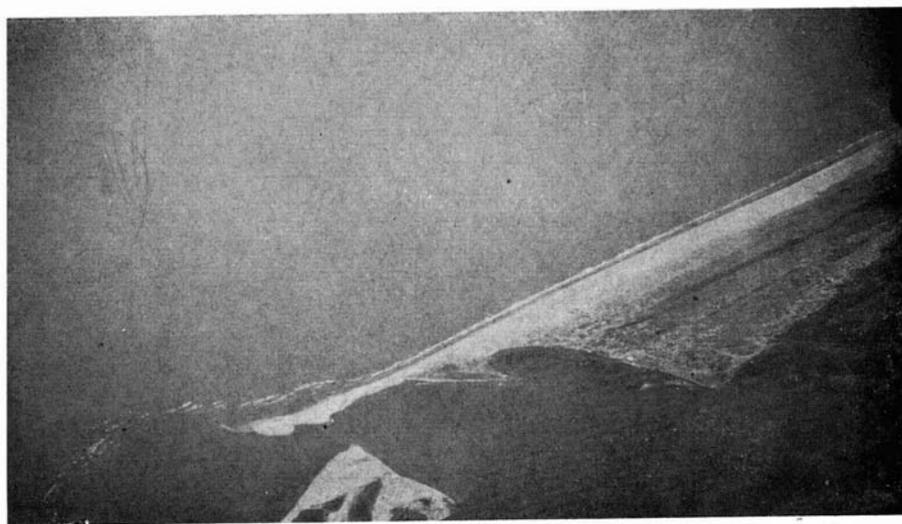


Fig. 125 — O pontal da margem sul da foz do Paraíba, estrangulando o rio em 1940.

(Aerofoto A. R. LAMEGO)

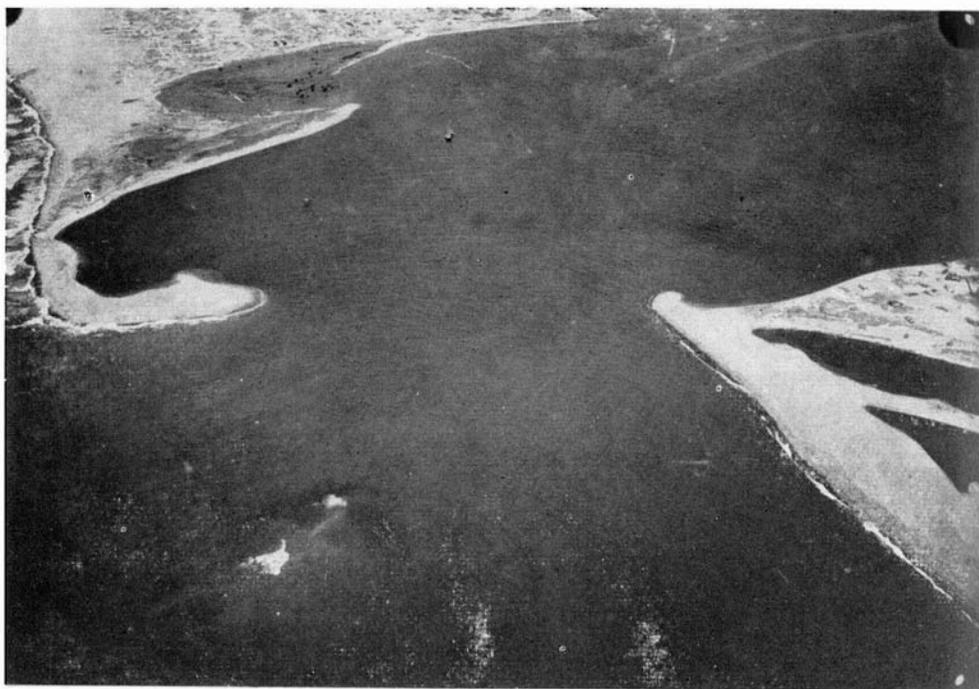


Fig. 126 — A foz do Paraíba vista do mar em 1936.
(Aerofoto KAFURI)

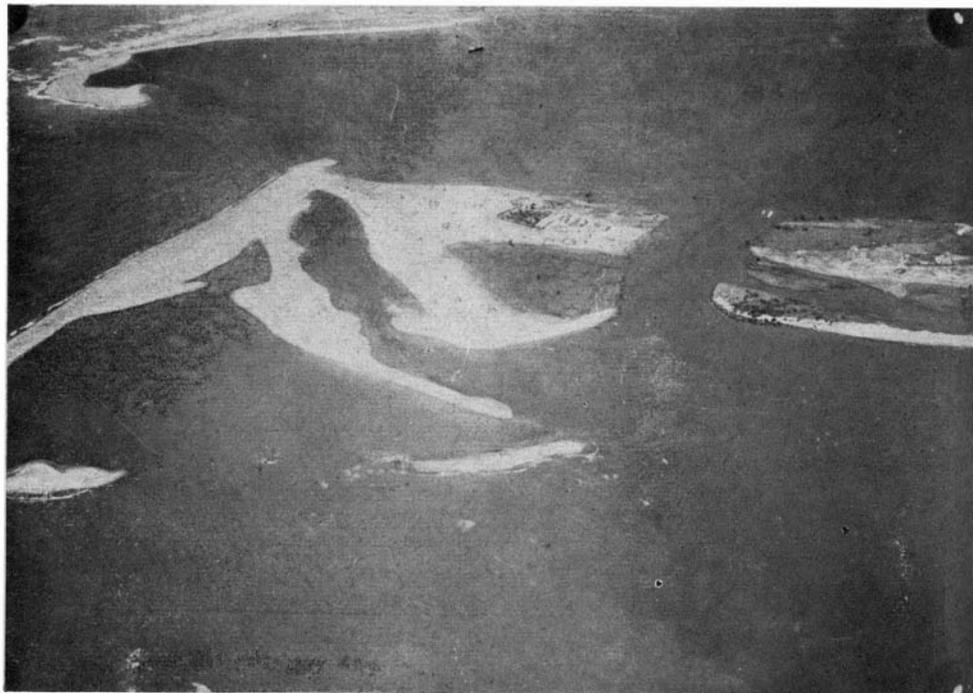


Fig. 127 — A ilha da Convivência com sua colônia de pescadores, na foz do Paraíba, vendo-se o novo canal aberto nas restingas pelo rio, e que se vai rapidamente alargando.
Ao alto e à esquerda os pontais da foz do Paraíba.
(Aerofoto KAFURI)



Fig. 128 — *Pitoresca habitação de pescador na foz do rio Macaé.*

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 129. — *Aspecto do povoado de pescadores Convivência pontal norte da foz do Paraíba.*

(Foto CAMIL DE MENESES)

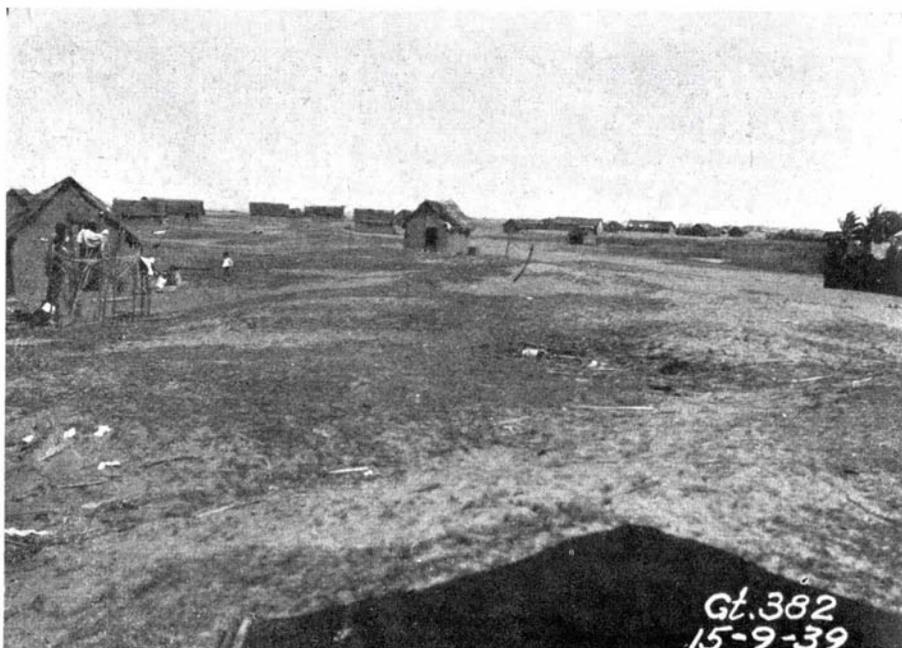


Fig. 130 — Vista geral da convivência, com seus casebres de pescadores.

(Foto CAMILO DE MENESES)



Fig. 131 — Cabanas de pescadores em Convivência.

(Foto CAMILO DE MENESES)

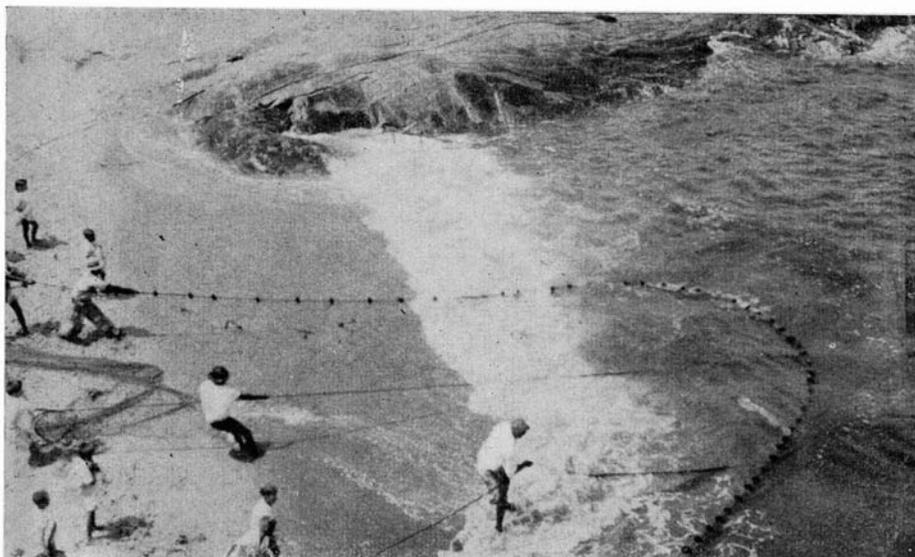


Fig. 132 — Pesca de arrastão na praia de Imbetiba em Macaé.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 133 — Mercado de peixe em Macad.

(Foto A. R. LAMEGO)

DISTRITO FEDERAL

<i>Colônias</i>	<i>Pescadores matriculados</i>
Z-1 Praia de Jequiá (Ilha do Governador)	306
Z-2 Praia do Galeão (Ilha do Governador)	227
Z-3 Praia José Bonifácio (Ilha de Paquetá)	58
Z-4 Maria Angu (Olaria)	521
Z-5 Quinta do Caju	570
Z-6 Copacabana. (até Camorim)	244
Z-7 Barra de Guaratiba	100
Z-8 Pedra de Guaratiba	81
Z-9 Sepetiba	191
	<hr/>
	2 298

ESTADO DO RIO

<i>Colônias</i>	<i>Pescadores matriculados</i>
Z-1 Itacuruçá	1300
Z-2 Mauá	150
Z-4 Majé	30
2-5 Angra	1460
Z-6 São Gonçalo (Neves)	563
Z-7 Paratí	950
Z-8 Jurujuba	750
Z-9 Ilha Grande (Enseada do Abraão)	?
Z-10 Itaipu	196
Z-11 Ilha Grande (Enseada das Palmas)	?
2-12 Maricá (Praia de Araçatuba)	200
2-14 Saquarema	228
Z-16 São Pedro d'Aldeia	320
2-18 Cabo-Frio	1200
2-20 Macaé	650
2-22 Ponta Grossa dos Fidalgos	205
2-24 São-João-da-Barra (Convivência)	450
	<hr/>
	8 672

São apenas uns poucos milhares. Mas para que se veja o vulto de seu trabalho basta um rápido olhar à produção dessas colônias, entregue ao Entrepasto do Rio-de-Janeiro durante o ano de 1940: ¹⁸⁸

¹⁸⁸ Dados do Setvico de Caça e Pesca

ESTADO DO RIO

<i>Colônias</i>	<i>Quilos de peixe</i>	<i>Valor em mil réis</i>
Cabo Frio	1 376 313	2.327:099\$500
Maricá	3 415 650	1.931:312\$200
Saquarema	102 143	446:921\$600
Macaé	44 095	134:362\$600
São João da Barra	7 894	29:583\$800
São Pedro d'Aldeia	183 040	592:641\$900
Campos (Ponta Grossa)	19 095	56.408\$000
Angra	212 205	601:386\$600
Ilha Grande	1 820 967	1.435:586\$300
Majé - Mauá	45 513	167:229\$300
Niterói	428 304	530:503\$700
Parati	39 172	138:019\$800
São Gonçalo (Itaipu e Guana- bara)	273 951	1.781:858\$400
Itacuruçá	285 702	819:180\$000
	8 254 049	10.992:093\$700

DISTRITO FEDERAL

<i>Colônias</i>	<i>Quilos de peixe</i>	<i>Valor em mil réis</i>
Guanabara	1 972 047	3.934:319\$300
Costa até Barra da Tijuca	2 417 010	1.380:827\$000
Barra de Guaratiba	145 002	248:835\$700
Pedra de Guaratiba	33 207	75:071\$200
Setpetiba	78 935	350:479\$700
	4 646 201	5.989 :532\$900

O total de pescado brasileiro, que passou pelo Entrepasto do Rio de Janeiro nesse ano, foi de 18 488 095 quilos, vendo-se que, cêrca de metade proveio da costa fluminense.

A maior parte destas pescarias, efetuadas nas lagunas ou proximidades da praia, revelam a importância do pescador das res-tingas como fator econômico e biológico, não sòmente para a população do Rio de Janeiro, mas para tôda a zona servida por êsse Entrepasto. Notável entre tôdas é a produção de Maricá, com mais de um têrço do total fluminense, embora o valor monetário

de sua exportação de peixe, seja inferior ao de Cabo Frio onde espécies melhores são colhidas.¹⁸⁹

Mau grado pois, a degenerescência aparente dessa população litorânea, das restingas, seus atributos raciais primitivos emergem na etnia involuída e despontam na exploração do mar, idênticos aos dos antepassados imigrantes na exploração das ondas verdes de canaviais e de cafézais pelo restante da Baixada.

O que lhes falta é apenas o impulso oficial, elevando-lhes a mentalidade pela educação, instruindo-os sôbre os mais modernos processos de colheita, amparando-os tecnicamente, coordenando seus esforços num ramo de trabalho que, por si, é essencialmente dispersivo de atividades. É esta a maior tarefa agora imposta ao Serviço de Caça e Pesca. Múltiplas são as questões conexas ao problema nacional da pesca. Sem penetrarmos a fundo no assunto, citemos apenas um de seus melhores especialistas, GUIDO GIBELLI que, preconizando uma organização científico-industrial, sugere bases para uma solução racional. Entre elas destacaremos os modernos barcos mecanizados, melhores meios de captura, maquinaria e aparelhagem própria para o tratamento mecânico do pescado fresco, utilização das sobras, e congelação e refrigeração mais eficientes.¹⁹⁰

Papel dos mais importantes caberá por certo às indústrias de conservas de peixe, já promissoramente bem nascidas com as emprêsas de Cabo Frio, São Gonçalo e Angra dos Reis. Acima de tudo porém, o de que mais necessita o pescador fluminense, notoriamente o das restingas, é a elevação de seu nível cultural por meio de escolas primárias ou profissionais, — entre as quais destacaremos a recente e modelar fundação “Darci Vargas” na

¹⁸⁹ Foram as seguintes as principais espécies de peixes recebidas no Entrepasto, em 1940:

	Quilos		Quilos
Badejo de alto mar	531 308	Namorado	466 499
Batata	391 268	Palombeta	435 544
Cação	187 709	Pargo	174 317
Camarão miúdo . .	127 913	Pescadinha	137 517
Camarão rosa médio	255 270	Pescadinha bicuda	117 592
Camarão verdadeiro grande	290 230	Pescadinha de alto mar	275 420
Camarão verdadeiro médio	231 939	Sardinha boca torta	20 320
Corvina grande	316 657	Sardinha Inje	355 038
Corvina média	120 084	Sardinha verdadeira grande	6 119 676
Enchova	318 652	Sardinha verdadeira pequena	1 051 580
Galo	526 637	Sioba	293 868
Garoupa 2ª (dos Abrolhos)	870 501	Tainha	162 116
Goeta	183 737	Vermelho	265 202
Mero	28 777	Xaréu	107 149
Lagosta	511	Xatelete	564 914
Muzundu	726 524		

Sem contarmos com dezenas de outras espécies que totalizam a produção geral, basta esta relação elevadora de uma rica e variada fauna marinha na costa fluminense, para que a um só tempo se manifeste a eficiência desses poucos milhares de pescadores e as possibilidades latentes para um grandioso desenvolvimento de pesca e de indústrias anexas

¹⁹⁰ GIBELLI, Guido — *A Indústria da Pesca* Observ Econ e Financeiro, n° 26, março de 1938. pág. 57

Marambaia —, e a higienização de seu *modus vivendi* com o abandono definitivo das palhoças por uma vida atualizada em boas habitações.

Tão prementes são estas duas necessidades para a nossa classe de pescadores, que, fiscalizadas ambas pelo govêrno através do Serviço de Caça e Pesca, bastarão por si para metamorfosear tôda a paisagem humana do friso marítimo fluminense das restingas, onde um novo homem certamente surgirá com a libertação de seus caracteres raciais ocultos, elevando-o à cultura moderna por uma nova mentalidade compreensiva de seus direitos adquiridos numa existência rudemente trabalhosa e predispondo-o a um gôzo da vida que até hoje lhes negou a tremenda pressão ambiental dos areais improdutivos.

IV. O SAL

"Por esta baía entra a maré muito pela terra a dentro, que é muito baixa, onde de 20 de janeiro até todo o fevereiro, se coalha a água muito depressa e sem haver marinhas, têm os índios o sal coalhado e ôuro, muito alvo, às mãos cheias, de baixo d'água chegando-lhe sempre a maré, sem ficar nunca em seco"

GABRIEL SOARES DE SOUSA: "Tratado Descritivo do Brasil" em 1587" 3ª edição, São Paulo, 1938, pág. 86

Processos geológicos de mesma origem amiúde apresentam efeitos paradoxalmente contrastantes. Um deles é o da formação das restingas. Estéreis e semi-desérticas ao se desdobrarem repetidamente paralelas nas grandes planícies litorâneas, podem elas ao contrário motivar formas geográficas a um só tempo singulares de beleza e prodigalizoias de fartura.

A piscosidade das lagunas intermitentemente abertas para o mar é fato que frisamos. Mas no caso da Araruama a abastança da pesca é multiplicada pelo fenômeno da salinidade

A gênese das restingas, por si mesma, tende a represar águas marinhas, sendo comuníssima a salobridade das lagunas próximas à linha das praias. Um dos exemplos mais característicos é o da lagoa Salgada a oeste do cabo São Tomé, de águas sempre amargas, onde já o carbonato de cálcio começa a precipitar-se. Grandes áreas lacustres todavia, embolsadas na faixa litorânea, raramente atingem grande salinidade, pela contínua vazão dos rios que nelas desembocam. É o caso da lagoa Feia constantemente adocicada do Macabu e do Ururaf.

Os pequenos cursos defluentes na Saquarema e na Maricá, de superfícies relativamente reduzidas, bastam para dissolver a água do mar que nelas penetra quer pelas barras provisórias, quer por infiltração através do cômodo.

A Araruama, porém, é por demais vasta. Os pequenos rios que nela vertem escassamente contribuem para o seu volume d'águas alastradas por tão grande superfície e vaporizadas pelo vento e pelo sol dos trópicos.

A paleografia litorânea regional mostra-nos que há milhares de anos predispusera a Natureza aí o seu traçado. O serrote costeiro e delimitante ao sul das bacias do Casserebu e do Bacaxá, embora quebrado ao perlongar a Araruama pelo norte, não permite a formação de rios volumosos desaguando na laguna. Todos êles são pequenos; quase secos na estiagem. A Araruama não é um reservatório de rios como a lagoa Feia. Praticamente é um braço de mar.

Deve ter sido profunda em sua origem lacunas, visto que, uma grande espessura de conchas forra seu leito hoje tão raso.

A urna investigação geológica, a salinidade da Araruama é perfeitamente normal e continuamente renovada pelos mares de uma costa onde nenhum rio de importância desemboca. O mais próximo é o São-João. Mas embora a direção da sua foz revele correntes litorâneas arrastando para o sul tôda a massa d'águas do rio, a ponta dos Búzios torce-a para leste, impedindo-a de chegar a Cabo-Frio e levando os sedimentos para o largo. O mesmo se dá com o pequeno Una, já filtrado em pantanais.

Daí a pureza incomparável dêsse mar transparente igualmente impoluído para oeste, onde só a 110 quilômetros do cabo a Guanabara é a única brecha permanente, recebedora dos pequenos rios de seu recôncavo.

A beleza incomparável do mar de Cabo-Frio deve-se a esta ausência extraordinária de rios de vulto. Tôda a carga dos pequenos cursos é depositada, nas lagunas, aterrando-as, ou nos brejais dos fundos da Guanabara, lentamente obstruída, além de que, os sedimentos do São-João e do Una, — já filtrados em vastíssimos pantanais —, também derivam para leste, dirigidos para o mar alto pelos Búzios.

Por isso é que um mar tão puro e salgado, através do canal de Itajaru entra na laguna onde a escassez de cursos d'água e a evaporação a transformam em precioso manancial salino.

O sal é ali conhecido desde os primeiros anos da penetração. Já citamos GABRIEL SOARES em seu Famoso *Tratado*, de 1587. Outros cronistas também mencionam a riqueza natural de Cabo-Frio

Frei VICENTE DO SALVADOR, é um dêles "Faz-se no Brasil sal não só em salinas artificiais, mas em outras naturais como em

Cabo-Frio e além do rio Grande, onde se acha coalhado em grandes pedras muito e muito alvo”.¹⁹¹

Além de indispensável na alimentação, o sal torna-se lego no Brasil de consumo vasto a partir dos tempos primitivos. Com a caça, a pesca e a farinha do índio, sustentam-se os pequenos povoados litorâneos iniciais, sempre à beira d'água e rodeados de florestas. Ampliando-se porém os agrupamentos e desenvolvendo-se a vida urbana, aumentam e complicam-se as necessidades alimentícias decorrentes da crescente urdidura social. O abastecimento de vilas e cidades não mais à mercê da fartura da fauna fugitiva, baseia-se no sério problema dos transportes, tão difíceis e escassos na extensão continental a desbravar-se. Torna-se imperiosa a criação de reservas para o sustento desses grupos isolados que, projetando-se para o interior dão origem a novos povoados, cada vez mais necessitados de provisões seguras para seu viver. Daí a importância do sal.

Nas povoações do litoral, o peixe e a carne de baleia garantem a vida dos colonos, mas assim mesmo há precisão de armazenagem de comestíveis. E a salga das pescarias vem solucionar as alternativas de boas e más colheitas. É sobretudo, porém, com o desenvolvimento da pecuária que a importância do sal revela-se um problema de imediata solução. Do Rio-Grande-do-Sul a Marajó, pelos campos de Curitiba, de Goiás, de Mato-Grosso, de Minas e da Bahia, por todo o Nordeste e sobre as planícies costeiras fluminenses, o desenvolvimento das boiadas vão logo dando ao Brasil, de par com a produção açucareira, os primeiros alicerces de toda a sua economia.

Mas com essa riqueza, nasce a questão dos transportes. Por mais estradas que se rasguem, e por mais navios que sulquem o mar, supera-os a proliferação das manadas. E o entrelaçamento econômico engrandecido, agrava o problema do escoamento da produção. Ademais, com o gado, esse problema envolve o da exportação de carnes e couros para a Europa necessitada. O campo é enorme para a pecuária e seus produtos.

Em sua História *Econômica* ROBERTO SIMONSEN dá-nos a ver a importância da criação do gado no desenvolvimento financeiro da Colônia. Sem o boi não se teria desenvolvido a pesada indústria açucareira, grande consumidora de manadas. As condições geográficas de quase todo o litoral brasileiro com a opulência do açúcar, exigiam atividades sertanejas correlatas ao prodigioso desdobramento dos engenhos. A pecuária desenvolve-se pois, internamente, com as necessidades da indústria litorânea. Há um caso todavia típico, em que uma grande região produtora de açúcar é descoberta e nasce com a proliferação expansiva de reses. É o de Campos.

¹⁹¹ SALVADOR, Frei Vicente do. — *História do Brasil, 1500-1627* 3ª edição revista por CAPISTRANO DE ABREU e RODOLFO GARCIA São Paulo, pág 49

Não foi a desconhecida planície de aluviões tôda coberta de florestas que atraíu de início o plantados de canas. Já citamos MALDONADO que, em seu Roteiro dos Sede Capitães é bem explícito. Em seus engenhos "em o caminho de Cabo-Frio", não tinham "de onde viesse o gado". As grandes campinas de que tinham notícias na abandonada capitania do Paraíba-do-Sul, é que induziram os capitães a requererem as sesmarias, "segundo a nossa necessidade de gados".

Ora, vimos essas campinas nada mais serem que a grande planície de restingas. Os verdadeiros Campos-dos-Goitacás. Foi a restinga que atraíu os senhores de engenho. Foi através delas que as aluviões, campistas vieram a ser descobertas sob o manto florestal.

Em princípios de setecentos 1 500 000 cabeças de gado, já são computa as na Colônia. Nascia o comércio de carnes salgadas. Também a exportação de couros era enorme. Em 1759, só uma frota da Companhia de Comércio Pará-Maranhão, leva 171 000 meios de solas, 96 640 couros em cabelos e 29 000 atanados".¹⁹²

"Os couros do norte eram de preferência salgados, enquanto os do sul, Rio-de-Janeiro e Buenos-Aires eram secos, influencia talvez da carência de sal no sul".

Essa carência de sal, porém, não procedia da indolência do colono. É que à população de Cabo-Frio, como a de Campos impedida de levantar engenhos pelos donatários, também fôra proibida pela própria metrópole de extrair o sal.

Nem sempre é o meio geográfico o criador único de empecilhos a sua dominação. Fatores externos muita vez congregam-se aos obstáculos da ambiência, a fim de retardarem a aclimação de novos grupos humanos. R Terra seduz e atrai, mas interesses mesmo longínquos podem anular essa atração, ainda mais dificultando a progressividade irrefreável da espécie. Nos povos fortes porém, de atributos raciais incontroláveis, regulamentações contrárias a diretrizes apontadas pela Natureza, nada mais fazem que instigar o homem avivando-lhe a inata oposição a tudo quanto impeça o seu desejo de subir.

Em O Homem e o Brejo, vimos a secular tenacidade do campista dominar a terra, conquistando-a com revoltas, amansando-a palmo a palmo com as enxadas. Vemos agora o fluminense de Cabo-Frio desprezando as Ordens Régias para a posse de seu sal.

Tão cioso era Portugal de suas salinas metropolitanas que, tôda a imensa colônia do Brasil deveria importá-lo para o seu sustento e necessidades. Lisboa queria um império ricamente produtivo e ao mesmo tempo sorvedor de suas indústrias. Daí proibir "que as águas salgadas se fizessem secar, para com isso obter o sal, em prejuízo das marinhas de Setúbal, da Alverca ou da Figueira".

¹⁹² SIMONSEN, Roberto — *Obi cit.*, vol I, pág. 250

As primeiras proibições dataram de 1665; mas a carta régia de 28 de fevereiro de 1690, dispôs positivamente que "havendo **JACQUES GRANATE** arrematado o contrato do sal para o Brasil, ficava neste país proibida a fatura dêle, e até o aproveitar-se do que a Natureza produzisse, coalhando-o em salinas ou lagoas. O contrato era tão lesivo aos povos que, de meia pataca o alqueire, conforme se pagava antes, havia subido até o cruzado, o que era enorme, ainda tendo em conta a depreciação de valor operada no numerário. O resultado foi abrir-se mão dessa indústria, tão natural para o Brasil, — por demandar poucos braços e muito solo, que em alguns sítios, como em Cabo-Frio, se apresenta êle fabricado por si mesmo".¹⁹³

Em fins do seiscentos e começos do setecentos, a expansão da pecuária e o interior já mais populoso com a mineração, aumentam as necessidades de sal. O próprio govêrno português tornara-se monopolizador em 1676. Mas em 1703, passa a concessão a **MANUEL DIAS FILGUEIRA**. Já é tão importante o consumo do sal que, por volta de 1730, **BENTO DA CUNHA LIMA** tem o contrato por 50 000 cruzados. De 1744 a 1750, arremata-o **LUÍS DE ABREU BARBOSA** por 90 000, e em 1764 quatro associados o obtêm por 41:005\$000.¹⁹⁴

Mas o Brasil crescia e nas frotas do reino já não sobra espaço para o sal. No país trancado a todo comércio estranho há tanta falta de embarcações que, em 1651 o Conselho Ultramarino autoriza "o transporte para o Rio em navios da Suécia e de Hamburgo".

O produto chega a ser vendido na costa brasileira, vinte e cinco vêzes mais caro que em Portugal. A crise origina protestos populares e das próprias câmaras. Em São-Paulo, **BARTOLOMEU DE FARIA** reúne a sua gente, desce a Santos, e, de surpresa ataca os armazéns de sal. Saqueia-os, vende ao público pelo valor e volta serra acima, de surrões carregados, destruindo pontes a fim de evitar a perseguição da tropa a seu encalço.¹⁹⁵ Na Bahia, "o motim do Maneta", originou-se na carestia do sal. A Câmara do Rio protesta contra o preço do sal, alegando que escravos e pobres são por isso muitas vêzes dêle privados. Em Santos, em 1734, é desta vez o próprio juiz de fora quem força a venda do produto ao preço legal. Na feira de Sorocaba, em 1796, o sal que, em São-Paulo era vendido até 4\$000 o alqueire, sobe a 20\$000, quando o preço previsto era de 1\$280! Em 1799, a Câmara de São-Paulo é autorizada a vender o sal a varejo.

A fome de sal é tanta que, já em fins do setecentos a Coroa permite aos contratadores o aproveitamento do produto brasileiro encontrado nas capitanias de Pernambuco, Rio-Grande-do-Norte e Cabo-Frio. Mas é só em 1801, que o odioso monopólio é definitivamente abolido.

¹⁹³ *PORTO SEGURO* — *História Geral do Brasil*

¹⁹⁴ *RODOLFO GARCIA*, cf. *ROBERTO SIMONSEN*.

¹⁹⁵ *SIMONSEN, Roberto* — *Obr* cit., tomo I, pág. 279

Não obstante, porém, tôdas aquelas medidas opressivas no período colonial, e em Cabo-Frio o açambarcamento fôr sempre violado, mau grado as penalidades severas. É o que sempre acontece quando leis arbitrárias, absurdas e molestas as necessidades coletivas, coagem a adaptação do homem ao meio, tentando obstar mútuas afinidades naturais.

O que se dera em Campos, na luta pelo massapê, vai repetir-se agora na Araruama. O meio seduz o homem com seus recursos, acirrando-lhe o desejo de conquista da gleba. Tudo pela posse do açúcar na planície campista. Tudo pela posse do sal, nas restingas de Cabo-Frio. O sal é o maior dos bens, a fortuna mais cobiçada, o grande presente da natureza a ser colhido.

"Mo tempo dos primeiros povoadores dêste continente produziram estas salinas tanta abundância de sal que, podia sustentar bem a capitania do Rio-de-Janeiro: porque ainda consta de títulos antigos declararem os testadores, que possuíam avultados números de moios de sal em diferentes salinas e de diferentes anos".¹⁹⁶

Mas, similarmente a oposição dos monopolizadores da terra em Campos, ergue-se na Araruama a tenaz oposição dos contratadores privilegiados.

"Os mais antigos moradores da região sabiam tirar partido das salinas" diz-rios ainda SAINT-HILAIRE. As primeiras cartas-régias instituidoras do monopólio sempre foram burladas. "Os habitantes das vizinhanças do lago da Araruama não se intimidaram com essa proibição e continuaram a explorar as salinas até que LUÍS VAIA MONTEIRO, — o famoso "Onça", goveinador do Rio-de-Janeiro —, "enviou tropas ao distrito de Cabo-Frio, e, sem temer as leis existentes, fêz sequestrar por sua conta e risco não somente o sal retirado das cisternas, mas ainda os bens daqueles que se entregavam a êsse gênero de exploração".

Era a luta do homem pela terra que, na Baixada-Fluminense, particularmente em Campos, iria assumir aspectos violentíssimos.

A gente porém que povoou a Araruama, era a mesma que dali saíria para os Goitacás. A chusma plebeia e individualista que o Rio-de-Janeiro expedia. Aventureiros e audaciosos em contas com a justiça. Individualistas enérgicos e atrevidos mas por isso mesmo incapazes de associações estáveis para a comum exploração da terra. E a salina exige desde o início o espírito associativo mais desenvolvido. Operariado mais capaz e melhor técnica do que os necessários ao brutal trabalho dos canaviais e das almanjarras primitivas.

A colheita do sal, limitada a poucos meses, não requer como a indústria do açúcar a permanência de pessoal no cultivo da cana nas entressafras. Ademais, o derivativo da pesca, cria uma especialização de trabalho da qual jamais se afastam os que nêle se habituam. E essa desarticulação periódica da salicultura importa em

maior manejo de capitais, em mais antecipada regularização do trabalho, em mais previdência e maior tino agenciador. Daí o fracasso particularista em sua exploração.

Com as reclamações endereçadas à Metrópole, após o golpe de força de Luís VAÍA MONTEIRO, D. JOÃO V permite aos contratadores a exploração das salinas do Nordeste e de Cabo-Frio. Há então uma corrida para o sal, semelhante à que se dera para as terras açucareiras de Campos, embora em menos escala.

Franqueiam-se as águas da Araruama a todo o mundo para a colheita de sal. Mas os monopolizadores "acabaram por arrendar as principais dentre elas, particularmente as de Caehira e não deixaram ao público senão as menos importantes. Os monopolizadores dão, aos que pedem, a permissão para explorar o sal com a condição de lhes remeterem a metade da colheita".¹⁹⁷

Mesmo os arrendatários beneficiados, porém, não cuidam de melhorar a produção em águas que lhes não pertencem. Falta-lhes o incentivo essencial da permanente posse do meio extrativo, sem a qual a iniciativa particularista dificilmente progride. Daí o sistema primitivo de colheita, a extração irregular e a má qualidade do produto. O homem não está preparado para a indústria. Ademais, por Cabo-Frio transita sempre um sangue novo. Mas segue para Campos, em plena febre de engenhos e com êle arrasta os mais ativos elementos locais. Quase tudo o que ali fica é um refugio hereditário de vontade enfraquecida por uma luta secular e inútil contra as areias, ou o pescador inamovível de suas canoas.

Por isso é que, contrariamente ao que se passa na região açucareira, os poderes públicos são forçados a intervir na salicultura. "Pelos anos de 1768 ou 1769, se distribuiu por aquêles povos o sal duma pequena salina; e como para essa distribuição se acharam presentes o juiz ordinário dessa cidade, que então era DOMINGOS SILVA RIBEIRO, e o seu escrivão ANTÔNIO GONÇALVES IGREJA ambos se propuseram a mandar fechar uma pequena barra, por onde entravam as águas da lagoa de Araruama para a grande salina que se formava na ponta da Massambaba; a qual prometia muita utilidade, e desta pequena causa, ou benefício de se tapar a barra, se conheceu o considerável efeito útil, que produziu no fim de seis meses, em que a estação concorreu muito para se aproveitar o melhor de 50 000 alqueires de sal, sem contar a grande porção que se inutilizou, por causa das chuvas que sobrevieram".¹⁹⁸

A ação porém, é ineficiente contra a incultura geral e os toscos processos de colheita, cujo primitivismo SAINT-HILAIRE ainda observou. "Quando as águas do lago aumentam, enchem as cisternas naturais existentes as suas margens. O lago baixa em seguida, mas a água fica nas cisternas, evaporando-se pouco a pouco e deixando um deposito salino". Nenhum limite a essa evaporação

¹⁹⁷ SAINT-HILAIRE, — *Ob.* cit. p. 292-293

¹⁹⁸ *Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio.* — *Obr.* cit., p. 222

de modo a reter na água-mãe outros sais indesejáveis. Nenhum cuidado na construção perfeita das salinas. Nenhuma diligência para a obtenção de um produto isento de impurezas.

A exposição ao ar para o beneficiamento do produto, é mesmo evitada. “Esse mesmo sal, depois de tirado das salinas, era conduzido para lugares superiores as alagoas, aonde o amontoavam em pilhas, e queimavam com ramos de goreri, de cujo fogo se formava um cascão, que o preservava das águas das chuvas; e dêste modo conservavam aquêles homens essas grandes porções de sai por serem naquele tempo os maiores haveres que possuíam”.¹⁹⁹

Em 1797, contavam-se em tôda a Araruama nove salinas.²⁰⁰ Mas “algumas dessas mesmas salinas já no tempo presente já não produzem sal; e as que o produzem, não prodigalizam aquela mesma abundância que se via nos tempos passados, por causa da frouxidão e moleza da maior pai-te dêsses povos que se não convocaram para a preparação dos lugares em que hão de formar o sal, tirando-lhes o lôdo e outras muitas impuridades de ervas já corrompidas; perdendo-se assim muita quantidade de sal que fica entre o lôdo e ervas nas mesmas salinas.”²⁰¹

Dêste modo a produção total nesse ano, das únicas três salinas em funcionamento, reduziu-se a 3 300 alqueires, que foram pelo juiz distribuídas ao povo. Vemos assim outra vez a autoridade a intrometer-se na economia privada da população, fato raro na, nossa história colonial.

Os 150 anos de monopólio impedindo a exploração das salinas, mais que tudo contribuiu para a estagnação de uma gente de raízes étnicas vigorosas, ao mesmo tempo que entrou a indústria salineira com processos atrasados que até hoje repercutem.

Menos otimista que SAINT-HILAIRE, o príncipe MAXIMILIANO em tôda a sua descrição da Araruama, rica de anotações geográficas, apenas dá-nos uina curta linha sôbre a salicultura: “O sal é extraído, *dis-se*, em alguns pontos da margem...”

Em contraste pois com o desenvolvimento da cana de açúcar na Baixada, continuamente incremeniado, a salicultura só começa a criar raízes definitivas pelo novecentos. Mas por quase todo este século ainda, vegetaria com si aparição de um novo fator econômico, absorvedor de tôda a iniciativa regional. o café, vindo de espriar-se do Rio-de-Janeiro pelos morros da Baixada e invadindo a margem setentrional das lagunas fluminenses.

¹⁹⁹ *Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio*, pág.

²⁰⁰ Eram situadas na Ponta de Baixo, no lugar denominado Chiqueiro, na Ponta da Costa, na Ponta de Peixas

²⁰¹ *Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio*

Segundo PEDRO ALCOFORADO, a indústria atual nasceu com a Independência, quando LUÍS LINDBERG, oficial alemão a serviço de PEDRO I, construiu a primeira salina em Cabo-Frio, no local onde existem as instalações da "Perinas". As primeiras exportações para o Rio-de-Janeiro, foram, consoante o mesmo autor, efetuadas em 1824.²⁰²

A salicultura, entretanto, permanece embrionária até os fins do século. Ainda em 1845, o minucioso SAINT-ADOLPHE ao referir-se à Araruama apenas menciona as "salinas naturais" sem qualquer referência a uma exploração metodizada.

Conforme o *Almanaque Laemmert*, a mais antiga das atuais salinas de Cabo-Frio, — a da Conceição —, data de 1852.²⁰³ Em 1856 além das salinas de JOAQUIM ALVES NOGUEIRA DA SILVA, existem duas companhias, uma dirigida por JÚLIO LEIPSIK e a outra pelo Dr. MIGUEL BOITEUX. Em 1859 há três salinas, "mas dêsse ano até 1868 essas esperanças estacionaram, tendo sido quase abandonada a exploração do sal".²⁰⁴

Em 1872, Luis BONIFÁCIO LINDBERG, filho do fundador, tenta sem sucesso a evaporação artificial por meio de combustível. Pela mesma época, o engenheiro francês LEGER PALMER *fund*a a salina "Mogoró" em São-Pedro-d'Aldeia, primitivamente dos índios. Em 1885, o português LUÍS JOÃO GAGO, natural de Aveiro, constrói a salina "Acaíra" pelos modelos das salinas portuguesas.²⁰⁵

Mas com estas e outras iniciativas, a salicultura não progride, e é só em 1895, com a supressão da cabotagem estrangeira que o sal de Cabo-Frio toma subitamente grande impulso, revigorado com a taxaçaõ aduaneira desde 1902. Segundo LEOPOLDO DE BULHÕES, em 1905 já importávamos 35,71 % de sal a menos do que naquele ano.

Continua porém a grande concorrência do sal de Cadiz, que só começa a declinar com a escassez de transporte durante a primeira Grande Guerra.

Para que se veja com que rapidez a salicultura desenvolveu-se em poucos anos dêste século damos a seguinte relação do número de salinas por Estado, em três anos destacados:²⁰⁶

²⁰² ALCOFORADO, Pedro Guedes — *O Sal Fluminense*, 2ª edição, Niterói, 1936, pág 56

²⁰³ *Almanaque Laemmert*, 1930, 4º volume

²⁰⁴ ALCOFORADO, Pedro Guedes — *Obr cit*, pág 56

²⁰⁵ Idem — Pág 57

²⁰⁶ Dados do recenseamento do Brasil de 1920

	1907	1912	1920
Rio-de-Janeiro	50	61	67
Rio-Grande-do-Norte	1	43	35
Sergipe	—	357	97
Alagoas	—	11	7
Bahia	1	18	3
Ceará	—	73	2
Maranhão	—	137	2
Pernambuco	—	55	—
Piauí	—	—	15
Paraíba	1	1	2

Nota-se por êste quadro um súbito despertar da iniciativa salineira que não obstante logo esmoreceu na maioria dos Estados. No Rio-Grande-do-Norte e no Rio-de-Janeiro, porém, os resultados foram definitivos. Neste Último, em 13 anos, aumentou de 7 vêzes a produção quase triplicando o seu capital.

A população da Araruama encarrilhara afinal as suas iniciativas aos destinos que lhe indicava o meio geográfico, por uma expansão industrial definitiva. Após trezentos anos da conquista é que o homem pôde encontrar o seu caminho, harmonizado com a ambiência.²⁰⁷

O esplendor do café sucedendo ao monopólio colonial, explica o retardamento da salicultura. Foi precisa a decadência das lavouras. A terra exausta e limpa para que os olhos habituados a contemplação das filas de cafeeiros súbitamente espantados ante os morros pelados se voltassem para as águas da laguna, prenhes de riqueza menos suntuária, porém que dura quanto o mar.

A indústria salineira vai agora progredir. Mas pela frente a esperam numerosos empecilhos que tentarão aniquilá-la. E, para melhor compreender a sua evolução em plena marcha, é mister

²⁰⁷ Para que se note o desinteresse pela salicultura no passado século, explicável com a febre do café, damos o seguinte quadro demonstrativo da expansão da rubiácea pelos municípios marginaes à Araruama. Ao mesmo tempo aí se vê o raquitismo da cultura por excelência da Baixada no Império: a da cana de açúcar

FREGUESIAS	ANO DE 1860			FREGUESIAS	ANO DE 1869		
	Fazendas de café	Fazendas de açúcar e aguardente	Salinas		Fazendas de café	Fazendas de açúcar e aguardente	Salinas
Cabo Rio	71		3	Cabo Frio	105	2	2
São Pedro d'Aldeia	123			São Pedro d'Aldeia		6	—
Araruama	447	2	—	Araruama		4	—
Saquarema	670	4	—	Saquarema		4	—
		8	—				

Curioso é neste quadro observar-se o denudado estágio da grande cultura cafeeira para leste, ao longo do litoral das lagunas, notando-se o declínio da cultura nas mais antigas zonas da retaguarda. A onda cresce desde as encostas da Araruama, São Pedro e Cabo Frio, esvaindo-se repentinamente em Saquarema onde o número de fazendeiros desce em nove anos a menos de metade, com a terra gasta. Estamos no grande período do café na Província do Rio de Janeiro que, em 1853, exportava com as suas 7 403 761 arrobas, 78 714 % da produção nacional, cabendo a São Paulo apenas 12,003 % com 1 129 313 arrobas ("Relatório" cit.)

antes de tudo especificá-la desde o seu embasamento físico. Partir do fatalismo geográfico num relato expositor das condições fisiográficas regionais, explicativas da anormalidade salina, da laguna já inicialmente demonstrada com a sua formação geológica descrita. Dêste ponto de saída chegaremos à complexidade dos fatores econômicos e sociais que hoje ainda ali entravam a salicultura intensificada. Da terra chegaremos ao homem.

Dos primeiros estudos cientificamente orientados sobre o problema do sal na Araruama, um dos melhores é o dos engenheiros MÁRIO DA SILVA e RAIMUNDO RIBEIRO FILHO.²⁰⁸ Nessa magnífica monografia em que os dois técnicos viram o problema salineiro sob ângulos diversos, descortina-se o quanto há por fazer para a melhoria da exploração e o muito a se esperar das imensas possibilidades da Araruama.

A laguna é destacada entre as regiões salineiras do Brasil como um paradoxo. A situação das nossas salinas pelas costas do Nordeste, do Maranhão à Bahia é natural devido às condições do clima, "únicos guias para a localização da indústria". As "condições particulares e especiais" da Araruama é que transportam para o litoral do sul a colheita do sal.

Já é mesmo possível deduzir desse trabalho, especializado para fins industriais, a capital importância, do fenômeno geológico na futura geografia humana regional. É ali visível num exemplo singular e raro, a subordinação do fator climático na extração do sal, aos fatores geológicos genéticos da laguna.

"Pelos dados fornecidos pelo *Boletim Meteorológico*, depreende-se que, a evaporação e insolação em Cabo-Frio não apresentam nada de anormal, relativamente à região em que está encravada. A Baixada, em outros pontos, Campos por exemplo, ou mesmo o Rio-de-Janeiro, expressam por números equivalentes as horas de insolação, pouco superior a 2 000. O Nordeste brasileiro conta com um total muito superior, onde o litoral recebe uma insolação anual de 2 000 horas aproximadamente" Quanto à evaporação, embora intensa, não é ela excepcional. Anda em volta de 200 milímetros. "Embora inferior à das zonas secas do interior e mesmo um pouco mais baixa que a de Campos, esse registro não deixa de ser notável, se se alude à sua situação no litoral, submetido a uma pressão intensa. É contudo, convém notar, muito inferior à das regiões salineiras do Nordeste, onde por exemplo, a estação de Natal marca uma evaporação anual que excede a 1 200 milímetros".

Tais observações, feitas na cidade de Cabo-Frio, levam os autores a presumirem alterações de temperatura, pluviosidade e evaporação nas salinas, em zonas mais baixas e em descampados de restingas. Não nos parece entretanto que, as condições topográ-

²⁰⁸ SILVA PINTO, Mário da e RIBEIRO FILHO, Raimundo — *A Indústria Salina no Estado do Rio* Bol. n.º 52 do Serv. Geol. e Min. do Brasil, Rio, 1930

ficas regionais dessa faixa costeira indiquem a existência de microclimas num ponto nela encravado, capazes de modificações sensíveis e aberrantes. O que verdadeiramente influi na indústria do sal da Araruama, em contraste com a do Nordeste, é a pluviosidade, acarretando irregularidades na colheita que se faz de outubro a fevereiro, embora a temperatura e a mais baixa pressão também influam na evaporação.

É bem notável que a pluviosidade regional se caracterize por cifras inferiores. "Raramente o litoral da Baixada ao norte, desce a uma pluviosidade tão baixa como em Cabo-Frio". Campos por exemplo, onde as chuvas já se tornam deficientes para a lavoura de cana, registrou em *cinco anos* 5 000 milímetros, enquanto no mesmo período em Cabo-Frio, somente caíram 3 000 milímetros. Números pequenos, ao serem comparados com os dados de Ilhéus e de Angra-dos-Reis, ao norte e ao sul da zona em aprêço, cujos dados foram respectivamente de 1 500 e 2 000 milímetros *anuais*.

Convém notar que, na estiagem de julho a setembro, as chuvas característicos das regiões semi-áridas. Forma todos os anos, ao lado das zonas mais secas nessas latitudes, ou mesmo se equipara a partes do litoral nordestino, com o qual tem pontos de semelhança muito notáveis. A escassez e uma certa desigualdade das chuvas, o desaparecimento dos cursos d'água na estiagem e a vegetação deficiente, lembrando caatingas, são aspectos que dão caráter particular a esta região".

Ao descrevermos a fisionomia regional, mostramos que a circulação intermitente das pequenas bacias que defluem na laguna provém do sistema orográfico litorâneo onde, embora os divisores não se afastem muito para o norte, o esfacelamento do serrote que vem de oeste, ali anula a barreira de precipitação.

Ademais, todo esse litoral da Baixada, incluindo Cabo-Frio, apresenta uma pressão barométrica muito elevada, sendo a média de 763 milímetros. A temperatura média é de 23°.

A não ser pois a pluviosidade que de fato influi na salinidade da grande laguna, nota-se que, os outros fatores climáticos pouco apresentam favoravelmente a produção de sal. E essa mesma pluviosidade é decorrente da geologia regional, em suas resultantes gliptogenéticas.

Elemento importante na indústria salineira é vento. Este sim é que afeta diretamente as salinas. "Por uma razão ou outra, o certo é que, a velocidade dos ventos nessa latitude da costa é considerável, superior à de qualquer outro ponto, desde o sul da Bahia até o extremo do litoral fluminense, e o contraste torna-se mais frisante, se se considera o litoral da Baixada que se estende para o norte, até muito além de Macaé, zona calma muito menos batida pelos ventos". O aquecimento solar das grandes planícies de restingas, ocasionando uma aspiração das camadas atmosféricas em contacto com o solo, deve ter influência neste caso. A percentagem

anual de frequência de ventos em Cabo-Frio é de cêrca de 65% para o nordeste, e, o restante de ventos do sul, principalmente do sudoeste.

Vemos assim que até o presente, a não ser com referência aos ventos, a Climatologia não traz elementos adicionais aos fatores geológicos contribuintes para a formação das salinas.

A mesma pluviosidade que de fato influi na salinidade da grande laguna, deve a sua limitação em primeira causa a estrutura geológica regional e a petrografia, orientadoras da gliptogênese talhadora do sistema orográfico.

O rendimento das salinas da Araruama é de quatro ou cinco vêzes o das salinas européias, embora inferior ao das do Nordeste, e, segundo vimos, para um tal rendimento, os fatores climatológicos pouco contribuem, a não ser com o vento.

O apêlo geográfico da Terra ao Homem, é pois direto. É ela mesma que, dirigida pela fatalidade geológica de sua formação, indica e impõe ao povoador um meio de vida condicionado ao meio telúrico.

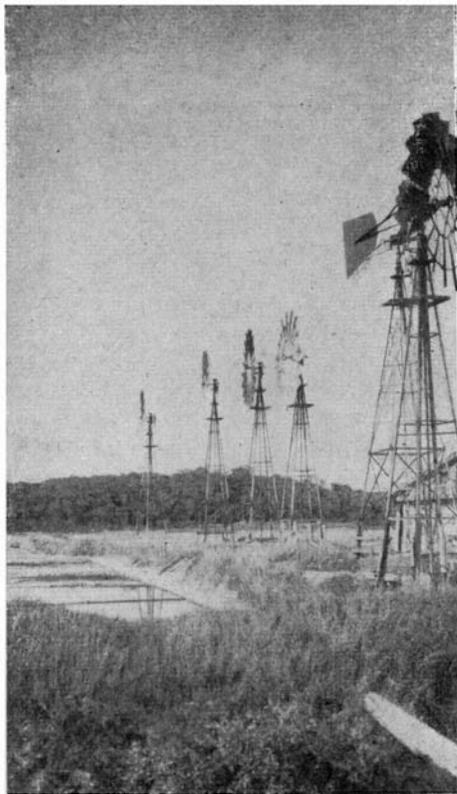
A formação da Araruama com o seu "milagre geológico" do Itajuru, alicerçou desde os fundamentos pré-históricos — e provavelmente pré-humanos — nessa zona terrestre, uma futura imposição de contactos do Homem com a Terra, em tal modo prefixando as ligações que, neste quadro se esboroa o livre-arbítrio. A Araruama foi criada para salineiros e pescadores, e, com seus 30 milhões de toneladas de conchas do fundo da lagoa, talvez para indústrias que utilizem o carbonato de cálcio em grande escala, como a da cal ou a do cimento.

Vejamos como o homein dela extrai a maior de suas riquezas. O processo da colheita de sal, resume-se numa calha de alimentação, em tanques de carga, em vaporizadores e cristalizadores. Dêstes últimos, a água-mãe retorna a laguna pela valas de esgôto.

A ausência do efeito das marés em quase tôda a Araruama, é substituída pelos moinhos de vento que acionam bombas de madeira e elevain a água para os tanques, dando as margens da laguna essa fisionomia tão pitoresca

As águas que chegam dos tanques de alimentação aos evaporadores, ali concentram-se até cêrca de 24° Bé, passando então aos cristalizadores, onde o cloreto de sódio começa a precipitar-se. Ao atingirem uma concentração de 30° Bé, faz-se a descarga da salmoura para a vala de esgoto.

Dos cristalizadores o sal é recolhido pelos "rodos de encimar", empilhado em pequenas mêdas, e a seguir transportado em carrinhos de mão ou cestas para as grandes mêdas, onde por algumas semanas fica exposto até ser armazenado. As colheitas, variáveis conforme as condições meteorológicas, são feitas em regime nor-



*Fig. 134 — Os moinhos das salinas que ainda
mãrs embelezam as margens da Araruama.*

(Foto A. R. LAMEGO)

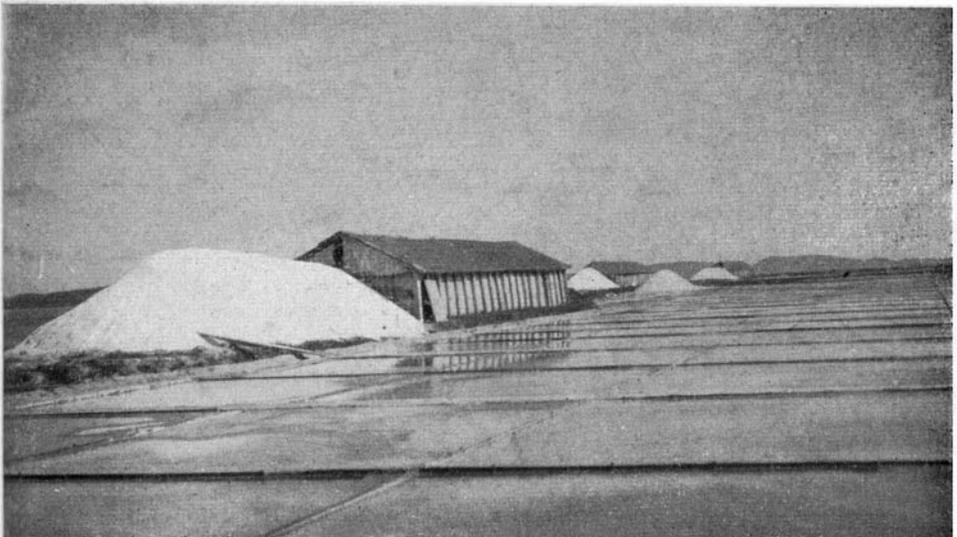


Fig. 135 — Cristalizadores, mēdas e depósitos de sal em São-Pedro-d'Aldeia

(Foto A. R. LAMEGO)

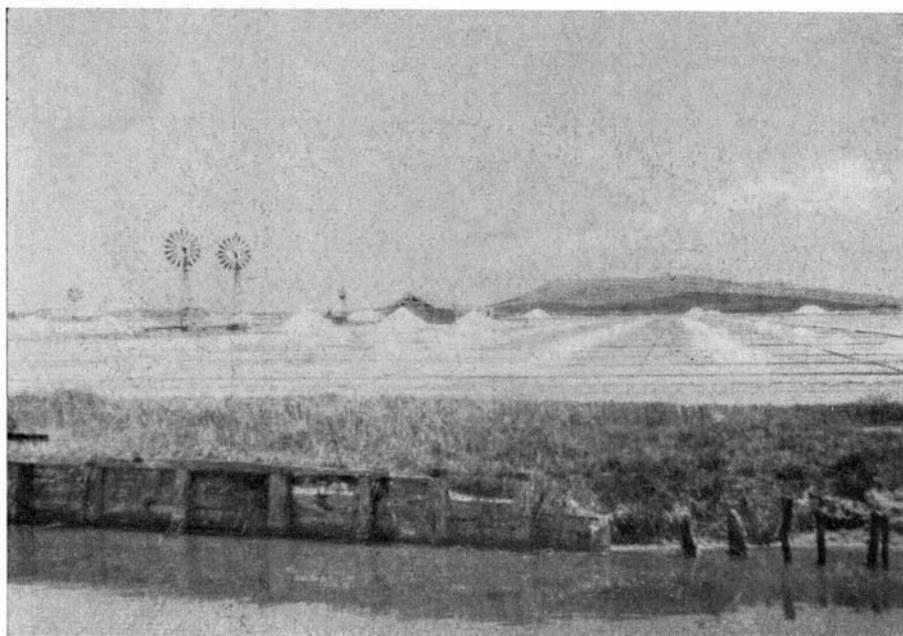


Fig. 136 — *Pelas brancas margens da Araruama*

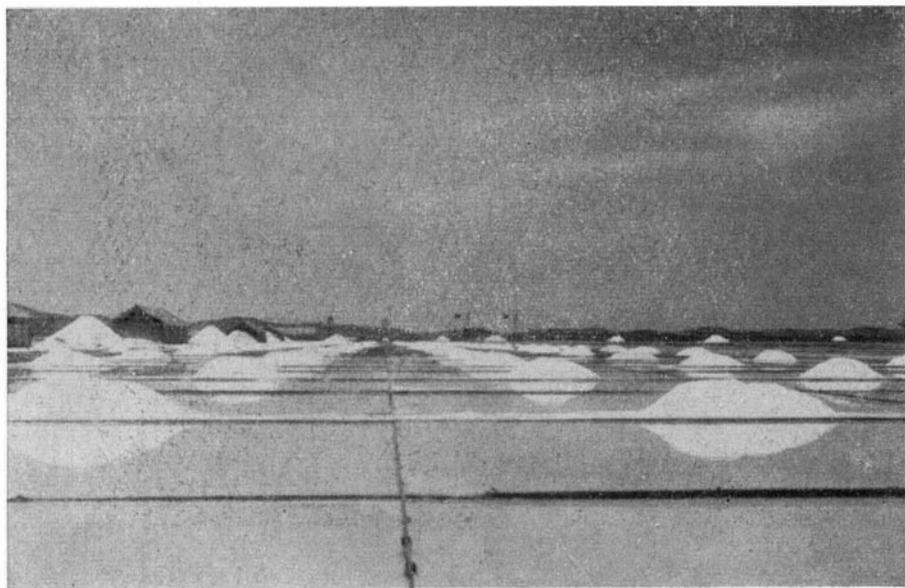


Fig. 137 — *Por tôda a parte as mēdas de sal...*



Fig. 138 — da —
junto à praia da Massambaba, coberto de salinas, vendo-se os
tanques e os cristalizadores.

(Por gentileza do Instituto Nacional do

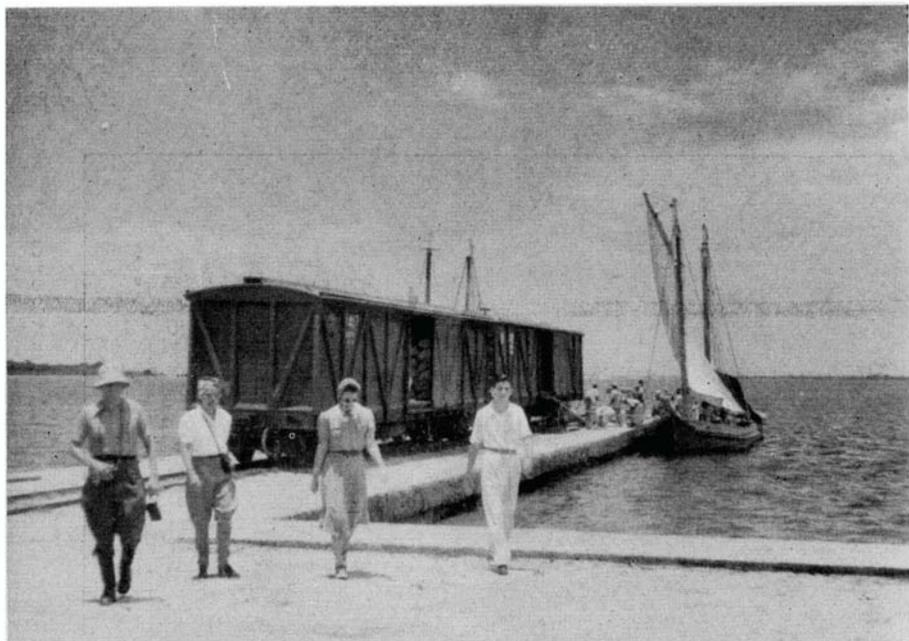


Fig. 139 — *Chegada de um barco de sal a cidade de Araruama.*
(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)



Fig. 140 — *Desembarque do sal.*
(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)



Fig. 141 — *Pesagem dos saos de sal.*
(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)



Fig. 142 — *Embarque do sal nos vagões da E. F. Maricá.*
(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)

mal de dois em dois dias, "diferença grande que existe entre o processo fluminense e os europeus, nos quais são elas muito afastadas".²⁰⁹ A safra que é de outubro a março, podendo porém ser iniciada desde julho, rende em épocas normais de 70 a 150 toneladas de sal por hectare, conforme a salinidade.

Dos pequenos armazéns, é levado o sal para o entreposto de Cabo-Frio, em lanchas de 20 a 30 toneladas,²¹⁰ com dois a quatro homens de tripulação. "Navegação penosa, atribulada e demorada, tende de quando em vez, vencer baixios ou coroas, e lutar contra os terríveis temporais da lagoa; parte do lucro da indústria é consumido nestes 40 quilômetros de navegação".

A construção de salinas não é tão fácil como parece, exigindo conhecimentos e perícia de práticos. Das três fases que comporta, — limpa e aplainamento do terreno, divisão e nivelamento dos quadros e impermeabilização do fundo —, a última é a mais difícil, em vista do solo arenoso em que são cortadas, permitindo a infiltração das águas da laguna.

"Quando o solo é argiloso, a impermeabilização é, por assim dizer, natural, sendo suficiente deixar que se forme com o tempo a camada de algas que protege o fundo". Este é denominado "praia". Mas, "quando o terreno é arenoso ou argilo-arenoso, a vedação é lenta e só obtida com meses de trabalho. Os salineiros operam de dois modos: ou lançam sobre os quadros um pouco de tabatinga e depois fazem com que a camada vegetal se forme em cima, ou obtêm a impermeabilização unicamente com esta última. Em ambos os casos é necessário construir um pequeno reservatório onde se deixam as águas concentrando até obter o desenvolvimento das algas; conseguido isto, elas são levadas por meio de valhas para os quadros e aí deixadas. Os poros do terreno se colmatam pouco a pouco com as lamas vegetais e depósitos de sais de cálcio, como um filtro que estancasse, havendo por fim a formação da camada vegetal superior, com uma espessura de 2 a 3 milímetros. Esses dois tipos de terreno dão um grande trabalho, pois precisam estar sempre cobertos d'água para evitar fendas e rachas devidas ao calor do sol; algumas semanas de calmaria, impedindo a elevação das águas, causam as vezes perda de anos de trabalho, com a ruptura da "praia".²¹¹

Outra dificuldade na construção da salina, é a infiltração das águas do subsolo, diluídas pelas chuvas, e evitadas por valas de circunvalação. Com tudo isto, porém, no sal da Araruama o volume não se valoriza pela qualidade, bem compreendida pela sua análise química.²¹²

²⁰⁹ Obr. cit., pág. 35
²¹⁰ Hoje parte do sal sai diretamente das estações da estrada de ferro ou pelo pôto do Forno

²¹¹ Obr. cit., pág. 38

²¹² A *Tragédia do Sal Brasileiro* Obs. Econ. e Fin. N.º 38, pág. 99

Análise do *sal* de Cabo-Frio

Na Cl	84,64
Na ₂ SO ₄	1,40
Mg Cl	1,27
Resíduos insolúveis	1,27
Água	12,25

O excesso d'água é um dos grandes fatores que prejudicam o produto, removível entretanto por beneficiamento:

Análise do sal de Cabo-Frio beneficiado

Na Cl	98,38
Na ₂ SO ₄	0,40
Mg Cl	0,07
Resíduos insolúveis	1,15

A irregularidade nos cristais e a sua côr são outros elementos a minorarem o valor do sal fluminense, em comparação com o do norte. A cristalização irregular, norteada pela prática, pode levar ademais a água-mãe acima de 34° Bé, resultando num produto inferior, com percentagens altas de sulfato de cálcio — gesso —, e, de sais magnesianos.

A tais falhas técnicas, generalizadas na indústria salineira fluminense com exceção de poucas emprêsas cientificamente orientadas, junte-se a falta de "cura", isto é da exposição por dois ou mais anos à ação de agentes atmosféricos, para uma completa desidratação e alcance de um produto perfeitamente sêco e livre de impurezas como o similar estrangeiro, que não há muito era importado quase com exclusividade para as indústrias de conservas e charqueadas.

Como tôdas as nossas indústrias nascidas empiricamente das possibilidades do nosso meio, criadas por contágio numa população de medíocre nível cultural, muitos empecilhos era de esperar-se em sua evolução. A falta de orientação e cultura técnica, adicione-se ainda um defeituoso sistema de crédito, incapaz de garantir a prazo longo um capital imobilizado na "curagem", e um primitivo aparelhamento de transportes, e antevê-se logo o almejado progresso da salicultura fluminense presa facilíma de atravessadores.

A ausência de espírito associativo nessa população hereditariamente individualista mais própria tornava ainda o açambarcamento da produção da Araruama com seu grande número de salicultores que, em 1930, justamente com a revolução que em muito amordaçou a exploração capitalista, numeravam cento e vinte.

De tudo isto, e do mais que adiante veremos, resultou o atrofiamento da indústria salineira fluminense, muito embora não haja no Brasil sub-consumo do produto.

Segundo uma das mais acatadas autoridades, "se consumirmos o sal em relação ao número de habitantes, necessidade dos rebanhos e movimento das indústrias, teríamos que produzir ao menos 2 500 000 toneladas anuais".²¹³ Mesmo com sub-consumo, as 500 000 toneladas de produção anual, dão-nos um *deficit* de 100 000.

A produção máxima da Araruama, é calculada em 140 000 toneladas. As salinas ocupam as seguintes áreas nos três municípios produtores:

Cabo-Frio	9 830 000 m ²
Araruama	6 170 000 "
São-Pedro-d'Aldeia	2 530 000 "
	18 530 000 m ²

Quanto à área de praias e restingas utilizáveis corresponde a cada município a seguinte percentagem:

Cabo-Frio	60%
Araruama	25%
São-Pedro-d'Aldeia	15%

Tais cifras, porém, não exprimem que percentagem idêntica deva ser esperada em cada produção municipal, visto que a salinidade aumenta para os fundos da laguna, onde no município de Araruama as águas são bastantes amargas. A isto se deve a maior produção relativa dêste município em relação ao de Cabo-Frio, o que pode evidenciar-se pelos estoques de 1935:

Cabo-Frio	39 417 000 Kgs ou 48%
Araruama	21 371 700 " " 40%
São-Pedro-d'Aldeia	9 569 000 " " 21%

A irradiação econômica da Araruama vai bem longe, não obstante a deficiência do sistema de transportes atuais. Vasta é a população servida por seu sal, como o demonstra a seguinte estatística da exportação de Cabo-Frio, em 1937:²¹⁴

²¹³ DUARTE, Diocleciano -- *A Indústria Extrativa do Sal* Observado. Econômico e Financeiro N.º 52, maio de 1940

²¹⁴ A *Tragédia do Sal Brasileiro* -- Obs Econ e Fin N.º 33, pág 90

Capital-Federal	10 512 186 Kgs.
Norte de São-Paulo	2 116 936 "
São-Paulo, capital	12 638 084 "
Sul de Minas	2 537 563 "
Linha do Centro	6 808 352 "
Oeste de Minas	1 608 352 "
Estado-do-Rio	3 995 206 "
Diversos	495 243 "
Norte e Espírito-Santo	4 457 559 "
Paraná	602 000 "
Santa-Catarina	6 258 052 "
Rio-Grande-do-Sul	2 715 717 "
Zona da Leopoldina	5 938 987 "
Filial de Macaé	12 287 512 "
	<hr/>
	72 971 749

Com uma tal distribuição por mercados garantidos, era de crer-se que a zona salineira se desenvolveria sob uma sólida prosperidade. Puro engano. O problema da salicultura é um dos mais graves, com tôda uma barreira de obstáculos incrivelmente o prejudicando de tal forma que, o govêrno por decreto-lei de 10 de junho de 1940, resolveu a criação do Instituto Nacional do Sal a cujo encargo fica a solução do grande mecanismo econômico-social de insubstituível atuação na própria vida do país.

O curioso a respeito é, como já brevemente assinalamos, não se trata pròpriamente de super-produção em face do fraco poder aquisitivo de nosso povo, — corno acontecia com o açúcar, o café, e outros produtos —, mas da sua regulamentação por órgãos oficiais. O problema econômico do sal, enraíza-se a causas próprias, determinadas parcialmente pela inépcia de extintos governos asfixiando a indústria salineira de impostos absurdos, além dos fretes caríssimos e proibitivos.

MÁRIO DA SILVA PINTO, já citado como um dos mais idôneos pesquisadores da questão, em Cabo-Frio, volta recentemente ao seu estudo, com argumentos mais completos, englobando a produção total brasileira.²¹⁵

Tomando-se como base o Rio-Grande-do-Norte, maior dos nossos Estados produtores, dá-nos êle os seguintes elementos para o custo da tonelada de sal:

Custo do sal nos depósitos da salina	20\$000
Despesa de embarque, — desatêrro, carregamento das barcaças, transporte de 8 milhas até o navio ao largo, carga do navio	20\$000

²¹⁵ SILVA PINTO, Mário da — *O Sal na Economia Brasileira* Obs Econ e Fin N° 68; setembro de 1940

Impôsto federal de consumo	30\$000
Impôsto estadual e municipal	8\$000
Impôsto de vendas mercantis, — 1,25% sobre o valor médio a 200\$000	2\$800
Saco para acondicionamento, — \$900 o saco de 30 kg. ..	33\$000
Financiamento a 90 dias, — 3% sôbre 220\$000	6\$600
	120\$400

Quer isto dizer que, apenas colocado a bordo, a distância curta das regiões praianas produtoras, o sal já é encarecido de mais de cinco *vêzes* o seu custo nas salinas!

Continuemos. O frete marítimo, ante-bellum, era o seguinte:

Cif Rio	86\$000
Cif Santos	95\$000
Cif Rio-Grande	121\$000
Pelotas ..	141\$000
Cif Pôrto-Alegre	124\$000
Portos de Mato-Grosso	187\$000

Por aí compreende-se a revelação de que a tonelada de sal no Triângulo-Mineiro suba a 450\$000, em Mato-Grosso chegue a 700\$000, e, em Goiás atinja 900\$000, quando o custo inicial foi de apenas 20\$000! ²¹⁶

País contando um dos maiores rebanhos do mundo, o Brasil tem o melhoramento de seu gado impedido por uma irracional organização de fretes e impostos. E isto para o artigo bruto, recolhido nas salinas, onde a qualidade do produto é diminuído por matérias insolúveis, — conchas, areia, e terra —, umidade excessiva e impurezas químicas e biológicas. Estas últimas constituídas por bactérias de putrefação que vivem no sal, sobretudo as sarcinas, são conhecidamente perniciosas para as indústrias de conservas — charque, frigoríficos, salga de peixe —, que consomem atualmente no país cêrca de 90 000 toneladas anuais

O desmazêlo dos salineiros igualmente contribuía assim para a concorrência do sal estrangeiro e "curado", cujo prejuízo à indústria nacional só pôde ser detido com uma tarifa protecionista de 2809000 por tonelada! Sômente com o amparo oficial é que desce e anula-se quase a inimportação do sal de Cadiz, absorvedora de milhares de contos. Os efeitos dessa redução num simples quinquênio pode ser avaliado pelas seguintes cifras, aliás já em 1930 bem inferiores a importação anterior. ²¹⁷

²¹⁶ O Sal Brasileiro. Obs Econ e Financeiro N.º 28, maio de 1938

²¹⁷ A Tragédia do Sal Brasileiro Obs Econ e Financeiro, maio de 1938

<i>Ano</i>	Sal importado (toneladas)	Valor em cantos de réis
1930	58 611	4 541
1931	20 951	2 282
1932	24 150	2 077
1933	10 433	877
1934	1 943	286

Neste último ano a importação de sal refinado descera a 80 toneladas num valor de 27 contos.

O proteccionismo simples da barreira alfandegária, todavia, não resolve o problema do sal cuja necessária incrementação do consumo pede a melhoria do produto, a redução de impostos e o barateamento dos fretes. No caso regional da Araruama, de tão vantajosa posição para os mercados do sul, há cifras ainda que revelam as dificuldades com que luta a indústria.

No período de seis anos, — 1930 a 1935 —, foi a seguinte a exportação fluminense:

Cabo-Frio	3 188 051 sacos
Araruama	1 369 889 "
São-Pedro-d'Aldeia	798 574 "

Ora, êste sal que pagou de impostos federais, estaduais e municipais 9.761 595\$400, veio a custar por tonelada *cif* Rio 175\$000 e *cif* Pôrto-Alegre 260\$000

A posição geográfica da Araruama que deveria beneficiar as regiões mais populosas e de maiores indústrias no país, pouco influi portanto no maior consumo do produto. A expansão da indústria salineira tão promissora com o crescimento da nossa população e com seu maior emprêgo na pecuária é dêste modo inconscientemente retardada.

Não param porém ai os empecilhos à sua, expansividade. Sô bre todos os óbices acorrentadores da produção, outro, pior que os demais abateu-se, vindo impossibilitar qualquer melhoria industrial* a praga do intermediário

O mesmo que se dera com outras indústrias, notadamente a do açúcar, subjugada por grandes firmas antes da sua regulamentação pelo govêrno, deu-se com o sal em condições porém ainda mais nocivas. Sob a pressão da, escassez de transportes e dos impostos elevados viram-se os salineiros fluminenses compelidos a um contrato de "venda exclusiva" a um grupo de firmas consolidadas sob o nome de "Centro do Comércio de Sal Fluminense Ltda."

Era quase o fim. A escravidão econômica dos produtores a meia dúzia de magnatas capitalistas. Dois milhões de sacos anualmente monopolizados. Voltava-se aos tempos da Colônia!

Para que se veja a que ponto é levada a exploração do trabalho pelo capital, citaremos apenas algumas cláusulas do tenebroso contrato.²¹⁸

Em primeiro lugar, a produção era vendida *única e exclusivamente* ao referido "Centro", o qual apenas se obrigava a retirar cada mês 3% dos *estoques*. A seguir, o sal considerado *imprescritível pelos açambarcadores* só era por êles aceito se lhes *conviesse*, com o abatimento de 50% sôbre o sal conium. "Em tôda barca ou caminhão em que fôr encontrado sal de mais de um tipo, — reza o parágrafo terceiro do contrato —, será todo o sal desse veiculo pago pela qualificação mais baixa".²¹⁹

Já com isto deveria contentar-se a voracidade capitalista de Ião conceituados cidadãos. Entretanto há mais ainda. Entre os primores da "liberdade" do tão chorado liberalismo que permitia monopólios draconianos de parasitas inteiramente alheios à produção, há sempre o direito de tripúdio livre sôbre os escravos que já suga. E com o sal fluminense, o cinismo atinge as raias do inacreditável com o dispositivo contratual de que, em caso de contendas, o *vendedor só poderá* apelar para o "Centro", *isto é* para o próprio *comprador!*

Mirem-se nisto os panegiristas de uni regime onde os problemas resolvidos para o interesse de grupos capitalistas, são exclusivamente estudados sob o ponto de vista da capacidade tributária, sem a intervenção dos governos com sua função primordial que é a de promover o bem estar da coletividade, mas ao contrário permitindo que livremente se sofisme em seu Direito Comercial o que por outro lado o seu Direito Penal qualifica de furto.

Transcendentes maravilhas do liberalismo decaído. Do comércio "livre" onde meros rabiscadores de assinaturas, simples negociadores do trabalho alheio, em escritórios de luxo no Rio-de-Janeiro conjuram-se na, inaudita ganância de esmagarem o produtor que lhes dá fortunas, para depois sugarem as grandes massas consumidoras com trustes privilegiados.

Desta exposição de Patos concretos deduz-se logo a impossibilidade de um beneficiamento econômico-social na Araruama. A posição geográfica da laguna, tão próxima ao Rio-de-Janeiro é antes uma presa certa de magnatas cavilosos.

Golpe rude foi para o "Centro" a criação do Instituto Nacional do Sal que, alheio a interesses intermediários entre a produção e o consumo é livre de encarar a questão sob o cunho econômico-social. Por lei, visa a sua administração assegurar o equilíbrio entre o consumo e a produção, fixar tipos do produto, sugerir aos governos federal, estaduais e municipais medidas necessárias ao melhoramento da produção e do consumo; promover o financiamento, o

¹⁸ A *Tragédia do Sal Brasileiro*, *obit cit*
¹⁹ *idem*

fomento da indústria, a construção de armazéns; estudar as possibilidades de exportação; vedar o transporte do produto que não satisfaça as exigências de análises químicas previstas e proibir a construção de novas salinas ou a ampliação das atuais.

Tais poderes e a determinante decisão expressa no decreto-lei que proíbe na comissão executiva do Instituto a presença de comerciantes, comissários ou distribuidores de sal, indicam uma preocupação honesta, um equilíbrio justiceiro desejoso pelo menos de talhar cobiças monstruosas do super-capitalismo voraz.

A proibição pelo Estado do Rio Grande do Norte, em 1934, da saída de sal sem pelo menos um ano de "cura", já fôra um grande passo para o beneficiamento da produção. Em Cabo Frio, ademais, duas refinarias e vários moinhos de moer sal, contribuem para o melhoramento da indústria salineira. E às medidas já tomadas pelo Instituto, seguir-se-á necessariamente a crescente fiscalização do próprio meio social dos trabalhadores das salinas, fortalecendo a aplicação das leis trabalhistas.

O resto virá por si, com o aceleramento progressivo da cultura do país, desde que o govêrno, compreensivo das necessidades regionais minore os impostos que agravam o sal, regularize o problema dos fretes em navios e estradas de ferro facilitando o transporte aos centros consumidores, decidindo afinal a correr o pano sôbre o drama do sal que há mais de trezentos anos teve início e que sômente agora aparenta chegar ao fim.

V. TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

O isolamento e a deficiência de comunicações resultam em estagnação, isolamento e morte. A facilidade com que se deslocam de um lugar para outro, hoinens e mercadorias, constitui índice seguro do ponto a que já atingiu o domínio do homem sôbre o meio " ROP NASH: A Conquista do Brasil" Rio, 1939, pág 247

Não apresentando as restingas fatores telúricos favoráveis a grandes adensamentos humanos, sua importância é contudo decisiva na penetração do norte fluminense no passado.

Foram elas o rumo natural, a estrada prèviamente aberta, ou melhor, multiplicidade de caminhos todos orientados paralelamente ao contôrno da costa, indicando a rota a ser pisada pelos desbravadores primitivos. De um lado, um mar que além de Macaé não oferece ancoradouros à invasão dos misteriosos campos dos Goitacás, onde o terror indígena isola a terra inatingida pelo branco. Do outro, os matagais e pântanos da Baixada, opondo a marcha das entradas, barreiras só desfeitas com uma cultura compensadora de grandes esforços para as derrubadas. o café.

Pouco a pouco, porém, a fama das planícies do Paraíba transpõe-se no Rio de Janeiro, instigando à sua tomada os audaciosos. Para atingi-las basta seguir as longas vias que entre cerrados des- tapam ilimitadas perspectivas. À beira das longas baixadas leti- líneas, podia-se andar léguas a fio, até que um rio mais volumoso exigisse canoas para a sua travessia. E dois somente se interpunham em tôda a costa, escoando permanentemente para o mar: o São João e o Macaé.

Sôbre a planície litorânea, é que portanto se fazem as primeiras viagens. Na jornada libertadora de Cabo Frio, sôbre elas marchou o grosso da gente de guerra. A seguir, pelo caminho das restingas, seguem os jesuítas amansadores do goitacá, o maior empecilho à penetração dos "Campos". Por elas é que vão para o norte os Sele Capitães, encaminhados pelas avenidas naturais. Sôbre elas final- mente é que transitam as boiadas de Campos, nos cem anos do "ciclo da pecuária", durante o qual anotamos em *O Homem* e o Brejo, a escassíssima navegação pela foz do Paraíba. Só com o ad- vento do "ciclo do açúcar", é que os transportes marítimos se desen- volveram no pôrto de São João da Barra, de acesso difícil.

Sempre a restinga como estrada natural que vinha da Barra do Açú marginando o litoral até Macaé, prosseguindo a Barra ao São João e daí rumando para Cabo Frio ou São Pedro d'Aldeia, onde até Maricá era utilizada, a beira das lagunas.

Ao norte do Paraíba apontamos a ida de gente para o Sertão de Cacimbas, também aproveitando os caminhos naturais traçados nas areias, e, até bem pouco, todo o comércio da zona elevada do extremo norte sanjuanense derivava em viagens de tropas e carros de bois para a vila de Gargaú, cuja importante feira semanal acha- se atualmente em decadência com a rodovia que leva diretamente a Campos os produtos daquela zona.

Isto, quanto ao transporte terrestre, porque o de embarcações ainda hoje grandemente se utiliza dos sulcos deixados pelo recuo do mar.

Na região das planícies, o melhor exemplo é do canal de Cacim- bas. Já descrevemos a sua abertura em meados do século dezanove, pela necessidade de ligação do Paraíba ao chamado "Sertão de Ca- cimbas", designação ainda hoje empregada para a região de tabu- leiros além da planície de areia no extremo norte do Estado do Rio.

Largos brejos marginais de restingas estendem-se desde o rio até a borda dos tabuleiros, corri cêrca de 15 quilômetros de extensão. Rasgado nêles a braços de escravos, ao canal de Cacimbas coube importante papel no desenvolvimento do comércio e da indústria sanjuanenses, visto que, além dos produtos da lavoura, por êle descia a madeira para os estaleiros de São João da Barra.

A pequena profundidade dessas antigas lagunas não permite a navegação de vapôres. Entretanto, ainda hoje as grandes pian-

chas de calado mínimo, trafegam através de restingas até os altos de São Francisco de Paula, num intensivo transporte de lenha para Campos.

Quase ao chegar aos tabuleiros, o canal tinha uma comporta no lugar denominado Estreito, mantendo-se dêste modo a entrada livre das embarcações, por muitos quilômetros ainda, através dos brejos de tabuleiros do Macabu e da Sesmaria.

Vemos assim os fatores geográficos das restingas, tornando-as vias de comunicações naturais ou artificiais pelo fácil aproveitamento de seus caracteres geomorfológicos. A Terra, mais uma vez orienta o Homem em suas atividades, indicando-lhe os rumos a seguir.

Maior indicação ainda da influência de tais fatores no desenvolvimento das linhas de transportes, encontra-se no canal Campos-Macaé, quando atravessa restingas, isto é, nos 70 quilômetros de trajeto desde a lagoa de Jesus, nas alturas de Guriri até a cidade de Macaé, dos quais um quilômetro apenas aproveita o rio Macabu próximo a sua foz e seis o rio Carrapato onde em partes ainda utiliza baixadas de restingas.

Da lagoa até Machadinha, o canal foi aberto entre amplos pantanais originados pela barragem de restingas marginais a lagoa Feia. Beirando a península de Quiçamã ainda êle segue uma série de baixadas resultantes do represamento de córregos dos tabuleiros pelas areias ora distanciadas do antigo litoral, ora comprimidas contra as velhas falhas falejas dos tabuleiros terciários. Deixando o rio Carrapato, porém, seus longos trechos retilíneos que cortam as lagoas de Carapebus, Comprida, Jeritibatiba e Bananeiras, sulcam autênticas depressões do recuo do mar, em plena planície arenosa.

Inutilizado pela estrada de ferro, o canal todavia em todo o seu traçado, é uma clara demonstração geográfica da Natureza guiando o homem e governando as suas caminhadas. Antes que essas linhas de menor esforço fossem aproveitadas com o progresso da engenharia, outras estradas naturais sempre oferecem trajetos utilizáveis por mais primitivas civilizações.

A continuação da Campos-Macaé até Niterói, através das lagoas de Araruama, Saquarema e Maricá, idealizada no passado século, surgiu evidentemente das mesmas condições topográficas litorâneas até proximidades de São Pedro d'Aldeia, onde apenas um deprimido divisor de águas separa as nascentes do afluente do rio Una, das águas da Araruama.

Torna-se inútil encarecer a importância desta laguna como via de comunicação. De todos os recantos de suas margens, partem lanchas de sal e barcos de pesca. Dos portos da Araruama, os produtos da lavoura, antes da construção da Estrada de Ferro Maricá, também rumavam para Cabo Frio em busca dos navios para o Rio de Janeiro.

Páginas atrás, notamos a passagem de SAINT-HILAIRE pelo caminho velho de Niterói a Cabo-Frio, entre a lagoa de Saquarema e o mar. Nesta estreita faixa marítima, a estrada reta cortada pela Natureza nas restingas, mereceu a atenção do naturalista que a compara a uma grande via, — une *chaussée*.

Sôbse restingas é que se ia de Maricá aos pés do serrote que atinge o mar no falso "Pão de Açúcar", — Itaipuaçu —, transposto o qual, podia-se prosseguir até proximidades de Niterói pelas margens das lagoas de Itaipu e de Pirapetinga.

A função da restinga no Rio de Janeiro, como via de transporte só nos aparece definitivamente com tôda a sua importância com as fundações de Copacabana, Ipanema e Leblon, embora em Jacarepaguá, o bordo setentrional da planície de sedimentos marinhos de longa data fôsse utilizado como via de comunicação para Guaratiba.

Quanto à influencia da Marambaia nas ligações com o extremo oeste do Estado do Rio, deve ter sido ela muito limitada. Mas, indiretamente essa influência foi muito grande, visto que a longa barragem de areia do enorme pontal, ensacando unia baía cujas águas sereníssimas ligam-se às igualmente calmas da baía da ilha Grande, fornecendo um magnífico trajeto para canoas até o pôrto de Parati, por onde se fêz durante largo tempo da Colônia o intercâmbio com São Paulo e as capitânicas vizinhas.

Era na Marambaia que durante o Império desembarcava a numerosa escravaria da família BREVES, em lotes que vinham diretamente da África. Antes de serem levados para São João Marcos, ali estacionavam os negros que eram "friccionados a casca de côco para se limparem da sarna e adquirirem alguns rudimentos de sociabilidade, para o contacto com os brancos".²²⁰

Reverendo-se pois a história da faixa fluminense de restingas, torna-se evidente que, na evolução econômico-social do Estado do Rio devem-se a elas as principais vias de comunicações.

As estradas de ferro e outros caminhos terrestres desviando-se mais pelo interior através de zonas produtivas da Eaixada, fizeram com que essas primitivas estradas fôsem quase abandonadas. Atualmente, porém, fins estratégicos e a necessidade de movimentar as vilas esquecidas do litoral, transportam de novo os traçados rodoviários para as vizinhanças do mar.

Assim, é que, a moderna rodovia Niterói-Campos bordejando as lagunas de Maricá, Saquarema e Araruama, entra afinal em plena planície de restingas desde Campos Novos até proximidades de Macaé, onde longas tangentes de muitos quilômetros aproveitam o nivelamento natural das areias sôbre as quais uma camada de barro assenta em terreno seguro, dando ao mesmo tempo pela mistura uni saibro firme e de facilíma conservação

A barra costeira dêsses vastos areais embora de esterilidade manifesta, teve pois uma função capital na história e na economia fluminense. A restinga foi a estrada, sem a qual, dificilmente seriam atingidas as mais férteis regiões *agrícolas* da Baixada, na *penetração* do norte fluminense.

A medida, porém, que os pioneiros se embrenham e as culturas suplantam a selvajaria, os velhos caminhos litorâneos já não suprem as necessidades de escoamento. É então que apreciamos outro fâcias da tenacidade fluminense. O homem do brejo e do matagal, volta-se em busca direta do mar, sondando a costa à procura de portos.

As dificuldades enfrentadas são porém tremendas. De tão penosa travessia era a foz do Paraíua, que já frisamos a insignificância da navegação em princípios do setecentos. Mas os engenhos de Campos imperiosamente exigem barcos para o comércio do açúcar. E assim, vemos prosperar a vizinha vila das restingas, por reflexo da cultura anexa. Mais um exemplo da modificação dos métodos de trabalho, atuando nos sistemas de transportes e modificando os hábitos de um agrupamento.

A insignificância da lavoura campista nos princípios do dezoito, era tão grande, que, segundo ALBERTO LAMEGO, apenas uma pequena lancha com a capacidade de dois *moios* de farinha, entrava *anualmente* no Paraíba. Mas seu desenvolvimento fôra tal, que, já em 1730, mais de vinte embarcações, inclusive uma fragata, ali iam continuamente do Rio de Janeiro em busca da produção da planície.

Em 1740, cai dos primeiros estaleiros sanjuanense o primeiro barco: o "São João e Almas". Não foi porém na cidade. O transporte de madeiros através dos areais desde as florestas do norte na região dos tabuleiros, é difícil. A embarcação foi por isso construída, "na costa do mar em frente ao sertão de Cacimbas, no lugar então chamado Pôrto-dos-Barcos, e hoje Entrada-Velha".²²¹

Outro grande obstáculo a ser vencido pelo sanjuanense, era a falta de homens do mar. Embora descendentes de navegadores, o imigrante da planície era antes de tudo o camponês. Tinha portanto, com os antepassados, de aprender a marear. E nisto, o meio ainda, é quem lhe dá, com as primeiras letras do manejo de navios, um precioso auxiliar da própria terra: o índio. Dos novos estaleiros, já agora levantados no própria vila descem novas embarcações. "Para as tripularem, muito concorria depois a gente do Cargaú, composta de índios das aldeias do norte".²²² Os goitacás nadadores e mestres de jangadas, trepavam agora nos tombadilhos, a serviço do branco.

O incremento da navegação com o vertiginoso aumento do comércio de Campos, pede porém embarcações cada vez maiores. E

²²¹ MARTINS, F. J. — *Obi cit*

²²² *Idem*

oferece elementos substitutivos da energia e das necessidades campistas. A terra mais uma vez impõe o seu indestrutível fatalismo, e desta vez exige um tremendo esforço para subjugar a sua influência desanimadora. A criação de um pôrto moderno, capaz de permitir o acesso a vasos de grande calado.

Isto porém, excede a iniciativa particular, reclamando o interesse dos poderes públicos. Mas o Império, às voltas com as agitações sulinas, com a Guerra do Paraguai e com as lutas políticas da Abolição, não pôde calmamente meditar sôbre uma obra de tamanho vulto. E o velho Imperador, tão amigo desta região brasileira que visitara quatro vêzes, cai com a República que pôs fim a seu governo equilibrado.

A navegação de São-João-da-Barra, porém ainda não morrera. Mas com a Leopoldina — herdeira da E. F. Macaé-Campos —, que estende os trilhos até Niterói, e com os governos sucedendo-se em pasmosa indiferença ao monopólio do transporte por estrangeiros, a concorrência era fatal. Baixando os fretes ferroviários, a luta entre o capital estrangeiro organizado e o nacional enfraquecido, era prevista como ganha pelo primeiro. E assim, a navegação em contínuo decréscimo de mão em mão vai definhando.

Das três companhias que em fins do século movimentavam o pequeno pôrto, a "Cabotagem", a "Macaé-Campos", e a "Companhia de Navegação São João da Barra e Campos", somente a última sobreviveu até recentemente. Ao ser vendida em 1915 aos Grandes Moinhos Qamba, tão intenso era a consciente necessidade de sua existência, que o comércio de Campos ainda protestou, não obstante a sua decadência. Posta em concorrência porém, e não surgindo interessados locais, aquela firma adquiriu-a. Em seguida passou a Companhia Araranguá, sob a gestão de PAULO DE FRONTIN, a qual posteriormente tornou-se propriedade da "Organização Laje".

Em seus últimos decênios de construção naval, São João da Barra teve ainda três estaleiros, um dos quais da sobrevivente Companhia para reparo de seus barcos. Ali construiu-se um navio de ferro, o "Cintra", além de várias embarcações para transportes fora da barra: os "Alívios".

O "Estaleiro Modelo" funcionou até 1928 e o "Regaleira" até 1924. Morreu assim uma indústria nacional vinda dos tempos coloniais e com dois séculos de vida. Nascera das necessidades econômicas condicionadas ao meio geográfico. Aquelas, porém, agiantadas pela própria evolução e não sendo as condições locais modificadas por melhoramentos portuários paralelos, com a difícil navegabilidade natural da foz do Paraíba em frente às contingências modernas de um comércio intenso, ruíram os estaleiros.

A construção naval em São-João-da-Barra, dá-nos um forte exemplo da recíproca influência entre o meio fundamental e o homem que a tenta dominar, o qual embora sempre dêle dependente, cada vez menos é forçado a submeter-se a sua imposição através

de seu progresso industrial. Atualmente, o grande volume de mercadorias em tráfego pede navios de aço e de alto porte, fabricados em grandes estabelecimentos industriais longínquos. Outrora, a necessidade imediata de transportes para uma tonelagem menos vultuosa, podia ser suprida por estaleiros nas vizinhanças dos próprios centros produtores, sobretudo em casos como o nosso onde os navios de madeira para a cabotagem tinham na própria terra matéria prima para a sua construção.

Tôda a magnífica madeira para os barcos sanjuanenses, vinha das próprias florestas municipais ou das matas campistas. Para a quilha e a sobrequilha, o ipê-peroba, o ipê-tabaco e a peroha-de-campos. Com esta e com a peroba-rosa armava-se o cavername e o tabuleiro, pai-a o qual ainda era empregada a cacunda-de-espinho. Isto para os barcos de alto mar. Porque nas embarcações miúdas, tais como chatas, saveiros e catraias, lenhos como o gonçalo-alves, a copaíba e o jataí-rosa eram excelentemente utilizáveis.

A madeira das florestas municipais do norte, descia em balsas pelo canal de Cacimbas, ou também por água vinha de Gargaú, para onde eram levadas através das restingas em carro! de bcis De Manguinhos ou da foz do Itabapoana, toras desciam ao longo da costa, embalsadas rio costado de lanchas e de rebocadores

Estabelecidos para as necessidades locais, os estaleiros sanjuanenses não eram para navios de grande tonelagem. Mas primavam tanto na construção que dali saíram as primeiras barcas da Cantareira, para a travessia da Guanabara.

Entre os últimos barcos ali feitos, o maior foi o "Conselheiro" mais tarde crismado em "Candelária", que não há muito sossobrou no pôrto de Santos. Com cêca de quinhentas toneladas, transportava 6 000 sacas de açúcar. Além dêste, os patachos "Competidor", "Regaleira" e "Francolino", que não atingiam 300 toneladas. O primeiro veio a naufragar na própria foz do Paraíba.

Além de lugres, patachos e escunas, São-João-da-Barra construía rebocadores de alto mar do tipo "Laje", iates a motor, chatas, catraias, saveiros e inúmeras pranchas fluviais e barcos a vela para a navegação do rio. Até hoje é grande o número de pranchas que trafegam individualmente no Paraíba. Antigamente eram comuns em longas filas rebocadas por pequenos vapores de roda. o "Cachoeira" de 80 toneladas, o "Miracema" de 100 e o "Paraíba" de 120. Os dois maiores iam até São Fidélis, enquanto o menor podia meter-se pelo Muriaé até Cardoso Moreira.

Salvo pequenos barcos ocasionais que demandam o pôrto de Atafona, o comércio de pranchas é tudo o que resta da navegação outrora promissora, filha do esforço exclusivo do homem das restingas coim seus próprios recursos naturais, e que, mirrada porém, aguarda o auxílio governamental para, com um bom pôrto de mar,

poder novamente **reviver, multiplicando** com o estímulo de um renascimento vigoroso as realizações de um grupo étnico regional que, através de séculos cumpriu isoladamente a sua missão **civilizadora**.

Como **já** frisamos, fora das atividades dirigidas para o comércio fluvial e marítimo, o trabalho da terra pelo sanjuanense teve sempre como obstáculo retardatário à sua iniciativa o meio geológico-geográfico. A única parte realmente aproveitável para tarefas agrícolas é o norte do município, e esta zona está distanciada da sede municipal por extensa planície arenosa de travessia fatigante, tendo-se ademais de transpor o Paraíba.

Todo o comércio daquela zona fazia-se até recentemente através da pequena vila de Gargaú. Para ali vinha a produção agrícola em longas e demoradas viagens em carros de boi, tomando então a via fluvial em pranchas pelo canal que a conduzia ao rio e à cidade. Sem jamais ultrapassar os limites de uma vila pequena, Gargaú, devido a fatores geográficos, foi desta maneira sede de uma feira semanal, famosa outrora pela variedade e barateza dos produtos do campo que ali embarcavam para as duas vilas da planície do Paraíba.

O principal desses produtos era a farinha de mandioca para cuja cultura já mencionamos a excelência do solo dos tabuleiros. Além da farinha, da mandioca e de animais de sela e corte, **tôda** uma variada manufatura rural de pequenos artefatos ali se via. Eram gaiolas e gamelas, cordas de embira e couro, **tôda** a nossa usual produção de objetos de fibra ou de taquara trançada, para uso doméstica ou para pesca, tais como arupemas, **samburás**, esteiras, cestas, tipitis, jacás, rêdes, puças, juquiás, e finas panelas de barro, revelando a duradoura influência indígena, hereditária.

Com as atuais estradas de automóveis ligando a Campos o norte do município, o comércio de Gargaú rapidamente declinou. A feira é insignificante, visto que a produção pode escoar-se diretamente aos tabuleiros para Campos.

O declínio de Gargaú, ainda mais deprimiu São-João-da-Barra, hoje a dormir na imutável tranquilidade das cidades velhas, paralisadas pelo desvio das rotas de comércio.

Da interação do homem e do meio na história sanjuanense, deduz-se do que narramos a fatalidade imperiosa do fator transporte na evolução da vila que, talvez em todo o nosso litoral, é **a** que mais centraliza uma tão grande rarefação de possibilidades agrárias de um meio pobre: a grande planície de restingas. A razão de ser deste núcleo é unicamente a foz do Paraíba.

Nasceu êle como um prolongamento natural das lutas campistas por um solo rico, permitindo uma eficaz compensação de esforços desbravadores. Cidade marginal a uma abundância agrícola sem limites. Gata Borrallheira da fertilidade tropical.

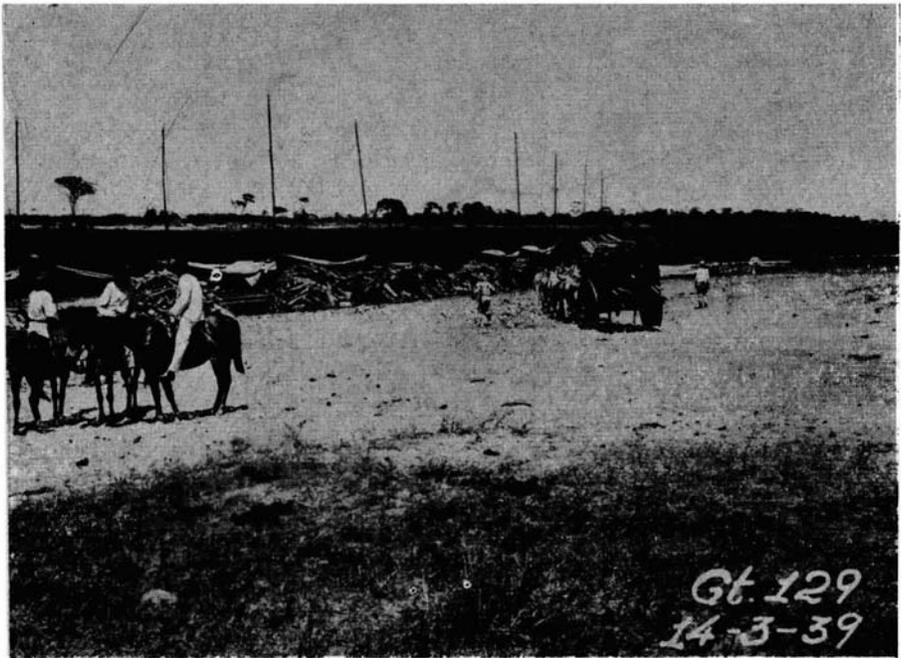


Fig. 143 — Transporte de lenha dos cerrados para o canal de Cacimbas.

(Foto CAMILO DE MENESES)

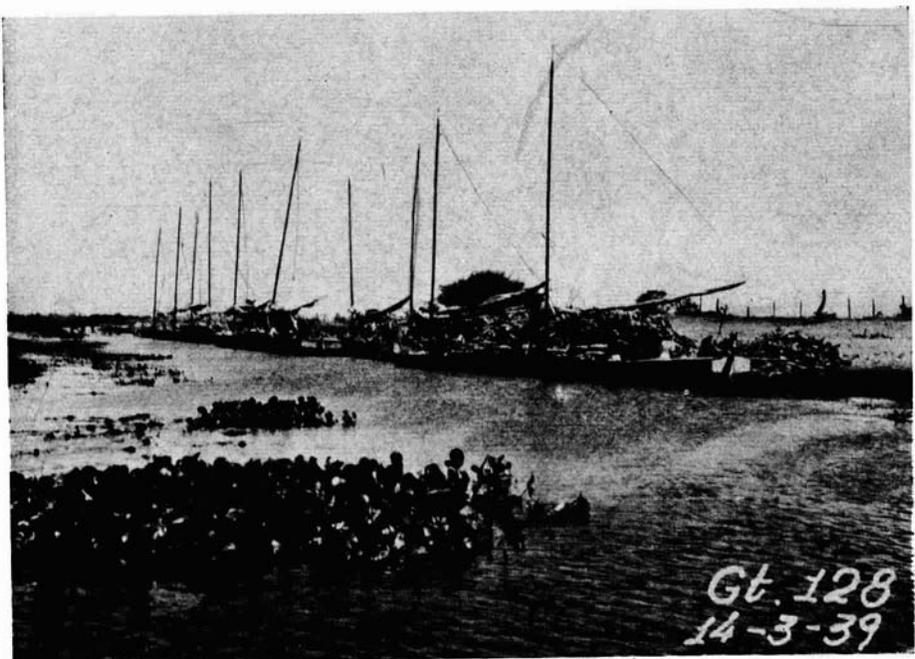


Fig. 144 — Pranchas carregando lenha dos cerrados, em Cacimbas.

(Foto CAMILO DE MENESES)



Fig. 145 — O canal de Cacimba Frechô inferior.

(Foto D.N.O.S.)

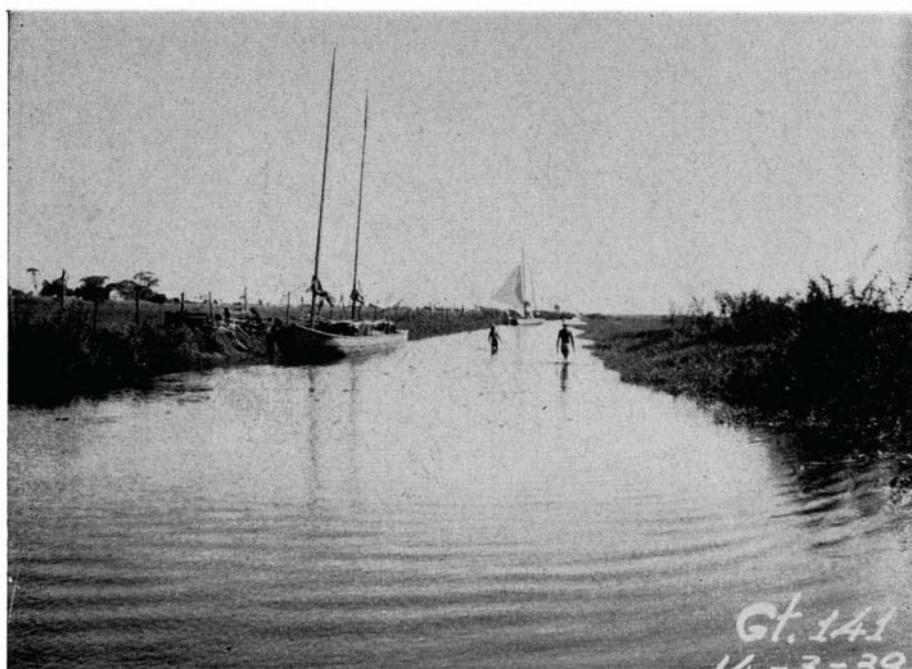


Fig. 146 — O canal de Cacimbas com sua navegação de pranchas.

(Foto D.N.O.S.)



Fig. 147 — Pesca de juquiá no canal de Cacimbas em seu trecho superior, no local denominado "Estreito", onde outrora havia uma comporta.

(Foto CAMILO DE MENESES)

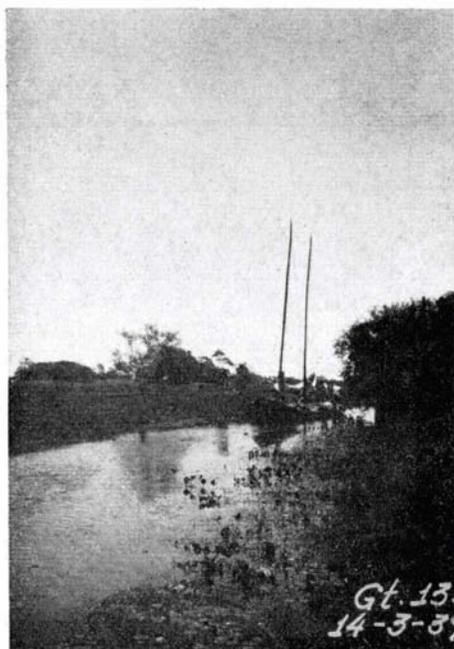


Fig. 148 — As pranchas de fundo chato navegam até o extremo norte do canal de Cacimbas apertado entre restingas, levando o transporte à região dos tabuleiros.

(Foto CAMILO DE MENESES)



Fig. 149 — Foz do canal de Cacimbas no Paraíba. (Aerofoto KAFURI)



Fig. 150 — Vista geral do canal de Cacimbas, aberto em baixadas entre restingas. (Aerofoto KAFURI)

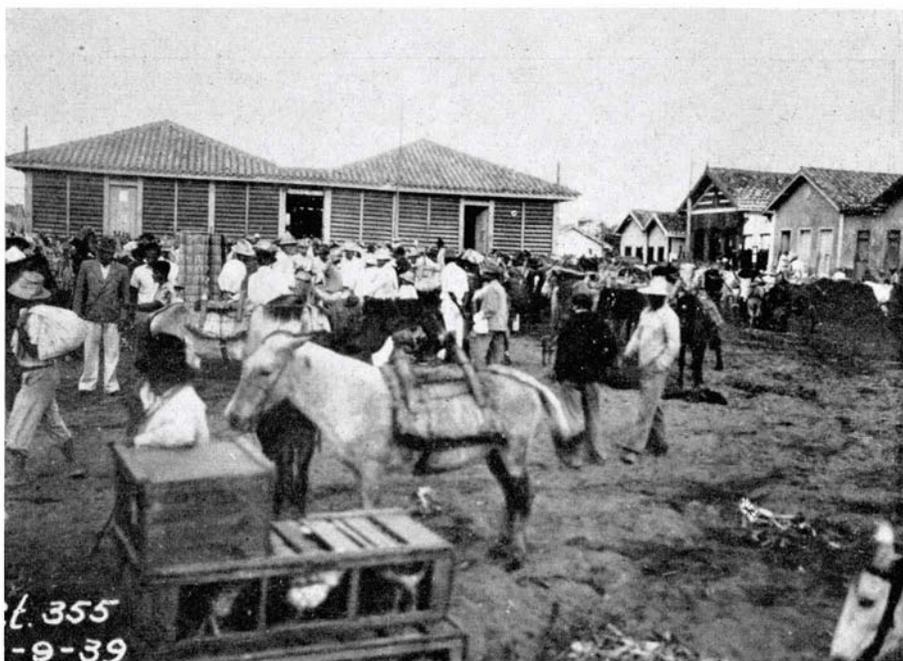


Fig. 151 — Aspecto da feira de Gargaú, outrora centro de intenso intercâmbio, e hoje decadente pela concorrência das rodovias.
(Foto CAMILO DE MENESES)

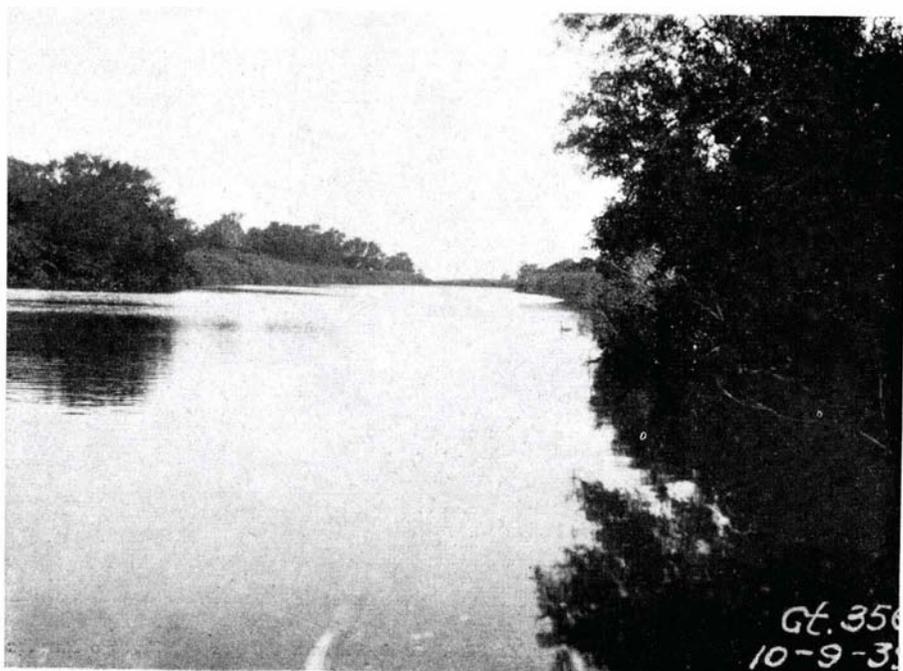


Fig. 152 — O canal de Gargaú ligando esta vila a São-João-da-Barra.
(Foto CAMILO DE MENESES)

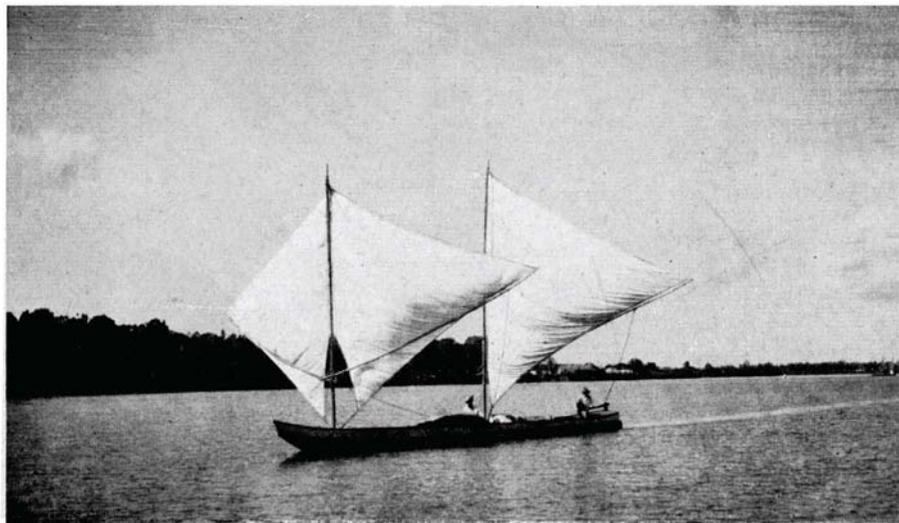


Fig. 153 — A *prancha*, longa embarcação de fundo chato, que se adapta a navegação do Paratba e à dos rasos canais de Cacimbas e de Gargaú.

(Foto A. R. LAMEGO)

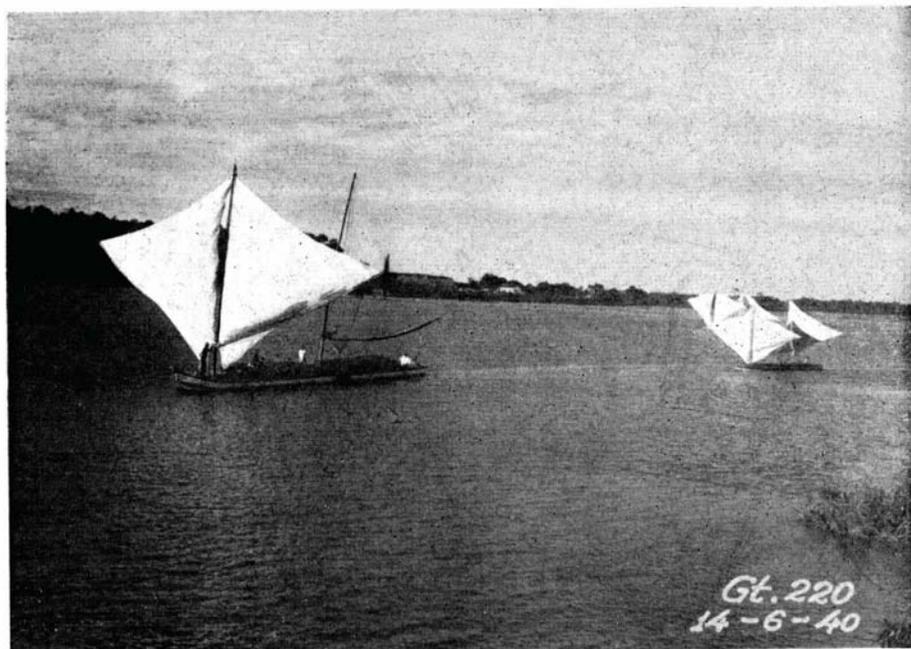


Fig. 154 — Quando sopra o nordeste, de Sdo-Jodo-da-Barra a Campos enjeita-se o Paratba de numerosas velas brancas.

(Foto CAMILO DE MENESES)



Fig. 155 — Desembarque da farinha de Gargaú das pranchas em Campos.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 156 — Com os modernos meios de transporte as restingas apresentam comumente campos de aviação naturais.

(Aerofoto CAMILO DE MENESES)

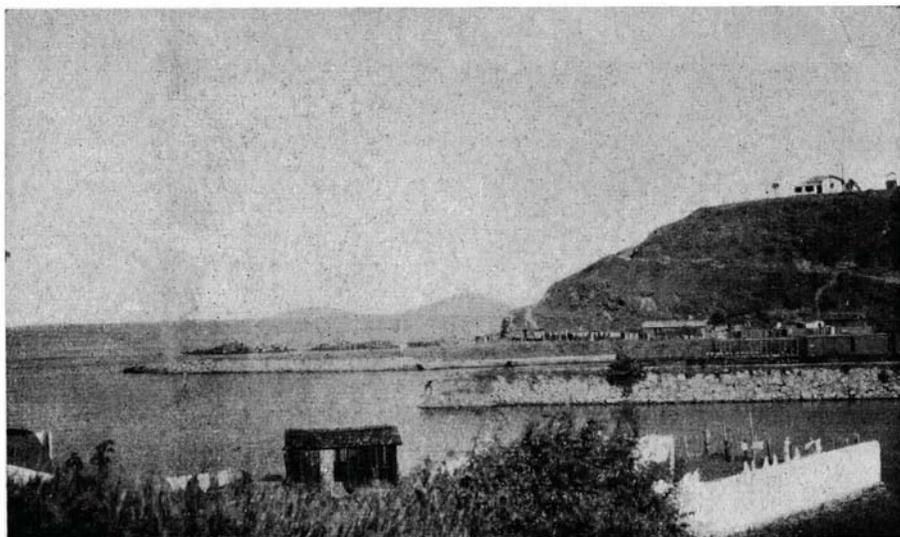


Fig. 157 — Velhos molhes e cais abandonados em Macaé.

(Foto A. R. LAMEGO)

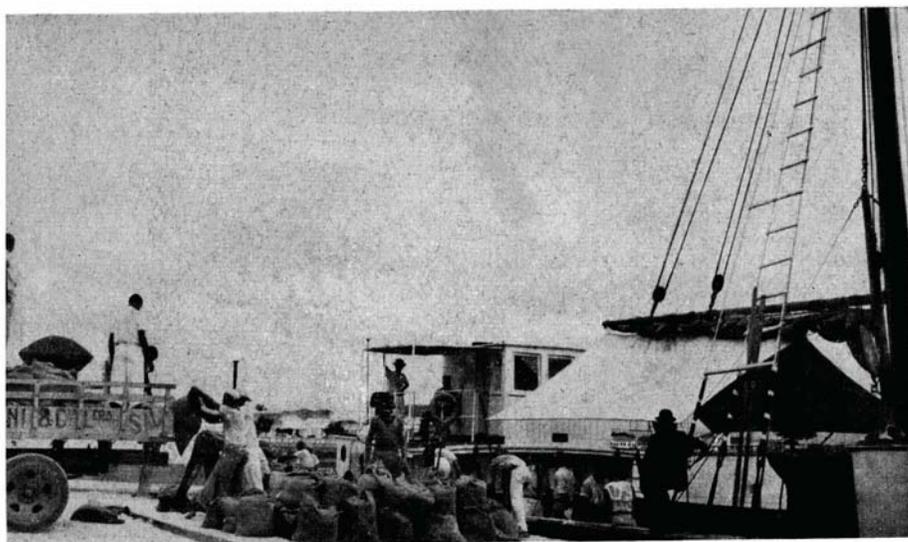


Fig. 158 — Desembarque de sal de Cabo-Frio em Macaé.

(Foto A. R. LAMEGO)

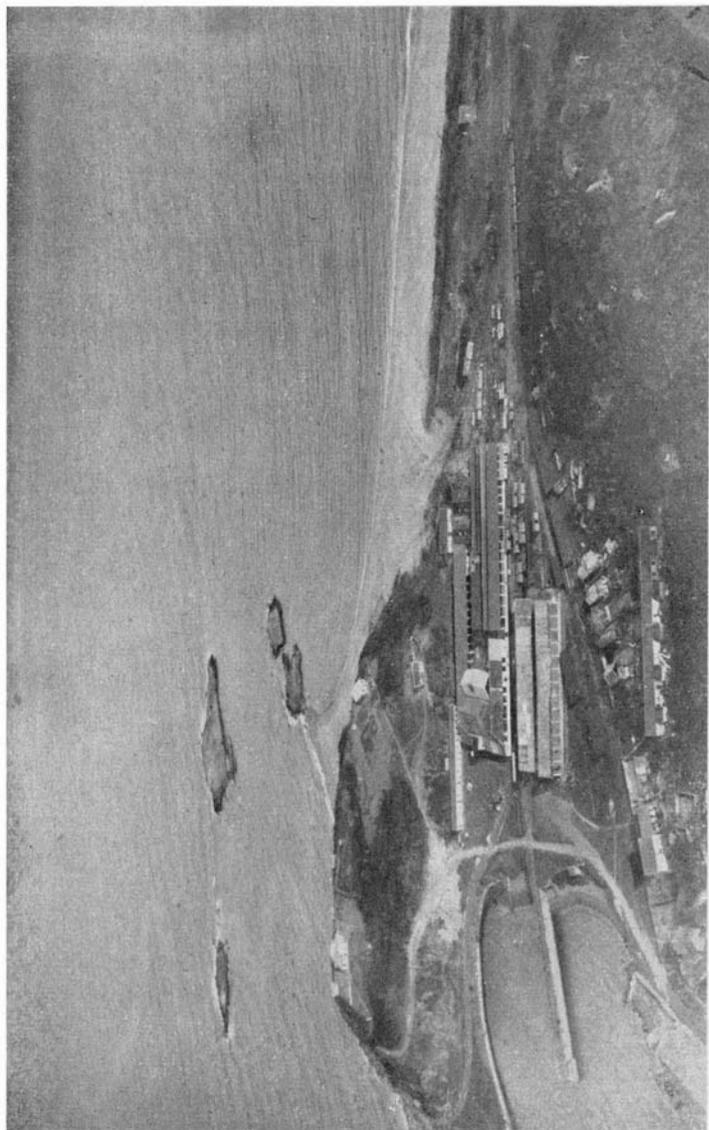


Fig. 159 -- As oficinas da atual *E. F. Leopoldina*, em Imbetiba, nascidas com primitiva *E. F. Macaé-Campos*. Ao fundo a prata Campista.

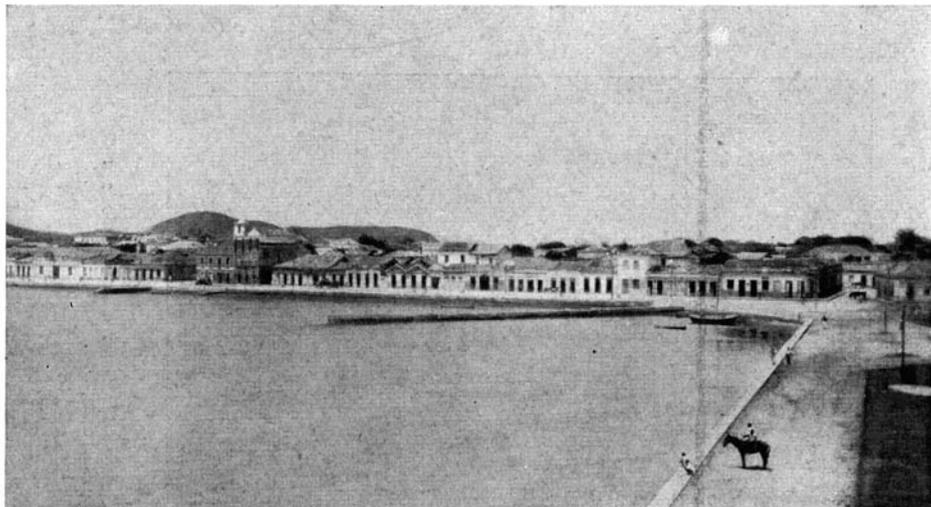


Fig. 160 — *Cidade de Cabo-Frio.*

(Foto A. R. LAMEGO)

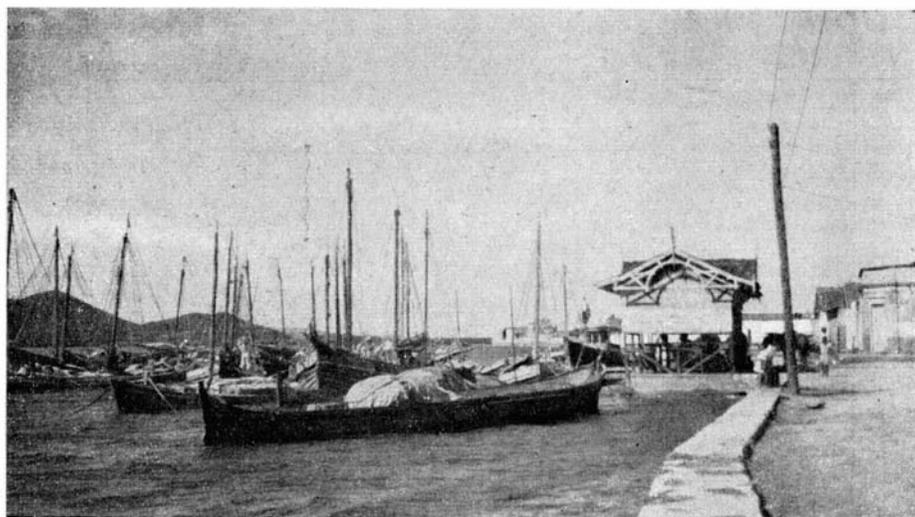


Fig. 161 — *Barcos de sal e de pesca no pôrtae Cabo-Frio.*

(Foto A. R. LAMEGO)

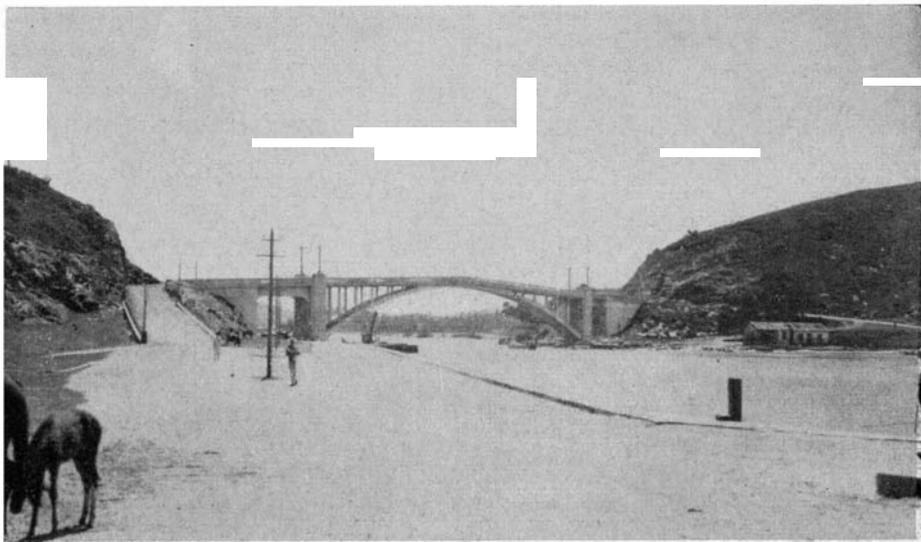


Fig. 162 — A ponte Feliciano - Sodrê sóbre o canal de Itajuru, ligando a cidade de Cabo-Frio ao continente.

(Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 163 — Sempre os velhos meios de transporte para os pequenos sitiantes da região das lagoas.

(Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)

Afora as lides da pecuária, fraca instigadora de concentrações humanas, a zona municipal só conta com terras de lavoura em área apreciável ao norte da cidade em distâncias atingíveis pela travessia de um rio largo e por estéreis e cansativos areais. Dessas terias mesmo, pouco espera atualmente o município, para a reviviscência da velha cidade por um impulso comercial. Ao contrário, o que ali se nota é o drenamento cada vez maior de seus produtos agrícolas para Campos, através da rêde automobilística setentrional, afastando do contrôle direto das diretrizes municipais a sua única região de reais possibilidades agrárias.

Com tais fatores geográficos negativos, o meio desviara o homem para trabalhos outros que remuneraram seus esforços: a construção naval e a navegação. E, pelo merecido renascimento desta última, sobretudo, é que São-João-da-Barra poderá de novo reerguer-se, completando a iniciativa permanente do campista.

Os dois municípios contíguos e racialmente irmanados mas de fatores telúricos tão opostos, completam-se numa reciprocidade econômica pelo equilíbrio das condições geográficas. Um de solo rico e grande produtor, porém cercado de obstáculos naturais ajustada-se ao outro, de solo ingrato e de frágeis possibilidades econômicas mas aberto para o mar.

Raros exemplos históricos de mais completa simbiose econômica nos oferece a evolução social do povo brasileiro em casos regionais. A produção e o transporte harmoniosamente conjugados pelo determinismo geográfico de dois municípios complementares entre si.

For mais que tentem iludir-se os teóricos de uma absoluta e livre subordinação do meio a inteligência e vontade humanas, serão estas sempre condicionadas em seus destinos históricos aos fatores geológico-geográficos, isto é, a pressão da ambiência que, embora muitas vezes aparentemente subjugada, imprime sempre à vida social uma orientação inevitável.

Idêntica foi a formação étnica inicial das populações de Campos e de São-João-da-Barra, submissas pelas mesmas leis aos mesmos donatários. Unida e entrelaçada foi tôda a sua história de vizinhos da mesma família. Nenhum elemento imigratório contribuiu para diferenciá-los até hoje. E no entanto há uma chocante diversidade de culturas justapostas.

Quem as diferenciou? Um único fator: o meio. A terra disciplinando irretorquivelmente cada um desses grupos humanos a pré-estabelecidas condições edáficas. Distinguindo-os pela seleção natural de atividades que os dirigem para evoluções sociais divergentes.

Nenhuma força poderia modificar a resultante histórico-social de trezentos anos de luta nas duas zonas da planície goitacá: a campista e argilosa a oeste e a sanjuanense e arenosa a leste. A primeira, teria sempre uma elevada função agrária pela riqueza do

solo aluvional. A segunda, por seus fatores edáficos sempre seria subordinada às atividades secundárias de uma pecuária disseminada sobre restingas estéreis. Mas a primeira, fechada no continente buscará sempre o mar através da segunda, embora a decadência atual do pôrto de São-João-da-Barra tenha ocasionado o desvio artificial da produção do norte fluminense para a Guanabara, através de trezentos quilômetros ferroviários com fretes onerosos.

É pois evidentemente ilusório querer contrariar a Natureza, porque esta sempre volta com sua imposição de fenômenos impositivos. Hoje, mais que nunca, delinea-se claramente a necessidade de um pôrto de mar na costa sanjuanense, mesmo por motivos estratégicos, sendo incompreensível que, entre Vitória e o Rio de Janeiro, tôda a nossa extensão de costa permaneça desguarnecida de um único ancoradouro para a Marinha de Guerra.

Dir-se-á que o Império foi o iniciador dessa ruína viva desviando pela construção do canal de Macaé o intercâmbio de Campos para um porto mais vizinho da Guanabara. Fê-lo porém sob a premente necessidade de auxiliar o escoamento da produção campista que já ultrapassara a capacidade natural do pôrto de São João da Barra, quando não fôra atingido ainda um nível econômico regional capaz de compensar vultosas despesas com os melhoramentos artificiais. Tal não era o caso, porém, quando na 1ª República a produção do norte fluminense e dos municípios vizinhos do Espírito Santo e de Minas Gerais atingia o nível máximo entre tôdas as regiões agrícolas do país. Não obstante executarem-se então dispendiosos estudos para as obras portuárias, sempre ficaram êles no campo de simples reconhecimentos, aproveitáveis como engodos eleitorais.

Atualmente uma comissão de engenheiros especialistas efetua pesquisas sobre o regime de águas da foz do Paraíba, e, é de se esperar que, mais uma vez não fiquem elas no campo imaginário dos projetos mas que terão afinal a sua concretização definitiva numa obra de tamanha precisão.

Outro porto de importante função econômica na história do norte fluminense é o de Macaé. A foz desse rio oprimida por um pontal de restinga larga, de poucas dezenas de metros é impraticável, a não ser para os barcos de pesca e um que outro vaso de reduzidas dimensões. A estreiteza do Macaé não permite manobras de uma navegação embora modesta. Mas ao sul dessa foz abre-se para a cabotagem a enseada de Imbetiba, magnífica e tranquila sobre um mar que serenamente a ondula, batendo-lhe as areias que se curvam numa praia admirável.

De longos idos foi a enseada frequentada por piratas que, longe porém de se ali instalarem, como em Cabo-Frio, preferiram as ilhas fronteiras de Sant'Ana, de bons e calmos surgidouros na banda continental.

Vimos que do temor dêsses corsários nasceu a vila com a sua aldeia de índios. Tôda a história dêsse pôrto até meados do novecentos resume-se porém em idas e vindas de raras embarcações num frágil comércio em que se destacava a exportação de madeiras de lei.

Foi dito, entretanto que, desde 1872, um súbito e alentador impulso estimulou a sua vida estagnada com todo o pêso dos engenhos de Campos mandando-lhe o seu açúcar, primeiramente pelo canal e logo a seguir por via férrea. Nasceu dêste modo o pôrto de Imbetiba e com êle uma intensa agitação portuária pelos fins do Império.

Em 1880, a Companhia que o explorava com o comércio de Campos dispunha de 5 vapôres em tráfego regular entre Imbetiba e o Rio ²²⁴ Possuía a sua estrada de ferro 7 locomotivas, 80 vagons cobertos e 42 abertos, 12 vagons de lastro, 14 de passageiros e 3 de carga O seu capital era de 7 500 contos, dos quais apenas 2 786 foram realizados.

Pelo pôrto de Imbetiba passaram em 1879: ²²⁵

Passageiros	29 386	
Mercadorias	24 776 533	quilos
Açúcar	8 675 995	”
Encomendas	503 902	”
Gêneros diversos .. .	18 480 512	”

A receita total dêsse ano que fôra de 1 059 765\$478, prezia um formidável progresso para a Companhia. Entrando porém logo o Brasil em plena febre de construções ferroviárias a ligação da cidade a Niterói desmentiu a previsão e de súbito aniquilou o pôrto de Imbetiba.

Sem os recursos de uma sólida base econômica regionalmente alicerçada em produção fecunda, o pôrto de Macaé, embora com possibilidades outras que o de São-João-da-Barra como êste completamente decaiu. Pelo que ali resta aproveitável, — tais os molhes e cais sólidamente em desafio ao tempo —, as obras portuárias adicionais à sua renovação certamente que não serão de grande vulto ao compará-las com as da foz do Paraíba, de Angra dos Reis ou de Niterói.

Continuando pela costa para o sul, vemos que, de todos êsses rios divagantes em planícies pantanosas, o São João é o de melhor calado. Transposta apenas a barra um tanto rasa com 2 a 3 metros de sonda,, o rio aprofunda-se logo podendo chegar a 10 metros

²²⁴ Eram êles o “Imbetiba”, o “Goitacás”, o “Bezerra de Menezes”, o “Presidente Travassos” o o “Baião de São Diogo”

²²⁵ Relatório apresentado à Assembléa Geral, pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, MANUEL BUARQUE DE LACERDA Rio, 1880

d'água. A influência das marés vai a foz do Indaiáçu, a 50 quilômetros da embocadura. Barcos de 10 pés de calado sobem até a fazenda dos Três Morros por cêrca de 30 quilômetros de via líquida, contraste grande com o Macaé somente navegável até o Jurumirim a poucos quilômetros da foz.

A tais facilidades fluviais do São João é que se deve o apreciável volume de seu comércio no Império, movimentando o vale todo até a cordilheira com o transporte da madeira e as centenas de milhares de arrôbas de café de suas fazendas. Parte mesmo da produção agrícola de Cabo Frio demandava os veleiros do pequeno pôrto.

Hoje, porém, pouco há que esperar dêsse velho núcleo de intercâmbio. Pequenas demais são as distâncias dessa barra as de Macaé e de Cabo Frio, mais promissoras, além de que, a nova estação de estrada de ferro ali já construída para a futura linha a ligar a Leopoldina à Maricá em Rio Douro, por longos anos bastará como dreno a tôda a produção da humilde terra de CASIMIRO DE ABREU, bloqueada de restingas, alagada de pantanais e agreste de lombadas de serras dificilmente trabalháveis.

Resta Cabo Frio. Com a narração de seu passado e com a evolução de sua indústria salineira vimos através de sua história a falta que fêz o ancoradouro obstruído pela imprevidência de MENE-LAU que entulhou a barra da Gamboa ao expulsar dali os holandeses. Esse êrro, porém, prejudicando a navegação de pequenos navios em passados séculos, pouca diferença faria hoje quando maiores cascos não poderiam penetrar no canal tivesse êle sido conservado com a fundura primitiva. Com o atual desenvolvimento da salicultura ressalta imediatamente, entretanto, o sério problema dêsse pôrto.

De longa data vem-se fazendo ouvir o crescente apêlo para o seu inelhoramento. Vários governos por êle se interessaram, ficando sempre a sua realização no campo subjetivo de bem intencionadas cogitações ou em obras parciais inadequadas a uma definitiva solução. MOUCHEZ nos apresenta a excelência da baía entre o cabo dos Búzios e a ponta de Santa Cruz, sendo a maior e a mais profunda entre as numerosas enseadas locais, abrigo ótimo em todos os tempos mesmo para a esquadra. Quanto a Cabo-Frio, diz-nos o célebre sondador dos nossos mares que, fora da barra podem os navios ancorar em fundos de 20 a 25 metros.

No Império, antes mesmo da evolução econômica da Araruama com a salicultura, fizeram-se tentativas de inelhoramento do pôrto de Cabo Frio, infelizmente sem continuidade. Em 1838, o major HENRIQUE BELLEGARDE foi ao cabo dirigir a construção do farol e efetuar obras na barra.²²⁶ Mas vindo a falecer ali em janeiro do ano seguinte, os trabalhos não tiveram seguimento.

²²⁶ LAMEGO, Albeito — *Monitor Campista*

Ao barão de TEFÉ, no segundo reinado, coube a tarefa da desobstrução da barra. Dirigindo pessoalmente a execução dos projetos, consegue êle, em 1879, extrair 1 375 toneladas de pedra, além de considerável massa de areia. A profundidade de 1 metro na maré baixa é levada a 2,20 metros e o canal de 20 metros é alargado para 30 metros. As dificuldades financeiras do govêrno, porém, deram fim aos serviços iniciados.²²⁷

Na República, o pôrto de Cabo Frio continua no cartaz. A uma iniciativa particular, — a do engenheiro LEGER PALMER —, deve-se o canal Palmer, aberto em princípios dêste século, o qual embora sob contínua ameaça de assoreamento dá caminho a pequenas embarcações.

Em 1915, o govêrno do Estado do Rio lança uma sobretaxa ao impôsto do sal para melhoramentos do pôrto. As obras são iniciadas no canal com a construção de uma cortina de cimento e dragagens começadas. Tudo porém foi logo após abandonado.

MIRANDA CARVALHO, em 1924, refere-se à barra de Cabo Frio que não comporta mais de 3 metros de calado e à obstrução do próprio pôrto incapaz de abrigar até as embarcações que ali conseguem entrar. Pequenos iates e navios de certo porte são forçados a ancorar ao largo, onde os carregam. Lembra o acatado engenheiro a enseada do Forno, fronteira à ilha do Cabo e refúgio de primeira ordem onde já fundearam os maiores navios da nossa esquadra. Afirma porém que, a necessidade de 21 quilômetros de estrada de ferro com um longo corte em rocha ou um túnel, encareceriam por demais essa obra. Por isso, conclui com a sua preferência pelo pôrto de Cabo Frio onde seria aprofundado o canal de sete quilômetros com vinte metros de largura e fundo de areia.²²⁸

"Ao pôrto de Cabo Frio, — diz-nos êle —, o sal vai ter sem baldeação a bordo de embarcações de madeira de fácil conservação, ao passo que o pôrto do Forno exige material de transporte de duas naturezas, naval e ferroviária, sendo êste de difficil conservação, no caso vertente, e mais a baldeação da mercadoria no pôrto de Macaco".²²⁹ Sendo pois o aparelhamento dêste pôrto "mais defensável sob o ponto de vista econômico-financeiro", parece-nos que a êle deve ser dirigida a atenção governamental.

Sugere ainda o engenheiro a continuação da Estrada de Ferro Maricá, — então misteriosamente estacionada em Iguaba-Grande —, a Cabo Frio. Efetuado hoje êsse prolongamento, o problema

²²⁷ Relatório apresentado a Assembléa Legislativa Provincial do Rio de Janeiro pelo presidente DR AMÉRICO DE MOURA MARCONDES DE ANDRADE Rio. 1879

²²⁸ O pôrto do Forno é hoje utilizado pelas grandes salinas "Peiñas" que para ali constituíram a sua estuada de feiço, e por onde saem as 12 000 toneladas de sal da sua produção. Pela Estrada de Ferro Maricá escoam-se 25 000 toneladas através das estações de São Pedro, Iguaba, Araiúama e Ponte dos Leites. Do restante da produção da laguna, 10% deixa Cabo Frio por via marítima e 90% para o Rio igualmente pelo mar

²²⁹ A Indústria do Sal no Estado do Rio, pág 138

do transporte do sal nem por isto resolve como deveria o seu objetivo principal: o barateamento dos fretes. Mesmo com o tráfego mútuo da Leopoldina com a Maricá, e com a ligação desta a Rio Dourado facilitando a distribuição do sal pelo norte fluminense, sul do Espírito Santo e Minas Gerais, o âmago da questão permaneceria como dantes. Difícil é admitir que, para os portos do sul e mesmo para o centro distribuidor do Rio de Janeiro possa o frete ferroviário competir com o marítimo, desde que seja êste reduzido a justos lucros para as emprêsas de navegação como acontece em tôdas as nações de grandes frotas comerciais, e não absurdamente elevado como entre nós se dá.

Continua pois insolúvel o problema dêste pôrto, de tão séria necessidade para a economia fluminense. De tão longínqua origem colonial, a questão permanece ainda e crescentemente em evidência. Dela depende a salicultura estadual, e, com esta, indústrias novas passíveis de surgirem. O pôrto de Cabo Frio é um dos mais urgentes problemas entregues pela natureza ao homem da Baixada, para que êste o resolvendo mais seguramente possa dominá-la.

VI. CONCLUSÕES ECONÔMICO-SOCIAIS

"Até mesmo os animais multiplicam seus meios naturais de subsistência; êles o fazem inconscientemente, enquanto que o homem tem o dever de fazê-lo, plenamente convicto de que essa multiplicação é nada menos que a base biocênótica da vida"

ALBERTO SAMPAIO: "Fitogeografia do Brasil", pág. 258.

"Não se deve acusar a Natureza; ela realiza a sua tarefa; nós também temos que realizar a nossa".

MILTON

O quadro regional das restingas flurninenses que acabamos de esboçar, sumaria em traços essenciais a ação do homem como agente geográfico, adaptando-se a condições semi-desérticas de uma faixa litorânea do Brasil. Adaptação precária e tanto mais difícil quando a oeste da planície estéril paisagens convidativas se desdobram à ambição das massas de imigrantes.

Com exceção do tesouro salino da Araruama e da piscosidade desta e das demais lagunas, o meio físico não oferece a superfície um chamariz capaz de atrair e de expandir o ecúmeno, salvo o tapête magro de gramíneas propício apenas a uma pecuária de pequena densidade, e os cerrados que vão sendo abatidos para lenha.

Os fatores ecológicos derivados da formação geológica das restingas apropriaram-nas somente até hoje a uma demografia de rala disseminação.

Na fertilidade generosa do nosso litoral do sul onde a própria Baixada exuberava em florestas luxuriantes que ainda vestem o cenário anguloso da serra do Mar, o contraste é desanimador a um simples confronto com essas planícies marítimas em que a nudez das areias é apenas matizada de ervas rasteiras ou de uma, rala vegetação arbórea. Tais condições semi-desérticas como de esperar, não atraíram o homem num país de tamanha grandeza territorial. A própria irradiação do Rio de Janeiro expeliu os colonos para as malhas da Baixada quando o circuito pantanoso da Guanabara já fôra tomado pelos primitivos latifúndios.

Vimos essa terra desvaliosa apenas invadida por destroços humanos da colonização dos primeiros tempos que preferiam as incertezas do contacto com a selvajaria do goitacá e do tamoto ao das masmorras e galés. Em sua luta pela vida o homem ali adapta-se à terra como o índio, num regime de colheita natural. A principio isolado em seu temor de prestações de contas a justiça, pouca a pouco, porém, o gregarismo inato da espécie faz com que o fugitivo à sociedade tenda a formar o seu próprio entrelaçamento social. A terra, entretanto não o ajuda. Não congrega para um desfrute comum de possibilidades agrárias. Não promete remunerações comerciais a um trabalho enérgico e estimulante. Por isso é que vimos surgir o pescador, individualmente atirando o anzol ou jogando 2s rédes de tucum nas águas rasas fartas de pescado.

As canoas vieram depois, dos troncos abatidos na margem setentrional onde as florestas desciam das serras que contornam os recôncavos lacustres.

A repetição do trabalho e a família acabaram por fixar êsse homem das restingas num solo improdutivo, atrofiando-lhe hereditariamente as ambições de melhoria pela constância, de tradicionalismos rotineiros.

Expulsos, porém, os franceses de Cabo Frio, a própria criação da vila por ordem régia redundou em povoamento imediato. Desde os princípios do seiscentos que sesmarias foram concedidas na margem setentrional das lagunas, e, mormente os jesuítas com a fundação de São-Pedro-d'Aldeia e a da fazenda de Campos Novos definitivamente estabilizaram uma civilização tardia. Mas ainda assim a faixa de restingas das lagunas, a marítima, permaneceu quase inabitada pelo animal econômico. Dos recursos naturais decorrentes da formação de restingas, o sal lhe era proibido colhêr, só lhes restando a pesca em continuidade do trabalho dos antecessores indígenas.

Isto quanto à região das lagunas. Mas vimos também a restinga por sua disposição topográfica e com sua orientação mor-

fológica destinada a um caminho natural abrindo passagem para o norte até as planícies de Campos, entre a barbárie de florestas e pântanos da Baixada e uma costa evitada pela navegação devido a mares agitados, aos baixios de São Tomé e à ausência de ancoradouros além de Macaé.

A função histórico-geográfica da planície de restingas foi sobretudo a de facilitar a descoberta e a penetração dos Campos dos Goitacás, e, posteriormente, quando a pecuária disseminou-se nesta zona, esta função de estrada permaneceu por mais de um século como a mais importante desse litoral, até que o desenvolvimento dos engenhos da planície açucareira restringiu a criação e tornou premente a necessidade de portos de mar.

A oposição de um meio físico incapaz de estimular atividades se deve ao definhamento de cidades bem nascidas e esporadicamente evolvidas com o comércio do açúcar, da madeira de lei e do café, como São-João-da-Barra, Macaé, Barra-de-São-João, Cabo-Frio, Saquarema e Maricá.

Que se deduzir dos ensinamentos da História? A definitiva condenação da terra inaproveitável pelo homem? Cremos que não.

Dos três problemas humanos capitais oriundos da formação geológica das restingas, dois já se acham em vias de solução através de organismos oficiais criados para esse fim: o Serviço de Caça e Pesca e o Instituto Nacional do Sal. Mas a amplitude do primeiro, restrita ao friso marítimo com suas colônias de pesca e, a do segundo, colimando a Araruama, deixam para além de suas órbitas especializadas a terra propriamente dita, as vastas planícies arenosas com seu aproveitamento a depender do sério problema demográfico.

Como região de passagem, a restinga será sempre utilizada. É a estrada costeira natural. A rodovia Campos-Miterói que acaba de ser feita usa em longos trechos o nivelamento natural da faixa de areias, ajustando-se a excepcionais condições geográficas e técnicas historicamente aproveitadas. É pois de se imaginar que, com tão moderna via de comunicação atravessando-a, pelo menos parte dessa imensa planície venha a beneficiar-se da presença humana, caso não venha esta prejudicá-la mais ainda com um acelerado aniquilamento dos cerrados.

A mais ampla e importante zona dessa planície, a de São João da Barra, não foi todavia ainda afetada na margem meridional do Paraíba pela melhoria do transporte mecânico, a não ser com a ligação daquela cidade a Campos, incluindo-se no traçado o ramal de Guruçai. Na margem setentrional, servida pela estrada de Gargaú e pelo canal de Cacimbas, também a vida rural continua sob a fatal contingência dos fatores telúricos regionais.

Será sempre essa planície uma solidão imprópria a densa demografia, uma de suas oportunidades reside na possível exis-

tência de combustível mineral sob o teto dos areais que ocultam formações e estruturas prováveis, favorecedoras da acumulação de reservas petrolíferas.²³⁰ Outra porém, menos especulativa, é a do melhoramento gradual do meio físico.

Encarando-se objetivamente a evolução histórica do povo fluminense e a sua resultante distribuição demográfica atual, notam-se dois grupos humanos diferenciados pela geografia o da Baixada e o da Cordilheira. Ainda e sempre os fatores geográficos e desunirem culturas, — do mesmo modo que repartem as "comunidades vitais" —, e orientando as coletividades para fins que, embora paralelamente evoluídas em seus trajetos econômico-sociais, divergem não somente no sentido histórico de suas finalidades mas também plasmam nuances étnicas dignas de estudos antropológicos.

Nos municípios do extremo norte fluminense os dois grupos se intermesclam pelo desaparecimento da muralha divisória da cordilheira. Numa orografia dispersiva concatenam-se em crescente colaboração as atividades comuns a ambos. Mas fora dessa zona, por tôda a área estadual, a separação dos dois grupamentos pela faixa desabitada das encostas e cristas intransponíveis da serra do Mar cria forçosamente duas diversas mentalidades.

Por mais trafegadas que sejam as atuais e mesmo as futuras vias que galgarem a cordilheira, serão elas sempre meros filêtes de intercâmbio entre duas populações que individualmente se desconhecem. Mas se a fatalidade geográfica impede a fusão intensa do homem da Serra com o da Baixada, os mesmos fatores geográficos incumbiram-se de futuramente realizá-la. Por outra via, porém, que não a colateral.

Num vale definitivamente dominado como o do Paraíba, onde não obstante grandes núcleos industriais que já começam a surgir podendo reter numerosa população, a tendência das grandes massas rurais que se multiplicam será de seguir o curso das águas. Quanto mais para jusante, menores e menos íngremes acidentes, maiores e mais férteis planícies sedimentadas entre relevos que decrescem. Maior espaço a planificação de lavouras em grande escala. Daí, a previsão de uma lenta mas segura descida dos povoadores ante a pressão demográfica.

Por enquanto poderia o homem em seus impulsos particularistas penetrar nos recessos menos habitados dessa bacia tão convidativa pela sua proximidade do mar e dos grandes centros urbanos e consumidores. Mas o retrocesso é inevitável. Tempo virá em que incapacitados de se aglomerarem sobre os pequenos vargedos ou entre vales apertados de morros altos a mobilização das massas rurais fluminenses da serra começará deslizando rio-

²³⁰ LAMEGO, Alberto Ribeiro — *A Baía de Campos na Geologia Litorânea do Pehóleo*

abaixo em busca de mais amplos espaços cultiváveis. E com essa marcha, virá o seu transbordamento final sôbre Campos, já saturado de populações.

A baixada do norte fluminense alargada em tabuleiros ondulantes ou em planícies imensas é que essa invasão irá cobrir, justamente numa zona onde a densidade demográfica estadual é mais intensa.

Ora, o campista da zona rural é o mais sedentário dos brasileiros. Vimo-lo em *O Homem e o Brejo* encarrapatado à terra por três séculos, talvez na maior expressão particularista de *apêgo ao solo* que nos apresenta a formação social do Brasil. Expusemos então a sua acelerada proliferação, resultando no maior núcleo de povoamento entre todos os nossos municípios.²³¹ E é justamente no *habitat* desse grupo cuja evolução histórica e econômica nos revela uma expansividade extraordinária em região jamais revitalizada por correntes imigratórias, que se encaixa diretamente a planície sanjuanense de restingas, num contacto geológico bem definido em longa curva que separa bruscamente o ecúmeno campista de um semi-deserto.

Essa população que invadiu revolucionariamente a gleba das aluviões no passado, dividindo os latifúndios em pequenas propriedades, continua hoje ainda hipnotizada pela terra. Não mais falaremos da sempiterna luta entre as milhares de lavradores e as usinas. Basta apenas repetir que, a hereditária ambição de possuir a terra, embora em lotes minúsculos, permanece até hoje indestrutível como em tôda a história de Campos. Daí, naturalmente a tendência que avulta, da marcha dessa gente para leste sôbre as restingas, único vácuo demográfico regional fora das escarpas da cordilheira.

Já nas bordas do contacto da planície de areias com a argilosa, ao sul do Paraíba onde as aluviões mais atraíram a disseminação particularista, tôda uma série de pequenos sítios se aglomeram pela margem ocidental da lagoa do Taí Pequeno, exclusivamente arenosa, e outra similar repete o mesmo fenómeno demográfico na margem oriental da lagoa de Bananeiras, em plena restinga. Ambas as lagoas quase perenemente sêcas, não influíram por fatores outros, — a pesca por exemplo —, como engodos tentadores para tais aglomerações. O aceitável é terem estas tido origem no transbordamento da população campista, investindo cobiçosamente sôbre os massapês. Não tendo mais boa terra para a cana, contentou-se o homem com a medíocre ou mesmo a ruim. E o curioso

²³¹ Em nossos dados estatísticos de *O Homem e o Brejo*, demos o município de Campos com 300 000 habitantes, de acôrdo com os cálculos do *Boletim Demográfico Municipal*. O recenseamento de 1940, porém verificou a inexatidão de tal estimativa, reduzindo a cifra a 225 000, o que entretanto ainda coloca a população de Campos à testa de todos os outros municípios brasileiros, excluída naturalmente a maioria das capitais de Estados.

é que nessas areias aparentemente estéreis, sobretudo na zona de Cazombá, vicejam canaviais.

É que a restinga pela sua flora superficialmente identificada à de regiões semi-desérticas, contrapõe-se a estas por um fenómeno resultante de sua própria formação. A presença d'água a pouca profundidade. A água potável no subsolo da planície de areias é uma ocorrência generalizada. Muita vez, a menos de metro da superfície, o líquido aparece logo em cacimbas e bebedouros sendo que êstes são generalizadamente cavados com sucesso quando as lagunas secam. De cacimbas é tôda a água das vilas balneárias de Atafona, Guruçai e Gargaú, à margem do Atlântico, sôbre a planície de restingas e a poucos metros do mar. Ora, sendo na Genética Vegetal que se encontra o problema da habitabilidade das restingas em densidade apreciável, êste fato é importantíssimo. Para a planta, como para o animal, a precípua condição de sua própria existência é a água. Sem ela nenhum organismo pode germinar e sobreviver. Por mais favoráveis à vegetação que sejam os elementos minerais do solo ficarão êles inútilmente imobilizados sem o líquido essencial à sua elevação aos caules, galhos e folhas.

Com as águas das chuvas retidas nas areias e amplamente ali arejadas, ou mesmo com as infiltrações das lagunas vizinhas de nível pouco inferior à marcha de sucessões florísticas progressivas, cientificamente planejadas, perspectivas otimistas abrem-se por êste lado ao domínio da planície pelo homem.

Ademais, a melhoria atual nas comunicações pelas rodovias em execução congrega-se ao saneamento oficial para acelerar um crescente ritmo demográfico. Inútil, porém, ocultar as dificuldades atinentes ao problema do aproveitamento dessa planície, hoje quase infecunda para o Estado do Rio.

Sem o concurso direto do govêrno, elaborando um plano racional de beneficiamento da gleba, nada será feito em prol de gerações que em breve chegarão. Plano rigorosamente científico e ininterrupto, embora de lenta aplicação. É o que fazem todos os países na conquista de terras necessárias à sua expansividade ecuménica. É o que faz por exemplo os Estados Unidos, de tão vasta extensão territorial, em suas dunas à margem dos Grandes Lagos.

Nas praias do Michigan, a areia que as ondas trazem seca ao sol e é soprada pelos ventos. "Formam-se, assim, grandes espaços de urna areia branca, seria vida, acumulando-se as vêzes sob a forma de dunas sêcas na superfície, porém úmidas nas camadas inferiores. Sômente um restrito número de plantas poderá colonizar uma tal área. Elas devem se contentar com uma quantidade exígua de ingredientes minerais necessários ao desenvolvimento das plantas. Devem também ser perenes e capazes do prender a areia com suas raízes para evitar, assim, que a duna

vagarosamente se mova sob a influência dos ventos predominantes, aniquilando em sua marcha os habitantes vegetais".²³²

O problema é similar ao das restingas, porém agravado da mobilidade das areias. A duna foge ao controle vegetal. A topografia da planície de restingas é imutável. Mas conquanto por isso mesmo de mais difícil solução, o caso norte-americano é seguramente resolvido. Vejamos com que simplicidade.

A primeira fixação das dunas é efetuada desde a base de suas encostas por gramas e losnas. Onde entretanto aparecem depressões úmidas no oceano das areias, as plantas pioneiras são o junco, o salgueiro e o algodoeiro.

"As vêzes, partes, secas das dunas tornam-se mais úmidas e os recôncavos úmidos tornam-se mais secos a proporção que as plantas nelas se instalam, vivem e morrem. A primeira forma de vegetação sucede outro grupo de plantas, — a fraxinela, a hortelã e a vinga áurea e outras espécies florescentes, com arbustos semelhantes à uva ursina e a alfena, as quais se seguem alguns pinheiros. O solo fica assim enriquecido bastante e preparado para as árvores mais exigentes como o carvalho vermelho, e finalmente, quando se forma sobre a duna uma espessa camada de humus, os carvalhos são gradualmente eliminados, desenvolvendo-se então o bordo e a faia, cuja duração é ilimitada desde que não haja interferência humana. É claro que cada período de desenvolvimento vegetal possui a sua própria variedade de habitantes animais".²³³

Temos assim, por uma série de estágios evolutivos ou melhor de *comunidades vitais* sucessivas, o domínio completo de grandes áreas inúteis a qualquer cultura. E, mais ainda, a melhoria dos fatores ecológicos a tal ponto se processa que: "seja a areia colonizada muito seca ou muito úmida para a maioria das plantas, o resultado é sempre o mesmo: *floresta* de bordos e faias".

Quer isto dizer que, com a simples acomodação de sucessões florísticas a nudez desértica inicial transforma-se na mais elevada forma de associação vegetal: a floresta. O exemplo colhido entre os muitos de captura e fixação de dunas e rejuvenescimento de desertos por todo o orbe é ainda mais frisante e significativo para a planície de restingas.

Seguindo ainda os autores citados por algumas linhas, veremos que o caso apresenta otimismo confortantes para a solução

²³² WELLS, H G, HUXLEY, Julian, WELLS, G P — *O Drama da Vida* Trad de MAURÍCIO DE MEDEIROS, Rio. 1911, pág 239

²³³ Idem, pág 242

do problema das restingas, visto constituir êle apenas "exemplo de uma regra geral, segundo a qual as diversas fases do desenvolvimento de uma comunidade tornam mais secos os ambientes úmidos, e mais úmidos os ambientes secos. Mesmo quando o desenvolvimento vital se inicia n'água, a sua tendência é dirigida no sentido da formação de florestas, ou para onde seja possível o clímax próprio da região, pois as plantas aquáticas provocam sistematicamente o esgotamento do seu meio aquoso".

Em traços gerais, temos pois a solução definitiva e lógica do problema das restingas. Mas com ela surge uma nova questão de importância incalculável e ainda não prevista, cuja gravidade impõe restrições imediatas ao saneamento oficial da Baixada Fluminense.

Indiscutível é a melhoria dêsse ambiente pantanoso com as obras de tamanho vulto executadas pelo govêrno. Nas regiões internas de rios einbrejados e nos pantanais de Campos, a providência é inadiável, e, seus resultados, a custa de enormes sacrifícios de abnegados engenheiros e operários, torna-se visível em vastíssimas áreas enxutas. Não sabemos porém se qualquer previsão foi considerada para os danos resultantes na planície arenosa costeira

Considerando essas barreiras de origem marinha já frisamos que, "a lula contra a restinga é a fase final do saneamento", tècnicamente a mais difícil.²³¹ No caso da planície de restingas em expectativa de próximo adensamento demográfico, tal previsão deveria enquadrar-se em rígido e permanente esquema de trabalho, onde o pôsto do naturalista assume de maneira indiscutível a chefia das pesquisas necessárias a projetos de técnicos especializado. Antes de tudo, à Botânica e à Química Agrícola devem subordinar-se a planificação posterior de agrônomos e de engenheiros hidráulicos.

Os projetos de saneamento que afetam a planície de restingas devem primordialmente ter em vista, não só a conservação da flora regional mas o seu melhoramento. Por isso é que desde já se torna imperioso um estudo sistemático da Geografia Botânica da planície, completado por pesquisas profundas no campo da Genética Vegetal. Antes, porém, ainda, a proteção a reserva florística das restingas crescentemente ameaçada, é impreterível, impedindo-se que obra destruidora da ignorância e da imprevidência, precipitando a rarefação das espécies transforme uma zona esperançosa em terrenos mortos.

²³¹ LAMEGO, Alberto Ribeiro — *Restingas na Costa do Brasil*, Bol n.º 96 da Div de Geol e Mineralogia, Rio, 1940, pág 43

Ao Departamento Nacional de Obras de Saneamento, deveria competir a organização de um corpo especializado, ampliando o seu relevante programa de modo a não só doar à Nação territórios perdidos para a economia coletiva, mas ao mesmo tempo entregá-los com um beneficiamento inicial prevendo a sua máxima evolução futura.

Já assinalamos que a restinga é provavelmente o único dos panoramas terrestres não afetado pela erosão, cujo problema, em inquietantes prenúncios para o Brasil, foi recentemente exposto pelo professor PIERRE MONBEIG.²³⁵

De modo porém contrário ao que se passa nas planícies aluviônicas pelas cheias, nada há que se esperar de processos geológicos em andamento e beneficiadores das restingas com camadas fertilizantes. A bonificação só poderá vir do próprio homem coletivamente organizado e com recursos da ciência aplicada.

Em primeiro lugar, a melhoria do solo por adubos, aparentemente impraticável dentro de limites econômicos, parece facilitada ante uma observação da geomorfologia das restingas. A seqüência paralela de estreitas faixas de areia e de estreito e longes brejos entre aquelas intercalados, poderá fornecer talvez uma solução eficiente e rápida ao problema da adubação.

Muitos desses brejos mesmo quando secos, são forrados de resíduos de gerações seculares de plantas aquáticas de água doce, que representam apreciáveis depósitos húmicos inaproveitados, cuja disposição constantemente marginal aos alongados altos de areia oferece valiosos recursos de beneficiamento do solo a distâncias mínimas e de transporte fácil por processos mecânicos de extração e distribuição em grande escala.

Com um plano racional de beneficiamento da terra poder-se-ia idênticamente utilizar a pequena elevação das faixas de areia pura para o aterramento dos pântanos permanentes marginais. Estes trabalhos gradativamente realizados, acabariam por nos dar um solo bastante melhorado com a permuta de elementos minerais excessivos em cada faixa.

A seguir, entrariam em cena os resultados das pesquisas de Genética Vegetal, selecionando espécies de melhor emprêgo e mais viçosa disseminação, domesticando e aclimatando plantas importadas numa lida persistente e cientificamente controlada para fins de seu futuro aproveitamento econômico pelo homem.

²³⁵ MONBEIG, Pierre — *O Homem e as Riquezas Naturais* Obs. Econ. e Financeiro, fevereiro de 1942, pág. 79

A importância da simplificação de elementos húmicos ao solo das restingas é conhecido entre os lavradores de Campos, visto que na chamada "areia, gorda" — escurecida por detritos vegetais — a cana de açúcar medra tão bem como na zona argilosa, desde que uma seca excessiva não venha inesperadamente mirrá-la. Como exemplo mais típico, citamos a zona do Palacete na planície de restingas entre as lagoas do Taí Pequeno e do Taí Grande onde a esterilidade foi diminuída por resíduos da antiga cobertura de cerrados.

Exemplificando ainda as possibilidades de uma cultura tão exigente de bons solos como a da cana, em zonas arenosas, são as engenhocas de aguardente que, embora raras, se levantam entre lavouras de restingas. Uma delas vimos trabalhando regularmente, perfêta entre os campos do Papagaio e a lagoa Salgada, na mais típica ambiência psamítica.

Vê-se pois que, a planície de restingas como quadro natural bem definido e limitativo da cultura e da economia, longe está do caráter azóico dos verdadeiros desertos. As suas paisagens embora monótonas, realizam-se de uma flora rica em espécies, o que já por si demonstra em suas comunidades vitais uma vivacidade de entrelaçamentos biológicos passível de mutações utilitárias, ou, mais ainda, promissoras de uma rica evolução florística.

Ilusórias são ali as aparências que se exteriorizam em condições geográficas inuláveis. Se nelas muita vez percebe-se, destacadamente nos cerrados, zonas de campos ou savanas em falsos prenúncios de uma desertização vindoura, bastam algumas fotografias aéreas para denunciar pelas bordas retílineas e nítidas de seus limites transversais às faixas arenosas, a ação destruída do homem com o seu machado.

Para outras zonas de comunidades vitais "abertas" onde as muitas rasteiras rarefazem-se entre claros de areia limpa, é prematuro diagnosticar um clímax-vegetal inteiramente evocado, meramente ao ter-se em vista que, tais manchas muitas vêzes bordejam áreas de alargamentos mais extensos, — como nos campos vizinhos à lagoa do Paulista em Quilçamã —, onde o húmus das depressões é promissor de sucessões florísticas mais vicejantes, caso venha a ser aproveitado.

O homem destrói as riquezas e por tôda parte essa obra se acelera com o esgotamento das reservas minerais e vegetais. Para as primeiras, de renovação impossível, a confiança da Humanidade repousa em descobertas que movimentam incalculáveis massas de matéria inerte, hoje abandonadas na crosta terrestre, ou na utilização de produtos sintéticos que a Ciência dia a dia vai plasmando.

A salvação oculta-se ainda nos laboratórios, pesquisa individual de químicos abnegados que altruisticamente se escravizam pelo bem comum.

Para as segundas, porém, o remédio à mão e imediato jaz em atos governamentais. Na política decisiva dos dirigentes, acorrentando individualismos dispersivos a bem de uma coletividade caminhante, através de uma economia dirigida para os mais altos fins sociais. O caso das restingas é um daqueles em que a eficiência de um regime é pôsto à prova, com a solução de problemas regionais integrados em cada unidade estadual.

Até ao presente, a evolução histórica da Humanidade resumiu-se na conquista da Terra pelo Homem, e é forçosamente ao indivíduo que MONBEIG se refere, a êsse homem que, "como agente geográfico, da mesma forma que os fenômenos físicos, pelo seu trabalho e sua engenhosidade êle resolveu a maior parte das paisagens naturais do globo e modelou aspectos novos num cenário primitivo".²³⁶

Ao homem-coletivo, já compete, porém, a conquista da Terra para o Homem. A adaptação do indivíduo ao meio, a Ciência substitui a preparação do meio para o indivíduo, auxiliando o processo evolutivo da sociedade por uma revolução nos processos adaptativos da Natureza. E essa revolução é antes de tudo botânica, porque, como se expressa ALBERTO SAMPAIO em sua *Fitogeografia do Brasil*, "do reino vegetal dependem o reino animal e o homem".

"Cada região, — diz o mestre ainda, — tem a sua população-clímax, isto é, que aí vive de conformidade com as condições mesológicas ou ambientes, se considerarmos o que consegue a Educação que em última análise é a própria Civilização, ensinando a melhorar por tôda parte e sempre as condições ambientes, até os extremos da mais requintada arte, não poderemos ter a menor dúvida de que um ambiente desleixado e pobre é antes de tudo prova inconcuça de atraso e ignorância".²³⁷

No presente caso das planícies de restingas, vimos que, abordando o seu problema geo-botânico, possibilidades são previstas para a melhoria da ambiência, mais necessária talvez em futuro próximo do que a de outras regiões distantes do litoral, devido à expansividade demográfica de uma das zonas mais populosas do país.

Antes de tudo há urgência na proibição de derrubadas em áreas de típicos adensamentos florísticos, tais como as matas do

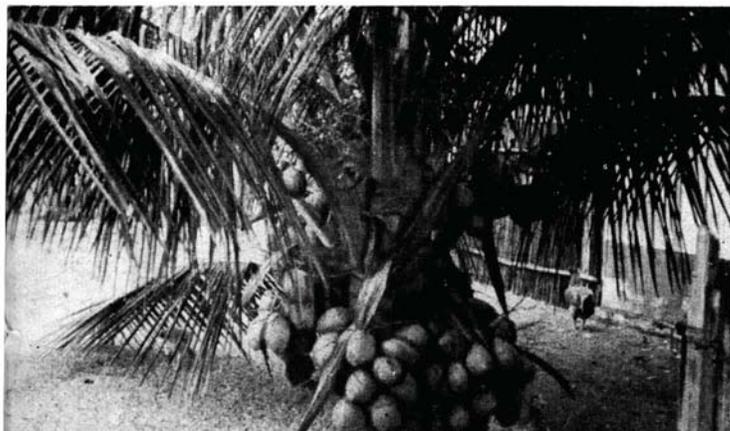
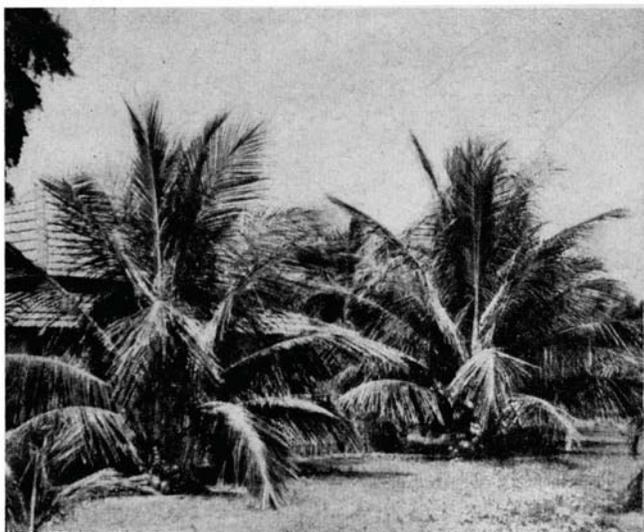
²³⁶ MONBEIG, Pierre — *O Homem e as Riquezas Naturais* Obv. Econ. e Financeiro, fevereiro de 1942, pág. 79.

²³⁷ SAMPAIO, Alberto, J. de — *Biogeografia Dinâmica* Rio, 1935, pág. 12.



Figs. 164, 165 e 166 — Não é só nas praias do Nordeste, mas também nas restingas de Cabo-Frio que os coqueiros já são plantados aos milhares...

crecem assim...



e carregam deste modo...

(Fotos JUNQUEIRA SCHMIDT)

Louro e de Campos Novos, onde a vegetação-clímax das restingas atinge aspectos florestais inesperados. Tais áreas, reconhecidas como reservas antes que a fome de lenha e madeira possa destruí-las, serão insubstituíveis para as pesquisas da Genética com a sua inestimável vegetação arbórea de alto porte, aclimatada e opulenta em planícies de areia pura.

Nelas é que deverão ser os estudos iniciados. Estudos completos, desde a Sistemática Experimental a mais completa investigação dos fatores ecológicos.

Não nos alongaremos sôbre a planificação de tais pesquisas a serem generalizadas pelas planícies vizinhas aos adensamentos em constantes tentativas de florestamento. Uma das promessas porém, da mise-en-valeur das restingas apresenta-se-nos tão evidente que não deixaremos de citá-la. É o gregarismo dos cocais de Cabo-Frio, viçosamente aclimatados numa estréia promissora. O subsolo levemente salino das antigas lagunas evaporadas, deve ser propício à disseminação de palmares em grande escala por tôda essa tarja marítima fluminense oferecendo em poucos anos colheitas prodigiosas. Dê o homem a terra o seu cuidado e os seus esforços e ela o recompensará com reciprocidade pródiga.

Um tal beneficiamento, porém exige a ação direta do govêrno. Por que, como afirma o professor MONBEIG "fôsse de competência exclusiva da Botânica, da Genética e da Físico-Química, teríamos o direito de esperar a sua solução, mas poderemos ter tal confiança no progresso? Porque é ao eterno problema do progresso que é conduzido o geógrafo, por sua vez, pois os remédios sugeridos pela nossa confiança no homem são os da Ciência".²³⁸

A Ciência, porém, é inteiramente inoperante por si mesma, com tôda a sua formidável aparelhagem de pesquisa organizada, com seus incansáveis voluntários da meditação e do trabalho com seus modernísimos institutos de intercâmbio cultural, sem uma gratidão compreensiva e recíproca dos governos, prontos a servir-se dela para o bem comum.

A êles é que compete utilizá-la, coligindo e estruturando em organismos oficiais, como o "Instituto do Homem", tôdas as criações científicas sãbiamente hierarquizadas para fins humanos, garantindo às gerações o equilíbrio de panoramas ecológicos regionais que, por mais pobres corporificam-se na paisagem das nações, mantendo assim em territórios integralmente aproveitados a unidade biológica da espécie e a seleção espiritual para destinos eminentes.

²³⁸ MONBEIG, Pierre - Obr. cit., pág. 87

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ALCOFORADO, Pedro Guedes: *O Sal Fluminense*. Niterói. 1936.
- 2 — *Almanaque Laemmert*.
- 3 — ALMEIDA PRADO, J.F.: *Primeiros Povoadores do Brasil, (1500-1530)*, São-Paulo, 1939.
- 4 — ANCHIETA, Pe. José de: *Cartas Rio*, 1933.
- 5 — ANDRADE, Dr. Alfredo: *O Sal Industrialmente Puro*, Rio, 1929.
- 6 — ARAÚJO GÓIS, Hildebrando de: *O Saneamento da Baixada Fluminense*, Rio, 1934.
- 7 — ARAÚJO GÓIS, Hildebrando de: *O Saneamento da Baixada Fluminense*, Rio, 1939.
- 8 — *A Tragédia do Sal Brasileiro*. ("Obs. Econ. e Financeiro". marco de 1939).
- 9 — BACKHEUSER, Everardo: *A Faixa Litorânea do Brasil Meridional*, Rio, 1918.
- 10 — BACKHEUSER, Everardo: *Fronteiras da Geologia e da Geografia e a Unidade desta Ciência*. (Rev. Bras. de Geografia, ano III, n.º 3).
- 11 — BAIÃO, Antônio: *O Comércio do Pau Brasil*, (Hist. da Colon. Portuguesa no Brasil", vol. II).
- 12 — BARBOSA, Otávio: *Resumo da Geologia do Estado de Minas*.
- 13 — BARCELOS, Ramiro: *Caracteres do Litoral Rio-Grandense*. "Almanaque do Brasil", Rio, 1914.
- 14 — BERTONI, Moisés: *La Civilización Guarani*". Puerto Bertoni, 1922.
- 15 — CALMON, Pedro: *Espírito da Sociedade Colonial*, São-Paulo, 1935.
- 16 — CALMON, Pedro: *História da Civilização Brasileira*, São-Paulo, 1940.
- 17 — CAPISTRANO DE ABREU. *Capítulos da História Nacional*, Rio, 1934.
- 18 — CARNEIRO DA SILVA, Dr. João José: *Notícia Descritiva do Município de Macaé*, Rio, 1930.
- 19 — CARNEIRO DA SILVA, José, Visconde de Araruama: *Memória Topográfica e História sobre os Campos dos Goitacases*". 2.ª edição, 1819.
- 20 — CARVALHO, Augusto de: *Apontamentos para a História da Capitania de São-Tomé, Campos*, 1888.
- 21 — COSTA, Néilson: *História da Cidade do Rio-de-Janeiro*, Rio, 1933.
- 22 — *Código de Pesca (Decreto-lei n.º 794, de 19 de outubro de 1938)*.
- 23 — COUTO REIS, Manuel Martins do: *Descrição Geográfica, Política e Corográfica dos Campos dos Goitacases*, 1785.
- 24 — DERBY, Orville A: *On Nepheline Rocks in Brazil with Special Reference to the Association of Phonolite and Foyaite*. *Quarterly Journal of the Geological Society*, Aug. 1887, pág 458.
- 25 — DERBY, Orville A: *The Journal of Geology*, vol. XV, 1907.
- 26 — DUARTE, Diocleciano: *A Indústria Extrativa do Sal* (Obs. Econômico e Financeiro, março, 1940).
- 27 — EUCLIDES DA CUNHA: *Os Sertões*, 9.ª edição.
- 28 — FARIA, (Ascânio), e MAGALHÃES, (Elzamann): *Lagoa de Saquarema*, Rio, 1939.
- 29 — FERNANDES, Cornélio: *Etnografia Indígena do Rio-de-Janeiro*. Bol. do Museu Nacional, vol. II,
- 30 — FREYRE, Gilberto: *Sobrados e Mucambos*, São-Paulo, 1936.
- 31 — FREYDIT, Júlio: *Subsídios para a História dos Campos dos Goitacases*, Campos, 1900.

- 32 — FÜLOP MILLER, René: *Os jesuítas e o segrêdo do seu poder*. Trad. do Prof. Alvaro Franco, Rio, 1935.
- 33 — GALANTI, Pe. Rafael M.: *Lições de História do Brasil*, São-Paulo, 119.
- 34 — GANDAVO, Pero de Magalhães: *Tratado da Terra do Brasil*, edição do "Anuário do Brasil".
- 35 — GAUTIER, E. F.: *Le Sahara*, Paris, 1923.
- 36 — GIBELI, Guido: *A Indústria da Pesca no Brasil*. (Obs. Econ. e Financeiro", junho de 1938).
- 37 — GIBELI, Guido: *A Indústria da Pesca*. (Obs. Econ. e Financeiro", março de 1937).
- 38 — GUIMARÃES, Djalma: *Rochas provenientes dos rochedos de São-Pedro e São-Paulo*, Rio, 1923.
- 39 — HARTT, Ch. Fred.: *A Journey in Brazil*, Boston, 1870.
- 40 — IHERING, R.: *A Piscicultura no Brasil*, ("Obs. Econ. e Financeiro", setembro, 1937).
- 41 — *Impressões do Brasil no Século Vinte*. Editado por Joaquim Eulálio, Londres, 1913.
- 42 — *Instruções Regulando o Funcionamento da Caixa de Crédito aos Pescadores e Armadores de Pesca*. (Serv. de Informação Agrícola, Rio, 1941).
- 43 — JOHNSON, Douglas Wilson: *Shore Processes and Shore line Development*, Nova Iorque, 1919.
- 44 — LAMEGO, Alberto: *A Terra Goitacá*, Bruxelas, 1913.
- 45 — LAMEGO, Alberto: *Verdadeira Notícia do Aparecimento da Milagrosa Imagem de N. S. da Conceição de Cabo-Frio*, Bruxelas, 1919.
- 46 — LAMEGO, Alberto: *Publicações no "Monitor Campista"*.
- 47 — LAMEGO, Alberto Ribeiro: *Gipsita da Boa Vista* (Rev. "Mineração e Metalurgia", dezembro, 1938).
- 48 — LAMEGO, Alberto Ribeiro: *Restingas na Costa do Brasil*, Bol. n.º 96 da Div. de Geol. e Mineralogia.
- 49 — LAMEGO, Alberto Ribeiro: *A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo*, Bol. da Div. de Geol. e Mineralogia.
- 50 — LAMEGO, Alberto Ribeiro: *O Maciço do Itatiaia e Regiões Circundantes*, Bol. n.º 88 da Div. de Geol. e Mineralogia.
- 51 — LAMEGO, Alberto Ribeiro: *A Planície do Solar e da Senzala*, Rio, 1934.
- 52 — LEONARDOS, Otton: *Concheiros Naturais e Sambaquis Avulso* n.º 37 do Serv. de Fomento da Produção Mineral, Rio, 1938
- 53 — LERY, Jean de: *Viagem à Terra do Brasil*, Trad. de Sérgio Millet, São-Paulo.
- 54 — LOPES DE SOUSA, Pero: *Diário da Navegação da Armada que foi ao Brasil em 1530*.
- 55 — LUCCOCK, John: *Notes on Rio de Janeiro and the Southern parts of Brazil*, Londres, 1820.
- 56 — MALAMPHY, Marck, A. DE SOUSA, A. Capper, AMARAL, Irnack e ODDONE, Décio: *Trabalhos Geofísicos*. Bol. n.º 81 do Serv. Geol. e Mineralógico.
- 57 — MALHEIROS DIAS, Carlos: *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, Pôrto, 1923.
- 58 — MATOS, Anibal: *A Raça da Lagoa Santa*, São-Paulo, 1941
- 59 — MARTINS, F. J. *História do Descobrimento e Povoação da Cidade de São-João-da-Barra e dos Campos dos Goitacases*, Rio 1868.
- 60 — MATOSO MAIA FORTE, José: *O Estado do Rio de Janeiro*, Rio, 1928.
- 61 — MAWE, João: *Viagens ao Interior do Brasil*, edição de 1820, Lisboa.
- 62 — *Memória Histórica da Cidade de Cabo-Frio e de Todo o seu Distrito Compreendido no Têrmo de sua Jurisdição. Ano de 1797*. Rev. do Inst. Hist. e Geográfico
- 63 — MONBEIG, Pierre: *O Homem e as Riquezas Naturais*, ("Obs. Econ. e Financeiro", fev. 1942).

- 64 — MORAIS, Luciano Jaques de: Estudos Geológicos no Estado *de Pernambuco*, Rio, 1938.
- 65 — MORAIS RÊGO, Luís Filipe de: A Geologia do *Petróleo* no Estado *de São-Paulo*, Rio, 1930.
- 66 — MOUCHEZ, Ernest: *Les Côtes du Brésil*, Paris, 1864.
- 67 — MOREIRA PINTO, Alfredo: *Dic. Geogr. do Brasil*, Rio, 1869, vol. II.
- 68 — MUNIZ DE SOUSA, Antônio: Viagens e *observações* de um brasileiro, Rio, 1834.
- 69 — NASH, Roy: A Conquista do Brasil, trad. de Moacir N. Vasconcelos, Rio, 1939.
- 70 — OLIVEIRA, Eusébio de: *Épocas Metalogênicas do Brasil*, Rio, 1925
- 71 — OLIVEIRA VIANA, F. J.: *Populações Meridionais* do Brasil, 3^a. ed. São-Paulo, 1933
- 72 — OLIVEIRA VIANA, F. J.: *Raça e Assimilação*, Rio, 1922.
- 73 — O Sal Brasileiro, ("Obs. Econ. e Financeiro", maio 1938).
- 74 — PAIS LEME, Alberto Betim: Notas Geológicas *sobre* o Maciço do *Itatiaia*, Rio, 1923.
- 75 — PARAIN, Charles: *Lu Méditerranée*, Paris, 1936.
- 76 — PASSARGE, Siegfried: Geomorfologia, trad. esp., Barcelona.
- 77 — PEIXOTO, Afrânio: *Pequena História das Américas*, São-Paulo, 1940
- 78 — PIZARRO E ARAÚJO, José de Sousa Azevedo: *Memórias Históricas do Rio-do-Janeiro*, Rio, 1820.
- 79 — PÔRTO SEGURO, Visconde de: *História Geral do Brasil*, 3.^a edição
- 80 — RÉCLUS, Elisée: *Geographie Universelle*, Paris, 1894.
- 81 — Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província do Rio-de-Janeiro, o conselheiro Luís ANTONIO BARBOSA, pelo vice-presidente, comendador JOÃO PEREIRA DAGUIRRE FARO. Rio, 1853.
- 82 — Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Rio-de-Janeiro pelo presidente Dr. AMÉRICO DE MOURA MARCONDES DE ANDRADE". Rio, 1879.
- 83 — Relatório do secretário das Obras Públicas e Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, apresentado em 15 de julho de 1894 ao Sr. Dr. JOSÉ TOMÁS PORCIÚNCULA por MIGUEL JOAQUIM RIBEIRO DE CARVALHO".
- 84 — Recenseamento do Brasil, 1920.
- 85 — Relatório apresentado ao Dr. JOSÉ TOMÁS PORCIÚNCULA pelo secretário dos Negócios do Interior e Justiça, bacharel JOÃO FRANCISCO BARCELOS. Rio, 1894.
- 86 — Relatório apresentado a Assembléia Geral pelo ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas MANUEL BUARQUE DE MACEDO. Rio, 1880.
- 87 — Relatório apresentado ao Presidente dos Estados-Unidos-do-Brasil pelo ministro de Estado dos Negócios da Fazenda LEOPOLDO BULHÕES Rio, 1905.
- 88 — Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Rio-de-Janeiro pelo presidente Dr. AMÉRICO DE MOURA MARCONDES DE ANDRADE. Rio, 1879.
- 89 — ROQUETE, Pinto: *Seixos Rolados*. Rio, 1927.
- 90 — SAINT-ADOLPHE, 3. C. R. Milliet de Dictionario Geographico, Histórico e *Descriptivo* do Imperio do Brasil, Paris, 1845.
- 91 — SAINT-HILAIRE, Augusto de: Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil Trad. de Leonam de Azeredo Pena, São-Paulo, 1941
- 92 — SAINT-HILAIRE, Augusto de: Segunda Viagem ao Intetior do *Brasil-Espírito Santo* Trad. de Carlos Madeira. São-Paulo, 1936.
- 93 — Sal Marinho no Brasil e sua Análise Química. (Rev. "Mineração e Metalurgia", vol. 2, n.º 1, 1937).
- 34 — SALVADOR, Frei Vicente do: *História do Brasil (1500-1627)*, 3.^a edição revista por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, São-Paulo
- 95 — SAMPAIO, Alberto J. de: Biogeografia *Dinâmica*. Rio, 1935

- 96 — **SAMPAIO**, Alberto J. de: *Fitogeografia do Brasil*, Rio, 1934.
- 97 — **SAMPAIO**, Alberto: *Curso de Botânica (Rev. Flora Medicinal, Rio, 1939)*.
- 98 — **SEIDLER**, Carl: *Dez Anos no Brasil. 1835. Trad. port. do general Bertoldo Klinger*, Rio, 1941.
- 99 — **SIMONSEN**, Roberto: *História Económica do Brasil. São-Paulo, 1537*.
- 100 — **SILVA PINTO**, Mário da, e **RIBEIRO FILHO**, Raimundo: *A Indústria do Sal no Estado-do-Rio. Bol. n.º 52 do Serv. Geol. e Min. do Brasil. Rio, 1930*.
- 101 — **SILVA PINTO**, Mário da: *Sal Marinho. Sua Composição, Análise e Tabulação dos Resultados ("Terceiro Congresso Sul-Americario de Química")*.
- 102 — **SILVA PINTO**, Mário da: *O Sal na Economia Brasileira, ("Obs. Econ. e Financeiro", setembro, 1940)*.
- 103 — **SOARES DE SOUSA**, Gabriel: *Tratado Descritivo do Brasil, 3.ª edição, Rio, 1938*.
- 104 — **SOUSA**, Bernardino José de: *O Pau Brasil na História Nacional, São Paulo, 1939*.
- 105 — **TEIXEIRA DE MELO**, José Alexandre: *Campos dos Goitacases em 1881. Rio, 1886*.
- 106 — **TEIXEIRA DE OLIVEIRA**: *Vida Maravilhosa e Burlesca do Café, Rio, 1942*.
- 107 — **VASCONCELOS**, Pe. Simão de: *Vida do Pe. João de Almeida, Lisboa, 1658*.
- 108 — **VASCONCELOS**, Pe. Simão de: *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil, 2ª edição, Rio, 1864*.
- 109 — **VALLAUX**, Camille: *Le Sol et l'État, Paris, 1911*.
- 110 — **VARELA**, Fagundes: *Anchieta ou o Evangelho das Selvas*.
- 111 — **WIED-NEUWIED**, príncipe Maximiliano de: *Viagem ao Brasil. Trad. port. de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, São-Paulo, 1940*.
- 112 — **WELLS**, H. G.; **HUXLEY**, Julian; **WELLS**, G. P.: *O Drama da Vida. Rio. 1941*.

- 96 — **SAMPAIO**, Alberto J. de: *Fitogeografia do Brasil*, Rio, 1934.
- 97 — **SAMPAIO**, Alberto: *Curso de Botânica (Rev. Flora Medicinal, Rio, 1939)*.
- 98 — **SEIDLER**, Carl: *Dez Anos no Brasil. 1835. Trad. port. do general Bertoldo Klinger*, Rio, 1941.
- 99 — **SIMONSEN**, Roberto: *História Econômica do Brasil*. São-Paulo, 1937.
- 100 — **SILVA PINTO**, Mário da, e **RIBEIRO FILHO**, Raimundo: *A Indústria do Sal no Estado-do-Rio*. Bol. n.º 52 do Serv. Geol. e Min. do Brasil. Rio, 1930.
- 101 — **SILVA PINTO**, Mário da: *Sal Marinho. Sua Composição, Análise e Tabulação dos Resultados ("Terceiro Congresso Sul-Americano de Química")*.
- 102 — **SILVA PINTO**, Mário da: *O Sal na Economia Brasileira, ("Obs. Econ. e Financeiro", setembro, 1940)*.
- 103 — **SOARES DE SOUSA**, Gabriel: *Tratado Descritivo do Brasil*, 3.ª edição, Rio, 1938.
- 104 — **SOUSA**, Bernardino José de: *O Pau Brasil na História Nacional*, São Paulo, 1939.
- 105 — **TEIXEIRA DE MELO**, José Alexandre: *Campos dos Goitacases em 1881*. Rio, 1886.
- 106 — **TEIXEIRA DE OLIVEIRA**: *Vida Maravilhosa e Burlesca do Café*, Rio, 1942.
- 107 — **VASCONCELOS**, Pe. Simão de: *Vida do Pe. João de Almeida*, Lisboa, 1658.
- 108 — **VASCONCELOS**, Pe. Simão de: *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, 2.a edição, Rio, 1864.
- 109 — **VALLAUX**, Camille: *Le Sol et l'État*, Paris, 1911.
- 110 — **VARELA**, Fagundes: *Anchieta ou o Evangelho das Selvas*.
- 111 — **WIED-NEUWIED**, príncipe Maximiliano de: *Viagem ao Brasil. Trad. port. de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo*, São-Paulo, 1940.
- 112 — **WELLS**, H. G.; **HUXLEY**, Julian; **WELLS**, G. P.: *O Drama da Vida*. Rio. 1941.

ÍNDICE ANALÍTICO

Abaeté — Clube, 154
 Abolição — lutas políticas da, 190.
 ABREU — Casimiro de, 103 — cemitério onde jaz Casimiro de, 33 — humilde terra de Casimiro de, 196 — túmulo de Casimiro de, 154
 Abrolhos — rochas dos, 46

 Acaíra — espólio da, 30 — ponta da, 28 — salina, 172

A Cidadela — 90.
 Açoics — ilha dos, 21
 Açú — rio, 50 e 51
 Açúcar — 13 e 180 — acumulador das fortunas do, 151 — acúmulo de, 189 — cana de, 207 — ciclo do, 185 — comércio do, 189 e 190 — cultura da cana de, 13 e 27 — desenvolvimento da cana de, 171 — engenhos de, 87 r 106 — indústria do, 169 e 182 — início do ciclo do, 325 — o de Campos, 133 — opulência do, 166 — posse do, 169 — produção de, 132 — região produtora de, 166

 AFRONSO — os engenhos de Martin, 144
 África — 187

 AGASSIZ — 18
 Agua Preta — lagoa, 50.
 AGUIAR MOREIRA — Manuel de, 98

 A Indústria do Sal no Estado do Rio — 20
 Airises — 48 — capela dos, 126

 Albarão — faixa marítima do, 57 — nascimento do, 58
 Alcalina — rochas do clã, 21
 ALCOFORADO — Pedro, 172
 ALENCAR — José de, 81
 Alfena (a) — 204
 Algodoeiro (o) — 204
Almanaque Laemmert — 172
 ALARIDA — João de, 105
 Alto do Moirão — 26
 Alvarenga — pântano do, 34
 ALVARES — Baltasar, 81
 Alveira — 167.
 ALVAS — fazenda de Domingos, 137
 ALVES BARCELOS — Luis, 133

Amadis de Gaula — 89
 Amaral Peixoto — rodovia, 49
 Amaranáceas — 61
 América — 144 — batismo da, 76 — índios da, 91
 Amontado — beijo do, 44 e 51
 ANCHIETA — 74, 93 e 94

Andesina labradoreira — 17
 Andorrihas — ponta das, 30
 Anfililito — 17, 19 e 20
 Angra-dos-Reis — 72, 163, 175 e 195 — descoberta de, 76 — enseada de, 9
 Anil (o) — 87
 Anzol — ponta do, 28

 Apetita — 33
 Apléticos — veios, 42
 Arapoca — 97
 "Araponga" — 63
 ARARIBÓIA — 81 e 105
 Araruama — 10, 15, 18, 64, 98, 179, 182 e 193 — açambarcamento da produção de sal da, 178 — as restingas edificaram a, 17 — baixada da, 175 — cidade de, 30 — distrito de, 101 — estudo sobre o sal da, 19 — evolução econômica ria, 193 — exportação do sal da, 182 — roimacção da, 176 — freguesia da, 87 — fundação de, 96 — geologia da lagoa de, 11 — grandes cenários da, 23 — indústria do sal da, 175 — lagoa da, 12, 13, 22, 24, 28, 29, 94, 157, 158, 159, 164, 165, 169, 170, 171, 186, 187 e 200 — margens da, 18 e 101 — nome batismal da, 76, — origem da grande laguna de, 13 — panorama estarecedor da, 155 — paróquia de, 151 — petiologia da, 17 — planície líquida da, 13 — população de, 172 — portos da, 186 — posição geográfica da, 182 — prestígio do sal da, 154 — problema do sal na, 174 — região ila, 14 — rendimento das salinas da, 176 — restingas da, 145 — salinidade da, 15, 165 e 177 — secção namento da grande laguna da, 9 — vila de, 97 — visconde de, 109 e J33

 ARAÚJO GÓIS — Hildebrando de, 55
 Arenícolas — plantas, 61
 Arivaldo — paladino de, 90
 Arcoiris — 60

 ASSUCA — viscondes de, 106, 110 e 112
 Assunção — matriz da, 13
 Ataíona — 130, 353 e 203 — carta cadastral de, 69 — coordenadas do farol de, 54 — farol de, 53 — pôto de, 191 — vila de, 109
 Atalhos — praia de, 47

 A Terra Goitacá — 159
 Atlântico — oceano, 2, 8, 16, 20, 24, 26, 10, 44, 47, 60, 51, 159 e 203

 AUGUSTO — Pedro, 135
 Aveiro — 172

Aewa labiata — 61 e 70
Azimutais — amarrações, 54.
Azóico — rochas do, 42 -- Sistema, 18

Bacaxá rio, 34 e 165 — estrada que vem de, 22.
Baga da praia — 60.
Bagres — rio dos, 105.
Bahia, 73, 77, 84, 110, 111, 119, 123, 124, 126, 144, 166, 168, 174 e 175 — estudos na, 46 — feitoria da, 78 — plataforma continental da, 46

Baixada — 22 — civilização cafeeira da, 156 — colinas da, 32 — córregos da, 45 — economia da, 13 — fatores geológicos e geográficos da, 13 — fisionomia cultural da, 101 — formação azóica da, 44 — internavam-se pela, 72 — invasão da, 85 — lavoura da, 153 — ondulações azóicas da, 18 — o trabalho agrícola na, 148 — povo da, 157 — recuo das florestas da, 59 — rios da, 34, 37 e 102

Baixada Fluminense — 46, 54, 93, 155, 156, 169 e 205 — atoleiros da, 126 — café da, 153 — extensas regiões da, 33 — tectônicas da, 41.
Bananal — rio, 26
Bananeiras — lagoa das, 39, 48, 54, 130, 186 e 202

Banisteria — 63
BARBOSA — Luís de Abreu, 168
BARCLOS — baía de, 129 — Ranho, 57
Baria — lagoa da, 25, 26 e 27
Barra da Tijuca — 65
Barra de São-João — 14, 36, 38, 41, 61, 62, 102, 103, 108, 149, 154, 155, 185 e 200
Barra do Açú — 130 e 185 — coordenadas de, 53
Barra do Fundado — 15, 39 e 41
Barra do Itabapoana — 44, 48, 127, 128, 129 e 130
Barra do Pires — 39 e 40
Barra Seca — 130 e 133 — engenho da, 131 — fazenda da, 126 e 136
Barrêto — 37 e 56 — elevações do, 35
Barro Vermelho — 97
BARROS — Cristóvão de, 81 e 101
Basálticas — rochas, 21
Basaltitos — 19
Batalha — 47
Batimétricas — cartas, 9
Baús — maciço dos, 43

BELLEGARDE — Henrique, 196
Benedictinos — 133.
Benlhauer — coleção, 71
Bernardo — ilha do, 8

BERTONI — 73 e 91
Biotipo crassicaule — 61
Biotipo graminóide — 60
Biotipo herbáceo — 61.
Biotipo — lenhoso — 61

Biotita — cristais de, 42
Boa Esperança — 97
Boa Morte — igreja da, 53 e 126
Boa Vista — 55 e 97 — campos da, 41 e 74 — casqueiros no campo da, 70
BOITEUX — Miguel, 172
Bon-Jesus-de-Itabapoana — 53
Bonita — ilha, 8.

Boqueirão — canal do, 25 — ilha de, 14 — lagoa do, 23 e 29
Eoquirão-do-Engenho — 98
Bordo (o) — 204
Botânica (a) — 93, 205 e 209
Botucatu — arenito de, 20
Botucudos — índios, 70, 71, 128 e 129
Bougainvillea brasiliensis — 63

BRAGA — João de, 79
Brasil — 21, 74, 100, 303, 143, 144, 166, 167, 168 e 181 — arrendamento do, 78 — atividade vulcânica de rochas alcalinas no, 20 — Cabo Frio a primogênita do, 75 — "Ciclo do", 78 — civilização material do, 32 — criação de povoações no, 80 — faixa litológica do, 198 — formação social do, 202 — grande marco na História do, 81 e 82 — História do, 74 — Idade moderna no, 18 — imensidade costeira do, 79 — inauguraram no a Genética Vegetal, 93 — inquietudes prenúncios para o, 206 — interior do, 150 — litoral do, 80 — magma basáltico do sul do, 20 — o ... ciência, 168 — o de gatinhas, 13 — o mais antigo mapa do, 76 — os mais terríveis índios do, 73 — paradoxos étnicos no, 148 — regiões salineiras do, 174 — sedimeitos terciários do, 23 — urna das áreas mais populosas do, 1 — um dos melhores solos do, 48

Riojo Grande — pântanos e alagadiços drenados pela vale do, 33
BREVES — escravaria da família, 187
Bromélias — flores das, 63

Buena — praia da, 47
BUENO — Amador, 105
BUENOS AIRES — 167
EULHÕES — Leopoldo de, 172
Búzios — cabo dos, 35, 41 e 196 — ponta dos, 13, 14, 21, 32 e 165
Cabiúnas — elevações de, 42 — zona de, 44
Cabo — rochas foiaíticas lia ilha do, 21 e 196
"Caboclos" — 95
Cabo-Frio — 3, 10, 14, 19, 21, 24, 26, 32, 41, 46, 55, 56, 57, 58, 64, 72, 73, 75, 76, 78, 94, 96, 97, 101, 106, 124, 148, 154, 165, 156, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 174, 175, 177, 179, 180, 184, 185, 186, 187, 194 e 200 — aspectos interessantes em, 19 — cainirinho d'água até, 15 — colonização lusitana em, 79 — colonos de, 150 — construção da primeira salina de, 172 — construção de uma vila em, 83 — costa estereis de, 150 — criação de . . . por motivos estatégicos, 160 — despovoou-se, 82 — desprezo por, 101 — destruição em massa na batalha de 75 — envio de tiopas a, 169 — epopéia inicial de, 108 — evaporação e insolação em, 374 — exportação do sal de, 182 — expulsão dos franceses de, 199 — frequência de ventos em, 176 — fundação de, 86 — grandes lagoas de, 36 — gregarismo dos cocais de, 209 — ilha de, 41 — importância da pesca em, 159 — jornada libertadora de, 185 — localização da feitoria de, 77 — município de, 97 — nasce a Capitania de, 85 — nome de, 76 —

o inimigo apodera-se de, 30 — pau brasil de, 78 — permissão para explorar as salinas de, 170 — pescadores de, 109 e 159 — planície de, 28 — população de, 167 — pôto de, 196, 197 e 198 — praia de, 12 e 66 — primogênita do Brasil, 75 — produção agrícola de, 196 — quem vai a 10 — reconquista de, 78 — região de, 22, 87 e 93 — riquezas naturais de, 165 — rochas foliáticas de, 22 — sal de, 172 e 178 — salinas de, 172 — sambaquis de, 69 — toniada de, 100, 104 e 159 — verdadeira exploração de, 78 — vitória de, 82 — visconde de, 156

Caboio — zona do, 40 e 42
Cabo Verde — ilha de, 21

CABRAL — 78
Cacimbas — canal das, 50, 52, 53, 127, 185, 191 e 200 — pôto de, 127 — seitião de, 185 e 188
Caconda — serra da, 43
Cactáceas — 61
Cadiz — concorrência do sal de, 172 — importação do sal de, 181
Caeté — 48
Café (o) — 171, 180, 184 e 200 — esplendor do, 173 — passagem do, 100 e 106 — plantio rio, 102
Cajueiro — morro do, 85 e 38
Cal — fabricação de, 69 e 70
Calcáreo — precipitador de, 52.
Cálcio — carbonato de, 52, 16 e 176 — depósito <ir. sais de, 177 — sulfato de, 178
Caldas — 20

CALMON — Pedro, 92
Camaquã — rio, 53
Cambrio silúrico — 21
Cambuí — 53
Camolin — lagoa, 8
Campelo — lagoa do, 50, 51 e 53 — rio, 62
Campista — praia do, 36 e 38
Camapo-Limpo — área de, 73
Campos — 31, 39, 44, 47, 48, 60, 53, 93, 94, 101, 106, 110, 112, 116, 328, 130, 131, 132, 133, 136, 151, 166, 168, 174, 175, 185, 189, 192, 193, 394, 200 e 202 — açúcar de, 123, 133 e 153 — aluviões de, 60 — areias conhecidas em, 56 — aumento do comércio de, 188 — bacia de, 45 — brasão de, 134 — comércio de, 104 e 195 — contra a fundação de, 116 — criadouros de, 125 — cultura de cana em, 153 — engenhos de, 121, 188 e 195 — erosão nos tabuleiros de, 46 — estrada de, a. Outeiro, 44 — fundação de, 112 — história de, 202 — influência de, 108 — insurreição da escravaria em, 136 — invasão de aventureiros em, 87 — lavadores de, 207 — ligação rodoviária a, 129 — limites com, 130 — milícia de, 135 — multiplicação dos engenhos de, 114 — município de, 45 e 100 — núcleo pastoril de, 124 — o gado foi em, 124 — pantanaís de, 205 — pela segunda vez surge a vila de. III — planícies de, 1, 86, 105 e 200 — população de, 167 — produção agrícola de, 119 — protesto do comércio de, 190 — rodovia de Niterói a, 187 — rodovia de São-Francisco-de-Paula a, 44 — tabuleiros do, 46 — terras açucareiras

de, 170 — transporte de lenha para, 186 — viajantes de, 154 — vila de, 113 — zona marítima de, 71

Campos-da-Praia — 130 e 132 — região dos, 51 — zona dos, 53
Campos dos Goitacás — 167 e 199 — a origem de, 72
Campos-Novos — 17, 32, 62, 63, 101 e 187 — fazenda de, 87, 98 e 198 — fundação de, 33 e 102 — matas de, 209
Cana — cultura da, 85 e 125
Canadá — campos de gelo do, 91
Cananéia — restingas que se alongam para, 9
CANÉRIO — Portulano de, 76
Cantagalo — o café de, 189.
Cantino — planisféio de, 76
Cantareira — as primeiras barcas da, 191.
Capim — ponta do, 28

CAPISTRANO — 78 e 82.
Capital Federal — futura grande praia da, 65
Capitão Mor — pôto do, 97
Copivari — península de, 40 — proximidade de, 77 — rio, 34
Capuchinhos — matiz dos, 97.
Caraga — serra da, 64

CARAMURU — 79
Carapebus — lago, 39, 56, 85 e 186 — planície de, 36 — zona de, 42
Carbonifeio — 20 e 21
Cardoso Moreira — 43 e 191
Carijós — índios, 105
Carioca — lutas que emizam o, 80

CARNEIRO — expulsão do vigário, 133
Caroara — matas de, 62.
Carrapato — brejo do, 44 e 50 — rio, 39 e 186
Cartografia — 52

CARVALHO — Augusto de, 84, 105 e 122 — Miranda de, 197.
Carvalho (o) — 2M
Carvão — ilha do, 40

Casa de Pedra — famosa, 84.
CASAL — Aires do, 98
Casimiro de Abreu — cidade, 31
Casserebu — rio, 165
Castela — 89
Castelo — morro do, 93
Cauaia — lagoa da, 44 e 45
Caulínica — argila branca e, 47
Cavaleiros — praia dos, 35 e 38
Cazombá — zona do, 130 e 203

Cenozóicas — rochas alcalinas, 21
CERVANTES — Miguel, 88

Chaco — pantanaís do, 91.
Chico Marques — ilha do, 30.
Chico Pereira — ponta do, 29
Cidade (a) — 151
Cina — lagoa de, 34, 42 e 47
Cohra — ilha das, 3 — ponta das, 28
Cochonilha (a) — 87
Côco — morro do, 43, 45 e 50
Código de Pesca — 160
COELHO — Duarte, 80 — Francisco, 122 — Gonçalves, 76, 77 e 80
Colatina — 128
Colégio — fazenda do, 93 e 136

Colligny — forte, 80
Colônia — história regional da, 93
"Companhia" — fundação da grande, 83.
Comprida — lagoa, 38 e 186.
COMTE — Augusto, 90
"Concheiras" — casqueiros de, 157 — fazenda de, 70
Conde de Araruama — 42.
Conselho de Pesca — 160
Conselho Ultramarino do Reino — 122 e 162
CONTE — Bois le, 80.
Copacabana — 65 e 187
Copaíba — 191
Coqueiro anão — 60.
Cordeiros — ponta dos, 30
Cordeirinho — canal do, 25
Coroinhas — ponta das, 28 e 30
CORREIA DE SÁ — Salvador, 80 e 112.
COSTA — Gonçalo da, 79.
COUTINHO PIMENTEL TORREZÃO — Antônio Aureliano Rolão, 135
COUTINHO — bispo Silva, 98 — José de Lino, 131 — Vasco Fernandes, 84
COUVO REIS — 53
Cretáceo — 21, 22, 45 e 46.
Cristo — hábito de, 106
CRONIN — 90.
Cruzadas — experiência das, 89 — organizadores de, 89.
Cultura (a) — 141
Curitiba — 166
D'ALEMBERT — 92
DANTE — 88.
Danúbio — bacia do, 152
Departamento Nacional de Obras de Saneamento — 54 e 206.
DERBY — Orville, 19, 22, 45 e 46
Destêrro — ilha do, 106
Destino — fazenda do, 43.
Diabásio — 19 e 20.
DIAS — Gonçalves, 82.
Dieppe — 80.
Diretoria de Navegação — 53.
Distrito Federal — 18, 64 e 160 — colônias de pesca do, 161
Dízimos — cobrança dos, 133.
Doce — rio, 26, 50 e 129 — lagoa, 108.
D. João III — 80.
D. João V — 170
Don Quixote — 89
Dores de Macabu — 47
DUARTE LESTE — 76
DUARTE PACHECO — 77
Dunas — ciclo morfológico e biótico das, 59
Ecologia — 56 e 57.
EMBERGER — 58
Enjeitado — 97
Enseada (a) — 4.
Esajurássico — 20 e 21.
Epeirogênico — levantamento, 46 e 72.
Espanha — 89 — domínio da, 104 — rainha da, 89

Esplador — rio, 50.
Espírito-Santo — 55, 82, 94, 105, 106, 129, 194 e 198 — cawitania de, 84 e 122 — litoral do, 128 — província do, 131 — sambaquis de "Concheiras" no, 71
"Espoir de Honfleur" — 78
Estados Unidos — 203.
Estrada de Ferro Leopoldina — 42, 47, 54 e 56 — forçou o traçado da, 34
Estrada de Ferro Maricá — 100, 186 e 197.
Etologia — 57.
Europa — 88 — exportação de carne e couro para a, 166
Faia (a) — 204
Falso Pão de Açúcar — 26.
FARIA — Bartolomeu de, 168
Feia — lagoa, 4, 15, 39, 40, 42, 50, 51, 61, 164, 165 e 186 — margens da — 36 e 45 — vertedouros da, 74 — zona de pântanos denominados, 71.
Feldspático — tufo, 19 — cristais, 42.
Feliciano Sodré — ponte, 16
Fernandes — ilha do, 40.
FERNANDES — Cornélio, 75
FERNANDES DOS GOITACASES — João, 116
Fernando-de-Noronha — ilha, 20, 21 e 77
"Fico" — dia do, 134.
Figueira — enseada da, 28 e 167
FILGUEIRA — Manuel Dias, 168.
FILIPE II — 83.
Filogenéticas — mutações, 57
Filonares — rochas eruptivas básicas e, 19.
Fiscal — ilha, 53
Físico-Química — 209
Fisiografia e Geologia — 1.
Fitogeografia — 58 e 208.
Fotográfico — esbôço, 56
Flora (a) — 32 e 56 — de Mangue, 61 — Hidrófila, 49 — Marinha, 61 Palúdica, 61 — poder fixativo da, 57.
Florianópolis — 70
Folâfticas — eruptivas, 41.
Foiátos — 19
Fonolítico — cimento, 20
Fonolito — 20
FONSECA — Luís da, 81 e 82
Fora — lagoa de, 23, 24 e 28
Formosa — baía, 76 e 159
Forno — praia do, 13 e 197
Forte — morro do, 35
Fosfática — rocha, 21.
Fósseis — falejas, 35 e 41.
Foz da Pedra — vala da, 32.
França — naus de, 82 — pirataria da, 80 — rei de, 80
Fraxinela (a) — 204
Frihurgo — morrarias que se entroncam ao sul de, 34.
FRÓIS DE ABREU — 69
FRONTIN — Paulo, 190.
Fundinho — enseada do, 28 e 31.
Furtada — ilha, 8
FURTADO — Antônio, 110.

Gabróides — gnaisses intrusivos, 43
GAGO — Luís João, 105 e 172.
Gamboa — barra da, 16 e 196
GANDAVO — 78.
Gargaú — 191 — 203 — canal de, 52 —
córrego de, 51 — declínio do comércio
de, 192 — estradas de, 200 — gente
do, 188 — pôto de, 127 — restingas
do, 62 — vila de, 185 e 192
Gargaú — floresta das restingas do, 34
— rio, 32 e 62
Gasterópodos — minúsculos, 52
Gata Borrallheira — 192
Gato — ilhota do, 8
Gávea — cabo da, 8 — praia da, 65
Genética (a) — 149 e 209
Genética Vegetal — inauguram rio Brasil
a, 93 — melhoramento da terra pela,
157
Geogenéticos — fatores, 3
Geografia (a) — 89 e 156
Geografia Física — tratados de, 51
Geografia Física e Humana — obras pri-
mas de, 91
Geografia Humana — 90 e 93
Geologia — 39 — caso único na, 56 — Geo-
mórficas — variedades, 4
GERMANA — rainha, 89
GIBELLI — Guido, 160 e 163
Gipsita — 54 — valiosos depósitos de, 41
Gliptogênese — 46
Gliptogenéticas — forças, 49
Gliptogenéticos — fatores, 1
Gnaisses gnaissicos — 41, 42 e 43
Gnaisses mesocráticos — 17
Gndissica — colina, 14 — fraturamento
na costa, 17
Goa — espeluncas de, 91
Goias — 166 e 181
Góis — Gil de, 108 Pero de, 80, 108, 109,
126, 127 e 144.
Goitacá — 83 e 199 — contribuição san-
guínea do, 75 — luta contra o, 144
— presença do, 108 — significado da
palavra, 73.
Goitacá-jacoritó — 73
Goitacá-guaçu — 73
Goitacá-mopi — 73
Goitacás — 86, 94, 127 e 169 — campos dos,
85, 115, 184 — colonização dos, 124,
cultura dos campos dos, 85 — distrito
dos, 125 e 131 — dominação dos, 16 —
índios, 72, 73, 84 e 109 — motins dos,
11 — tratos com os, 82
GOMES — Estêvão, 84, 85, 86, 94 e 105 —
Manuel, 129
Gonçalvo Alves — 191
GONÇALVES DOS SANTOS — Domingos, 123
GONÇALVES VITÓRIA — Miguel, 189.
GONDOMAR — célebre estadista, 104
Graminóides — plantas herbáceas e, 59
GRANATIN — Jacques, 168.
Grande — ilha, 9, 38 187. — tio, 166
Grandes Lagos — 203
Granítico — magna, 42
Grapiapunha — 97
Gravatá caporotoca — 60
Guaita-guaçu — 73
Guanabara — baía de, 4, 10 26, 36, 65, 72,
79, 83, 85, 86, 93, 94, 100, 123, 121, 347,
179, 166, 189, 194 e 199 — atração da,
104 — cenário selvagem da, 144 — fe-

nômeno de esfoliação na, 19 — fundos
da, 33 — morros próximos à, 69 —
nome batismal da, 76 — travessia da,
191 — vizinhanças da baía de, 46

Guandu — rio, 7, 8 e 9
Guanani — 81
Guarapina — lagoa, 25 e 26
Guxrntiba — 69 e 187 — ponta de, 8 e 14
Guaruçai — lagoa, 50
Guarulhos — índios, 102.
Guaxindiba — rio, 3, 15, 43, 53 e 62 —
bacia superior do, 44 — foz do, 51 —
nascentes, 45 e 50 — ponta de, 94
Gueira Holandesa — prelúdios da, 83
Guia — capelinha da, 13 e 151 — morro da,
16 e 19
GUIMARÃES — Djalma, 20 e 21
Guriri — 40, 60, 61 e 186
Guruçai — 130 e 203 — córrego de, 54 —
lagoa de, 62.
Halaelófitas — 61
Halófilo — *liquetum*, 61
Haloidrófila — 61.
Hamburgo — 168
HARTT — 18 e 45
Helicônias — touceiras de, 63
Heimes — escolhidos do, 104
Heyde — teodolito de, 53
Hidrografia — 50
Histórias Econômicas — 166
Homem (o) — 66
Homem e o Meio (o) — 143.
Monfleu — 80
Honblenda — 17.
Hotelã (a) — 204
Iluguenotes — misticismo dos, 73
HUMBOLDT — 77
IAPUGUACU — cacique, 81 e 82.
Idade Média — ascetas da, 88
Igapaga — 98
Igaras — 74.
IGREJA — Antônio Goiçalves, 170
Iguaba Grande — 97, 101, 150 e 197
Iguaba Pequena — enseada de, 30
Iguape — sedimentos do rio, 9
Ilhéus — 175
Imenítica — 56
Imbê — 42
Imbetiba — balneário da, 38, 107 e 154
— enseada de, 41, 104, 189 e 194 —
morro de, 35 — ponta de, 35 — pôto
de, 195 — praia de, 35, 56 e 70
Imboassica — lagoa de, 35 e 41
Imburi — brejo do, 44 — nascentes do
rio, 45
Império — fazendas do, 102 — intensa
vida no, 52 — mapas do, 52
Indaiacu — rio, 103 e 196
Independência — Centenário da, 53 —
época da, 133 — nas vésperas da, 135
Ingá — ponta do, 28
Inhutimaíba — fieguesia de, 87
INGO — 89
INOÃ — baião de, 156
instituto Histórico e Geográfico Brasi-
leiro — 115
Instituto Nacional do Sal — 200

Ipanema — 65 e 187.
Ipê peroba — 191.
Ipê tabaco — 191
Ipitanga — 97.
Ipomaea — 62
Ipuca — aldeia de, 102 — morro da, 34
Iiritiba — aldeia de, 122.
Islândia — 152
Itabapoana — rio, 43, 50, 51, 53, 70, 109 e 128 — barra do, 85 e 108 — embocadura do rio, 128 — foz do, 70 e 191 — margem direita do, 43 — margens do, 71.
Itacuruçá — 159 — barão de, 156 — ilha, 8.
Itaguaf — 93 e 94 — conde de, 156 — rio, 8 e 9.
Itaipu — 94 e 159 — barão de, 156 — lagoa, 26 e 187.
Itaipuaçu — 159 e 187 — ponta do, 145 — praias de, 14.
Itajuru — canal de, 16 e 165 — "Milagre geológico do", 15 e 176 — origem do, 16 — problemas genéticos do, 16.
Itália — 152.
Itambi — vila de, 93
Itaoca — morro do, 42
Itapeiú — rio, 26.
Itapemirim — rio, 108 e 128 — foz do, 109.
Itaperuna — 53
Itaquara — morro de, 19
Itaquira — 42
Itatiaia — 20 — maciço do, 22 — magma foliático do, 21
Itatinga — praia de, 24.
Itatiquara — 97.
Itatuna — praia de, 24
Itereré — canal de, 43, 47 e 48
Jacarepaguá — 8 e 187 — planície de, 65 — restingas de, 8 e 14
Jacarés — lagoa dos, 50, 54 e 70
Jaconé — lagoa, 18, 23, 24 e 55.
JACQUES — Cristóvão, 80
Jacupiranguito — 20
Jaguarão — ilha, 8
Japão — 152
Jardim — lagoa do, 23 e 39
Jataí rosa — 191
"Jeca Tatu" — 147
Jeribatiba — lagoa, 39 e 186
Jesuitas (os) — 95, 100, 102, 105, 133, 149, 159, 185 e 199 — auxílio dos, 86 — Colégio dos, 155 — expulsão dos, 92 e 128 — incentivo moral e intelectual dos, 144 — persuasão dos, 73
Jesus — Companhia de, 88 e 93 — lagoa de, 186.
Jirau — 158 — pôrto do, 29.
João Pessoa — 130
Joatinga — ponta de, 9
Junco (o) — 204.
Juquiá — 158.
Jurumirim — rio, 196
Juturnaíba — 34 e 97 — freguesia de, 87 — lagoa de, 34.
KUNSTMANN III — mapa de, 76.
LACERDA — Batista de, 70
Lagoa da Anta — 97.
Lagoa do Peixe — 97
Laguna (a) — 10
LAMEGO — Alberto, 109, 159 e 188.

LÁZARO Lúfs — mapa de, 76
LEAL — Domingos, 106.
Leblon — 65 e 187.
LEPSIK — Júlio, 172.
LEITÃO — Jerônimo, 81.
LEMOS — Catarina de, 98.
LEONARDOS — Otton, 69
Leopoldina — mina de areia da, 35
LE PLAY — monografias de, 91
Leptinitos — 43.
Leripe — rio, 70 e 105
LERY — 74 e 104
Leucocrático — 43
Lignetum — 59 e 61
LIMA — Bento da Cunha, 168
LINDBERGO — Luis Bonifácio, 172.
LINDMANN — 58
Lisboa — 77, 78, 110, 116 e 167
Littoralis — 61
LOBATO — João, 86 e 105 — Monteiro, 147.
LOTOLA — Inácio de, 88, 89, 90 e 95
Londres — ministro espanhol em, 104
LOPES — Raimundo, 69.
LOPES CARVALHO — João, 79
Louro — ilha do, 40, 61 e 62 — matas do, 209
LUCCOCK — 96
Luciano — lagoa, do, 40
Lucrecia — lagoa da, 116
Macabu — baixo, 42 — brejo do, 44 — foz do rio, 40 — represa de, 107 — rio, 125, 164 e 186 — tabuleiros do, 186 — usina elétrica de, 107
Macaco — pôrto do, 197 — riacho do, 127.
Macacas — ponta dos, 15, 28 e 42
Macaé — 14, 35, 41, 42, 46, 53, 55, 56, 61, 69, 82, 85, 86, 93, 101, 104, 106, 110, 153, 154, 759, 175, 184, 185, 186, 187 e 200 — abandono de, 104 — aldeia sobre o rio, 105 — área urbana de, 94 — canal de, 194 — criação de, por motivos estratégicos, 160 — distrito de, 87 — enseadas de, 76 — "Esmeralda de", 104 — fortificação de, 106 — foz do rio, 36 e 76 — ocorrência na bacia do rio, 33 — organização inicial de, 105 — pôrto de, 194 e 195 — praias de, 56 — represamento do rio, 56 — rio, 4, 5, 8, 32, 37, 39, 87, 185 e 196 — sul de, 22 e 34 — vale do rio, 38
MACEDO — Roberto de, 123
Machadinha — 186
MACHADO — Caetano de Barcelos, 106
Madalena — 53
Madeira — ilha da, 8 e 21
MADRE DE DEUS — Frei Gaspar de, 73
Madri — Governo de, 105
MADUREIRA — frei Antônio de, 124
Magalde — estreito do, 40.
MAGALHÃES — Fernão de, 79.
Magnetita — 17, 20, 33 e 56
MAIOLLO — mapa do Visconde di, 76
MALDONADO — 105 e 167.
MALHEIROS DIAS — 76 e 77
Malvaísco — 60
Managé — rio, 128
Mandacaru — 60
Mandioca — cultura da, 48 e 130
Maneta — "o motim do", 168.
Manga da praia — 60
Mangaratiba — 9 — barão de, 156 — enseada de, 9

Manguinhos — 133 e 191 — arenito de, 47 — enseada de, 113 — norte de, 44 — ponta de, 44, 46, 48 e 49 — praia de, 47

Mar — serra do, 8, 43, 46, 85, 199 e 201

Marajó — ilha de, 166.

Marabá — 41, 65, 159, 161 e 187 — baía de, 8 — evolução morfológica da, 8 — formação da, 36 — grandeza da, 35 — ilha, 8 — morro da, 8 e 9 — origem da restinga de, 6 — pico da, 4, 5 e 32 — pontal da, 12, 58 e 64 — região da, 36 — restinga da, 7, 8, 14, 28, 38 e 94 — tómbolo da, 7

Maranhão — 174

Marapendi — praia de, 65 — restinga de, 8

Maratua — pântano, 34

Marcelino Ramos — Comissão, 54

Maria Miz — ilha de, 8

Maricá — 13, 25, 64, 99, 100, 124, 355, 159, 162, 185, 187 e 200 — lagoa, 15, 25, 26, 27, 28, 165, 186 e 187 — marquês de, 156 — praias da, 27 — restingas de, 145

Marimbondo — vala do, 32

MARINHO — Gaspar, 110

MARQUES DURÃO — padre Pedro, 133

Marrecas — ponta das, 28

Marta — enseada, 28.

Martins — ilha do, 8 — Fernandes José, 126, 127 e 128

MARTINS DA PALMA — André, 115 e 116

MARTIUS — 73

Massambaba — ponta da, 28, 30 e 170 — praia de, 34 — restinga de, 14, 16, 28 e 159.

Mata dos Aíis — 59

Mataiuna — 98 e 150 — porto de, 97

Matias — ponta do, 30.

Mato Grosso — 166 e 181

MATOS — Aníbal, 70 e 71

Mau Cabelo — zona de, 43

MAURY — Carlota, 46.

MAXIMILIANO — príncipe, 95, 99, 327, 128, 132 e 171

Mediterrâneo — mar, 152

MELO — Teixeira de, 115

MEENDES CORREIA — 71.

MENELAU — Constantino de, 84 — energia de, 83 — imprevidência de, 196

MENESES — Bezeira de, 73

Mestre — cônego, 39

Mica — cristais de, 42.

Mirado — embaixada do, 91

Nichigan — praias do, 203

Nico — morro do, 43

Microclima — 33

Milagre — morro do, 17

MIMOSO — desembargador, 85

Minas Gerais — 125, 166, 194 e 198

Minerais — recurso — 55

Ministério da Marinha — 53

Miocênio — 46

“Moçoró” — salina, 172

Monazita — 55

MONTEIG — Pierre, 206, 208 e 209

Monte Elfco — solar de, 107 e 151

MONTIPEIRO — Luís Vaia, 169 e 170

MONTESQUIEU — 90 e 92

MORAIS — Luciano de, 21

MORAIS Rêgo — 20.

MORAS VIEIRA — Fiaicisco de, 54 e 70.

MOREIRA — Francisco, 137

MOREIRA PINTO — 97.

Morro Grande — 97

MOUCIEZ — 104 e 196 — cartas de, 62

Mumbuca — rio, 25 e 26.

MUNIZ COUTINHO — capitão Sebastião, 125.

Muriae — rio, 43, 128 e 191.

Muribeca — 93 — fazenda da, 127, 128, 129 e 136 — rio, 128

Murici — 60

Muritiba — rio, 53

Murundu — 43

Muxuango — insociabilidade do, 168 — tipo do, 149

Najas — 61

Natal — 174

Natureza — a — trabalha com tiralinhãs, 4.

Nazaré — igreja de, 155 — moiro de, 23 — outeiro de, 23 e 24

Neolítica — cultura, 73.

Nerítica — ampla soleira, 46

NEUWIED — príncipe de, 63

Niterói — 12, 26, 69, 81, 35, 93, 99, 186, 187, 190 e 195 — ligação ferroviária a, 107 — rodovia . Campos, 187

NÓBREGA — 74

NOGUEIRA DA SILVA — Joaquim Alves, 172 — IX Congresso Brasileiro de Geografia — 71

Normândia — portos da, 80

NORONHA — Fernão de, 78

Nossa Senhora da Assunção — convento de, 154

Nossa Senhora da Assunção de Cabo Frio — vila de, 84

Nossa Senhora da Conceição de Jurujuba — capela de, 93

Nossa Senhora de Nazaré — capela de, 98

Nossa Senhora do Amparo — igreja de, 99

Nossa Senhora do Bonsucesso — igreja de, 93

O *Homem e o Brego* — 47, 53, 73, 86, 133, 185, 167 e 202

OLIVEIRA — Aristides Henriques de, 54 — Eusébio de, 20 — Manuel de, 104

Onça — serra da, 43.

Ortósio — 33

Ostras — rio das, 4, 32, 33, 105 e 159 — foz do rio, 34, 36, 38 e 70

Outeiro — estrada de Campos a, 44

Padre — lagoa do, 25 e 26.

Pai Alexandre — colina do, 32

PAIS LEME — Betim, 20

PAIVA — Glycon de, 46.

Pálace Hotel — edifício do, 154

Paleobotânica — 58

Paleográfico — quadro, 42

Paleozóico — 22

Palestina — mapa de, 76.

Palmer — canal, 397 — Leger, 172 e 197

Pamplona — acidente de, 89 — cidadela, 90

Pantanal (o) — 32

Papagaio — região do, 51, 59 e 63

Pará — 69

Paraguai — 92 — Guerra do, 190.
Paraíba — aluviões do, 42 e 59 — **café** do vale do, 153 — campos do, 87 — delta, 41, 46 e 62 — foz do, 55, 58, 60, 108, 109, 115, 123, 159, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194 e 195 — margens do, 36 e 114 — massapê sedimentado pelo rio, 13 — massas arenosas roladas pelo, 36 — planícies do, 86 e 185 — **pôrto** da foz do, 126 — rio, 5, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 94, 101, 125, 127, 130, 132, 137, 192 e 200 — vale do, 107 e 201.
Paraíba do Sul — 106 e 110 — capitania de, 167
PARAIN — Charles, 152.
Paranapiacaba — roem os quartzitos da serra, 9.
Parati — 9 e 97 — engenho de, 101 — **pôrto** de, 187
Pargos — enseada de, 109.
Patos — 42
Pau brasil — 77 e 87.
Paulista — lago do, 39 e 207.
Peça — ponta da, 30
Pecados Mortais — ponta dos, 34 e 35
Pecuária — 85, 166 e 200 — ciclo da, 101, 119 e 185 — desenvolvimento da, 166 — encerramento do ciclo da, 125 — expansão da, 123 e 168 — fácil exploração da, 125 — início da, 122
Pedra Lisa — maciço da, 43 e 44
PEDRO I — 172.
Pegmatitos — 18 e 42
Pelonha — pântano da, 34
PEREIRA — a revolta de Benta — 114, 121, 125 e 133
Perinas de Siqueira — praia de, 28
Periniana — idade, 20.
Pernambuco — 80 e 168 — feitoria de, 78 — laguna de, 14
Peroba de Campos — 191.
Peroba rosa — 191.
Pesca (a) — 157 — construção de Entrepostos de, 160 — nacionalização da, 160
Pescadores — praia dos, 36 e 38
Pescapra — 61
Pico — serra do, 128.
PINTO — Mário da Silva, 19 e 180 — Rodrigues, 123 — Velho, III
Pipeiras — 70 e 130
Piracão — rio, 69.
Pirai — rio, 69
Pirapetinga — 93 e 94 — lagoa, 26 e 187
PRES — Cristóvão, 78 — ilha do, 40
Pitangueiras — 60.
PIZZARRO — 98
Plagioclásio — 17 e 33
Planície (a) — 39.
Pliocênio — 21, 45 e 46
Pleistocênio — quadro paleográfico, 41
Poaia — 60
Poço d'Anta — 34.
Poços de Caldas — magma de, 20
Pombaba — esporão da, 9 — península da, 28
Ponta Grossa — cabo de, 85 e 87
Ponta Grossa dos Fidalgos — 42 — delta de, 40
Ponta Negra — 23, 24, 25, 26, 27 e 159
Pontal — fatores fundamentais para a formação de um, 7 — praia do, 14 e 37

Ponte dos Leites — 97.
Pontinha — 97.
Ponto — 130
Porfiróide — granito, 33
Pôrto — constituição do, 135
Pôrto Seguro — 77
Portugal — 77, 78, 89, 104, 144, 167 e 168 — rainha de, 99
Portuguesa inabilidade, 74
Portuguêses — 72.
Praia — rio da, 40.
Praia Grande — 159.
Praia Sêca — ponta da, 28
PRESTES — 135
Prêto — concheiras do rio, 72
Protognaisse — 43.
Psamófila — vegetação, 60 e 61
Puçá — 158.
Puris — índios, 128 e 129
Quartzo — 17 e 33 — pontas de flechas de, hialino, 70 — veios de, 18 e 42
Quaternário — epeirogenismo ascensional, 45
Quicamá — 39, 54 e 207 — litoral de, 59 — península de, 36, 54 e 186 — vila de, 40 e 42 — zona de, 41
Química Agrícola (a) — 205
Quipari — 129 — lagoa, 50, 62 e 116 — córrego de, 51.
Quitinguta — lagoa, 50
RABELO — Sebastião, 115.
Rzmalho — colina do, 32 — João, 79
Rasto — xenólitos de arenito do rio, 20.
RATZEL — 90
RÉCLUS — 83
"Réfêns — rio de", 76.
REGO — Lins do, 158.
REINAL — mapa de, 76
REIS — Couto, 107, 124, 125 e 133 — mapa de, 62, 108 e 127.
República — mapas da, 52
Resende — Bacia Terciária de, 46
Restingas — caso das, 208 — dinamismo do mar na formação de, 4 — faixa litorânea de, 85 — fatores geográficos das 186, — formação das, 164 e 200 — gênese das, 164 — geomorfologia das, 206 — homem das, 191 — luta contra a, 205 — na Costa do Brasil, 71 — pescador das, 161 — planície de, 167 — população litorânea das, 163 — solução do problema das, 205 — vegetação — climax das, 209
Retiro — praia do, 47 e 108
Revista da Flora Medicinal — 60
Reyjavik — 152
Ribeira — lagoa da, 40.
RIBEIRO — Domingos Silva, 170 — Gaspar, 105.
RIBEIRO FILHO — Raimundo, 19 e 174
Rio Bonito — freguesia de, 87 — proximidades de, 77.
RIO COMPRIDO — visconde do, 125
Rio das Ostras — 34.
Rio de Janeiro, 64, 75, 80, 93, 94, 99, 103, 104, 105, 106, 111, 116, 119, 123, 124, 125, 131, 135, 144, 146, 147, 160, 152, 160, 167, 171, 173, 174, 185, 186, 198 e 199 — ali-

mentação do povo do, 123 — baía do, 77 — Capitania do, 94, 101 e 169 — colônia de pesca do, 27 e 161 — governador do, 84 — levante contra os portugueses do, 74 — mapa da faixa de restingas no Estado do, 3 — o .. continua ameaçado, 83 — população do, 85 — **pôrto** do, 194 — primeiras exportações para o, 172 — ridículo protesto do Senado do, 115

Rio do Ouro — 100.
Rio Grande do Norte — 168, 173, 180 e 184
Rio Grande do Sul — 57, 58, 69 e 166
RISCADO — Miguel, 101

Rocalitos — 21
RODRIGUES — Antônio, 79
Roma — campeão da Nova, 90
Romano — Império, 89
ROSEMBUSH — 19.

SA — Mem de, 80
Saco de São Francisco — capela do, 93
SAINT-HILAIRE — 64, 95, 96, 128, 133, 146, 147, 149, 150, 155, 159, 169, 170, 171 e 187.

Sal — 13, 87, 164, 165, 166 e 181 — carência de, 167 — carestia do, 168 — colheita do, 169, 170 e 174 — concorrência do estrangeiro, 181 — consumo do, 168 — contrato do, 168 — corrida para o, 170 — criação do Instituto Nacional do, 180 e 183 — custo da tonelada de, 180 — drama do, 184 — espaço para o 168 — exploração do, 13 — extinção do monopólio do, 168 — extração do, 174 — fome de, 168 — importação do, 182 — importância do, 166 — indústria do, 175 — necessidades de, 168 — pilhas de, 13 — posse do, 169 — preço do, 168 — problema econômico do, 180 — processo da colheita de, 176 — produção do, 175 — transporte do, 198 — valor do — fluminense, 178.

SALEMA — 83 — Antônio de, 81 — **felonia** de, 82.
Salgada — lagoa, 51, 52, 104 e 207.
Salgueiro — (o) — 204
Salvador — 111 — baía do, 76 — frei Vicente do, 87 e 165.
Sambauquis — 69 — "homem dos", 70 e 71.
SAMPAYO — Alberto, 58, 59, 60, 64 e 208.
Santa — lagoa, 70 e 71.
Santa Catarina — capela de, 126 — ilha de, 58 — magma sódico de, 20 — vila de, 108.

Santa Catarina das Mós — 84, 85 e 108
Santa Cruz — 78, 93 e 94 — planície de, 85 — ponta de, 196 — terras de, 77
Santa Helena — fundação da povoação de, 84
Santa Maria de Maricá — vila de, 99.
Santa Maria — cabo de, 76.
Sant'Ana — campo de, 85 — capela de, 105 — igreja de, 93 e 154 — ilhas de, 76, 104, 105, 106 e 194.
Santo Amaro — casqueiros de, 71
Santo Antônio — fazenda, 43.
Santo Antônio de Sá — 99
Santo Inácio — forte de, 85.
Santos — **pôrto** de, 9, 71, 152 e 168.
São Barnabé — aldeia jesuítica de, 93.
São Benedito — serra de, 43.

São Bento — canal de, 25.
São Fidélis — 53 — e 111 — **café** de, 189.
São Francisco — ilha de, 58
São Francisco de Paula — 53 e 130 — altos de, 186 — rodovia de . . a Campos, 44 — **sertão** de, 52
São Gonçalo — 163.
São João — aluviões do rio, 34 — capelinha de, 110 — embocadura do, 33 — foz do rio, 38 — igreja, 112 e 154 — margem do, 103 — morro de, 33 e 34 — ocorrência na bacia do, 33 — **restingas** entre o Una e o, 32 — rio, 3, 32, 33, 76, 86, 102, 165, 185, 195 e 196.
São João Batista — Igreja de, 102
São João da Barra — 45, 48, 50, 56, 63, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 149, 153, 156, 189, 192, 193, 195 e 200 — construção naval em, 190 — coordenadas de, 54 — decadência do **pôrto** de, 194 — estaleiros de, 113 — navegação de, 190 — planície arenosa de, 50 — **pôrto** de, 185 — **restingas** de, 59

São João da Praia — 114.
São João da Praia do Paraíba do Sul — **vila** de, 126
São João Marcos — 187
São José — lagoa de, 25
São José de Itaboraí — 46.
São José do Imbassai — 26
São Lourenço — capela de, 93 — igreja anchietana — 69
São Luís — 144
São Mateus — forte de, 12 e 85 — morro de, 16 — ponto de, 14
São Paulo — 94, 123 e 168 — costa de, 58 — eruptivas nefelínicas de, 20 — intercâmbio com, 187 — levante contra os portugueses, 74 — rochedos, 20 — vila de, 105
São Pedro — 17 e 18 — conventos de, 13 e 93 — goitacás de, 149 — península de, 14 — rio, 37 — rochedos, 20.
São Pedro d'Aldeia — 84, 87, 93, 148, 154, 172, 179, 185 e 186 — enseada de, 30 — exportação do sal de, 182 — fundação de, 199 — morros a leste de, 13 — península de, 30.
São Pedro dos Índios — 150.
São Salvador — 130 e 131 — matriz de, 115 — vila de, 120.
São Sebastião — cidade, 82 — igreja de, 97.
São Sebastião de Itaipu — igreja de, 93.
São Tomé — 41 — baixios de, 200 — cabo, 46, 48, 49, 74, 76, 109 e 164 — capitania de, 108 e 127 — delta de, 46 — **donatário** de, 80 — farol de, 53, 54, 55 e 70 — "serra" — 76.
São Vicente — 80, 81, 82, 104 e 144.
Sapateiro — serra do, 43.
Sapiatiba — serra, 17.
Sapucaia — vala da, 33
Saquarema (a) — 22, 64, 97, 98, 156 e 200 — barão de, 156 — cidade de, 29, 68, 155 e 158 — gênese da, 24 — lagoa, 15, 22, 23, 28, 29, 99, 158, 165, 186 e 187 — origem de, 150 — outeiro de, 12 — **paróquia** de, 98 — prosperidade econômica de, 99 — **restingas** da, 145 e 148 — zona costeira de, 98
Saturnino de Brito — extinta Comissão, 54

Saudade — lagoa da, 44, 45 e 53 — promontório da, 38.
Sepetiba — 159 — bala de, 3, 4, 7, 8, 36 e 69 — enseada de, 38 — fechamento da, 8 — índios vindos de, 84 — lagoa de, 157 — visconde de, 156.
Sernambetiba — pontal' de, 65.
Serrinha — 42.
"Sertão de Cacimbas" — 127.
Serviço de Caça e Pesca — 160, 163, 164 e 200.
Serviço Geológico e Mineralógico — 33
Sesmaria — brejo da, 44 — tabuleiros da, 186
"Sete Capitães" — 126 e 185 — chegada dos, 109 — currais do, 123 — dali partem os, 101 — Roteiro dos, 105 e 167.
Setúbal — 167
Sienitos — 21.
Sifonóganias — raras, 61.
Sílica — 56.
Silicícola — vegetação, 65.
SILVA — Carneiro da, 125 — Mário da, 174 — Simões da, 69
SILVEIRA — D. Alvaro da, 124
SIMONSEN — Roberto, 123 e 166
Simorfa — 61.
SOARES — Gabriel, 165
Sobara — morro da, 34.
Sódio — cloreto de, 176.
Sorocaba — feira de, 168.
SOUSA — Bernardino de, 78 — Gaspar de, 84 e 105 — Manuel de, 105 — Mário, 53 — Martim Afonso de, 80 — Muniz de, 131, 132 e 133
СОУДНУХ — 86, 109 e 149
Sterneck — método de, 53
"Sucuruás" — 63
Suécia — 168.
Taí Grande — lagoa, 51, 54 e 207 — rio, 50.
Tal Pequeno — lagoa do, 50, 54, 130, 202 e 207.
Tamoia — fim da nação, 82 — história da grande nação, 75.
Tamoio — 199 — selvajaria do, 145 — significado da palavra, 74 — vassalagem, do, 82.
Tamoios — 86 — aniquilamiento em massa do, 75 — "Confederação dos", 74 — destruição e fuga dos, 94 — falta de, 83 — Índios, 72 — território dos, 75
Tapinhoã — 97
Tapuio — permanencia o, 83 — superioridade do tupi sôbre o, 73.
"Tapuios" — 95
Tatu — saco do, 40
TERRA — barão de, 197
Telégrafo — ilha do, 33 e 38 — inorro do, 19 e 26
Terciário — 21, 22, 45 e 47
Temiminós — inaios, 75
Terra dos Papagaios — 78
THEVET — 78
Tibiquera — 98
Tillandsia — 63.
Tinguá — 20
Tipiti — fábrica de mandioca, 129

Tiririca — enseada de, 28 — serra de, 26.
Titanita — 17.
Todos os Santos — bala de, 77
Travessão vizinhança de, 17.
Três Morios — fazenda dos, 196.
Triângulo Mineiro — 181.
Triássico — 21
Trieste — 152
Trimunium — colina do, 32
Trindade — ilha, 21 e 97.
Tucum — enseada do, 28.
Tupi — destruído o, 83 — superioridade do . . . sôbre o tapuio, 73 — tribos do grupo, 74.
Tupinambá — significado da palavra, 74.
Tupiniquim — significado da palavra, 74.
Tupiniquins — Índios, 75.
Tupis — Índios, 75 — tribos, 73
Turfa — 55
Ubatiba — rio, 26.
ULE — 64.
Umicola — 61.
Una — bacia do, 33 — foz do, 32 e 36 — pantanais do, 32 — restingas entre o e o São João, 32 — rio, 3, 4, 17, 32, 165 e 186 — vale do rio, 38.
União Geográfica Internacional — 58
Uruguai — fronteira do, 57
Uva ursina (a) 204
Urucanga — lagoa do, 23, 24, 28 e 29.
Ururá — 40 e 42 — rio, 43 e 164.
Ururus — horrendos, 34
Valão Séco — 130.
Vargas — fundação, Darci, 163
VASCONCELOS — padre Simão de, 105.
Velho — rio, 39.
Ver o Pêso — 97.
Vera Cruz — 78
VESPÚCIO — Américo, 75, 77 e 79 — comando de, 77 — feitoria de, 84 — presença de, 77.
"Viana" — localidade do, 56.
Vidro — indústria do, 56.
Vigia — ilhota da, 8.
Vila da Rainha — 108, 109, 126 e 144
VILLAR — Huguet del, 61
Vinga áurea — 204
Virgem Maria — fazenda, 56
Visconde — fazenda do, 136
Vitória — 72, 85, 94, 131, 144 e 194
VIVEIROS — Francisco, 120
VOLTAIRE — 92
XAVIER — São Francisco, 91.
Xerófila — çí 3
Xerófilo: — gramíneas e arbustos, 49.
WALDSEEMULLER — mapa de, 76
Zinger — método de, 53.
Zostera — 61

RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

- Fig. 1 — Mapa da faixa de restingas, no Estado do Rio de Janeiro
Fig. 2 — Formação de restingas
Fig. 3 — Origem da restinga da Marambaia
Fig. 4 — Aspecto geral das restingas ao sul do Paiaiba, vistas de avião
Fig. 5 — A natureza a trabalhar com tira-linhas.
Fig. 6 — A planície de restingas ao norte do Paraíba, na enseada de Gargaú
Fig. 7 — A planície de restingas, em sua extremidade setentrional, nas proximidades da foz do Guaxindiba.
Fig. 8 — Geologia da lagoa de Araruama.
Fig. 9 — Cruzamento de restingas entre a laguna de Araruama e o mar
Fig. 10 — A barra da Gamboa que liga o canal de Itajuru ao mar
Fig. 11 — Camadas de anfibólito nas vizinhanças do forte de São-Mateus, em Cabo Frio
Fig. 12 — Camadas de seixos na estrada Niterói-Campos nas vizinhanças da Araruama
Fig. 13 — Os mesmos seixos da fig. 12, em formas irregulares
Fig. 14 — Praia de Itatinga.
Fig. 15 — Bacia hidrográfica de Maricá
Fig. 16 — Destruição de lagunas
Fig. 17 — Um esporão em formação ao sul da ponta de Massambaba, na Araruama
Fig. 18 — Ilhota capturada pelas restingas, na foz do rio das Ostras
Fig. 19 — Na ponta dos Pecados-Mortais ou Itapebuçu
Fig. 20 — A costa fluminense ao sul da ponta dos Pecados-Mortais, em Macaé
Fig. 21 — Juntas transversais à orientação do gnaisse, na praia dos Campistas, em Imbetiba
Fig. 22 — Perfeito plano de uma junta no gnaisse, ao lado do Hotel de Imbetiba, em Macaé
Fig. 23 — Praia de Imbetiba, Macaé
Fig. 24 — O farol de Imbetiba
Fig. 25 — A cidade de Macaé
Fig. 26 — O rio Macaé
Fig. 27 — Testemunhos de arenito dos tabuleiros, em Imbetiba; Macaé
Fig. 28 — Afoz do rio Macabu, na lagoa Feia
Fig. 29 — Restingas na margem ocidental da lagoa Feia
Fig. 30 — A serria da Oiiça, um dos últimos fragmentos da serra do Mar em Campos
Fig. 31 — O pico da Pedra Lisa, em Murundu
Fig. 32 — Contacto de um tabuleiro com o Cristalino, em Uruaí
Fig. 33 — Contacto de um tabuleiro com a planície quaternária, em Uruaí,
Fig. 34 — Brejo salgado nos tabuleiros de São Francisco de Paula, em São-João-da-Barra
Fig. 35 — Brejos de tabuleiros, em Dore-de-Macabu
Fig. 36 — A foz do rio Guaxindiba
Fig. 37 — Barragem do Guaxindiba
Fig. 38 — A grande planície de restingas, entre o Paraíba e o cabo São-Tomé
Fig. 39 — A planície de restingas, nas proximidades do cabo de São-Tomé
Fig. 40 — A planície de restingas, na região de Quiçamã
Fig. 41 — A planície de restingas, entre a zona da lagoa do Paulista e Macaé
Fig. 42 — Foz da lagoa de Guruçai
Fig. 43 — Foz do Paiaiba
Fig. 44 — Mar formador de restingas, na costa do Furado
Fig. 45 — Pantanaes da lagoa Feia
Fig. 46 — Planície de aluviões, a oeste do Furado
Fig. 47 — Faixa de areia do mar, em Baixa-Giande
Fig. 48 — O farol de São-Tomé
Fig. 49 — O cômodo de São-Tomé
Fig. 50 — Vila de Gargaú

- Fig. 51 — Praia de Gargaú
- Fig. 52 — Restinga no litoral, ao norte do Guaxindiba
- Fig. 53 — Laguna de Quipari
- Fig. 54 — Cruzamento de restingas, na margem sul do Paraíba
- Fig. 55 — Trecho do pontal norte do Paraíba
- Fig. 56 — Inundações das restingas
- Fig. 57 — Lagoa Salgada
- Fig. 58 — Planta parcial da vila de Atafona
- Fig. 59 — Exploração de uma turfeira, nas restingas de Cabiúnas, em Macaé
- Fig. 60 — Briquetagem rudimentar da turfa, em Cabiúnas
- Fig. 61 — Jazida de areia de fundição, em Macaé
- Fig. 62 — Areia de fundição, já separada do cascalho conchilífero
- Fig. 63 — Unia avenida natural, entre as restingas de São-João-da-Barra
- Fig. 64 — Devastação da floia dos cerrados, na estrada de Canipos e São-João-da-Barra
- Fig. 65 — Aspecto da flora de cerrados das restingas
- Fig. 66 — Uma savana artificial, nas restingas de São-João-da-Barra
- Fig. 67 — Trecho da planície de restingas, nas redondezas da lagoa do Paulista e do rio Carrapato
- Fig. 68 — Trecho da planície da restinga, ao sul de Quiçamá
- Fig. 69 — Desobstrução de cursos d'água, na planície argilosa
- Fig. 70 — Escavação de canais por meio mecânico
- Fig. 71 — Nas planícies de restingas.
- Fig. 72 — Aspecto da planície de restingas
- Fig. 73 — Um longo biejo entre restingas, murado pela vegetação dos cerrados
- Fig. 74 — Sambaqui artificial, nas margens do Itabapoana
- Fig. 75 — Matiz de N S da Assunção de Cabo-Frio
- Fig. 76 — Ruínas do velhíssimo forte de São-Mateus, em Cabo-Frio
- Fig. 77 — Antiquíssimas relíquias de Cabo-Frio
- Fig. 78 — O convento de N S dos Anjos, em Cabo-Frio
- Fig. 79 — Convento de N S dos Anjos, em Cabo-Frio
- Fig. 80 — Altar de Santo Antônio no convento de N S dos Anjos
- Fig. 81 — Ruínas do convento de N S da Conceição, nas restingas de Itaipu.
- Fig. 82 — Templo de São Sebastião de Itaipu
- Fig. 83 — O famoso colégio de São Pedro d'Aldeia
- Fig. 84 — Convento franciscano de N S dos Anjos, em Cabo-Frio.
- Fig. 85 — Trecho da Araruama, em São-Pedro-d'Aldeia
- Fig. 86 — Trecho de São-Pedro-d'Aldeia
- Fig. 87 — A igreja e o histórico solar jesuítico de Campos Novos
- Fig. 88 — Outro aspecto do solar de Campos Novos
- Fig. 89 — Cidade de Araruama
- Fig. 90 — Igreja de São Sebastião de Araruama
- Fig. 91 — Túmulo de CASIMIRO DE ABREU em Barra-de-São-João
- Fig. 92 — O rio e a serra de São-João
- Fig. 93 — A ilha granítica do Telôgrafo, em 1930, na embocadura do rio São João.
- Fig. 94 — A igreja e o cemitério de Barra-de-São-João
- Fig. 95 — "Promontório da saudade".
- Fig. 96 — Lar de CASIMIRO DE ABREU
- Fig. 97 — Cruzeiro de pedra e igreja de Sant'Ana, em Macaé
- Fig. 98 — Fundos da velha igreja jesuítica de Sant'Ana, em Macaé
- Fig. 99 — Cidade de Macaé
- Fig. 100 — Praia dos Campistas e ilhas de Sant'Ana, em Macaé
- Fig. 101 — O Grande Hotel Balneário de Imbetiba, em Macaé
- Fig. 102 — Praia de Imbetiba, em Macaé
- Fig. 103 — O solar de Monte Elísio, em Macaé
- Fig. 104 — Trecho da muralha do solar de Monte Elísio
- Fig. 105 — A muralha e o solar de Monte Elísio
- Fig. 106 — São-João-da-Barra, vista de avião
- Fig. 107 — Os velhos tiapiches e armazéns de São-João-da-Barra
- Fig. 108 — A mó de Vila da Rainha, a mais antiga reliquia histórica do norte fluminense.
- Fig. 109 — Textura cavernosa da mó de Vila-da-Rainha

- Fig 110 — Vilarejo balneário da foz da lagoa de Carapebus.
Fig. 111 — Atafona, em 1935.
Fig 112 — Aspecto pitoresco de São-João-da-Barra
Fig 113 — Trecho de São-João-da-Barra
Fig 114 — Tipo de portas com rótulas.
Fig 115 — Outro tipo de rótulas, em São-João-da-Barra
Fig 116 — A matriz de São João Batista, em São-João-da-Barra
Fig 117 — Igreja da Boa Morte, em São-João-da-Barra.
Fig 118 — A velha cadeia de São-João-da-Barra
Fig. 119 — Um trapiche do tempo da navegação de São-João-da-Barra.
Fig 120 — Vila de Barra-do-Itabapoana
Fig 121 — Tabuleiros, vendo-se os pantanais da lagoa Feia
Fig 122 — O trucidamento de CLARA RIBEIRO DE SOUSA
Fig 123 — A agressão ao vigário MARQUES DURÃO, pelo ajudante Lufs ALVES DE BARCELOS.
Fig 124 — Os pontais de restingas que mobilizam a foz do Paraíba
Fig 125 — O pontal da margem sul da foz do Paraíba
Fig 126 — A foz do Paraíba, vista do mar.
Fig 127 — Ilha da Convivência, na foz do rio Paraíba
Fig 128 — Habitação de pescadores, na foz do rio Macaé
Fig 129 — Aspecto do povoado de pescadores da Convivência
Fig 130 — Vista geral da Convivência
Fig 131 — Cabanas de pescadores, em Convivência
Fig 132 — Pesca de arrastão na praia de Imbetiba, em Macaé
Fig 133 — Mercado de peixe, em Macaé
Fig. 134 — Moinhos das salinas, nas margens da Araruama
Fig 135 — Cristalizadores, mêdas e depósitos de sal, em São-Pedro-d'Aldeia
Fig 136 — Pelas brancas margens da Araruama
Fig 137 — Mêdas de sal.
Fig 138 — Praia de Massambaba, vendo-se as salinas e os tanques cristalizadores
Fig 139 — Chegada de barco de sal à cidade de Araruama
Fig. 140 — Desembarque de sal
Fig 141 — Pesagem dos sacos de sal.
Fig 142 — Embarque do sal nos vagões da E F Maricá
Fig 143 — Transporte de lenha dos cerrados para o canal de Cacimbas
Fig 144 — Pranchas carregando lenha dos cerrados, em Cacimbas
Fig 145 — O canal de Cacimbas, trecho inferior
Fig 146 — O canal de Cacimbas, com sua navegação de pranchas
Fig 147 — Pesca de Juquiá, no canal de Cacimbas
Fig 148 — Trecho do canal de Cacimbas, navegado por pranchas de fundo chato
Fig 149 — Foz do canal de Cacimbas, no rio Paraíba
Fig 150 — Vista geral do canal de Cacimbas
Fig 151 — Aspecto da feira de Gargaú
Fig 152 — O canal de Gargaú ligando esta vila a São-João-da-Barra
Fig. 153 — A prancha, longa embarcação de fundo chato
Fig 154 — Rio Paraíba, vendo-se embaicações a vela
Fig 155 — Desembarque de farinha
Fig 156 — Campos de aviação, natutais, em plena restinga
Fig 157 — Velhos molhes e cais abandonados, em Macaé
Fig 158 — Desembarque de sal de Cabo-Frio
Fig 159 — Oficinas da E F Leopoldina, em Imbetiba
Fig 160 — Cidade de Cabo-Frio
Fig 161 — Barcos de sal e de pesca, no pôrto de Cabo-Frio
Fig 162 — A ponte Feliciano Sodré sobre o canal de Itajuru, ligando a cidade de Cabo-Frio ao continente
Fig 163 — O cavalo ainda é um meio de transporte para os sítiantes da região das lagoas
Figs 164 — 165 — 166 — Plantações de coqueiros nas restingas de Cabo-Frio
-